

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Belas-Artes



**PROJETO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM A  
COMUNIDADE:**  
***CALHONDRA, OLHA O XISTO!***

Ana Elisa Aragão  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA  
2012

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Belas-Artes



**PROJETO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM A  
COMUNIDADE:**  
***CALHONDRA, OLHA O XISTO!***

Ana Elisa Aragão

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Dissertação co-orientada pelos Professores Doutores

João Paulo Queiroz e Luís Jorge Gonçalves

2012

## Resumo

O projeto *Calhondra, olha o xisto!* nasceu a partir de uma reflexão sobre os recursos endógenos de Vila Velha de Ródão, encontrando no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT) a sua base de trabalho. Através de um projeto de educação artística, esta ação pretendeu criar novas perspetivas de valorização locais, como também alertar a população para a necessidade de preservação do nosso património cultural e natural. O foco assim incidiu sobre a comunidade, já que todas as atividades foram preparadas para envolver a população rodense e as escolas, nesta problemática. Assim, projetámos atividades quinzenais nos meses de fevereiro a junho de 2012, trabalhando os recursos endógenos locais, a arte rupestre do Tejo e a expressão artística. Pretendemos criar oficinas cujos conceitos assentam na interdisciplinaridade e em dicotomias jogo/educação e tradição/partilha, com o intuito de motivar e envolver as crianças e os mais velhos neste projeto, através de diferentes práticas artísticas para a sua concretização. Deste modo, foi utilizada a teoria construtivista do conhecimento, a cognitivista e a da criatividade para a elaboração e objetivos práticos das atividades. Temas como, natureza, biodiversidade, arquitetura histórica, lendas e mitos, pré-história entre outros, foram temas abordados constantemente nas oficinas, tentando promover uma educação integral do indivíduo e da criança. Para maior envolvimento das faixas etárias mais velhas, optámos pela construção de grupos multietários, nos quais eram necessários a partilha de conhecimento e o diálogo para a concretização das atividades. Assim sendo, a cooperação, a partilha de saber e o diálogo entre gerações foram conceitos fundamentais para o projeto, produzindo uma série de atividades que questionam o nosso papel na preservação do património cultural e natural, através da cooperação.

**Palavras-chave:** Recursos endógenos; CARVT; Educação Artística; Comunidade

## **Abstract**

The project *Calhondra, olha o xisto!* was born from a reflection on the endogenous resources of Vila Velha de Ródão, and its foundations were laid on the Rock Art Complex of the Tagus river (CARVT). Being an art education project, this initiative intended to explore new perspectives on local patrimony and, at the same time, bring the population to an awareness of the necessity of preservation of cultural and natural heritage. The project focused on the community, since all activities were prepared so as to involve the population and schools of Ródão in this activity. Activities were planned and put together between the months of February to June of 2012, and involved working with local endogenous resources, the rock engravings of the Tagus river and artistic expression. We intend to create workshops whose concepts are based on interdisciplinary activities and dichotomies like, game/education and tradition/cooperation, in order to motivate and engage children and elders in this project, through different artistic practices. Therefore, for the development of the activities and its objectives, we applied the constructivist theory of knowledge, various cognitive theories and creativity concepts. Topics such as nature, biodiversity, historic architecture, legends and myths, and prehistory, among others, became themes which were continuously discussed in the workshops, with the aim of promoting a global education of the participants. To encourage the involvement of older target groups, we chose to build mixed age groups where dialogue and the sharing of knowledge was an important aspect of the activity. Consequentially, the core concepts of the project were: Cooperation, knowledge sharing, and dialogue between generations; producing a series of activities that, through cooperation, address our role in the preservation of cultural and natural heritage.

**Keywords:** Endogenous Resources; CARVT; Art Education; Community



# Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
1 – Cenário da investigação, construir uma ponte entre a comunidade e a arte .....	1
2 – Composição da dissertação.....	5
<b>Parte I – Enquadramento educativo, artístico e sociocultural de <i>Calhondra, olha o xisto!</i>.....</b>	<b>7</b>
<b>1 – Teoria geral da educação artística .....</b>	<b>7</b>
1.1 – A problemática da educação artística e estética, e a sua necessidade .....	7
1.1.1 – A educação artística em Portugal .....	11
1.2 – Revisão das principais ideias de educação artística .....	13
1.2.1 – DBAE .....	14
1.2.2 – Cultura visual .....	15
1.2.3 – <i>Creative Problemsolving</i> .....	16
1.2.4 – Educação artística como expressão .....	16
1.2.5 – Educação artística como preparação para o mundo de trabalho .....	17
1.2.6 – As artes e o desenvolvimento cognitivo .....	18
1.2.7 – Promover o desempenho académico através das artes .....	21
1.2.8 – Artes integradas .....	21
<b>2 – Teoria Focal do projeto <i>Calhondra, olha o xisto!</i> .....</b>	<b>23</b>
2.1 – Teorias base das atividades e a sua relação com o público .....	23
2.1.1 – Teorias do desenvolvimento cognitivo aplicadas ao público-alvo .....	24
2.1.1.1 – Desenvolvimento estético, olhar para obras de arte.....	28
2.1.2 – Teorias do desenvolvimento cognitivo aplicadas na construção das atividades .....	30
2.2.3 – Criatividade, imaginação, fantasia a infância .....	32
2.1.4 – Teoria construtivista, o auxiliar da experimentação e do jogo nas atividades.....	35
2.2 – Articulação das atividades com a comunidade .....	39
2.2.1 – Desenvolvimento local: crescer em comunidade .....	41
2.2.1.1 – As vantagens dos grupos multietários.....	43
<b>3 – Contexto económico, social e cultural de V. V. Ródão.....</b>	<b>45</b>
3.1 – Características gerais de Vila Velha de Ródão .....	45
3.1.2 – Instituições e equipamentos.....	45
3.1.3 – História de Vila Velha de Ródão .....	46
3.2 – Contexto da ação e recursos endógenos de Vila Velha de Ródão .....	47
3.2.1 – História da descoberta: gravuras rupestres do Vale do Tejo .....	50
3.2.3 – Localização e características do CARVT .....	51
3.2.4 – Técnica e cronologia .....	51
3.2.5 – Temática e formas apresentadas no CARVT .....	52
3.2.6 – O que já foi feito.....	53
<b>Parte II: Metodologia do projeto .....</b>	<b>54</b>
<b>4 – <i>Calhondra, olha o xisto!</i> Metodologia e justificação .....</b>	<b>54</b>
4.1 – As fases do projeto .....	54
4.2 – Logística do projeto .....	56
4.2.1 – Apoio BMJBM .....	56
4.2.2 – Comunicação e divulgação .....	57
4.3 – Programação/ atividades:.....	59
4.3.1 – Objetivos das atividades e público-alvo .....	59

4.3.2 – Atividades dirigidas às escolas.....	60
4.3.3 – Programação por meses.....	60
4.3.4 – Exposição .....	67
<b>Parte III – Resultados do projeto <i>Calhondra, olha o xisto!</i> .....</b>	<b>68</b>
<b>5 – Relatório das atividades realizadas.....</b>	<b>68</b>
5.1 – Análise das atividades realizadas .....	68
5.2 – Análise dos públicos.....	70
5.3 – Relatório das atividades.....	74
5.3.1 – Atividades de fevereiro .....	74
5.3.1.1 – <i>Imagem história, história mito, mito memória</i> : fevereiro a junho, 2012 .....	74
5.3.1.2 – <i>Caçadores Ferozes</i> : 3 fevereiro, 2012.....	74
5.3.1.3 – <i>Mantas, tapetes e croché</i> : 4 fevereiro, 2012 .....	75
5.3.1.4 – <i>Pigmentos...Ovo e já está!</i> : 16 fevereiro .....	77
5.3.1.5 – <i>Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres</i> : 18 fevereiro, 2012.....	79
5.3.2 – Atividades de março .....	81
5.3.2.1 – <i>Um conto em xisto</i> : 2 de março, 2012.....	81
5.3.2.2 – <i>Mantas tapetes e croché</i> : 3 de março, 2012.....	82
5.3.2.3 – <i>Diários gráficos: natureza e as gravuras</i> : 16 de março, 2012 .....	83
5.3.2.4 – <i>Andakatu vai até à foz do Enxarrique</i> : 17 de março, 2012.....	85
5.3.2.5 – <i>Férias da Páscoa: Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?</i> : 28-29 de março, 2012.....	86
5.3.2.6 – <i>Férias da Páscoa: Andakatu atelier</i> : 30 de março, 2012 .....	88
5.3.2.7 – <i>Férias da Páscoa: Potes de jarros</i> : 31 de março, 2012.....	89
5.3.3 – Atividades de abril.....	90
5.3.3.1 – <i>Imagem história, história mito, mito memória</i> : 26 de abril, 2012 .....	91
5.3.3.2 – <i>Mantas tapetes e croché</i> : 14 de abril: 2012 .....	92
5.3.3.3 – <i>Pigmentos...ovo...e já está!</i> : 27 de abril, 2012 .....	92
5.3.3.4 – <i>Um conto em xisto</i> : 28 de abril, 2012 .....	93
5.3.4 – Atividades de maio .....	94
5.3.4.1 – <i>Qual será a forma da Calhondra?</i> : 3 de maio, 2012 .....	94
5.3.4.2 – <i>Mantas tapetes e croché</i> : 5 de maio, 2012.....	95
5.3.4.3 – <i>Dia dos Museus no CMCD</i> : 18 de maio, 2012 .....	96
5.3.4.4 – <i>Postalinho aqui vais tu!</i> : 19 de maio, 2012 .....	97
5.3.5 – Atividades de junho.....	98
5.3.5.1 – Dia da Criança .....	98
5.3.4.2 – <i>Mantas tapetes e croché</i> : 2 de junho, 2012.....	101
5.4 – Exposição: <i>Calhondra olha o xisto!</i> 15 a 1 de julho .....	102
5.4.1 – Montagem e espaços .....	102
5.4.2 – Inauguração e exposição <i>Calhondra, olha o xisto!</i> .....	104
<b>Conclusão .....</b>	<b>106</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>112</b>

## Lista de quadros

Quadro 1 – Recursos endógenos de Vila Velha de Ródão.....	48
Quadro 2 – As fases do projeto .....	54
Quadro 3 – Distribuição dos públicos pelas atividades.....	69
Quadro 4 – Distribuição dos segmentos-etários pelas atividades .....	72

## Lista de Figuras

Figura 1 – Esquema do conceito das atividades da <i>Calhondra, olha o xisto!</i>	39
Figura 2 – Estante reservada para o projeto <i>Calhondra, olha o xisto!</i>	57
Figura 3 – <i>T'shirt</i> , desenhada por Rui Guerra	58
Figura 4 – Logótipo do projeto, desenhado por Rui Guerra	58
Figura 5, 6, 7 – <i>Poster A3</i> fevereiro, março e abril concebidos por Rui Guerra	58
Figura 8, 9 e 10 – <i>Poster A3</i> maio, junho e exposição <i>Calhondra, olha o xisto!</i>	58
Figura 11, 12e 13 – <i>Flyer A6</i> março, abril e convite da exposição	59
Figura 14 – Participação do público nas atividades	70
Figura 15 – Distribuição percentual dos diferentes públicos num universo de 421 participantes	71
Figura 16 – Distribuição percentual dos diferentes segmentos-etários num universo de 421 participantes	73
Figura 17 – <i>Jogo de pistas</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	75
Figura 18 – Desenhar o animal <i>caçado</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	75
Figura 19 – Pintura dos desenhos com guache, V.V.R. 2012, fonte própria	75
Figura 20 e 21 – Alguns desenhos finais, V.V.R. 2012, fonte própria	75
Figura 22 e 23 – Atividade <i>Mantas tapetes e croché</i> na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria	77
Figura 24 – Pormenor de um bordado, V.V.R. 2012, fonte própria	77
Figura 25 e 26 – Atividade <i>Mantas tapetes e croché</i> na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria	77
Figura 27 – Posto da elaboração das tintas através dos pigmentos, V.V.R. 2012, fonte própria	78
Figura 28 – Desenhos a carvão de motivos de arte rupestre, V.V.R. 2012, fonte própria	78
Figura 29 – Transformar pedaços de argila em pó, V.V.R. 2012, fonte própria	78
Figura 30 e 31 – Fase da pintura das figuras em papel de cenário, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 32 – Trabalho final do primeiro do <i>Bibe Verde</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 33 – Conversa com grupo, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 34 – À procura de figuras geométricas nas imagens das gravuras, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 35 – Interpretação e desenho das imagens, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 36 – Interpretação e desenho das imagens no papel de cenário a carvão, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 37 – Última fase, pintura das figuras desenhadas sobre o papel de cenário, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 38 – Trabalho final elaborado pelo Bibe Azul, V.V.R. 2012, fonte própria	79
Figura 39 – Atividade dos diários gráficos, V.V.R. 2012, fonte própria	80
Figura 40 – Desenho à vista com carvão de uma ponte romana, V.V.R. 2012, fonte própria	80
Figuras 41 e 42 – Desenho de uma poupa a carvão e do habitat de um javali, V.V.R. 2012, fonte própria	81
Figuras 43 e 44 – Conversa inicial com o grupo e análise de figuras, V.V.R. 2012, fonte própria	82
Figura 45 – Criação da história, V.V.R. 2012, fonte própria	82
Figuras 46 e 47 – Gravação no xisto, V.V.R. 2012, fonte própria	82
Figura 48 – Sequência de uma história, V.V.R. 2012, fonte própria	82
Figuras 49, 50 e 51 – Diferentes técnicas, V.V.R. 2012, fonte própria	83
Figuras 52, 53 e 54 – Grupo de trabalho em <i>Mantas tapetes e croché</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	83
Figura 55 – Início da atividade, V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 56 – Conversa com o grupo do <i>bibe azul</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 57 – Imaginar habitat, V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 58 – Recortes, V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 59 – Trabalhos finais do <i>bibe azul</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 60 – Encontrar animais nos sobreiros, V.V.R. 2012, fonte própria	84
Figura 61 – Explicação da atividade ao <i>bibe verde</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	85
Figura 62 – Desenho de um elefante e do seu habitat, V.V.R. 2012, fonte própria	85
Figura 63 – Trabalhos finais do <i>bibe verde</i> , V.V.R. 2012, fonte própria	85
Figuras 64, 65 e 66 – Atividade <i>Andakatu</i> na Foz do Enxarrique, V.V.R. 2012, fonte própria	85

Figuras 67 e 68 – Técnicas da pré-história, V.V.R. 2012, fonte própria.....	86
Figura 69 – Elaboração de fogo através da fricção de pauzinhos, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	86
Figura 70 – Conversa inicial com os participantes, V.V.R. 2012, fonte própria.....	87
Figuras 71 e 72 – Discussão entre os grupos sobre a história a criar, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	87
Figuras 73 e 74 – Recortes e elaboração das figuras para o teatro, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	87
Figura 75 – Ensaio do grupo da peça <i>Os quatro amigos</i> , V.V.R. 2012, fonte própria.....	87
Figura 76 – <i>Espelho mágico</i> , vídeo mini dv 16:9, 2'21'', V.V.R. 2012, fonte própria.....	87
Figura 77 – Apresentação do grupo da peça <i>Espelho mágico</i> , V.V.R. 2012, fonte própria.....	87
Figura 78 – <i>Viagem ao passado</i> , vídeo 16:9, 2'05'', V.V.R. 2012, fonte própria. ....	88
Figura 79 – Apresentação do grupo da peça <i>Viagem ao passado</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ....	88
Figura 80 – <i>Quatro amigos</i> , vídeo, 16:9, 2'10'', V.V.R. 2012, fonte própria. ....	88
Figura 81 – Apresentação do grupo da peça <i>Quatro amigos</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ....	88
Figura 82 – Explicação teórica sobre a Pré-história, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	89
Figuras 83 e 84 – Preparação dos materiais para as flechas, V.V.R. 2012, fonte própria.....	89
Figuras 85, 86 e 87 – Preparação das flechas, V.V.R. 2012, fonte própria.....	89
Figura 88 – Colocação da pena na flecha, V.V.R. 2012, fonte própria.....	89
Figuras 89 e 90 – Lançamento da flecha, V.V.R. 2012, fonte própria.....	89
Figura 91 – Atividade Potes e jarros, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	90
Figuras 92 e 93 – Técnica dos rolinhos, V.V.R. 2012, fonte própria.....	90
Figuras 94, 95 e 96 – Participantes durante atividade, V.V.R. 2012, fonte própria.....	90
Figuras 97, 98 e 99 – Conversa inicial de grupo; Grupo 1; Grupo 2, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	91
Figuras 100 e 101 – Grupo 3; Grupo 4, V.V.R. 2012, fonte própria.....	91
Figura 102 – Leitura dos mitos, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	91
Figuras 103, 104 e 105 – Atividade <i>Mantas, tapetes e croché</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ....	92
Figuras 106 e 107 – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	92
Figuras 108 e 109 – Demonstração dos materiais usados durante a atividade, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	93
Figuras 110, 111 e 112 – Diferentes momentos da atividade .....	93
Figura 113 e 114 – Participantes relembram lendas e histórias da região, V.V.R. 2012, fonte própria. .....	94
Figura 115 – Técnica da picotagem, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	94
Figura 116 e 117 – Conversa inicial, V.V.R. 2012, fonte própria.....	95
Figura 118 – Criação do corpo da serpente, V.V.R. 2012, fonte própria.....	95
Figura 119 e 120 – Elaboração das serpentes com vários materiais, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	95
Figura 121 – As quatro serpentes finais, V.V.R. 2012, fonte própria.....	95
Figura 122, 123 e 124 – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.....	96
Figura 125 e 126 – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.....	96
Figura 127 – Tapeçaria, V.V.R. 2012, fonte própria.....	96
Figura 128 – Pintura e desenho de uma trilobite, V.V.R. 2012, fonte própria.....	97
Figura 129 – Atividade <i>A forma da calhondra</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ....	97
Figura 130 e 131 – Calhondras já com forma, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	97
Figura 132 e 133 – Colagens e guaches sobre papel, V.V.R. 2012, fonte própria.....	97
Figura 134 – Postais finais, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	97
Figura 135, 136 e 137 – Atividade da creche, V.V.R. 2012, fonte própria.....	99
Figuras 138, 139 e 140 – Atividade <i>Caçadores Ferozes – Bibe azul</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ....	99
Figuras 141, 142 e 143 – Atividade <i>Caçadores Ferozes – Bibe verde</i> , V.V.R. 2012, fonte própria. ...	99
Figuras 144 e 145 – Grupo do 1º ano com a atividade <i>pigmentos, ovo... e já está!</i> V.V.R. 2012, fonte própria. ....	100
Figura 146 – Grupo do 2º ano com a atividade <i>pigmentos, ovo... e já está!</i> V.V.R. 2012, fonte própria. .....	100
Figuras 147 e 148 – Grupo do 3º ano a preparar as tintas, V.V.R. 2012, fonte própria.....	100
Figura 149 – Grupo do 4º ano, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	100
Figura 150, 151 e 152 – Resultado final da intervenção na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria. ....	101

Figuras 153, 154 e 155 – Grupo de trabalho das <i>Mantas tapetes e croché</i> , V.V.R. 2012, fonte própria.	101
Figura 156 – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.	102
Figuras 157 e 158 – Pormenores dos trabalhos, V.V.R. 2012, fonte própria.	102
Figuras 159 e 160 – Sala de espera do Centro de Saúde. V.V.R. 2012, fonte própria.	103
Figura 161 – Café Mangual, V.V.R. 2012, fonte própria.	103
Figuras 162 e 163 – Segurança Social de V.V. Ródão, V.V.R. 2012, fonte própria.	104
Figura 164 – Café Mangual, V.V.R. 2012, fonte própria.	104
Figuras 165 e 166 – Peças da exposição na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria.	104
Figuras 167 e 168 – Peças da exposição na Stª Casa da Misericórdia, V.V.R. 2012, fonte própria.	104
Figuras 169 e 170 – Inauguração da exposição, BMJBM, fonte própria.	105
Figuras 171, 172 e 173 – Exposição na Feira, V.V.R, fonte própria.	105

## **Siglas e abreviaturas**

**BMJBM** – Biblioteca Municipal José Baptista Martins

**BP** – Beyond Petroleum

**CACTejo** – Casa de Artes e Cultura do Tejo

**CARVT** – Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo

**CENTA** – Centro Estudos de Novas Tendências Artísticas

**CIART** – Centro de Interpretação Arte Rupestre do Vale do Tejo

**CMCD** – Centro Municipal Cultura e do Desenvolvimento

**CMVVR – Portugal**, Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

**DBAE** – Discipline-Based Art Education

**EB** – Ensino Básico

**EB 1** – Escola Básica de Primeiro Ciclo (1º ao 4º anos)

**EB 2,3** – Escola Básica de Segundo e Terceiro Ciclo (5º ao 9º anos)

**EUA** – Estados Unidos da América.

**IGESPAR** – Portugal, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Instituto Público.

**UNESCO** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

**VTS** – Visual Thinking Strategy

**V.V.R.** – Vila Velha de Ródão

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar aos meus co-orientadores João Paulo Queiroz e Luís Jorge Gonçalves pela dedicação, força constante e orientação na elaboração desta dissertação e projeto educativo, sem a sua preciosa direção as dificuldades teriam sido muito grandes.

O projeto *Calhondra, olha o xisto!* teria tido também, bastantes dificuldade de concretização senão fosse o apoio e receptividade da Biblioteca José Baptista Martins. Por tal, aproveito para agradecer a toda a equipa da biblioteca e, em particular, à Dr.<sup>a</sup> Graça Baptista por disponibilizar os serviços e espaço da Biblioteca Municipal José Baptista Martins, pelos seus conselhos, orientações e incansabilidade na marcação das oficinas com as escolas e com o público em geral. Juntamente com São Moreira, pela sua ajuda na preparação das atividades, contactos e companhia, ao Tó Carlos bem como ao João Inácio.

Também quero agradecer aos estabelecimentos e instituições que apoiaram a exposição de *Calhondra, olha o xisto!*, como tal, um especial obrigada ao Sr.<sup>o</sup> e Sr.<sup>a</sup> Dias do Café Mangual, à Sr.<sup>a</sup> Dulce Santana da Segurança Social de Vila Velha de Ródão, à Dr.<sup>a</sup> Maria José Pimenta Diretora Clínica do Centro de Saúde de Vila Velha de Ródão, St.<sup>a</sup> Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão, aos Sr.<sup>o</sup> Pires e D.<sup>a</sup> Olga das Bombas de Gasolina da BP, bem como à Biblioteca Municipal José Baptista Martins e à Câmara Municipal de Ródão.

Como apoio imprescindível nas revisões da dissertação um especial obrigada a Maria Manuel Costa, Joana Antunes, Francisco Alves e Kjartan Ingvarsson, André Catarino e a Rui Guerra pela elaboração dos materiais de design.

Por último, desejo agradecer à minha família, pais e irmãs, pelo apoio durante as atividades do projeto educativo e aos meus amigos pela força e motivação durante toda a fase desta dissertação, entre estes encontram-se André Catarino, Margarida Rodrigues, Susana Batalha, Mariana Pinto, Teodora Boneva, Rita Cândido, Marta Rato e Vanessa Barata.



*A culture populated by people whose imagination is impoverished has a static future.*

*In such a culture there will be little change because there will be little sense of possibility.*

– Elliot W. Eisner

## Introdução

### 1 – Cenário da investigação, construir uma ponte entre a comunidade e a arte

Devido ao interesse em criar uma ação educativa artística para Vila Velha de Ródão, uma vila da Beira Baixa, realizámos o projeto *Calhondra, olha o xisto!* Esta localidade ostenta potencialidades turísticas, culturais e naturais únicas, como é o caso do monumento natural *Portas de Ródão*; é, também, o habitat para uma grande diversidade de espécies e incorpora um dos maiores núcleos de arte rupestre ao ar livre da Península Ibérica. No entanto, é habitualmente avaliada como lugar de frequentes maus cheiros e poluição devido às fábricas que lá se localizam. Deste modo, interessava-nos construir um projeto que visasse as mais-valias culturais e naturais de Ródão, envolvendo toda comunidade nesta missão. Assim, desejávamos elaborar uma ação prática de educação artística que apostasse na preservação e consciencialização do património local para toda a população. Pretendíamos que a população encarasse a cultura e a natureza como um modo de desenvolvimento e valorização local, adotando novas práticas sociais e educativas dentro da comunidade. Portanto, partimos dos recursos endógenos da terra, tentando criar uma ponte entre população e arte, evocando as gravuras rupestres do Tejo como embaixatrizes do nosso projeto de educação artística.

Um dos mais importantes recursos endógenos locais e também um dos mais desconhecidos fora da localidade é o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT). Este foi praticamente submerso há cerca de 40 anos devido à construção da barragem do Fratel, deixando apenas uma reduzida percentagem de locais visitáveis nas margens do Tejo. Deste modo, intitulámos o nosso projeto de *Calhondra, olha o xisto!* como referência ao sucedido. O título apresenta-se quase indecifrável para os não beirões, porque utiliza a expressão popular regional – *calhondra* que significa cobra-de-água e é uma injúria se chamado a alguém. Por outro lado, a expressão *olha o xisto*, remete-nos para os bancos xistoso do Tejo onde se encontram as gravuras rupestres. Assim, a partir desta analogia, pretendemos, por um lado, brincar com o facto de os homens, actualmente, não terem acesso à totalidade do complexo, apenas usufruído pelos animais marinho-terrestres e, por outro, chamar a atenção para o ocorrido através destes códigos linguísticos beirões. Com este título pretendemos, pois criar um sentimento de pertença entre a comunidade, de maneira a que o nome da ação refletisse a identidade cultural rodense.

Como tal, elaborámos uma ação educativa para a comunidade, com a duração de cinco meses, iniciados em fevereiro de 2012. Com o apoio logístico da Biblioteca Municipal José

Batista Martins de Vila Velha de Ródão, a *Calhondra olha o xisto!* concebeu e desenvolveu atividades que tentaram envolver os interesses da população com os seus fundamentos de educação artística. A tradição, partilha de conhecimentos e cooperação entre grupos multietários e multigeracionais foi fundamental para a realização de *Calhondra, olha o xisto!* e para o seu sucesso, tendo em conta que “as culturas não são herdadas, são antes transmitidas” (Ostrower, 2010, p.11).

Estes foram os objetivos para a construção das atividades do nosso projeto educativo, sintetizados na tricotomia: CARVT / património local / expressão artística. Estes três elementos encontraram-se presentes nas oficinas desenvolvidas ao longo da ação.

Para a concretização foi necessária a elaboração de uma pesquisa sobre os recursos endógenos locais que poderiam ser usados no projeto (mais referências no capítulo III e consultar Quadro 1) e investigar as principais características do núcleo do CARVT, refletindo modos de inclusão que se aliassem à nossa problemática e às atividades de expressão artística.

Por outro lado, tentámos abordar, nas oficinas, diversas práticas artísticas: atividades plásticas, dramáticas, poéticas, musicais, literárias e de índole artesanal e manual. A ação tentou ser pluridisciplinar e holística, abarcando diversas áreas de estudo, propondo sessões que se incluíssem no currículo escolar de diversas disciplinas ligadas à arte, ao português, à história, à música, à educação física e à biologia. Deste modo, no decorrer das oficinas abordámos habitualmente conceitos relacionados com a História da Arte ou contexto social, propusemos uma atitude crítica, virada para a apreciação artística, tendo com um dos objetivos: o desenvolvimento da imaginação e da invenção. Para o sucesso desta matriz foi necessário fundir conceitos e teorias diversas de educação artística e psicologia da educação que tivessem resultados práticos. Recorremos às teorias do desenvolvimento cognitivo infantil responsáveis por diferentes estudos relacionados com o desenvolvimento do indivíduo e das suas competências. Por conseguinte, de Piaget, retirámos os estágios do desenvolvimento para melhor adaptar os objetivos às idades e aos grupos; de Vygostky, a importância da linguagem e também as conceções de Bruner. Em relação à apreciação artística e ao contacto com peças de arte, referimos Parsons, Abigail Housen e Philip Yenawine, que referiram a necessidade do indivíduo de ter acesso a experiências estéticas através da apreciação e do contacto com a arte, criando estágios do desenvolvimento estético. Housen e Yenawine foram também responsáveis pela criação do projeto *Visual Thinking Strategies*, no qual propuseram estratégias de análise de imagens e obras, tal como modos de abordagem com os grupos nessas tarefas.

Também demos especial atenção à importância das teorias cognitivas para a construção das atividades; nestas destacámos a importância de Arnheim, Eisner e Bruner e a teoria construtivista do pensamento, mencionando as teorias de Dewey e Hein. Desta forma, pretendemos criar relações de interdisciplinaridade entre diferentes áreas do saber, privilegiando uma educação global do indivíduo em que cognição, percepção, intelecto e emoção, são trabalhados em conjunto, a par da expressão artística. Estes conceitos foram materializados nas oficinas em três momentos, sem ordem pré-estabelecida:

- 1 – Análise e discussão em grupo sobre imagens apresentadas;
- 2 – Atividade lúdica ou experimentação;
- 3 – Atividade prática relacionada com a expressão artística;

Assim sendo, tentámos criar atividades que também combinassem os elementos cognitivos e afetivos, juntando disciplinas que promovem a criatividade e, também, a resolução de problemas. Deste modo, tencionámos proporcionar aos participantes das nossas atividades diversas propostas de práticas que visassem o envolvimento de diversas áreas das artes, seguindo os princípios de Herbert Read na busca de uma educação artística global do indivíduo, aliadas ao lúdico, experimentação (conhecimento adquirido pela prática) e à apreciação. Como tal, sentimos necessidade de que os participantes compreendessem o contexto histórico e cultural, contextualizando as imagens e atividades, tal foi executado através de conversas informais entre crianças, jovens e adultos. O monitor agiu como mediador, conduzindo o grupo na descodificação de conceitos e imagens que seriam aprofundados nas atividades, tentando assim desenvolver a atividade crítica e a apreciação estética. Pretendemos assim, através dos métodos práticos executados ao longo das sessões, apetrechar o público com ferramentas que o ajudasse a criar novas ideias e perspetivas.

Para a concretização e êxito das atividades, usámos uma abordagem construtivista aliada ao lúdico e à experimentação como veículo para a construção de conceitos. A partir da descoberta e da prática, os participantes chegam ao conceito. Estas teorias foram fundamentais para as oficinas realizadas com as escolas e com público infanto-juvenil. Como refere Ferreira (2010, p.25):

*Para criança, as atividades lúdicas e a criatividade são bases necessárias para a sua formação, observando-se que a criatividade não pode ficar restrita às atividades de pintura, desenho, colagem, moldagem, ela deve ser a base de todo o processo educacional. Desta forma, a arte deve perpassar todas as disciplinas, trabalhando-se a interdisciplinaridade.*

Com os adultos e idosos usámos também esta estratégia aliada aos grupos multietários e às atividades de famílias, o que potencializou um maior envolvimento entre adultos, idosos e crianças. Como tal, em todas as oficinas, a parceria e a cooperação na resolução dos problemas foi a chave para a concretização dos encontros; estimulando a partilha do saber entre todos e o sentido de comunidade, tornando-se um elemento fundamental. Porém, como referem Fontanel-Brassart e Rouquet (1997, p.11) “há um momento em que o abuso das teorias e dos métodos se torna paralisante e em que a acção é não somente útil, mas necessária para verificar as ideias e quebrar a golilha”. Deste modo, as atividades de *Calhondra, olha o xisto!* apesar de se apoiarem numa serie de teorias educativas e artísticas, guiaram-se e adaptaram-se às necessidades dos grupos, optando, como Fontanel-Brassart e Rouquet (1977) referem, por um *espírito experimental*.

A realização de um projeto desta natureza envolveu uma grande pesquisa sobre Vila Velha de Ródão e os seus recursos endógenos, como também a procura de um local que abrigasse e apoiasse a nossa ação. A Biblioteca José Batista Martins cedeu o seu espaço, para a realização das atividades, e os seus serviços, para ajudar nas questões de logística e de produção. Deste modo, foi necessário, antes de as atividades se concretizarem, procedermos aos orçamentos de materiais, elaborar uma programação provisória, definir os espaços de realização exteriores à BMJBM e acertar os modelos de divulgação e de comunicação utilizados. Assim, começámos por circunscrever as oficinas a três tipos de públicos: *infanto-juvenil, escolar e público geral* (que teria as atividades de famílias). As oficinas foram planeadas de quinze em quinze dias. O horário habitual seria às sextas-feiras à tarde, por volta das 15horas para crianças, jovens e escolas, e aos sábados de manhã para o público geral. Como tal, foi necessário também arranjar plataformas de divulgação das atividades e estratégias de comunicação. Assim sendo, procedemos à produção de *flyers*, cartazes, elaboração de uma página no *facebook*, criação de informação para diversos jornais e a *Agenda Cultural de Ródão*. O encaminhamento para os meios de comunicação ficou a cargo dos serviços da Câmara Municipal de V. V. de Ródão, já que os mesmos dispõem canais para o efeito. Em relação à divulgação para as escolas, deslocámo-nos aos locais e apresentámos as nossas propostas educativas, elaborando um documento para o efeito (Apêndice C). No fim do projeto foi preparada uma exposição com os trabalhos realizados no âmbito da ação, envolvendo estabelecimentos públicos e privados no projeto *Calhondra, olha o xisto!*

## 2 – Composição da dissertação

A dissertação encontra-se dividida em três partes principais, além da Conclusão e Bibliografia. Na primeira parte, serão referidas as ideias e conceitos necessários para a realização do projeto *Calhondra olha o xisto!* Na segunda parte, encontra-se a metodologia utilizada na ação do projeto; na última parte, os resultados obtidos; na conclusão elaboraremos as considerações finais e na bibliografia estarão disponíveis as referências utilizadas na dissertação.

Assim, a parte I está dividida em três capítulos: no primeiro, são referidas as principais ideias de educação artística e a sua relação em Portugal; de seguida, as teorias e autores focais para a elaboração das atividades; por fim, a contextualização do projeto em Vila Velha de Ródão. Desta forma, iniciamos o primeiro capítulo evocando a necessidade de uma educação artística e refutando os principais preconceitos relacionados com a mesma. Definimos conceitos como educação formal e informal e distinguimos educação estética e artística apoiando-nos nas referências de Betâmio de Almeida; por fim, esclarecemos as principais ideias e autores relacionados com educação e arte, seguindo o esquema de Eisner (2002). Deste modo, não optámos por uma visão centrada em paradigmas da educação artística, mas sim em diferentes perspetivas que contribuíram para diferentes visões, referidas por Eisner. O difícil enquadramento do nosso projeto em ideias e paradigmas, devido à sua especificidade de públicos e objetivos, levou-nos a recorrer a diversas visões que nos parecem pertinentes para o caso. Assim, resolvemos fazer esta abordagem alargada devido à necessidade de encontrar vários pontos de referência para esta problemática. Na parte II da dissertação descrevemos a metodologia usada na realização do projeto. Aqui, abordamos as diferentes fases pela qual a ação passou, discriminando-as, tal como toda a logística envolvida, terminando depois com a programação apresentada.

Por fim, na última parte da dissertação, a parte III, iremos analisar os resultados obtidos durante os cinco meses de *Calhondra, olha o xisto!* começando por caracterizar a participação do público e das faixas etárias envolvidas e relatando as atividades concretizadas por ordem cronológica de realização.

Deste modo, na Conclusão examinámos a ação decorrida, analisando e refletindo sobre os nossos objetos e as atividades concretizadas. Daremos também especial atenção à opinião do público, que se refletiu nos inquéritos do projeto. De seguida, encontra-se a Bibliografia

que pode ser uma ajuda para pesquisas futuras, bem como os Anexos e Apêndices para uma melhor compreensão do projeto.

Uma ação como a *Calhondra, olha o Xisto!* incorpora duas das principais funções da educação artística. Por um lado, a sensibilização e a impregnação sobre o homem, que o faz descobrir os problemas relacionados com a expressão artística em geral e com a da sua época, em particular, exigindo a aprendizagem da linguagem expressiva. Por outro lado, trata-se de “participar na ação educativa, agindo sobre o indivíduo e sobre o contexto no qual ele se encontra situado. Estas missões não devem juntar-se, devem fundir-se” (Fontanel-Brassart e Rouquet, 1997, p. 23).

## **Parte I – Enquadramento educativo, artístico e sociocultural de *Calhondra, olha o xisto!***

### **1 – Teoria geral da educação artística**

#### **1.1 – A problemática da educação artística e estética, e a sua necessidade**

Miguel Torga, em 1964, afirmou que “A arte é um direito do espírito, negado sistematicamente, através dos tempos, às maiorias” (cit. por Almeida, 1967 p.14,). Miguel Torga referia-se a uma das razões que mais provoca entropia entre a arte e a população: a falta da aposta social crónica na educação estética do povo, continuada e desvalorizada. Porém, este problema não é apenas português. Ana Mae Barbosa (1978) refere que “nos Estados Unidos, quando há um corte no orçamento escolar, este reflete-se primeiramente na área da Arte”. Em Portugal não deixa de ser análogo, apesar de terem passado mais de 30 anos sobre esta citação. Com uma crise económica e social à escala mundial, o governo português extingue, em 2011/12, o Ministério da Cultura, aplicando cortes nos orçamentos das instituições culturais e das escolas, afetando o ensino formal e informal.

Por educação formal compreende-se “o sistema de ensino de escolas públicas e particulares sujeitas a currículos nacionais disciplinares, elaboradas em nível governamental” (Eça, 2008, p. 29). Em Portugal, a inserção das artes no currículo escolar foi consolidada na *Lei de Bases do Sistema Educativo Português* (Lei nº 46/86, de 14 de outubro). Por seu lado, a educação informal apenas diz respeito às práticas educacionais cujos objetivos de aprendizagem sejam independentes dos currículos elaborados pelo Estado. Ernesto C. Martins (2001) considera que este tipo de educação é integrada nas *pedagogias de baixa densidade*, que se configuram “em função dos contextos, espaços e ambiente e, ainda, do próprio homem e da comunidade em que vive” (Martins, E. 2001, p. 106).

Neste cenário, as preocupações dividem-se sobre várias questões em relação à distribuição dos bens, económicas, sociais, e também sobre a exaustão dos recursos naturais, poluição, extinção de espécies, perda do património artístico, material e imaterial, que se materializariam na descaracterização da identidade cultural provocada pelo processo de globalização e pela falta de políticas que visem a proteção destes bens. “O Estado tornou-se demasiado pequeno para resolver os grandes problemas da vida e demasiado grande para resolver os pequenos problemas da vida” (Daniel Bell, cit. por Correia e Caramelo, 2001). A educação artística e a estética têm as ferramentas necessárias que permitem que a educação



seja equilibrada, levando a um melhor desenvolvimento do indivíduo em harmonia com sociedade, já que a arte, como linguagem, faculta vastas experiências, para além de levar os indivíduos a olhar de modo mais sensível e inteligente o mundo (Ferreira, 2010). Deste modo, a educação artística e estética pode também servir de impulso para a educação do património e da arte, preservando a identidade cultural de um povo ou comunidade.

Mas, então, por que é que a educação artística continua a ser periférica nos currículos e na sociedade?

O professor Elliot Eisner (2002) considera que um dos problemas é a conceção das visões tradicionais da cognição e das suas implicações que levaram as artes para a periferia da educação. Por outro lado, as escolas têm apenas o objetivo de estimular o intelecto; deste modo, temas como a matemática ou ciências são considerados de primeira importância para o desenvolvimento, e processos como leitura, escrita e informática são entendidos como as melhores maneiras de cultivar a mente. As pessoas consideram que as artes são pouco exigentes a nível intelectual, apenas emotivas, e que não produzem operações reflexivas separadas da mão e da cabeça (Eisner, 2002). Ana Mae Barbosa acrescenta que os pais “pressionam as escolas a enfatizar objetivos a curto prazo, uma vez que estes são mais facilmente mensuráveis que os objetivos a longo prazo” (Barbosa, 1978, 37) e como a “arte-educação *não é usável em si mesma*, seu lugar é considerado periférico no currículo” (Barbosa, A. E. 1978, p. 38). Porém, os alunos necessitam de uma grande quantidade de raciocínio quando têm a oportunidade de trabalhar conscientemente a criação de imagens (visuais, coreográficas, musicais, poéticas ou literatura), pois a mente tem de criar o que o nosso cérebro imaginou e isso promove a habilidade para se submeter a uma *impregnada experiência emocional* (Eisner, 2002). Friedrich Schiller (1759-1805), nas *Cartas sobre educação estética* (1789-1793), foi dos primeiros autores a referir a importância de uma educação estética na formação do homem, sugerindo a atividade lúdica como metodologia. Schiller viu na *Beleza* tanto um caminho de equilíbrio entre as forças antagónicas que sempre têm existido no homem, como um caminho de liberdade, no sentido da realidade plena do ser individual. Friedrich Schiller, nos seus escritos, relaciona a Estética com a vida através do jogo, considerando que é uma prática vital à humanidade, cujo objetivo é a *Beleza*. Refere ainda que o ser humano só se consegue realizar através da estética, por isso a vida tem de ser virada para esta. Deste modo, seguindo as conceções clássicas e o positivismo kantiano, Schiller concebeu a beleza como uma verdade interior que poderia e deveria ser projetada para fora (expressão). Como tal, concebeu uma estética não só cognitiva como sensório-

perceptiva e emocional, referindo que só por esta via poderá haver enobrecimento humano, de elevação espiritual (Sousa, A. 2003).

Por outro lado, ao observar: se uma obra de arte desenvolvesse o olhar, a fruição, a sensibilidade e a capacidade analítica, possibilita-se a organização de ideias e opiniões próprias, o reconhecimento de qualidades estéticas, enriquecendo-se, assim, a criação. Um país forma-se, principalmente, pela sua cultura e pela sua expressão artística (Ferreira, 2010, p. 13). Terminando:

*A ausência ou insuficiência de uma educação com horizontes culturais e artísticos, deixa ficar de lado exactamente o que proporciona prazer e alegria, levando à construção de atitudes da vida baseada em valores materiais, mesquinhos, economicistas, em vez de levar a valores de natureza moral e espiritual* (Sousa, Aberto 2003, p.62).

Bergson, segundo Betâmio de Almeida (1967, p.15), atribuiu “à Arte um importante papel na educação da sensibilidade e no aprofundamento da capacidade perceptiva”, considerando, também, que esta pode ser um incentivo à formação de um espírito aberto, atento à vida. Tal como John Dewey afirma, “não se vive sem ter experiências estéticas” (Dewey, cit. por Betâmio de Almeida, 1967, p.15).

Porém, o que é isso de educação artística e educação estética?

Betâmio de Almeida (1967) faz a distinção entre educação estética e artística, salientando que a educação estética é a “educação da consciência em função da beleza” enquanto que a educação artística acrescenta a capacidade de dominar uma técnica (Almeida, 1967, p. 13).

Deste modo, educação estética projeta-se e “radica na vida espiritual do ser” e funciona como catalisador na vida espiritual da pessoa (Almeida, 1967), tendo como um dos objetivos a formação de juízos através dos sentidos.

Herbert Read também concorda que a educação estética está ligada ao sentimento e às emoções e aponta três fases na atividade artística (Herbert Read, cit. por Sousa, 2003, p.74):

*1º – A simples percepção de qualidades materiais: cores, sons, movimentos e muitas outras reacções físicas, sensoriais, mais complexas e indefinidas;  
2º O arranjo de tais percepções, em formas e padrões agradáveis;  
3º O forçar certo arranjo de percepções a corresponder a um determinado estado emotivo ou sentimental preexistente.*

Assim, Read propõe uma educação ao nível sensorial, das percepções e emoções. Não se trata do ensino da estética, mas sim a educação do sentimento, enumerando os seus objetivos (Read, cit. por Sousa, 2003, p.75):

*1 – A preservação da intensidade natural de todas as formas de percepção;*

2 – A coordenação das várias formas de percepção e sensação umas com as outras e em relação com o ambiente;

3 – a expressão dos sentimentos de uma forma comunicável;

4-A expressão de uma maneira comunicável de formas de experiências mentais que, de outro modo, ficariam parcial ou totalmente inconscientes;

5 – A expressão do pensamento de maneira correta

Betâmio de Almeida (1967, p.16) aponta o papel catalisador da educação estética:

*Através da educação estética básica desenvolver-se-á a consciencialização das categorias fundamentais das percepções, domínio ou atitude não só válido para contactos mais esclarecidos com a Arte, mas também para uma fomentação de disponibilidade de espírito de descoberta perante o desconhecido da Ciência e o difícil da Técnica.*

Segundo Betâmio de Almeida (1967), além de ter um grande componente em função da beleza, a educação artística processa-se na capacidade de dominar uma técnica, cuja execução inclui juízos de valor. Portanto, encontramos na educação artística diversas variantes que se prendem com o referido anteriormente: como a *Educação pela Arte* (conceito de Herbert Read, 1942), *Educação para a Arte* (arte como fim) a *arte terapia* (fins terapêuticos), *expressões integradas* (artes no currículo), entre outras. Estas modalidades suportam diferentes concepções psicológicas e teorias de arte. Porém, iremos referir as características da *Educação pela Arte*, que consideramos serem as mais transversais e conjugarem as bases da Educação Artística. Herbert Read, defendia a educação artística como base da educação (1942). Assim, considerava-a como a educação do sensível, tendo em vista a estimulação e enriquecimento do racional, numa interação entre o pensar, o sentir e o agir, implicando o contacto do homem com o seu meio. Como tal, a educação artística tem aspetos positivos na relação do aumento da autoestima, autopercepção e autorrealização aspetos “extremamente profícuos no robustecimento do Eu, no modo de estimular as crianças para as atividades escolares, e para a fortificação do adolescente contra problemas relacionados com droga e álcool” (Sousa, 2003 p.62).

Porém, a educação artística não é uma aprendizagem somatória de técnicas e uma procura de vocações artísticas futuras, mas antes o estimular e desenvolver da expressão artística, da imaginação criativa, assegurando o desenvolvimento equilibrado.

*Não se deve limitar à mera inclusão curricular de disciplinas de Educação Visual, Música, Dança, Teatro, História da Arte, Biografia de Artistas, Estética, etc., voltada apenas para a transmissão de conceitos e de técnicas de produção de obras de arte e de um modo em que estas disciplinas se desenrolem como em que compartimentos estanque, sem qualquer interdisciplinaridade, integração ou globalização em si. (Sousa, A, 2003 p. 63)*

### 1.1.1 – A educação artística em Portugal

Após a implantação da República Portuguesa, em 1910, várias personalidades manifestaram-se sobre a importância de uma educação artística na formação de uma sociedade democrática. Exemplos foram o poeta e pedagogo João de Barros, referindo que o culto da arte é importantíssimo para uma sociedade democrática. Também o professor Cardoso Júnior e o ministro da Instrução Pública, o filósofo Leonardo Coimbra, aludem que as crianças só devem receber virtudes morais que tenham origem na harmonia estética (Santos, 1992, p.21). Um ano depois, o poeta pedagogo João de Deus Ramos funda, os Jardins Escola João de Deus que tentam reunir estes novos conceitos sobre pedagogia e arte na escola. Porém, estes movimentos e ideias perderam importância nos anos seguintes e a educação artística foi desvalorizada e levada para a marginalidade curricular, até aos anos 50 (Santos, 1992).

A seguir à II Guerra Mundial, é fundada pela UNESCO a INSEA (International Society for Education through Art), inspirada pelas teorias de Herbert Read no seu livro *Educação pela Arte* e, em Portugal, funda-se, em 1956, a Associação Portuguesa de Educação pela Arte. Neste projeto encontram-se os pedagogos João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, Chiró, António Pedro, Alice Gomes, entre outros, influenciados também por Herbert Read. Posteriormente, em 1965, o Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian começa a dedicar-se à pesquisa e estudos sobre a educação pela arte nos quais estão envolvidos Rui Grácio, Breda Simões, Benard da Costa, Arquimedes Santos, entre outros. Arquimedes Santos, a convite da mesma Fundação, pesquisa e desenvolve uma área de estudos interdisciplinares que se designou *psicoterapia da expressão plástica* e, mais tarde, lança as fundações para o curso de educação pela arte que tem “visão integrada de todas as artes a partir de uma abordagem psicopedagógica muito parecida com o que hoje entendemos por arte-terapia” (Eça, 2008, p 28).

O ponto de viragem na Educação artística em Portugal faz-se em 1971, quando a Fundação Calouste Gulbenkian, por iniciativa de Madalena Perdigão, promove um Colóquio Nacional de Ensino Artístico, divulgando os estudos de Arquimedes Santos na área da *psicopedagogia da expressão artística*. Este modelo pedagógico considera que a Arte é a metodologia mais eficaz para uma educação integral: afetiva, cognitiva, social e motora, propondo ir mais além do que o ensino das artes e das artes na educação. O ministro da educação, Veiga Simão, influenciado por este colóquio, nomeia uma comissão para a Reforma do Conservatório Nacional, convidando Madalena Perdigão para o dirigir.

Pioneiramente, abre a Escola Superior de Educação pela Arte no Conservatório Nacional, criando os cursos de Formação de Professores de Ensino Artístico e de Educação pela Arte, com o nível de bacharelato. Porém, nos anos 80, o então ministro Victor Crespo suspende a escola de educação pela arte, no despacho nº 379/80, sendo completamente extinta pelo Decreto – Lei nº 310/83.

Após o primeiro Simpósio Internacional de Educação pela Arte em Lisboa, em 1984, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, é promulgada a *Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86)* que, oficialmente, mantém as disciplinas artísticas no currículo escolar, referindo serem estas um fator importante na formação da pessoa. Esta lei determina que nos currículos Pré-escolar, Ensino Básico, Ensino Superior, Educação extra-escolar e Ensino Especial sejam integradas disciplinas com os objetivos de “desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica” (Santos, 1992, p. 26). São delimitadas áreas de intervenção artística incluindo-se, pela primeira vez, *Expressão musical, Expressão plástica e Expressão Dramática e Movimento*. Como tal, esta lei tenta articular a necessidade da educação artística como componente essencial na educação global do cidadão, mas privilegiando as artes visuais e a música e deixando o teatro e a dança com uma participação reduzida nas escolas portuguesas (Eça, 2008).

Nos anos 90, vários professores e psicólogos portugueses interessados nesta matéria foram estudar para Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e outros países, trazendo ideias de multiculturalismo, educação artística para a paz, educação artística no contexto da compreensão e cultura visual, para o contexto português. Assim, em 1994 a *Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual* promove o primeiro Congresso da InSEA no contexto português, publicando a revista *Imaginar* e inúmeros congressos onde são apresentadas teorias de autores atuais. Em 2006 é feita uma segunda Conferência Mundial de Educação Artística da Unesco em Lisboa, estimulando e apoiando o trabalho executado nesta área.

Vários projetos de ensino artístico não formal são elaborados para a comunidade, nas instituições culturais, teatros, museus, Centros Culturais, destacando-se a Fundação Calouste Gulbenkian, criadora do livro *Primeiro Olhar – Programa Integrado de Artes Visuais* (2001), e também a Fundação Serralves, o Museu Nacional Soares dos Reis, entre outros.

Atualmente, o ensino das disciplinas escolares artísticas é obrigatório entre os 6 e os 15 anos, sendo normalmente lecionadas por professores dos departamentos ou das áreas

artísticas. Estabeleceram-se metas de aprendizagem, elaboradas pelo Ministério da Educação, com objetivos diferentes para os diferentes ciclos.

Assim, ainda no ensino pré-primário, não obrigatório (três aos cinco anos), privilegiam o desenvolvimento da expressão, a educação dos sentimentos e do corpo criativo. Já no Ensino Básico (seis aos dez anos), o sistema apresenta-se generalista, cabendo ao professor organizá-lo, tornando a prática limitada. Nos últimos anos, assiste-se a uma mudança com as AECS (*Atividades de Enriquecimento Curricular*), havendo já muitas escolas que contratam professores especialistas para as atividades de expressões artísticas, porém são atividades extracurriculares (Eça, 2008). No segundo ciclo, as crianças dispõem de disciplinas de Música e de Educação Visual e Tecnológica, – esta última, em 2012, foi eliminada sendo dividida em duas disciplinas, Educação Visual e Educação Tecnológica, apesar de ainda não haver currículo para as recém formadas disciplinas (Viana, C., 2012). Muito poucas escolas oferecem teatro e dança (Eça, 2008). Por fim, no terceiro ciclo (13-15 anos), existem várias disciplinas de educação artística mas, na maioria das escolas, apenas são oferecidas a Educação Musical e a Educação Visual.

Em conclusão, como refere Ana Mae Barbosa “o processo educacional não se segue imediatamente a uma renovação cultural. Em educação, qualquer mudança se processa lenta e progressivamente” (Barbosa, 1978, p. 23).

## **1.2 – Revisão das principais ideias de educação artística**

A educação artística não se limita apenas à instrução de matérias técnico-artísticas, como também não tem *objetivos sagrados* (Eisner, 2002). A matemática, ciências e biologia podem ser ensinadas com objetivos diferentes de elas próprias, e o mesmo se passa com a educação artística. Acerca deste assunto, Elliot Eisner apresenta, no seu livro *The Arts and the Creation of Mind* (2002), oito propostas diferentes dentro do campo da educação artística, com objetivos e conteúdos que considera relevantes e pertinentes. Entre elas, encontram-se o DBAE (*Discipline-Based Art Education*), Cultura Visual, *Creative problemsolving*, Educação Artística como expressão, Educação Artística como preparação para o mundo de trabalho, Cognitivismo, Promover o desempenho académico através das artes, Artes Integradas. Portanto, neste presente capítulo, iremos abordar as perspetivas que Eisner nos propõe e acrescentaremos, onde acharmos oportuno, outros autores que se relacionem com esta problemática.

### 1.2.1 – DBAE

O DBAE (*Discipline-Based Art Education*) é um método criado pelo Getty Center of Arts, nos anos 80, e é uma abordagem elaborada para a aprendizagem da arte, desde o Jardim de Infância até ao Secundário. Também pode ser aplicado como aprendizagem ao longo da vida adulta. As bases teóricas do DBAE foram inspiradas nas ideias de Jerome Bruner sobre a relação entre currículo e estrutura das disciplinas sendo, desde 1990, um modelo dominante no sistema educativo americano (Eisner, 2002).

O DBAE foi desenhado com os objetivos de orientar, criar experiência e adquirir conhecimento nas quatro disciplinas base da arte: expressão artística, crítica de arte, história de arte e estética. A educação destas disciplinas contribui para a criação, compreensão e apreciação da arte, artistas, processo artístico e a função e o papel da arte nas culturas e sociedades (Dobbs, 2003).

Assim, este modelo ensina os alunos a ver e a falar sobre as qualidades artísticas das peças de arte. Para além de se focar na compreensão da arte e ajudar os alunos na criação artística, o DBAE tem mais dois objetivos. O primeiro é ajudar os educandos a perceber o contexto cultural e histórico da arte, enquanto que o segundo se relaciona com perguntas sobre valores que a própria arte fornece (Eisner, 2002). Ralph A. Smith, nos seus livros como *The Sense of Art* (1989) e *Toward Percipience: A Humanities Curriculum for Arts Education* (1992), também concorda que o desenvolvimento do entendimento artístico necessita do ensino da Estética, História da Arte, Crítica da Arte, não se limitando a conhecimentos sobre a criação artística, sendo que os educadores também deveriam ter conhecimentos nestas áreas (Smith, R., 1998). Como tal, este modelo obriga a uma maneira sofisticada de pensar, e os professores devem construir um currículo com estes objetivos. Os alunos, assim, são levados a pensar como artistas, o que irá desenvolver-lhes a sensibilidade, a imaginação e os fará adquirir ferramentas técnicas para trabalhar com os materiais (Eisner, 2002).

Em conclusão, os autores Michael J. Parsons e H. Gene Blocker, em *Aesthetics and Education* (1993), afirmam que o *Discipline Based Art Education*, ao combinar interesses educacionais e filosóficos, elucida como a estética pode contribuir para o objeto da compreensão e apreciação da arte. Deste modo, referem que a estética ajuda os professores a clarificarem diversos conceitos artísticos, levando os alunos a desenvolver o seu ponto de vista sobre a natureza, significado e valor da arte (Smith, R., 1998). No seu livro *How we Understand Art*, 1994, desenvolveram a *Teoria do Desenvolvimento Estético* para ajudar os

alunos a perceberem e a refletirem mais sobre arte, criando cinco categorias: *preferência, realismo e beleza, expressividade, estilo, autonomia*.

### **1.2.2 Cultura visual**

A segunda perspectiva da educação artística, proposta por Eisner, é a Cultura Visual. Esta tem objetivos completamente diferentes do DBAE e concentra-se em promover e perceber os signos da cultura visual. Como tal, tem o objetivo de ajudar os alunos a aprender os códigos e ideias que estão inseridos nas artes plásticas e nas imagens da comunicação (Eisner 2002). Desde a década de 60 que a população e os críticos se interessam pelos assuntos relacionados com a cultura, com o social, diferenças de género, raça e igualdade económica, reflectindo-se na cultura visual. Assim, quem controla e influencia as imagens que vemos, controla a comunicação social e tem um poder imenso sobre a sociedade (Eisner, 2002). Logo, aprender a ler mensagens no texto visual é uma forma de proteção dos nossos direitos pessoais (Eisner, 2002).

Como tal, a arte é vista como um texto que tem de ser lido e interpretado *entre linhas* (mensagens subliminares) e a aprendizagem da cultura visual ajuda alunos e população no processo de análise crítica das imagens, revelando-lhes como são influenciados através da comunicação social. Deste modo, o seu objetivo é desvendar os propósitos políticos, entre outros, contidos nas imagens e, ao mesmo tempo, desenvolver a prática artística.

Por outro lado, Graeme Chalmers refere que a educação artística presta demasiada importância às teorias do desenvolvimento da criança, ao papel do hemisfério direito ou esquerdo do cérebro, defendendo que o grupo deveria ser o foco central do estudo, por oposição ao individual. A antropologia cultural tem assim um papel central na compreensão da cultura, pois para compreender uma sociedade nos seus valores e crenças, é necessário estudar as instituições, comunidades, relações entre grupos e as "tribos" nas escolas. Para Chalmers é, pois, necessário estudar o contexto social, para compreender a arte, sendo a educação artística uma forma de desconstruir e compreender a cultura de uma civilização (Eisner, 2002).

Em conclusão, a educação artística foca-se no mundo visual com a imagem como referência, interessa-se em ajudar os estudantes a tornarem-se leitores de imagens e sensíveis intérpretes, informados dos seus significados (Eisner, 2002). A interpretação dos significados, nesta visão, é um assunto de análise social e política.



### **1.2.3 – Creative Problemsolving**

A terceira perspectiva, proposta por Eisner, é chamada de *Problemsolving* e é mais utilizada no campo do design, sendo o melhor exemplo o programa da Bauhaus, de 1919 a 1930, escola que foi constituída por personalidades como Walter Gropius, László Moholy-Nagy e Wassily Kandinsky. Esta metodologia tinha como objetivos responder a problemas dentro da visão estética, dando especial importância ao social e à eficiência técnica, explorando as características naturais dos materiais. A Bauhaus estava interessada em preparar designers que conseguissem analisar e conceptualizar a melhor maneira de resolver um problema (Eisner, p.2002). “Precisamos de especialistas com uma abordagem universal nas atividades humanas e um senso de relações destas atividades em si” (L. Moholy Nagy, cit. por Barbosa, 1978, p. 26). Deste modo, os alunos aprendiam a ser criativos solucionadores de problemas, já que tinham de perceber e desenvolver materiais e diferentes possibilidades estruturais. O método da Bauhaus continua a ser usado em muitas escolas de design e departamentos de engenharia.

### **1.2.4 – Educação artística como expressão**

A quarta perspectiva, proposta por Eisner, está suportada nas teorias de dois educadores artísticos, Viktor Lowenfeld (1903-1960) e Herbert Read (1893-1968). Read escreveu o livro *Education Through Art* como sua tese de doutoramento, em 1942, com a premissa de que a Educação Artística deve ser a base da educação, propondo a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como bases de uma educação enraizada na arte. As atividades devem ser proporcionadas às crianças sob a forma lúdica, expressiva, criativa, de modo livre, num clima que motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade (Sousa, 2003).

Read e Lowenfeld foram influenciados pela Segunda Guerra Mundial e viveram as condições que levaram a Alemanha à guerra, considerando que uma dessas razões seria o sistema educativo que suprimia a vontade normal humana de expressar os impulsos criativos (Eisner, 2002). Ambos acreditavam que a arte é um processo que emancipa o espírito e proporciona a exteriorização do impulso criativo (Eisner, 2002). Para Lowenfeld, a expressão do impulso criativo não tem só benefícios educacionais mas também terapêuticos, já que as crianças que usam a atividade criativa com um intuito emocional libertam tensões e ganham liberdade e flexibilidade.

Deste modo, para Read e Lowenfeld, a arte refere-se, essencialmente, aos sentimentos com fins de elevação espiritual, considerando a obra de arte como símbolo que provoca alterações ao nível espiritual e cria um modelo educacional integrado como um todo.

Como tal, para Read, há três atitudes distintas que são frequentemente confundidas:

a) *Atividade de expressão pessoal* (segundo Read, esta expressão não pode ser ensinada, é a necessidade inata que o indivíduo tem de expressar os seus sentimentos e de comunicar).

b) *Atividade de observação* (relaciona-se com o desejo que o indivíduo tem de registar as impressões sensíveis e clarificar os seus conhecimentos concetuais, memória e construir objetos que o auxiliem nas suas atividades práticas).

c) *Atividade crítica* (reação do indivíduo aos modos de expressão ou resposta aos valores do mundo e aos factos) (Sousa, 2003 p.26).

Deste modo, os jovens que desenvolvem a expressão artística têm mais facilidade em lidar com situações novas que, não só, vão encarar com desembaraço, como também se adaptarão mais facilmente (Lowenfeld, cit. por Eisner, 2002). Para Read, a atividade da expressão própria não pode ser ensinada. Qualquer aplicação de um padrão externo, de técnica ou forma, pode induzir frustração no próprio objetivo. Assim, o papel do professor é guiar e inspirar (Read, cit. por Eisner, 2002). Read e Lowenfeld consideram que o impulso artístico reside no inconsciente e que é um processo natural nas crianças. Deste modo, focam-se na expressão da criança, utilizando a estética como sentimento, enquanto que, na pedagogia, o professor é um facilitador, utilizando uma pedagogia naturalista. Assim, as artes são um meio do desenvolvimento humano.

Em relação à atitude do professor, esta deve ser natural, abstendo-se de julgamentos ou comentários de natureza crítica às obras dos alunos, pois trata-se da exteriorização dos sentimentos mais íntimos e emoções, sendo frustrante que alguém os ajuíze e critique como feios, horríveis, etc. (Sousa, 2003).

Como tal, a educação artística não se reduz a um ensino de transmissão de saberes técnico-artísticos, mas coloca a arte ao serviço da pessoa, de um modo auto-formativo, em que a criança não contempla a arte, mas faz arte (Santos, 1971).

### **1.2.5 – Educação artística como preparação para o mundo de trabalho**

Nesta perspetiva, segundo Eisner, a arte é encarada como uma forma de adquirir competências e ferramentas necessárias ao mercado de trabalho. Deste modo, a educação é

vista como capaz de aumentar a nossa conectividade económica na economia mundial. Como alguns críticos referem, a nossa economia é o que as nossas escolas são. Portanto, esta faceta relaciona-se com a função económica e produtiva das escolas, aplicando a metodologia da educação artística para obter resultados. “Já que as artes desenvolvem iniciativa e criatividade, estimulam a imaginação, alimentam o orgulho na criação, desenvolvem a capacidade de organização e, em alguns campos das artes, ajudam as crianças a trabalhar em equipa (...) (Eisner, 2002, p.34).

Eisner, no seu livro *The Arts and the Creation of Mind* (2002), cita um chefe executivo de uma empresa que considera que os estudantes não necessitam só do básico na educação. Na opinião dele, existem atualmente dois básicos: o primeiro, aprender a ler, escrever e matemática. O segundo, mais complexo, adquirir ferramentas para funcionar no mundo real, que inclua habilidade para encontrar recursos, trabalhar com outros, encontrar, analisar, comunicar informação e usar tecnologia. As artes dispõem de, e oferecem, uma oportunidade sem comparação para alcançar estas competências (Eisner, 2002).

Por outro lado, David Swanger, no seu livro *Aesthetic Education* (1990), relaciona ideologias e sociedade numa sociedade democrática. Este entende que a arte pode ter um poder destabilizador exercendo pressão sobre o seu estado. Tal é devido à sua capacidade de inovação e criatividade e não à instrução de didáticas ou moral. Assim, Swanger considera que, ao envolver os alunos nas atividades artísticas orientadas por educadores artistas, tal pode encorajá-los a procurar e a apreciar outros valores estéticos, em outras áreas da vida (Smith, 1998).

### **1.2.6 – As artes e o desenvolvimento cognitivo**

A sexta perspetiva revista por Eisner, relaciona-se com a cognição, ou seja, as operações mentais envolvidas na receção, armazenamento e processamento de informação, envolvendo a perceção visual, memória e o pensamento (Arnheim, 1991). Como tal, o trabalho artístico contribui para o desenvolvimento de complexas e subtis formas de pensamento. Ironicamente, as artes são habitualmente consideradas como tendo pouco a ver com sistemas complexos de pensamento (Eisner, 2002; Parsons, 2011) considerando que têm pouco a ver com o abstrato, que são mais emocionais do que mentais, que as atividades são feitas com as mãos e não com a cabeça, com mais imaginação do que sentido do prático e do útil, mais relacionadas com lazer do que com trabalho (Eisner 2002, p. 35). Mas Arnheim mostra que a perceção é um evento criativo e relembra que a criação de imagens requer

invenção e imaginação (Arnheim, 1991). Também Eisner (2002) considera que tarefas artísticas relacionam uma quantidade de informação. Estas exploram diferentes possibilidades inesperadas no decurso de um trabalho, interpretam conteúdos e interpretam conteúdos metafóricos atividades para as quais é necessário pensamento cognitivo. Numa altura em que é necessário desenvolver ferramentas de pensamento e preparar as pessoas para o mercado de trabalho, é necessário desenvolver programas que fortaleçam a flexibilidade, encorajem o assumir de riscos (Eisner, 2002).

Outros autores dedicaram-se ao estudo da cognição, como foi o caso de Nelson Goodman (1960), quando percebeu a relação entre a arte e as suas pesquisas. Deste modo, enquanto filósofo, Goodman dedicou-se ao estudo da epistemologia, da semiótica e dos códigos simbólicos humanos. Também Ulric Neisser, psicólogo, afirma que a perceção é um evento cognitivo e Jean Piaget foi relutante em fazer uma diferenciação entre cognição e os lados afetivos do processo do pensamento.

O currículo deve focar-se não só na produção de arte, mas também encorajar os alunos a relacionar e a estabelecer relações entre produção artística, cultura, geografia, história, economia e estética. Rudolf Arnheim leva também esses campos a discussão, referindo a importância da História da Arte, Psicologia e Educação Artística. Dá-se, deste modo, relevância a todos os bons trabalhos de arte que envolvam subtil e sofisticado pensamento, como, por exemplo, que trabalhem a concetualização, programas como características do *problemsolving* e a reflexão sobre o seu processo de pensamento (Eisner, 2002).

Um outro autor, Howard Gardner (1982), psicólogo cognitivo e educacional norte-americano, ligado à Universidade de Harvard, é conhecido, em especial, pela sua teoria das inteligências múltiplas. Considera que o ensino e avaliação não podem ser só feitos com base no conhecimento lógico/ matemático e que devem considerar todas as capacidades humanas. Este “define inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais” (Gama, 1998) e questiona as teorias cognitivas atuais. Howard Gardner apresenta a sua teoria das inteligências múltiplas, na qual nomeia sete tipos de inteligência:

- Lógico-Matemática;
- Linguística;
- Musical;
- Espacial;
- Corporal-Cinestésica;
- Intrapessoal;

- Interpessoal;
- Naturalista e existencial (acrescentadas mais tardiamente)

Gardner também desenvolve um trabalho constante e pluridisciplinar com o grupo de investigadores do *Project zero*, de que faz parte, e no qual se encontram Nelson Goodman, Paul Kolars, David Perkins, os filósofos Israel Scheffler e Vernon Howard, Jeanne Bamberger, Steve Seidel, entre outros.

Portanto, Arnheim, Gardner, e outros referidos anteriormente, valorizam a cognição na educação artística: o professor é visto como um mediador e as crianças são vistas como construtoras de formas (Arnheim, 1991; Gardner, 1990).

Um outro autor importante que também se preocupa com os mecanismos do processo de conhecimento é Lev Vygotsky (1894-1934), mas de uma maneira diferente dos anteriores. Segundo Fróis (2010), para Lev Vygotsky os mecanismos psicológicos da criação literária e semiótica estão relacionados com a estrutura e funções dos símbolos, sinais e imagens poéticas são o coração da teoria estética de Lev Vygotsky.

Deste modo, o pensamento que é necessário para a fruição e produção da arte é um "pensamento emocional" (Frois, 2010). A “zona de desenvolvimento próximo” foi uma teoria de Vygotsky que refere a necessidade de as crianças necessitarem de estarem inseridas num ambiente social para a aprendizagem. “Também, aprendizagem resulta de interações com o ambiente, incluindo com outras pessoas. A compreensão nunca é passiva e implica uma construção ativa através da exploração e reflexão” (Yenawine, 2000, p.191).

Também Michael Parsons se interessou pela cognição nas artes. Acha que a maioria das pessoas considera “as artes fáceis, uma questão de sensibilidade ou talento de algum tipo, mas não de pensamento.” “Acredito que um motivo para essa diferença é a nossa dificuldade em explicar o que é o pensamento nas artes” (Parsons, 2011 p. 1). Este autor desenvolve a teoria do desenvolvimento estético e baseia-se em pinturas. Os estágios devem ser considerados guias para ajudar os alunos a aprofundar e refletir sobre arte:

- 1º estágio – *preferência*;
- 2º estágio – *beleza e realismo*;
- 3º estágio – *expressividade*;
- 4º estágio – *estilo e forma*;
- 5º estágio – *autonomia*.

Parsons envolveu-se, também, no DBAE, juntamente com Vygotsky. Preocuparam-se com a compreensão da arte, dando um maior foco ao significado.

Deste modo, Vygotsky e Michael Parsons preocuparam-se com a compreensão na educação artística, incidindo particularmente sobre o significado. Apoiam-se no cognitivismo e no construtivismo, dando especial atenção ao social e ao ambiente. O professor é um mediador, enquanto a criança é uma criadora de significados.

### **1.2.7 Promover o desempenho acadêmico através das artes**

Esta perspectiva propõe a frequência de atividades artísticas para melhorar os resultados escolares. Deste modo, quanto mais cursos de arte as crianças e adolescentes tiverem, melhores resultados terão na escola. Na área da música, há o chamado “Mozart effect” (Rauscher, 1993), segundo o qual crianças e bebês expostos a música clássica várias vezes por dia, passam mais facilmente num teste de habilidade espacial do que os seus pares que não foram expostos (Eisner, 2002), *a música faz-te experto*. Também estudantes que frequentam cursos de arte costumam obter melhores classificações nos testes finais do secundário do que aqueles que não frequentaram. É possível associar os cursos, sejam estes de que naturezas forem, com melhores resultados nos testes (Eisner, 2002). Eisner ainda refere que, depois de inúmeras tentativas, sem sucesso, para “dar a volta” ao ensino, porque não tentar as artes? (Eisner, 2002).

### **1.2.8 – Artes integradas**

Na última perspectiva revista por Eisner, a educação artística promove um currículo artístico que seja preenchido não só por disciplinas de índole artística. Deste modo, as artes integradas são usadas para aumentar a experiência educacional do aluno. Normalmente, o currículo é organizado em quatro estruturas curriculares, segundo Eisner (2002):

1ª – As artes são usadas para ajudar os alunos a perceber acontecimentos e períodos históricos, criando trabalhos relacionados com o tema. Deste modo, arte, música, literatura, história, normalmente estão relacionadas com um período histórico.

2ª – Esta relaciona-se com a produção de uma forma expressiva, que pode ser elaborada em qualquer área da arte, como música, trabalho visual, experiência rítmica. É uma oportunidade para descobrir o que as artes têm em comum, mas também o que as distingue.

3ª – Nesta abordagem, os alunos identificam um tema ou ideia principal e exploram-no integrando as artes e outras áreas de estudo.

4ª – Integração das artes relacionada com o *problemsolving*: integração de diversas disciplinas, incluindo a arte.

Deste modo, Eisner (2002) continua, dizendo que estas são todas razões para que as artes sejam integradas nos currículos, para além de que o que interessa mais em qualquer área de estudo depende do contexto, e o contexto é influenciado pela economia e política do tempo, acabando por referir que, por vezes, há uma certa tensão na educação artística devido à quantidade de visões, princípios e práticas.

Assim, nas atividades que incorporaram o projeto educativo *Calhondra, olha o xisto!* estivemos atentos às propostas anteriores, retirando que, para construir uma ação sólida é necessário trabalhar a interdisciplinaridade, educando para o *holos*. Como referem Read e Lowenfeld a educação deve implicar um contacto do homem com o mundo, tendo como base a educação artística (Eisner, 2002). É necessário incentivar a experimentação nas atividades, a solução de problemas e as diferentes possibilidades, estimulando a expressão livre, o jogo e a criação como base da educação artística (Sousa, 2003). Por outro lado, a proposta educativa do DBAE foi um dos pontos de influência para a construção da estrutura das oficinas propostas à comunidade. Adaptando esta metodologia, preocupámo-nos em fornecer momentos relacionados com a apreciação estética, crítica, com a história da arte e com as atividades práticas artísticas nas oficinas, já que este enquadramento fornece aos participantes uma melhor compreensão da cultura e sociedade (Dobbs, 2003). Também é necessário trabalhar a imaginação, a fantasia e a criatividade se pretendemos criar novas possibilidades de desenvolvimento, tal como apetrechar a comunidade com ferramentas que visem um melhor entendimento da cultura visual e do seu património. Tivemos necessidade em criar uma ação que visasse diferentes áreas do saber e não só a expressão artística, integrando a teoria das inteligências múltiplas, de Gardner (Gama, 1998), promovendo a integração das artes nas áreas científicas e humanísticas. Nos próximos capítulos iremos explorar a construção e organização das atividades, tal como a sua relação com a comunidade.

Mas os princípios não podem ser rígidos, porque o rígido parte (Eisner, 2002). Nós precisamos do prático e dos princípios, criando uma aproximação numa mistura dos dois, numa ocasião específica (Eisner, 2002) pois, como refere Ostrawer (2010, p.16):

*Os valores culturais vigentes constituem o clima mental para o seu agir. Criam as referências, discriminam as propostas, pois, conquanto os objectivos possam ser de carácter estritamente pessoal, neles se elaboram possibilidades culturais. Representando a individualidade subjectiva de cada um, a consciência representa a sua cultura.*

## **2 – Teoria Focal do projeto *Calhondra, olha o xisto!***

### **2.1 – Teorias base das atividades e a sua relação com o público**

Herbert Read viu a educação artística como uma formação integral do Homem, cujo processo desempenha um papel fundamental na formação adequada da personalidade do indivíduo ou da criança, “sustentando que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, da reconciliação da singularidade individual com a unidade social” (Sousa, 2003, p. 25). Yenawine também propõe uma metodologia operativa que considere as capacidades das pessoas que quer ensinar. Referindo que tenta operar em dois níveis, o primeiro seria ajudar os alunos a aplicar os seus atuais significados criando sistemas para os seus contactos com a obra artística; o segundo, ajudá-los no seu desenvolvimento, desafiando-os com objetivos adequados ao seu desenvolvimento e não impulsionando-os para além daquilo que podiam fazer por si próprios (Yenawine, 2000). Deste modo, na conceptualização das atividades preocupámo-nos em adequar as várias matérias e oficinas ao nível etário dos participantes, refletindo sobre as teorias cognitivistas e estéticas do desenvolvimento infantil e juvenil. Porém, apesar destas considerações, criámos várias atividades destinadas a um público multietário constatando que, apesar dos diferentes graus de desenvolvimento cognitivo, e não contrariando as teorias anteriormente referidas, as crianças, jovens e adultos aprendem mais em comunidade e em grupos, sendo benéfica a junção etária nas atividades de *Calhondra, olha o xisto!*

Também na criação das atividades tentámos explorar vários modos de expressão individual, como a musical, dramática, plástica, verbal, literária e poética.

*As aulas de arte devem dar prioridade ao desenvolvimento da percepção estética, da sensibilidade, da imaginação criadora, integrando as linguagens artísticas nas actividades, como a música, as artes cénicas, as artes visuais e a expressão corporal (Ferreira, 2010, p.25).*

Por outro lado, a vida contemporânea afastou-se da arte levando-a para uma posição periférica em que a maior parte dos indivíduos com ela contacta pouco.

*Por isso, a maioria das pessoas deixou de ter a capacidade de a «usar» do modo que, tão conscientemente, ela tem enriquecido a humanidade: comunicando ideias e informação decisivas para as pessoas participarem na sociedade a que pertencem e, muitas vezes, abrindo vias para o domínio do «espiritual» e de ligação com os deuses (Yenawine, 2000, p.191).*

Com o nosso projeto tentámos elaborar oficinas que proporcionassem uma maior união entre o quotidiano, a arte, o lazer e o património, fundamentadas em teorias da construção do



pensamento e do desenvolvimento cognitivo, estético e artístico, alicerçadas na comunidade de Vila Velha de Ródão.

### **2.1.1 – Teorias do desenvolvimento cognitivo aplicadas ao público-alvo**

O termo cognição significa o processo através do qual o organismo toma conhecimento do meio ambiente ou da sua consciência e tal inclui a realização de solução de problemas através de uma grande e sofisticada quantidade de formas elaboradas de imaginação. Deste modo, pensar é uma dessas manifestações e, como tal, um evento cognitivo (Eisner, 2002). Assim, uma função cognitiva das artes é a apreensão do mundo, já que a arte dá permissão para usar a imaginação como um modo de explorar novas possibilidades. As artes libertam-nos do literal e ajudam-nos a perceber outros pontos de vista que não tínhamos experienciado, assim como a desenvolver a disposição para a ambiguidade, explorar o que é incerto, fazer julgamentos livres de regras e procedimentos. Deste modo, o desenvolvimento cultural depende dessas capacidades, e as artes têm um papel muito importante nessa meta (Eisner, 2002). Por outro lado, as ideias e imagens são difíceis de «segurar», a não ser que sejam materializadas pelas artes num suporte que lhes dê forma e que, assim, nos ajuda a explorar os contornos das nossas emoções (Eisner, 2002). Portanto, nesta parte da dissertação iremos referir alguns teóricos cognitivistas que foram relevantes para uma melhor compreensão dos públicos envolvidos no projeto *Calhondra, olha o xisto!* Como o suíço Piaget, os psicólogos Vygotsky e Bruner são responsáveis por diferentes teorias relacionadas com o desenvolvimento das crianças e jovens. Abigail Housen e Philip Yenawine deram contribuições no âmbito do desenvolvimento da apreciação estética.

Uma das primeiras teorias sobre evolução e desenvolvimento deve-se a Darwin, com o estudo sobre a vida e a evolução (Gardner, 1990). Adicionalmente, Freud elabora um trabalho sobre o desenvolvimento emocional, definindo estádios com base nos testemunhos dos seus pacientes (Gardner, 1990). Mas a primeira investigação detalhada e rigorosa sobre o desenvolvimento mental da criança foi feito por Jean Piaget (Gardner, 1990). Jean Piaget baseia-se na proposição de Rousseau, (referindo que a criança não é meramente estúpida ou menos informada que os adultos, e que toma conhecimento do mundo através do sistema sensorio-motor, usando os órgãos sensoriais e o sistema motor para o efeito), para elaborar a teoria da *Epistemologia Genética* ou *Teoria Psicogenética* (Gardner, 1990).

*As observações de Piaget levaram-no a concluir que as crianças desenvolvem uma serie de maneiras de compreender o que apreendem, interagindo com as pessoas e com o seu ambiente. Estas*

*«maneiras» ocorrem em estágios, que se distinguem umas das outras, não obstante serem coerentes entre si, persistindo cada uma delas por um determinado período de tempo. Cada fase é dominada por um padrão de pensamento e funcionamento e cada uma delas é um passo num arco sequencial, sendo todas elas igualmente importantes. Piaget observou que o crescimento é limitado pela idade – a maturidade mental assim como a física exigem tempo – e que o desenvolvimento não é automático. (Yenawine, 2000, p.194) .*

Esta é considerada uma das mais conhecidas concepções construtivistas da formação da inteligência, referindo que, desde o nascimento, o indivíduo constrói conhecimento ao longo de quatro estágios. Deste modo, a construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações físicas ou mentais sobre objetos que provocam um desequilíbrio, resultando numa assimilação e, de seguida, numa acomodação, e deste modo, a assimilação dessas ações transforma-se na construção de esquemas ou de conhecimento (Gardner, 1990). Os quatro estágios do desenvolvimento cognitivo das crianças são os, *sensório-motor*, *pré-operatório*, *operatório-concreto* e *operatório-formal*, tendo em conta que o importante é a ordem e não a idade de aparição destes (apesar de haver uma média de idade). Assim, o *sensório-motor* ocorre entre 0 e 2 anos, quando o bebé começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio a partir de reflexos neurológicos básicos. Assim, a inteligência é prática, as noções de espaço e tempo são construídas pela ação. Deste modo, o contacto com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento. O *pré-operatório* surge entre os 2 e os 7 anos, é também chamado de *estágio da Inteligência Simbólica* e caracteriza-se, principalmente, pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior (*sensório-motor*). A criança, neste estágio, é egocêntrica, centrada em si e não se consegue colocar no lugar do outro. Não aceita a ideia do acaso e tudo tem de ter explicação (fase dos "porquês"). Mas já pode agir por simulação, como se se deixasse levar pela aparência sem relacionar factos. Neste estágio a criança já possui perceção global sem discriminar os pormenores. No estágio *operatório-concreto* (7 aos 11 anos), a criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, causalidade. Já é capaz de relacionar diferentes aspetos e abstrair dados da realidade, mas por outro lado, ainda depende do mundo concreto para chegar à abstração. Deste modo, desenvolve a capacidade de representar uma ação no sentido inverso de uma anterior, anulando a transformação observada (reversibilidade). Por fim, no *operatório-formal* (12 anos em diante), a representação permite a abstração total. Como tal, a criança é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente, buscando soluções a partir de hipóteses e não apenas pela observação da realidade. Estas estão aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas (Gardner, 1982).

Deste modo, Piaget considera que o crescimento não é só uma simples mudança no tempo e que aprender é mais do que uma mera associação, ou apenas devido ao ambiente, sendo o crescimento a junção entre genética e as oportunidades do meio, contrariando a versão de que as crianças são miniaturas dos adultos. Porém, outro teórico como Gardner, apesar de se basear em Piaget, considera que o desenvolvimento da cognição é um processo muito mais complexo e aponta falhas no seu sistema. Referia que os estágios de Piaget são demasiado dependentes dos métodos de investigação que ele empregava. O processo fazia-se através da técnica de perguntas e respostas às crianças, analisando os seus erros; por exemplo, quando dava materiais mais familiares às crianças, estas tinham mais facilidade em resolver os problemas (Gardner, 1990). Gama resume as perspetivas de Piaget e Gardner:

*Piaget acreditava que todos os aspectos da simbolização partem de uma mesma função semiótica, enquanto que ele acredita que processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos gestuais ou outros. Segundo Gardner uma criança pode ter um desempenho precoce em uma área (o que Piaget chamaria de pensamento formal) e estar na média ou mesmo abaixo da média em outra (o equivalente, por exemplo, ao estágio sensório-motor). Gardner descreve o desenvolvimento cognitivo como uma capacidade cada vez maior de entender e expressar significado em vários sistemas simbólicos utilizados num contexto cultural, e sugere que não há uma ligação necessária entre a capacidade ou estágio de desenvolvimento em uma área de desempenho e capacidades ou estágios em outras áreas ou domínios (Gama, 1998).*

Vygotsky, também ao inverso de Jean Piaget, “considera que linguagem infantil não tem um carácter associal e não desaparece em função da socialização da criança” (cit. por Perraudau, 1996, p. 59). Desta forma, considera que as crianças, desde as suas manifestações iniciais, adquirem um carácter social antes de progredirem para a linguagem interior. Assim, “este processo de interiorização da linguagem constrói progressivamente o pensamento consciente.” (Perraudau, 1996, p. 59) Para Vygotsky esta é a tese central do seu trabalho, o pensamento da criança, considerando que o desenvolvimento do pensamento depende efetivamente da linguagem, conceptualizando a *Zona de desenvolvimento proximal* (Perraudau, 1996).

Para Lev Vygotsky (1896-1934), o que permite a atividade mental é o facto de os indivíduos estarem inseridos num contexto social e não o seu envolvente; como exemplo, encontramos o recém-nascido que, à nascença, é dos mais dependentes dos animais e o menos completo a nível de competências. Como tal, é importante estabelecer uma relação de ordem social rapidamente. Assim, “a ação parental irá permitir o seu desenvolvimento e a linguagem está no centro desta relação” (Perraudau, 1996, p.58).

Na obra *Pensée et langage*, Vygotsky refere quatro estádios do desenvolvimento, relacionando pensamento e linguagem, *estádio primitivo*, *psicologia ingénua*, *operação*

*exterior e crescimento interior*. Desta forma, o primeiro refere-se à linguagem pré-intelectual e pensamento pré-verbal; o segundo, à aquisição dos conectores lógicos, porém a conexão causal não está ainda controlada; o terceiro diz respeito à linguagem egocêntrica; e, por fim, o quarto caracteriza-se “pela interiorização da operação exterior ou desenvolvimento da linguagem interior.” (Perraudau, 1996, p.59)

Por outro lado, Vygotsky, também se dedicou à análise do desenvolvimento artístico, referindo que o gosto pelas atividades artísticas é o comportamento mais característico em idade pré-escolar. As crianças não precisam de ser incentivadas a desenhar, basta um pequeno estímulo. Já na idade escolar o gosto pelo desenho começa a decair e, em muito casos, desaparece se não for estimulado. Só as crianças mais dotadas é que continuam a desenvolver a atividade. Existe, por outro lado, uma ligação interna entre a personalidade da criança e o seu gosto por desenhar, sendo esta a melhor forma de exprimir as suas emoções. Por outro lado, ainda, a expressão literária desenvolve-se mais no período de maturação sexual do adolescente (Vygotsky, 1930).

Assim sendo, Vygotsky (1930) enumera quatro etapas no desenvolvimento do desenho nas crianças, que começam por volta dos dois anos de idade (as etapas não dependem da idade, mas são graduais). A primeira etapa é a *fase do esquema*, a criança representa os objetos sob a forma esquemática e distantes da realidade. São frequentes os desenhos de cabeças e pés, desenhos de memória e sobre o que já sabem e sobre as coisas. Assim, desenhos o que consideram mais importante, mas não o que veem ou o que imaginam das coisas e tudo o que sabem sobre o objeto. Deste modo, quando a criança desenha “pensa no objeto na sua imaginação como se estivesse a falar dele.” (Vygotsky, 1930, p.99) A segunda fase é uma continuação da primeira, a linha e a forma começam a aparecer, a criança já tem necessidade, não só de delimitar e enumerar traços do objeto, mas também de relacionar e refletir sobre as formas. Existe, pois, uma mistura na representação plástica entre formalismo e esquematismo. Esta fase é caracterizada por uma quantidade maior de pormenores e uma maior tentativa de aproximação à realidade. A terceira fase é a da *representação fiel da realidade*, em que o esquema desaparece por completo, mas a criança ainda não consegue representar a perspetiva. Assim os objetos aparecem num plano, mas já se assemelham ao objeto real. Na quarta e última fase, as crianças já demonstram a capacidade de representar a perspetiva nos desenhos, refletindo o aspeto real do objeto.

Deste modo, as crianças representam a realidade “uma vez que o seu mundo é um mundo que adquire significado através do que é concreto e tangível, quando as crianças fazem

arte que parece ser abstrata, fazem-no por defeito” (Yenawine, 2000, p.196). Desta forma, as crianças desenham naturalmente coisas e acontecimentos e só quando são induzidas é que representam ideias ou sentimentos, já que “o tipo de pensamento que motiva estes aspectos de expressão abstrata transcende a compreensão das crianças” (Yenawine, 2000, p.196).

#### 2.1.1.1 – Desenvolvimento estético, olhar para obras de arte

Maxine Greene escreveu *Literacia Estética e Educação Geral* em 1981, definindo a palavra literacia como a capacidade de ter habilidades interpretativas que possibilitam que as pessoas se envolvam com obras de arte na sua total complexidade. É central para o desenvolvimento da literacia que se treine esta capacidade, afirmando que cada pessoa deve ter experiências estéticas de qualquer tipo, principalmente no entendimento de obras de arte. Greene escreve que para entendermos obras de arte como sistemas simbólicos, cheios de significado, são necessárias habilidades interpretativas para as descodificar e torná-las inteligíveis. Ela lamenta o pouco que é feito no fornecimento de capacidades para o entendimento estético dos alunos, para perceberem as diferenças entre os seus encontros com a arte, desenvolvendo vocabulário que lhes permita articular o que estes encontros lhes possibilitam ver, ouvir ou sentir (Smith, R., 1998). Desta forma, pretendemos neste projeto de educação artística fornecer aos participantes elementos que os ajudem na descodificação das imagens das representações de arte rupestre, tal como conduzi-los e incentivá-los a serem observadores críticos e atentos.

Baseámo-nos na teoria de Abigail Housen e Yenawine que elaboraram um sistema de ensino designado *Estratégias do Pensamento Visual* (VTS). Para tal, Abigail Housen partiu da hipótese que o observador inexperiente ou principiante fornecia uma relevante indicação para a compreensão da experiência estética. Housen estava interessada no processo *momento a momento* através do qual os observadores organizam o significado de uma obra de arte. Segundo Yenawine “o seu modelo descreve especificamente a evolução do pensamento sobre obras de arte” (Yenawine, 2000, p. 197).

*Dado que nenhum participante faz o que faz um especialista, a única maneira de se chegar a um nível mais avançado parece ser de nos fundamentarmos sobre aquilo que o principiante faz naturalmente. Estas estruturas mentais do principiante manter-se-ão até, que em determinada altura, para alguns, elas sejam substituídas por outra estrutura para elaboração da compreensão* (Housen, 2000, p. 149).

Deste modo, Abigail Housen considera que o melhor guia para a apreciação estética é aplicar uma abordagem construtivista, já que este método permite que a estrutura mental do educando progrida ao criar novas construções e significados sob diferentes perspectivas.

*Por exemplo, ao tentar interpretar uma imagem, o aluno pode começar a perceber que todos os sinais da página se combinam entre si, formando em conjunto um significado com sentido. Com esta percepção e com tempo, o aluno percebe que esta coerência não podia acontecer por acaso. Uma vez descoberta essa intencionalidade passa a ser uma nova base para interpretar uma obra de arte. O aluno tem de partir da sua própria experiência em vez de tentar apropriar-se da maneira dos especialistas (Housen, 2000, p. 151).*

Como tal, foram criados por Housen (2000) cinco estádios estéticos, que representam a evolução das diferentes maneiras de ler e interpretar uma peça de arte. No *Estádio I* os espectadores descrevem a obra de arte, são *observadores narrativos*, criando relações através dos seus sentidos e associações pessoais. Deste modo, os juízos são baseados no seu gosto e no saber. O *Estádio II* é caracterizado por *observadores construtivos*, estes criam um modo de olhar através de uma estrutura lógica e compreensível, utilizando o seu próprio conhecimento do mundo natural, social e moral. Deste modo, interessam-se mais pelas intenções do artista e pelas emoções do que pela obra de arte. E se consideram falta de perfeição técnica ou temática controversa, consideram a obra sem valor. No *Estádio III* os espectadores têm uma atitude de *classificadores* ao aceitar uma “atitude analítica e crítica do historiador de arte” (Housen, 2000, p.154), tentando identificar o autor, estilo, movimento artístico e contexto histórico para melhor perceber a obra de arte. No *Estádio IV* os indivíduos são *interpretativos*, pesquisando uma relação pessoal com o objeto artístico. “Explorando a tela, deixando que o significado da obra se revele lentamente, eles analisam as subtilezas da linha, forma e cor” (Housen, 2000, p.154). Desta forma, o espectador utiliza a análise crítica para identificar símbolos na obra de arte e encontrar o significado da peça através dos seus sentimentos e intuição. Por fim, no *Estádio V*, os espectadores deste estágio são *observadores recreativos*, referindo Housen (2000) que possuem “uma longa história de olhar e refletir sobre obras de arte”(Housen, 2000, p.155), estes espectadores prestam uma atenção diária ao objeto artístico, durante muito tempo.

O programa VTS concentra-se nas duas primeiras fases de desenvolvimento de Housen e “tenta conduzir os observadores ao ponto de a história da arte e outros géneros da informação começarem a ser para eles um problema” (Yenawine, 2000, p.197). Desta forma, esta abordagem foca-se nas perguntas elaboradas pelo mediador, ou professor, no início da sessão; estas são gerais como *o que se passa neste quadro?*, acrescentando posteriormente perguntas mais focalizadas e inquisitivas. Desta forma, o professor age como um mediador,

encaminhando e focando o diálogo para os temas que pretende explorar e que deseja que os alunos percebam. As últimas questões consideram habitualmente as intenções do artista e implicam preocupações formais (Yenawine, 2000).

*O professor funciona como instrumento de habilitação ao longo do processo, incentivando a participação de todos e tornando claro que todas as respostas são válidas. (...) O professor faz a ligação entre os comentários dos alunos, tornando as suas interações óbvias e mostrando como ouvir e responder aos outros enriquece o diálogo e, conseqüentemente, a análise da obra (Yenawine, 2000, p.198).*

Em conclusão, neste capítulo exploramos diferentes concepções sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens. De Piaget retirámos os fundamentos para melhor adequar os objetivos das atividades às diferentes faixas etárias, enquanto que de Vygotsky recolhemos a necessidade de integração num meio social. Assim, nas atividades previstas no projeto *Calhondra, olha o xisto!* tentámos organizar os participantes por grupos de trabalho e estimular a interação com indivíduos e crianças de meios e faixas etárias diferentes. Por outro lado, sentimos a necessidade de integrar conteúdos de apreciação artística nas nossas atividades pelo que nas nossas oficinas foi integrado um período dedicado à análise estética de obras, habitualmente de arte pré-histórica, seguindo o método de Yenawine e Housen, em que o monitor age como mediador, levando o público a decodificar as imagens que eram apresentadas nas sessões.

### **2.1.2-Teorias do desenvolvimento cognitivo aplicadas na construção das atividades**

Para as crianças mais novas, segundo Eisner (2002), o mundo sensorial é uma fonte de satisfação, e a imaginação uma fonte de exploração. A imaginação é também uma importante função cognitiva que trabalha ao lado da criação das possíveis palavras. A imaginação dá-nos ferramentas para tentar coisas novas (Eisner, 2002); como tal, nesta parte da dissertação iremos refletir sobre diferentes conceitos e teorias relacionadas com a cognição, abordando autores como Rudolf Arnheim e Bruner.

O psicólogo Rudolf Arnheim (1904-2007) dedicou-se à psicologia da arte e à promoção da educação artística, afirmando que a percepção é um invento criativo e relembramos que a criação de imagem requer invenção e imaginação (Arnheim, 1991). Deste modo, as artes têm um papel importante ao refinarem o nosso sistema sensorial e ao cultivarem as habilidades da imaginação. As artes providenciam faculdades para exploração construtiva do processo imaginativo, criando experiências de qualidade (Eisner, 2002). Arnheim pretende ajudar as crianças a aprender e a perceber como apreendem o mundo onde habitam, considerando que a visão é uma função da inteligência, a percepção um evento cognitivo e que

a interpretação e o significado são indivisíveis do ver, sendo a educação artística capaz de trabalhar estas habilidades humanas. Para tal, baseia-se nas *Teorias da Gestalt*, onde são aprofundados os temas de invenção, intelecto, emoção e percepção, contrariando o behaviorismo americano que tem como fundamento o moldar do comportamento para atingir os objetivos (Arnheim, 1991). Assim sendo, a atividade artística é uma forma de raciocínio, em que a percepção e o pensamento estão indivisivelmente unidos. Uma pessoa que pinta, escreve, compõe ou dança, pensa com os sentidos, mas a união entre percepção e pensamento não é apenas uma especialidade das artes (Arnheim, 1969).

Assim, a cognição abrange todas as operações mentais envolvidas no receber, armazenar e processar informação: percepção sensorial, memória, pensamento e capacidade de aprender (Arnheim, 1969). Arnheim considera que pensar apela às imagens e as imagens contêm pensamento. Como tal, as artes visuais são a terra natal do pensamento (Arnheim, 1969) e alguns objetivos atribuídos à arte são tornar o pensamento visual possível. Beleza, perfeição, harmonia, servem para dar uma sensação de bem-estar ao apresentar um mundo inato às necessidades humanas (Arnheim, 1969) e através das artes aprendemos a ver o que não tínhamos reparado, sentir o que ainda não tínhamos sentido e empregar formas de pensamento nativas da arte (Eisner, 2002).

*Um dos papéis da arte é preparar o povo para os novos modos de percepção, largamente introduzidos pela revolução tecnológica e da comunicação de massas. A mudança nos padrões de percepção visual, provocada pela comunicação electrónica, é acompanhada por grande variabilidade de excitações cerebrais. Tendo em vista que são as artes plásticas, na escola, o único veículo directamente exploratório da percepção visual, é de sua competência articular e providenciar essa vasta gama de excitações (Barbosa, 1978, p.93).*

Jerome Bruner, outro psicólogo interessado no estudo da cognição, elaborou várias teorias dentro do campo da aprendizagem, pretendendo estudar os modos de representação nas crianças. Este autor elabora a teoria de que a aprendizagem é um processo ativo e, deste modo, os alunos constroem as novas ideias e conceitos, baseando-se nos seus conhecimentos. O aluno seleciona, constrói e transforma informação; a aprendizagem torna-se num processo interno e não num produto direto do ambiente, das pessoas ou de fatores externos àquele que aprende (Perradeau, 1996).

*Bruner escreve que existe uma relação directa entre processo e produto. Compreender um objecto é desenvolver um processo diferencial de categorização: no final de um raciocínio, o objecto é entendido como pertencendo a uma categoria. A categorização, que se pode chamar de conceptualização, constrói-se através e pela linguagem (Perradeau, 1996, p.62).*

Bruner, nas suas pesquisas, refere que existem três modos de representação no desenvolvimento das crianças, a representação *enativa* (ação-base), a representação *icónica*



(com base em imagens) e representação *simbólica* (linguagem). Apesar de inicialmente ser influenciado por Piaget, rapidamente o contraria ao afirmar que um aluno pode aprender qualquer matéria desde que a instrução seja dada de forma organizada e adequada (Marques, s.d.) “e distancia-se porque para ele a construção executa-se através da linguagem e da interação entre os indivíduos.” (Perradeau, 1996, p.63). Assim, este desenvolve o conceito de *interação de tutela* que, referindo, se deve conhecer:

*A carta cognitiva dos seus alunos, dominar a estrutura conceptual do saber no centro da situação de aprendizagem, definir uma tutoria entre aquele que aprende e aquele que domina o esquema e aplicar situações de interacção que permitam construir de maneira inferencial o conceito* (Perradeau, 1996, p.64).

Jerome Bruner contribuiu, pois, para psicologia cognitiva e para a teoria da aprendizagem cognitiva em psicologia educacional, e também no que respeita à pesquisa do desenvolvimento infantil, explorando assuntos relacionados com a motivação, a emoção, a criatividade e intuição, ganhando uma grande notoriedade no mundo da educação graças à sua participação no movimento de reforma curricular, ocorrido nos EUA na década de 60.

Desta forma no desenvolvimento das atividades de *Calhondra, olha o xisto!* utilizámos estes conceitos na construção das nossas atividades, explorando a realidade como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, em que os sentidos, percepção e aprendizagem se relacionaram, alicerçadas nas teorias cognitivistas anteriores. Deste modo, é preciso conceber atividades que primem a liberdade de escolha e de “manipulação de pensamentos, ações e meios concedidos por todas as disciplinas, orientadas para o *holos*, onde a “globalidade das linguagens são postas à disposição da globalidade da criança.” (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p.31). Não desejamos disciplinas fechadas nos seus compartimentos, nem levar os participantes a dividir pensamento e expressão, mas combater essa separação e conduzi-los para o entendimento das interligações entre várias áreas do saber, baseada na interdisciplinaridade.

### **2.2.3 – Criatividade, imaginação, fantasia a infância**

O sistema educativo, bem como os pais e a sociedade, quer produzir jovens e crianças bem ajustadas, convencionais e socialmente bem-sucedidas, mas encara o processo criativo como um perigo que dificulta o objetivo principal. Porém, a criatividade designa a capacidade de inventar novas soluções, em resposta a um problema posto e, igualmente, o conjunto de técnicas e situações (Aznar, cit. por Mendes 2006, p.5). Desta forma, numa sociedade em

permanente mutação, é necessário que os jovens se ajustem rapidamente à mudança, procurando novos caminhos, sendo a criatividade fundamental para esse processo. Nesta ordem de ideias, iremos de seguida abordar questões relacionadas com a criatividade, imaginação e imaginário na infância.

Como tal, a criatividade é “a habilidade de gerar um leque de soluções possíveis para um problema que não tem resposta direta e simples” (Guilford, cit. por Sousa, 2003). Assim, é um processo e uma capacidade inútil se não conduzir à criação. Munari (1997, p.37) acrescenta “o individuo forma-se nos primeiros anos de vida e assim permanecerá durante toda a vida”, dessa forma, depende dos pais e professores que esse individuo se torne criativo ou, pelo contrário, meramente *repetidor de códigos* (Munari, 1997). Porém, o ensino criativo não é apenas criar novas habilidades, é preciso atingir tanto o domínio afetivo como o cognitivo.

*O ensino criativo é aquele que dá estímulo, entusiasmo e satisfação à aprendizagem. Esse ambiente criativo de ensino deve prover a criança com experiências ricas e com encontros que permitam lidar com a fantasia, ser imaginativo, fazendo perguntas, maravilhando-se, investindo e testando suas próprias ideias e sentimentos contra os factos* (Vassar cit. por Barbosa, 1975, p. 60).

Assim, na criatividade encontramos três fases do processo criativo: a primeira, *impregnar-se da realidade*, que significa envolver-se com o problema; a segunda, *destruturar a realidade*, na qual encontramos o pensamento divergente que, segundo Guilford, é o “suporte mental do processo e tem implicações tanto no domínio afetivo como com o domínio cognitivo” (Barbosa, 1975, 58), por fim *convergir*, isto é, tentar chegar a um novo todo, cruzando diferentes ideias concebidas no passo anterior (Aznar, cit. por Mendes 2006).

O teórico Wallas (1960) também se debruçou sobre as etapas do pensamento criativo, propondo por seu turno seis fases (Sousa, 2003, p.191):

- 1ª Reconhecimento do problema;
- 2ª Recolha de informação;
- 3ª Atividade mental tratando essa informação;
- 4ª Imaginação de soluções;
- 5ª Verificação;
- 6ª Colocação em prática;

Por outro lado, quando falamos de imaginação, a nossa tendência é dizer que esta representa o que a realidade nos pode oferecer, para além da perceção. Mas a imaginação é outra coisa, é uma função da representação simbólica, que nos apela à descoberta, porque ela é com efeito uma maneira de projeção, descoberta, revelação, com parentesco a duas realidades (Vygotsky, 1930). “A imaginação é o meio para visualizar, para tornar visível o

que pensam a fantasia, a invenção e a criatividade” (Munari, 1997, p.24) e a fantasia “ é livre de pensar a coisa que quiser, até a mais absurda, incrível ou impossível” (Munari, 1997, p.23).

Desta forma um dos fatores para a criação é a necessidade que o homem tem de se adaptar ao meio ambiente que o rodeia. Como refere Ribot, “toda a necessidade, todo o anseio, todo o desejo por si só ou juntamente com outros pode servir de impulso à criação” (Vygotsky, 1930, p.33). Deste modo, as criações são sempre fruto da época do autor e do seu ambiente. E a sua obra terá sempre como ponto de partida o anterior alcançado; como tal, as obras são um processo histórico consecutivo (Vygotsky, 1930). Deste modo, a tradição como a refere Bruno Munari (1997, p. 39), “é a soma dos valores objetivos da coletividade e a coletividade deve renovar-se continuamente, se não quiser depauperar-se”. Assim, torna-se claro que para o sucesso do projeto temos que criar atividades que estimulem a transformação e não a repetição de valores, já que:

*A cultura popular é uma manifestação contínua da fantasia, criatividade e invenção. Os valores objectivos destas actividades são acumulados naquilo que se chama tradição, técnica ou arte, como se queira. E estes valores são continuamente aferidos por outros actos de fantasia e de criatividade e, portanto, substituídos quando se mostram ultrapassados. Assim, a tradição é a soma de, em contínua transformação, dos valores objectivos úteis para as pessoas. Limitar-se a repetir um valor, sem fantasia, não significa continuar a tradição, mas travá-la, fazê-la morrer (Munari, 1997, p. 39).*

Em relação à imaginação das crianças e dos jovens, esta é igual à dos adultos, já que depende da experiência quotidiana. Por outro lado, as tradições, atitudes perante o meio, a sua simplicidade e influências são muito diferentes nas crianças e nos adultos, tal como os seus interesses o são. Desta forma, a opinião geral é a de que a imaginação na infância é muito mais rica do que no adulto, perdendo-a à medida que cresce. Estas considerações têm como base as atividades das crianças que habitualmente são mais livres e espontâneas do que na idade adulta, confundindo-se com a riqueza e extensão imaginativa. A experiência das crianças é mais pobre, estas têm uma atitude em relação ao meio muito mais desprovida de complexidade, precisão e de variedade do que o adulto. Desta forma, só a raiz emocional da imaginação das crianças é que pode ser tão forte (Vygotsky, 1930).

Deste modo, só ao longo do processo de crescimento é que se desenvolve a imaginação, alcançando a maturidade na idade adulta:

*À medida que se aproxima a maturidade também a imaginação começa a amadurecer, e na idade de transição no despertar sexual dos adolescentes, o impulso pujante da imaginação une-se aos primeiros embriões de maturidade da fantasia. (Vygotsky, 1930, p.33)*

Em relação ao desenvolvimento da imaginação nas crianças, estas adquirem primeiro as competências da fantasia e só mais tarde é que se dá o desenvolvimento do intelecto e da

razão; por isso, as crianças têm uma maior riqueza imaginativa mas ainda não imaginação. Deste modo, estas podem imaginar menos coisas que os adultos, mas acreditam mais na fantasia e controlam-na menos e só no nível emocional da imaginação é que as crianças podem competir com os adultos (Vygotsky, 1930). Desta forma, Ana Mae Barbosa (1975) afirma que quaisquer que sejam os métodos, principalmente através da livre expressão, as atividades artísticas são um veículo auxiliar para a criatividade devido à sua natureza afetiva, cognitiva e motora:

*Isto é, mesmo o ensino da Arte com finalidade profissionalizante, através de métodos estritamente artísticos e estéticos, poderá ser um auxiliar de um específico desenvolvimento criativo e assistematicamente provocar efeito positivo, estimulando o pensamento divergente. Entretanto, somente quando os métodos norteiam o ensino da Arte se conjugam ou melhor integram os princípios da Teoria da Criatividade, tendo em vista diretamente a mobilização das operações mentais e dos fatores envolvidos na produção artística geral. É que a Arte poderá desempenhar um papel decisivo na deliberada evolução do potencial criativo (Barbosa, 1975, p.89).*

Assim, segundo Ana Mae Barbosa, um modelo educacional tem de combinar estes dois elementos (cognitivo e afetivo) juntando disciplinas ligadas à criatividade tal como ligadas à resolução de problemas, “através da combinação dos jogos de solução de problema com a expressão através das artes visuais, como a música, teatro e dança etc.” (Torrance, Paul e Pansy, cit. por Barbosa, 1975, p. 60). Por outro lado, segundo Fontanel-Brassart e Rouquet, (1977) a educação artística deve tentar aperfeiçoar o indivíduo em todas as formas, “aceita-lo na sua globalidade, como um campo de experiências e de descobertas” (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p. 24). Ao equipá-lo com formas para conquistar e estruturar as suas atividades, de se conhecer e explorar, desenvolver o seu «Eu», torna-o “consciente da finalidade dos seus esforços e do seu trabalho, cultivando-lhe a imaginação, permitindo «ser» (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p. 24). Deste modo, segundo os mesmos autores as atividades e a experimentação, em grupo ou individualmente são fundamentais para alargar o campo de investigações, levando a praticar uma pedagogia da animação.

#### **2.1.4 – Teoria construtivista, o auxiliar da experimentação e do jogo nas atividades**

Anteriormente, quando falámos do VTS de Housen e Yenawine, referimos que estes usavam a abordagem construtivista para guiarem os alunos na compreensão do objeto artístico. Esta teoria tem como bases as ideias de Dewey, Piaget, Vygotsky, entre outros teóricos. Referindo Dewey (1997), é necessário reconhecer que não existe saber independente do mestre e que o único conhecimento que aprendemos é aquele que construímos por nós próprios. Desta forma, a teoria construtivista do pensamento considera que os alunos podem construir conhecimento por eles mesmos – cada aprendiz produz significados, quer

individualmente quer socialmente. Assim, aprender é um processo ativo em que o aprendiz utiliza o seu sistema sensorial para construir conhecimento (Hein, 1991). A aprendizagem não é uma aceitação pacífica do saber, «que existe por aí», mas implica que o aluno se relacione com o mundo (Hein 1991). Vygotsky esclarece que a aprendizagem consiste tanto na construção de significado como em construir sistemas de sentido. Desta forma, cada novo significado que fazemos faz-nos dar sentido a outras sensações com características similares (Hein, 1991). Aprender envolve a linguagem e esta é influente na aprendizagem (Perraudau, 1996) – por este motivo, a instrução é uma atividade social, criando uma relação de associação íntima com outros seres humanos, os nossos professores, pares e familiares (Hein, 1991). Assistimos, assim, à educação tradicional que isola o aluno das interações sociais normais e vê na educação uma relação apenas entre o aluno e objetivos de aprendizagem, enquanto a educação construtivista reconhece o aspeto social do saber, unindo conversação e interação com os outros na construção do conhecimento (Hein, 1991).

Deste modo, “a experimentação mobiliza o individuo na sua globalidade” (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p. 41), leva os alunos para a descoberta, desenvolvendo o espirito de iniciativa. Também, contribui para a formação do plano social, dando às crianças responsabilidades nas suas atividades. Já que: “a experimentação é a sucessão de experiencias diversas, de manipulação e de explorações livres e livremente concebidas, livremente prosseguidas – permanecendo como essencial a sua existência, o seu número e a sua variedade” (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p.46), a experimentação é uma fonte permanente de criatividade (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977). Já que:

*O espirito criativo é posto em relação com os factos e com os efeitos da investigação. É obrigado a realizar, mas também a inventar, a conhecer métodos de realização para os problemas levantados e formular propostas cuja qualidade tem de definir* (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p.49).

Hein (1991), Fontanel-Brassart e Rouquet, (1977) contrariam Platão, ao referir que o conhecimento não é conhecer apenas a verdadeira natureza das coisas, mas é uma construção social e pessoal dos significados, pois as nossas sensações não têm ordem nem estrutura, senão a explicação que fabricamos para elas. Assim, a tarefa do professor é proporcionar aos seus alunos a oportunidade de interagir com informação sensorial e construir o seu próprio mundo, de uma maneira contextual (Hein, 1991). Porém, elucida Dewey (1997), a crença de que toda a educação genuína vem através da experiência não significa que todas as experiências sejam genuínas e igualmente educativas. Experiência e educação não são iguais uma à outra e algumas experiências são deseducativas, sendo deseducativas todas as

experiências que tenham o efeito de atacar ou distorcer o crescimento de uma futura experiência. Pois, como refere Ana Mae Barbosa (1978), para entender a realidade é necessário pensar acerca dela, já que a percepção é uma função do pensamento.

*A visão, a audição, o tato e todos os outros receptores sensoriais entram em acção simultaneamente e a inteligência procura coordenar todo o tipo de sensações para tomar consciência do que se está a passar. Em seguida, tudo o que é percebido é depois fixado na memória, nos três sectores principais, ou seja, no de curta duração, no de longa duração ou no que tem funções genéticas (Munari, 1997, p. 21).*

Por outro lado, a infância é um período de crescimento, formação e desenvolvimento, tendo como atividade primordial a atividade lúdica. Assim, as crianças têm “necessidade de um despertar sensorial que faça apelo às pulsões e às necessidades profundas, e favoreça um conhecimento e reconhecimento de si mesmo, mas também de uma ação pedagógica que utilize as formas espontâneas do seu comportamento (jogos e trabalhos coletivos)” (Fontanel-Brassart; Rouquet, 1977, p. 37).

Tal como as crianças têm necessidade de respirar e comer, estas têm também necessidade de jogar. Deste modo, é através desta atividade que as crianças conseguem “efetuar as mais preciosas conquistas experienciais e vivenciais para o seu desenvolvimento. É sobretudo através do jogo que a criança processa a sua auto-educação” (Sousa, 2003 p. 151) e é através do jogo que estas formam a sua personalidade. “Segundo Piaget a criança tem necessidade de desenvolver a sua inteligência e esta desenvolve-se não através do estudo e memorização de matérias escolares mas através da atividade lúdica” (Sousa, 2003 p. 166). Já Schiller referira nas *Cartas sobre Educação Estética* (1789 – 1793), a importância do jogo como metodologia para uma educação estética. Herbert Read também enfatiza o valor educativo do jogo, chamando a atenção para o facto de que muitas pessoas, não o entendendo, o considerarem como uma brincadeira e uma forma de não levar as coisas a sério (Read, 1943). Por outro lado:

*Se considerarmos, a arte como linguagem dos sentidos, a forma de expressão dos afectos, das emoções, verificamos que esta é uma dimensão que nenhum outro tipo de jogo consegue abranger. O que faz diferença do jogo artístico (expressão musical, verbal, dramática, dançada) de qualquer outro tipo de jogo (futebol, dominó etc.) é que ele não só permite como estimula a exteriorização dos sentimentos, a expressão da vida afectiva (Sousa, 2003 p.172).*

Segundo Vygotsky (1930), a criação teatral é aquela que mais se aproxima da criação infantil e está ligada, mais do que qualquer outra, à criação artística, aos jogos, na qual se encontra a raiz de todos os produtos infantis, sendo a que comporta mais diversos tipos de arte. As crianças podem compor os cenários, arranjar o guarda-roupa, improvisando e

montando a obra, o que excita o imaginário das crianças. Deste modo podemos concluir que a atividade dramática fornece às crianças «significantes» imaginários (Piaget, 1975).

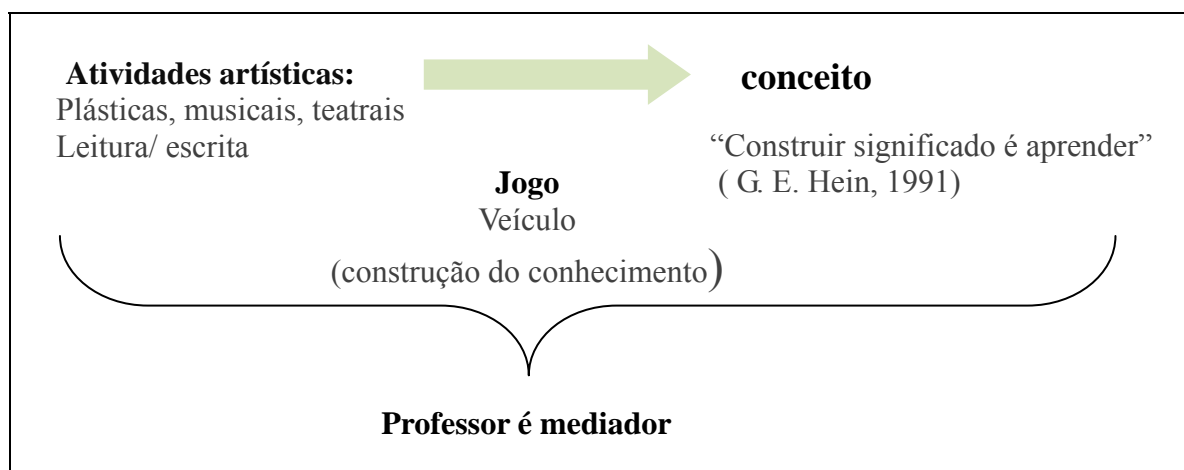
*No outro extremo, e do ponto de vista das significações, sobretudo, pode-se considerar o jogo, ou a actividade lúdica, como conduzindo igualmente da acção à representação, na medida em que evolui da sua forma inicial de exercício sensório-motor para a sua segunda forma de jogo simbólico ou jogo de imaginação. É mesmo no terreno da evolução do jogo que os processos assimiladores característicos do início da representação individual se revestem, sem dúvida, de sua mais evidente forma (Piaget, 1975, p.11).*

Como tal, o símbolo aparece no desenvolvimento das crianças através da imitação, com o início da imaginação. Então o jogo, com as suas construções simbólicas cada vez mais ricas, permite a aparição do símbolo com o crescimento das crianças.

Por outro lado, o ato de inteligência termina num equilíbrio entre assimilação e acomodação, enquanto a imitação prolonga a última por si só. Deste modo podemos dizer que o jogo é, inversamente, uma assimilação que predomina sobre a acomodação e “uma simples assimilação funcional ou reprodutora” (Piaget, 1975, p.115). Como tal, o jogo da imaginação é uma transposição simbólica que sujeita as coisas às atividades do sujeito, sem regras nem limites. Portanto “com a socialização da criança, o jogo adota regras ou adapta cada vez mais a imaginação simbólica aos dados da realidade, sob a forma de construções ainda espontâneas imitando o real” (Piaget, 1975, p.116). As crianças identificam-se e projetam os seus sentimentos, desenvolvendo o imaginário através do jogo até à adolescência, tal como as suas necessidades, funcionando como pensamento planificado, existindo uma relação entre a atividade lúdica e a inteligência: podemos considerar o jogo como uma das principais ferramentas educacionais (Sousa, 2003).

Desta forma, apercebemo-nos de que a percepção e a memória são recursos fundamentais para a atividade criadora; assim, podemos distinguir dois impulsos fundamentais, o *reprodutor* e o *reprodutivo*, em toda a atividade do comportamento do homem (Vygotsky, 1930). Estes dois impulsos estão ligados à nossa memória e a sua essência reside no facto de o homem reproduzir ou repetir normas de conduta já criadas e elaboradas ou ressuscitar traços de impressões antigas. Assim, é importante para o homem conhecer o mundo que o rodeia, criando e promovendo hábitos que se repetem em circunstâncias idênticas, de maneira a encontrar ideias ou a transformá-las. Para isso é necessário usar o mecanismo da percepção, memória e inconsciente, na medida em que este vai criar processos mentais que se desenvolvem sem intervenção da consciência (Vygotsky, 1930).

Assim, a abordagem construtivista foi essencial na organização e condução das atividades de educação artística programadas, com o objetivo principal de levar as crianças, jovens e adultos a compreenderem melhor o mundo onde se inserem, promovendo o interesse pelo património, recursos endógenos e atividades artísticas. Como tal, nas atividades de *Calhondra, olha o xisto!* tentámos aplicar estes conceitos, ao projetar oficinas que explorassem o mundo sensorial, a invenção e a imaginação através, em muitos casos, do jogo e da experimentação, através de uma abordagem construtivista. As imagens serviram como ponto de exploração para a prática e análise da descodificação das atitudes e representações da arte pré-histórica, que através de conversas ou jogos de descoberta orientaram o público para o conhecimento. Desta forma, por meio de uma atitude construtivista e mediada pelo monitor, tentámos que crescesse na comunidade a vontade de preservar o património, os recursos naturais e a prática de atividades artísticas, em que a imaginação e a fantasia são conceitos fundamentais. (Figura 1). Portanto, o processo da aprendizagem torna-se mais relevante que o objeto final, já que, “não devemos esquecer que a lei fundamental da arte criadora infantil deve ser a de que o seu valor não reside no resultado, no produto da obra criadora, mas no próprio processo” (Vygotsky, 2009, p. 90).



**Figura 1** – Esquema do conceito das atividades da *Calhondra, olha o xisto!*

## 2.2 – Articulação das atividades com a comunidade

Lev Vygotsky e Piaget concluíram que a aprendizagem resulta de interações com o meio, incluindo com outros indivíduos (Yenawine, 2000). Também, Howard Gardner “sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente” (Gama, 1998),



afirmando que cada sociedade e cultura apreciam certas habilidades, estimulando a aprendizagem da mesma e a sua passagem para a próxima geração. Desta forma, a experiência com o ambiente em redor é um processo que permanece durante a vida, esculpido pela cultura, influenciado pela linguagem, crenças, afetado por valores e coisas nossas que caracterizam a nossa individualidade (Eisner, 2002). Nós, seres humanos, temos simultaneamente uma impressão pessoal e cultural das coisas que vivemos, mas, apesar destes fatores de mediação que personalizam e filtram a nossa experiência, o nosso contacto empírico com o mundo é feito através do nosso sistema sensorial e depende da nossa biologia (Eisner, 2002). Assim, não podemos esquecer que vivemos em comunidade e que “o homem da sociedade da informação necessita de situações de encontro, de convivência, da prática de ativismo, do dinamismo cultural e socioeducativo, das trocas de experiências vividas no grupo/ comunidade (Martins, 2001, p. 106). Desta forma, “o turismo, o meio ambiente, o património cultural, artístico e etnográfico e os recursos humanos constituem realidades sinérgicas inter-relacionadas pela perspetiva pedagógica, social, cultural e ambiental” (Martins, 2001, p. 105) que devem ser exploradas como recursos locais. Numa comunidade, como é o caso da de Vila Velha de Ródão, envolta no problema da crescente desertificação e envelhecimento da população, esta questão torna-se ainda mais pertinente. Por outro lado, atendendo à crise económica, social e ambiental, a educação artística é uma forma de luta contra estes problemas, ao valorizar as variadas expressões culturais e o património local.

*A erosão dos mecanismos tradicionais de gestão de crises, contribuíram para que se produzissem importantes transformações nos modos de se pensar as relações entre local e o global, bem como nos modos de se pensar as questões de desenvolvimento e a eventual contribuição da educação (Correia, Caramelo, 2001, p.88).*

Deste modo, é necessário reaver a visão holística da educação, permitindo que o Homem perceba as inter-relações que se manifestam na Natureza, tal como nas mediações sociais que fazem parte da história cultural. É neste sentido que “uma educação e ensino virados para a criatividade dos sentidos, e para os sentidos, e com sentidos, mantêm uma constante ligação com o mundo da vida” (Sardinha, 2006, p. 10). Assim, encontramos na educação artística as ferramentas necessárias para a construção de um projeto educativo que crie relações entre natureza, arte, história e tradição e que estabeleça relações entre a comunidade, valorizando o património cultural, tanto mais que, segundo Fontanel-Brassart e Rouquet (1977), a educação artística cuida tanto de construir um indivíduo, de o tornar apto a viver, quanto de lhe permitir inserir-se harmoniosamente numa sociedade em permanente evolução.

### 2.2.1 – Desenvolvimento local: crescer em comunidade

É preciso criar novas relações dentro da comunidade, desenvolver novas relações de vizinhança, preservar tradições – e tal deve ser feito através da educação. A ideia de educação artística não consiste apenas na formação da sensibilidade estética, do gosto pela beleza, mas sim de uma larga conceção na formação do Homem. A arte intervém em diversos planos da vida, como o intelectual, o afetivo e o moral (Sousa, 2003) e a educação artística também pode funcionar como um forma de inserção social e profissional dos nossos jovens, acompanhada de um conjunto de valores que os leve a participar e a colaborar nas questões da sua comunidade (Martins, 2001).

Assim sendo, iremos abordar de seguida a relação entre comunidade e aprendizagem, da parceria entre adultos e crianças, tal como das vantagens dos grupos multietários, baseados na teoria de Vygotsky, entre outras.

Assim começaremos com o exemplo da ação *Community of learners* que criou uma escola onde a parceria entre adultos e crianças é fundamental para o sucesso (Rogoff, Turkanis, Bartlett, 2001). Os alicerces de uma comunidade encontram-se habitualmente nas escolas, mas estas mantiveram-se praticamente iguais durante este último século e com as mesmas características em quase todo o mundo ocidental (Rogoff, Turkanis, Bartlett, 2001). Assim, as escolas tradicionais,

- São para todas as crianças;
- Segregam as crianças das atividades diárias dos adultos na sua comunidade;
- Isolam uma serie de crianças com um único adulto incumbido da sua educação;
- Agrupam crianças pelo seu nascimento num ensino estandardizado e *passo a passo*;
- Isolam a técnica e não a integram nas atividades;
- Tentam motivar as crianças ao quantificar o seu desempenho escolar.

Ora a maioria dos adultos considera estas práticas corretas e não consegue pensar que existem outros meios de aprendizagem. A este propósito, Rogoff, Turkanis, Bartlett, autoras do livro *Learning Together: Children and Adults in School Community* (2001) referem que durante milénios as crianças aprenderam as suas lições com a comunidade por participarem com os mais velhos nas atividades familiares mais importantes, tais como agricultura, pesca, comércio, religião, medicina, bem como nos princípios morais. As crianças eram iguais aos seus pais e avós, ajudando no que era preciso, e constataavam a importância de aprender estas ferramentas para a sobrevivência e obtenção do respeito da comunidade (Rogoff, Turkanis,

Bartlett, 2001). Não estamos a propor um retrocesso ou a incentivar o trabalho infantil, mas estas crianças percebiam a utilidade e a necessidade de executar essas tarefas, o que não acontece hoje em dia nas nossas escolas, em que o sistema educativo se encontra divorciado do quotidiano. Da forma referida pelas autoras, a aprendizagem era construída em colaboração com as atividades práticas e o propósito das atividades diárias e as razões da aprendizagem eram óbvias para as crianças. Aliás, quando as crianças não estão a ajudar, estão geralmente a brincar juntas, simulando atividades comunitárias como se participassem nelas, ao contrário da aprendizagem por graus cujos propósitos dos exercícios não necessitam de ser compreendidos. Anteriormente, na Europa, entre o século XVI e o XIX, as escolas agrupavam os alunos por progresso de saber e só no séc. XIX é que se começou a agrupar por idade, começando aos 6 anos de idade. As escolas, para além de receberem a tarefa de ensinar também tinham a função de supervisionar as crianças, enquanto os pais se encontravam no trabalho (Rogoff, Turkanis, Bartlett, 2001).

Rogoff, Turkanis, Bartlett, conceberam um método de ensino baseado na parceria entre pais, professores e crianças. De um modo colaborativo, são desenvolvidas atividades de aprendizagem entre adultos e crianças, coordenando responsabilidades na aprendizagem dos alunos. Assim sendo, os adultos (pais e professores) são responsáveis por guiar todo o processo de aprendizagem, ajudando as crianças nas suas tarefas e encorajando a autonomia quando estas desenvolvem atividades em conjunto. Esta perspetiva elimina a dicotomia adulto / controlo ao contrário da criança / aprendizagem controlada, já que os adultos são parceiros e não adversários. Como refere Dewey (1997) a sugestão do professor não é um molde de ferro, mas um ponto de partida para ser desenvolvida uma contribuição no plano do pensamento que é relacionado através da experiência de todos e traduzido em processo de aprendizagem.

Assim, uma verdadeira comunidade desenvolve uma história ao longo dos tempos e tem maneiras de lidar com as transições entre gerações já que, para continuar a funcionar, uma comunidade tem de se adaptar às mudanças dos tempos, experimentando novas ideias:

*O reconhecimento da comunidade como um recurso pertinente para assegurar o êxito de uma acção educativa ocupada na qualificação dos indivíduos (...) ora num contexto em que a globalização do mercado contribui para a desagregação das comunidades, o desenvolvimento local tem de se pensar também na sua contribuição para a recriação das comunidades, ou seja, para o estabelecimento de redes de relações densas que são qualificantes tanto dos indivíduos como das comunidades. Interessava-me pensar a comunidade como um projecto a construir, e não como recurso educativo, e interrogar o nosso trabalho como espaço de criação de dispositivos cujos destinatários já não são os indivíduos mas as comunidades/projectos com capacidade de deliberação e de se envolverem na narração de uma história comum (Correia, Caramelo, 2001, p.89).*

### 2.2.1.1 – As vantagens dos grupos multietários

Vygotsky, com a teoria da Zona de desenvolvimento proximal, considera que o desenvolvimento do conhecimento e do saber ocorre do social para o pessoal. Partindo deste princípio, é através da interação com um tutor que domina os conteúdos que o aluno aprende e progride. Assim, a Zona de desenvolvimento proximal “estabelece a distância entre o que a criança domina sozinha e o que ela domina com ajuda.” (Perraudau, 1996, p.60) Porém, esta interação social pela confrontação tem de ser feita em parceria por alunos cognitivamente próximos (Perraudau, 1996).

Também outros estudos revelam as vantagens dos grupos multietários afirmando que refletem a organização da sociedade a qual é formada por famílias e grupos de trabalho constituídos por diferentes idades (Bahia, 2006).

*Esta maior proximidade com a realidade proporciona o desenvolvimento de competências da vida como paciência, a empatia, a preocupação pelos outros, a cooperação, proporcionando uma experiência social mais abrangente, com oportunidades para liderar e seguir os outros, colaborar e estabelecer relações com os pares. A entreajuda é fomentada, pois os participantes não só aprendem com os outros, mas também se ensinam uns aos outros, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e algumas competências de gestão, liderança, adaptação e persuasão (Bahia, 2006, p139).*

Quando Vygotsky refere que grande parte da aprendizagem ocorre com os nossos *pares mais capazes*, significa, por outro lado, que na resolução de problemas, partilhar informação com os outros ajuda a dominar o problema, fazendo com que a aprendizagem seja mais duradora (Yenawine, 2000). Tal legitima a relação entre mediador/aluno. Para Vygotsky *mais capaz* significa aquele que tem um maior domínio de certas operações e aptidões, enquanto *pares* sugere igualdade. “Este emparelhamento de termos implica que a diferença entre o aluno e a outra pessoa mais capaz não precisa de ser muito grande. Pessoas com ligeiras capacidades diferentes podem ajudar-se mutuamente de um modo significativo” (Yenawine, 2000, p.196). É assim, legitimada a organização de grupos multietários, tanto organizados por crianças de faixas etárias diferentes, como por crianças em parceria com adultos. Porém Perraudau (1996), sobre a teoria de Vygotsky, alerta:

*Para o psicólogo, construir o saber consiste em determinar um processo que evite dois perigos. O primeiro é o de propor uma situação já dominada: o propósito é, neste caso, vazio de sentido para o aluno. O segundo consiste no seu contrário: uma situação de tal modo afastada dos esquemas adquiridos que a ajuda de um tutor, fora da zona, se revela inoperante. Com efeito, parece melhor que a criança tira melhor proveito quando o nível cognitivo do mediador é ligeiramente superior ao seu. Uma distância cognitiva demasiado grande implica, por parte do aluno auxiliado, a aceitação de um saber sem questionamento autêntico (Perraudau, 1996, p.62).*

Então, neste sentido, é necessário que as atividades abordem as tarefas em função das características e das necessidades dos participantes, bem como que as explicações se ajustem

ao nível de desenvolvimento cognitivo de cada um (Bahia, 2006), apesar de Bruner referir que a aprendizagem é um processo ativo e que os alunos conseguem aprender qualquer matéria desde que seja dada de forma adequada (Marques, s.d.). Assim, a atividade deste género “favorece o respeito e a valorização das diferenças individuais num clima não ameaçador e não competitivo”(Bahia, 2006, p.139) tal como “a heterogeneidade incentiva a escolha das tarefas em termos de interesses e de competências e proporciona também um maior desafio, porque a aprendizagem pode ser mais autónoma” (Bahia, 2006, p. 139).

Deste modo, nas atividades deste projeto *Calhondra, olha o xisto!*, preocupámo-nos em encontrar temas susceptíveis de motivar públicos de diferentes idades e que, através da cooperação, possam ser explorados sob diferentes ângulos. A partir dos recursos endógenos de Vila Velha de Ródão e dos fundamentos da educação artística, propusemos atividades que só através da partilha de experiências e saberes entre crianças, jovens, adultos e idosos podem ser resolvidas. O nosso interesse foi promover a colaboração dentro da comunidade e entre gerações, “um grupo de pares combina a sua perícia e interage até chegar a soluções. As crianças também aprendem melhor quando interagem com os seus pares” (Yenawine, 2000, p. 196). Por outro lado, tentámos oferecer outras propostas artísticas e culturais, procurando mudar mentalidades e desenvolver novas perspetivas para o desenvolvimento local.

*A democratização cultural comporta as formas de difundir e facultar à grande maioria da população os conhecimentos, obras e valores culturais elaborados ao longo da história. Mas a democracia cultural, que constitui a centralidade da animação sociocultural, tem objectivos de mudança com grupos e comunidades cada vez mais amplas, para que estes tenham possibilidades de participar na criação e formulação das decisões de valores que, de alguma forma, afectam as suas vidas. Em termos educativos, este desenvolvimento cultural contribui para uma maior igualdade de oportunidade e referencia-se pelo grau de desenvolvimento do nível educacional e de consumo de bens culturais a que estas populações têm acesso (Trilla, cit. por Gomes, Machado, Silveira, 2002, p.44).*

Assim, pretendemos que o projeto *Calhondra, olha o xisto!* através das suas práticas construísse uma comunidade mais ativa no desenvolvimento cultural local, apostando nos seus recursos ambientais e artísticos, valorizando Vila Velha de Ródão de diversas formas.

### **3 – Contexto económico, social e cultural de V. V. Ródão**

#### **3.1 – Características gerais de Vila Velha de Ródão**

Vila Velha de Ródão é uma vila portuguesa, sede de concelho com o mesmo nome, localizada na Beira Baixa, no Distrito de Castelo Branco. O município tem cerca de 330 Km<sup>2</sup> de extensão e é banhado pelos rios Tejo, Ocrea e pelas ribeiras do Açafal, Coxerro e Salgueiral. Este concelho faz fronteira com a vizinha Espanha (Cedillo), com as províncias do Alentejo (Nisa) e Ribatejo (Mação) e com mais dois municípios da Beira Baixa, Proença-a-Nova e Castelo Branco. Vila Velha de Ródão é composta por quatro freguesias, Fratel, Perais, Sarnadas de Ródão e Vila Velha de Ródão. Nesta última, sede do projeto *Calhondra, olha o xisto!* habitam cerca de 2.500 pessoas, na sua maioria idosos.

##### **3.1.2 – Instituições e equipamentos**

Vila Velha de Ródão como sede de concelho é fornecida por diversos serviços e equipamentos públicos e privados, tais como escolas, centro de saúde, cafés, supermercados, pousada, instituições culturais e de serviço público, entre outros. Em relação aos equipamentos escolares encontramos o Jardim de Infância de Porto do Tejo, a Escola EB1 de Vila Velha de Ródão e, por fim, a Escola do 2º e 3º ciclo de Vila Velha de Ródão. A Santa Casa da Misericórdia, além de albergar um Lar de Idosos, também oferece o serviço de creche e acolhe crianças dos 0 aos 3 anos.

A nível cultural encontramos a Biblioteca Municipal José Batista Martins (onde se desenvolveu *Calhondra, olha o xisto!*). Aberta desde setembro de 2008, esta instituição trabalha constantemente com a comunidade; salientamos o projeto *Vidas e Memórias de uma Comunidade* e a revista de poesia *É absolutamente certo*, entre outras atividades educacionais. Para além da biblioteca, Ródão oferece exposições, sessões de cinema e dispõe de um anfiteatro na Casa de Artes e Cultura do Tejo. A mais antiga, o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, alberga uma exposição permanente de arqueologia, geologia e de paleontologia, onde se encontram três gravuras rupestres originais e diversos instrumentos e artefactos desde o neolítico até à idade romana. Este espaço está atualmente a ser renovado, tendo aí surgido recentemente uma loja ligada à arte rupestre do concelho. A exposição permanente pode ser visitada durante o horário de funcionamento do CMCD, mas não dispõe de serviço educativo e todas as visitas guiadas são feitas por organizações exteriores. Este centro organiza a Escola de Ténis e de Futebol de Ródão, e também o grupo tradicional *Modas de Ródão*. Uma outra instituição a salientar é a Associação

de Estudos do Alto Tejo. Dedicar-se à promoção, investigação e educação do património, em especial do arqueológico, publicando a revista online *Açaфа*.

Atualmente encerrado, praticamente, o CENTA, Centro de Estudos e Novas Tendências Artísticas, localizado numa quinta biológica em Vila Velha de Ródão, desenvolveu anteriormente um trabalho exemplar na comunidade rural. Dedicado ao apoio da criação artística contemporânea e funcionando como residência artística, trabalhou no envolvimento dos artistas com a população. Com inúmeros projetos artísticos, salienta-se a ação *Experimenta o Campo* (2006/ 2007) no âmbito da qual alunos do ensino superior da área do Design e da Cultura Visual da Escola Superior de Artes Visuais das Caldas da Rainha trabalharam com a comunidade, relacionando artesanato local e design. O CENTA também elaborou parcerias com as escolas locais, onde desenvolveu oficinas de dança, teatro e de artes visuais. Neste momento, funciona apenas ocasionalmente como residência artística, mas já sem ligação aos seus anteriores projetos.

Em relação aos equipamentos sociais, encontramos o Centro de Saúde de Vila Velha de Ródão e o Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia. Em relação ao lazer e desporto, contam-se o Estádio Municipal de Vila Velha de Ródão, o Pavilhão Polidesportivo da Escola EB 2,3 de Vila Velha de Ródão, o Recinto de Festas de Nossa Senhora da Alagada, o Parque de Merendas no Castelo do Rei Wamba e da Senhora do Castelo e as Piscinas Municipais de Vila Velha de Ródão.

São exemplos mais emblemáticos do património histórico, cultural e natural, o Largo do Pelourinho, a capela da Nossa Senhora da Alagada, a Ermida da Nossa Senhora do Castelo, o Castelo do Rei Wamba, as Portas de Ródão, o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, a ponte Romana e a Estação Arqueológica da Foz do Enxarrique.

### **3.1.3 – História de Vila Velha de Ródão**

Vila Velha de Ródão foi, durante muitos séculos, ponto estratégico militar, importante porto e zona agrícola, na região. Fazia parte da Herdade da Açaфа, doada em 1189 aos Templários por D. Sancho I, sendo o seu povoamento anterior a essa altura (Batista, 2001). Dadas as suas características geográficas, constituía um local de fronteira defensiva cristã face aos mouros, sendo edificado nas Portas de Ródão o castelo do Rei Wamba, envolto numa lenda que persiste até aos nossos dias (ver anexo C). Nos séculos XVIII e XIX ocorreram em Vila Velha de Ródão um conjunto de ações militares – no contexto da Guerra dos Sete Anos e das Invasões Francesas. Deste modo, são construídos à volta do Tejo torres de vigia, o

castelo medieval é reforçado e instalam-se bases nas portas de Ródão para impedir que as tropas invasoras passem.

O rio Tejo foi um elemento importante na história desta Vila – além de albergar um importante núcleo de arte rupestre, também, durante muitos séculos, constituiu o meio mais importante de subsistência da região, ao permitir a circulação de pessoas e de mercadorias que abasteciam o interior e o litoral do país. O Tejo desempenhava também um importante papel nas ligações entre Portugal e Espanha. Como tal, em 1875 ainda existam cerca de 278 embarcações comerciais entre Ródão e Abrantes.

*A navegação do Tejo é um sonho com tradições históricas. Através dos séculos, os governos português e espanhol tiveram a preocupação de transformar o rio numa via navegável, que drenasse para Lisboa as potencialidades económicas de uma zona actualmente pobre tanto em Espanha como em Portugal.*

*O engenheiro hidráulico italiano Antonelli, ao serviço de D. Filipe II, tentou estudar as possibilidades do Tejo a partir de Madrid. Navegou de Abrantes a Alcântara, e, em 1582, numa chalupa de quatro remos, subiu Alcântara a Toledo. Depois continuou até Aranjuez, entro no Jarama e, pelo canal, aproximou-se de Madrid. Voltou a Toledo e veio depois até Lisboa. E parece que Christobal Rodas, sobrinho de Antonelli, desceu de Toledo a Lisboa em 13 dias. Outras viagens se fizeram em 1588, 1589 e 1641 e mais tarde*  
(Batista, 2001, cit. Araújo Correia, p.104).

A estrada pastoril sobre as antigas vias romanas era igualmente importante em Ródão. Ao longo do Tejo, encontravam-se os antigos caminhos de sirga (foram substituídos pelos caminhos de ferro e, com a construção das barragens do Fratel e Belver, foram praticamente submergidos), pois a travessia e a navegação no rio, em certos sítios, era complicada e estes caminhos eram indispensáveis para o efeito. Até à construção da ponte metálica sobre o rio, em 1888, os animais em transumância atravessavam o rio em barcas construídas para o efeito, levando, no verão, os animais para os frescos pastos da Serra da Estrela e, no inverno, no sentido inverso, em direção à planície alentejana.

A partir do século XIX, o porto começa a perder a sua importância estratégica e económica, começando, em alternativa, a exploração, no Tejo e afluentes, de cobre e ouro, até ao séc. XX e, com os caminhos-de-ferro, introduz-se a olivicultura intensiva nesta região.

### **3.2 – Contexto da ação e recursos endógenos de Vila Velha de Ródão**

Atualmente, perdida a importância portuária e defensiva, Ródão vive essencialmente dos setores ligados à agricultura (produção de ovinos, caprinos, suínos, empresas de transformação, como queijarias, lagares e carnes) e da indústria (CELTEJO e Centroliva) que empregam mais de uma centena de pessoas, embora estas, na sua maioria, não habitem no



concelho. Com o problema da crescente desertificação, da crescente poluição fabril, e com uma população residente cada vez mais envelhecida, o presente projeto pretendeu evidenciar os recursos endógenos desta terra, através da educação artística, tentando criar uma maior unidade entre a comunidade e apresentar novas opções de valorização locais. Entre os recursos endógenos mais característicos de Vila Velha de Ródão, salientamos (ver tabela): as Portas de Ródão; flora (zimbros, sobreiros, oliveiras) e fauna (comunidade de grifos residentes nas portas de Ródão); lendas; regionalismos; monumentos. A agricultura, a gastronomia e o artesanato são as atividades económicas mais importantes na região, onde se destaca o azeite, queijo amarelo da Beira Baixa, doces regionais e tecelagem em linho. Por fim, referimos as gravuras rupestres do Vale do Tejo, que poderiam ter um papel de combate à desertificação, ao valorizar as potencialidades culturais e turísticas da região, através de políticas adequadas.

Este núcleo, com cerca de 40.000 gravuras, completou, em 2011/2012, quarenta anos da sua descoberta, estando neste momento a ser classificado pelo IGESPAR. Estas gravuras estão na sua maioria submersas pelas águas da Barragem do Fratel, construída dois anos após a sua descoberta. Deste modo, este património, subestimado nos anos 70, poderia trazer à região uma riqueza intemporal, cultural e económica, a qual uma barragem nunca conseguirá obter. O nome do projeto *Calhondra, Olha o Xisto!*, parte desta situação, como já referimos, uma vez que as gravuras rupestres (picotadas sobre os bancos xistosos do Tejo) se encontram quase todas submersas, e só as calhondras e os peixes têm acesso a todas essas gravuras. “Calhondra”, como já dissemos, é uma expressão popular que significa cobra-de-água, também funcionando como insulto, dada a sua capacidade de penetrar, de se intrometer.

**Quadro 1 – Recursos endógenos de Vila Velha de Ródão**

<b>Categoria</b>	<b>Recursos endógenos</b>	<b>Características e significados</b>
Expressões orais	Acalitro, Calitro	eucalipto
	Almude e Alqueire	medidas antigas, de origem árabe
	Acincho, cincho	(aro para fazer o queijo)
	Aventar	deitar fora, atirar
	Broinha	pequeno bolo doce
	Boer	beber
	Borralhão	queimada de mato com terra,
	Caçola	tacho de barro
	Calhondra	cobra de água
	Calhondrice	chorrillo de baboseiras
	Crapinteiro, Carapinteiro	carpinteiro
	Filhoses	filhós
	Pata choca	mulher vagarosa no andar

	Tonho, Antonho	António
	Tortulhos, Tartulhos	termo geral para cogumelos
	Zeitona	azeitona
Lendas	Lenda do Rei Wamba	Ver anexo C
	Lenda da Senhora do Castelo	Ver anexo C
	Lenda da Senhora da Alagada	Ver anexo C
	Lenda de Vale Mourão	Ver anexo C
Artesanato	tecelagem de linho com teares de madeira, bordados, redas	Tecidos, linhas, croché
	Rodilhas	Peça redonda usada na cabeça para ajudar a transportar pesos
	mantas de ourelos	Mantas de trapos
	trabalhos em ferro forjado	Serralharia artística
Gastronomia	Sopas de Peixe	Feito com peixe do rio tejo
	enchidos, presunto,	Carne de porco
	maranhos	Enchido de carne de cabra
	Queijo amarelo da beira Baixa,	Queijo feito com leite de cabra e ovelha
	Azeite	Azeitona galega
	filhós, farófias, cavacas, broas de mel	Doces regionais
	Tigelada da beira	Espécie de pudim
Arquiteturas	Castelo do Rei Wamba	Torre atalaia, século VII
	Ponte Romana do Açafal	Ponte em xisto
	Pelourinho	Estilo manuelino séc. XVI
	Igreja Matriz,	Igreja séc. XIX
	Capela da N.ª S.ª do Castelo	Capela do séc. XVI/XVII
	Capela da N.ª S.ª da Alagada	Capela séc. XVII
	Aldeia de xisto – Foz do Cibrão	Rota das aldeias de xisto
	Lagar de Varas	Lagar tradicional
	Muros de xisto nos montes	Muros de suporte das oliveiras
	Muros de sirga do Tejo	Caminhos que serviam para ajudar na passagem do rio
Geológicos Paleontológicos Arqueológicos	Portas de Ródão	Monumento natural
	Troncos fósseis	árvore atribuída a Annonoxylon teixeirae,
	Estação arqueológica da Foz do Enxarrique	Estação do período Paleolítico Médio e Inferior, foram descobertos vestígios de um acampamento romano
	Complexo de arte rupestre do Vale do Tejo	Gravuras e pinturas rupestres
Fauna e Flora	Grifo, cegonha-preta, milhafre-real, milhafre-preto, abutre-preto, águia, águia-perdigueira, narceja, bufo-real, ferreirinha-serrana, papa-moscas, gavião, andorinhas das rochas, melros-azuis	Aves (algumas em perigo de extinção)
	Barbo, a Boga, a Carpa, Lúcio, Achigã, Enguia, Perca, Tenca, Lagostim, o Sável e o Bordalo	Peixes e crustáceos

	Cágado de carapaça estriada, osga turca, cobra de ferradura, víbora cornuda; Tritão de ventre laranja, sapo parteiro e salamandra Ibérica.	Repteis e anfíbios (algumas em perigo de extinção)
	Veado, raposa, javali, ginete, saca-rabos, gato-bravo, lontras, lebre e coelho-bravo	Mamíferos (algumas em perigo de extinção)
	Folhado, sanguinho das sebes, arneira, esteva, giesta, rosmaninho, zimbro, murta, medronheiro, urze, alecrim, carrasqueira, azinheira, oliveiras, sobreiro	Árvores e plantas (Algumas espécies protegidas)

### 3.2.1 – História da descoberta: gravuras rupestres do Vale do Tejo

Em outubro de 1971, quatro membros do «grupo para o estudo do Paleolítico Português do M.N. de Arqueologia e Etnologia de Lisboa» (Francisco S. Lemos, Jorge P. Monteiro, Maria Querol e Susana R. Lopes) deslocaram-se ao concelho de Vila Velha de Ródão para averiguarem informação dada pelo etnólogo Paulo Caratão Soromenho sobre a existência de *pedras escritas* nas margens do Tejo, próximas da Estação ferroviária do Fratel (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p. 9). Assim, com a colaboração de um pescador da zona, a equipa assinala os primeiros conjuntos de arte rupestre, registando fotograficamente e executando decalques das mesmas, na atual Estação Arqueológica do Fratel.

Deste modo, em 1972, a Junta Nacional da Educação dá autorização para avançar com as prospeções no atual Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT), já que a construção da Barragem do Fratel estava iminente, havendo o perigo de inundação da área. É assim que se iniciam campanhas de salvamento arqueológico, com a ajuda dos alunos de pré-história da Faculdade de Letras de Lisboa, em vários locais, e em contra relógio. Com o Apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, verifica-se a descoberta de mais estações: Chão da Velha e Cascalheira do Tejo. Verificou-se o apoio do Ministério da Educação Nacional para as operações de salvamento das informações mais ameaçadas pela construção a barragem. Tal permitiu o salvamento por registo, produzindo mais de 1.500 moldagens em latex e respetiva documentação fotográfica. A cópia das gravuras foi feita com um material à base de borracha sintética líquida (Revultex) ensinada por Michel Brézillon. Depois dos moldes serem feitos, foram elaboradas peças em gesso e pintadas com as cores naturais das rochas (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972).

Foi dada grande importância nos jornais e revistas, nacionais e estrangeiros, a este achado, dizendo-se que, dentro do domínio de arte rupestre peninsular e europeia, esta foi umas das mais importantes descobertas (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p. 9).

A inundação do enchimento das barragens d -se no verão de 1973, mas o seu levantamento arqueológico continuou a ser feito até 1978, e ainda hoje estão a ser estudadas várias áreas do CARVT.

### **3.2.3 – Localiza o e características do CARVT**

O complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT) distribui-se, ao longo de 40 km, pelos bancos xistosos-grauv ticos das margens do Tejo, entre a barragem de Cedilho, em Espanha, até   foz do Ocreza, chegando   barragem de Pracana (anexo A). Esta   a maior concentra o de gravuras rupestres pr -históricas da Península Ibérica, calculando-se em cerca de 40.000 gravuras disseminadas por cerca de 1.500 rochas, nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Nisa e Maço (alguns exemplos no anexo B). As maiores aglomera es submersas encontram-se no Fratel, Cachão do Algarve e S. Simão, e fora de água, em S. Simão, Gardete e Ocreza. S. Simão   visit vel por barco, e a Esta o Arqueológica do Gardete   acessível por terra.

*As portas de Ródão, localizadas sensivelmente a meio deste vastíssimo santuário de ar livre, podem considerar-se como um dos axis-mundi deste amplo território sacralizado e monumentalizado através da arte rupestre, uma das mais importantes memórias presenciais do imaginário pr -histórico em Portugal. (Baptista, M., 19--?)*

### **3.2.4-Técnica e cronologia**

As gravuras rupestres utilizam a técnica da picotagem sobre as plataformas xistosas, quase sempre colocadas na horizontal, em diferentes níveis de bancadas, em ambas as margens do rio. Santos Júnior designou esta técnica por *litost cticas*, isto   “obtidas picando a rocha, e marcando nela o respetivo sinal por abla o de lascas sucessivas que se fazem saltar a pico ou a ponteiro” (Santos Júnior, cit. por Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p.16). O desgaste elaborado ao longo dos mil nios criou ótimas superfícies para a grava o, e as condi es geológicas da região foram favoráveis   preserva o das gravuras rupestres.

Os motivos mais vulgares são de caracter abstracto simbólico, destacando-se os círculos, as combina es circulares e geométricas. Como tal, estas representa es inserem-se, na sua maioria, no mundo da arte esquemática p s-glacial. Porém, a descoberta no Ocreza de uma gravura de um cavalo, ao estilo gravettense, fez com que a cronologia do CARVT fosse recuada, estando em consonância com gravuras idênticas da fase plistoc nica do Coa (com mais de 22.000 anos). Deste modo, a maioria das gravuras do Tejo encontram-se entre o Epipaleolítico ou Neolítico antigo e a primeira fase da Idade do Bronze (Baptista, 19--?). Porém, os investigadores envolvidos concordam em colocar o CARVT na Pr -história recente, mas dividem-se na sua data o.

*Os arqueólogos que têm estudado a arte rupestre do Tejo não são unânimes no que respeita à sua periodização e datação. São basicamente quatro teses até hoje defendidas a este respeito. Eduardo da Cunha Serrão propôs dois períodos de gravação. O primeiro começaria no Neolítico Antigo (5500 a. C.) terminando na Idade do Bronze (1750 a. C.). O segundo período teria o seu auge cerca de 700 a. C na Idade do Ferro. Emmanuel Anati reconheceu também, dois grandes períodos de gravação. O primeiro ocuparia o Epipaleolítico (6500 a. C.) e o segundo o Neolítico Final (3000 a. C.). Mário Varela Gomes defende a existência de longa evolução crono-estilística, com seis principais períodos de gravação pré e proto-histórico (Arcaico, Estilizado-Estático, Estilizado-Dinâmico, Meridional, Atlântico, Circulos-e-linhas) remontando o mais antigo Epipaleolítico e o mais recente aos alvares da Idade do Ferro, num ciclo de quase 6000 anos de duração. (Henriques, F; Caninas, J.; Gouveia, J. 19--?)*

Estas manifestações rupestres revelam modos de expressão e de pensamento fora do nosso alcance:

*Como referem alguns arqueólogos envolvidos na sua descoberta «a arte rupestre representa uma forma de mentalidade, uma epistemologia completamente diferente da nossa (...) constante prudência no esboçar de conclusões sobre as mesmas. (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p. 9)*

### **3.2.5 – Temática e formas apresentadas no CARVT**

O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo apresenta uma grande concentração de gravuras rupestres: zoomórficas, antropomórficas, astrais e geométricas (ver anexo B). Podemos enquadrar estes quatro motivos em três grupos genéricos: geométricos-simbólicos, zoomórficos e antropomórficos (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972). No primeiro grupo, geométricos-simbólicos, encontram-se representações que têm por base uma forma geométrica, localizando-se nesta secção o grupo das gravuras rupestres astrais e geométricas. Portanto, deparamo-nos com circunferências ou círculos, formas circulares raiadas e formas com base em espirais. As gravuras pertencentes ao segundo grupo, zoomórficos, apresentam um caráter naturalista, aparecendo representações de capríneos, cervídeos, canídeos e de um ursídeo, sendo os veados os animais mais predominantes no CARVT (Baptista, 19--?). Os animais, habitualmente, têm as cabeças representadas a cheio e os “corpos podem ser figurados por três sistemas distintos: indicação do contorno por uma linha continua (...); picotagem total do corpo; delineamento do contorno por um traço contínuo, apresentando no interior pontos esparsos.” (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p. 20). Por último, os motivos antropomorfos: apresentam dois géneros, um naturalista (com linhas curvas) e um esquemático (com linhas retas).

Deste modo, a simbologia parece fortemente mitográfica, estando ausente o caráter narrativo, e parece mostrar que o local tivesse sido usado como um vasto santuário a céu aberto (Henriques, F; Caninas, J.; Gouveia, J. 19--?).

Com efeito, as gravuras facultam elementos sobre a vida quotidiana do homem da pré-história, meio ambiente, fauna, flora, costumes e tecnologia, “mas acima de tudo, as estações de arte rupestre são de um grande valor *em si*, pois nos dão diretamente acesso à mentalidade, à sensibilidade religiosa e estética” (Jorge; Lemos; Monteiro; Querol; Serrão, 1972, p. 10).

### **3.2.6 – O que já foi feito**

Nos últimos anos, o município de Vila Velha de Ródão tem apostado na divulgação do património pré-histórico, apesar do CARVT ter poucas áreas visitáveis no concelho. Porém, a empresa que explora as viagens de barco às gravuras encontra-se em Ródão, o que é uma mais-valia. Em 2012, paralelamente ao projeto *Calhondra*, foram colocados grandes murais em sítios estratégicos na Vila, chamando a atenção para o património do CARVT.

A exposição permanente *Arqueologia de Ródão*, que se encontra atualmente no CMCD, inaugurou-se em 28 de junho de 2003, durante a abertura da Feira das Atividades Económicas de V. V. Ródão, que se realiza anualmente. Foi também elaborado, na altura, um folheto explicativo com as áreas do museu, cujos textos foram feitos por Luís Raposo, João Caninas, Francisco Henriques e Jorge Gouveia. Estes também foram responsáveis pela curadoria, excetuando o último. Posteriormente, a exposição permanente sofreu abandono, mas todo o espaço se encontra em renovação, como já foi anteriormente referido. O Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Vale do Tejo foi responsável pela publicação de vários folhetos explicativos, pela revista on-line *Açafa* e por organizar visitas e programas educativos com a comunidade, ocasionalmente. Por último, a Câmara Municipal organiza conferências sobre o tema (habitualmente na Casa das Artes de V.V. Ródão), e publica folhetos e informação sobre o CARVT. Em conclusão, encontrámos nas gravuras rupestres um elemento unificador para o nosso projeto, agindo como porta-voz do património cultural de Vila Velha de Ródão.

## Parte II: Metodologia do projeto

### 4 – *Calhondra, olha o xisto!* Metodologia e justificação

#### 4.1 – As fases do projeto

Nesta segunda parte da dissertação, iremos analisar as fases necessárias para a concretização do projeto *Calhondra, olha o xisto!*, bem como a sua justificação. A metodologia aplicada foi a da separação temporal dos diferentes momentos por fases, definindo os objetivos de cada um. Decidimos agrupar várias ordens de trabalhos em dois grandes grupos, simplificando a organização. Assim, encontramos a **logística** e **programação/ atividades**, as quais se desmembram em várias subáreas, como se pode observar no Quadro 2. Deste modo, dividimos a ação em quatro fases, com os seguintes objetivos:

1ª fase: outubro a dezembro – conceito;

2ª fase: dezembro a fevereiro – preparativos das atividades;

3ª fase: fevereiro a Junho – atividades;

4ª fase: junho a julho – encerramento;

**Quadro 2** – As fases do projeto

	<b>Logística</b> (espaço, transportes, comunicação/divulgação, marcações)	<b>Programação e atividades</b> (Objetivos, públicos, Pré- programação e mensal)	<b>Objetivos das fases</b>
Out-Dez <b>1ª Fase</b>	Espaço	Construção do conceito do projeto	Definição do conceito do projeto e do espaço
Dez.Fev. <b>2ª Fase</b>	Orçamento materiais, divulgação, comunicação	Definição dos objetivos e das atividades, pré-programação e distribuição nas escolas.	Preparativos das atividades e divulgação (população e escolas)
Fev.-Jun <b>3ª Fase.</b>	Divulgação, marcações comunicação, Transportes,	Retificação da programação mensal: marcações e públicos	Início da <i>Calhondra, olha o xisto!</i> – atividades
Jun.-Jul <b>4ª Fase</b>	Divulgação e comunicação, Montagem exposição	Inauguração exposição	Encerramento: Exposição <i>Calhondra, olha o xisto!</i>

## **1ª Fase**

Antes, sequer, de acertarmos a duração, local e objetivos específicos do projeto, tínhamos a certeza de que queríamos construir uma ação sólida que envolvesse a comunidade rodense e trabalhasse conteúdos relacionados com a educação artística e com os recursos endógenos locais. Paralelamente, a 28 de outubro de 2011, realizou-se uma *Conferência da Comemoração dos Quarenta Anos de Descoberta da Arte Rupestre do Tejo*, no CACTejo, e apercebemo-nos de que este recurso endógeno poderia servir como elo de ligação neste projeto educativo, já que facilmente se abordariam os temas desejados, tendo a educação estética e artística como matriz.

Assim, após o contacto efetuado com o CIART e a BMJBM sobre as nossas intenções, a segunda adere imediatamente, oferecendo as suas instalações e meios para a execução da ação. Deste modo, fica definido que as atividades iriam iniciar-se em fevereiro, terminando em junho. Entre meados de junho e julho, seria inaugurada uma exposição com os trabalhos executados durante a ação.

## **2ª Fase**

Nesta segunda fase do projeto, preparámos todos o material e logística necessários para iniciar as atividades em fevereiro. Deste modo, durante dezembro e janeiro elaborámos uma programação provisória com as atividades para os cinco meses da ação (Apêndice A), definimos públicos-alvo e os materiais necessários para as atividades, tal como um orçamento provisório com os gastos do projeto (Apêndice B) para entregar à BMJBM.

O passo seguinte foi a definição do nome do projeto e dos materiais de comunicação necessários, como logotipos, cartazes e *flyers*. Assim como a preparação de informação para a imprensa (Apêndice J) e para as escolas (Apêndice C) e, por fim, a elaboração de uma página de *Facebook* (<http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto>) com todas as informações do projeto (Apêndice I).

## **3ª Fase**

Esta fase foi dedicada à elaboração dos preparativos práticos das atividades e sua execução. Deste modo, as oficinas iniciaram-se a 3 de fevereiro e terminaram a 23 de junho, tendo a ação a duração de cinco meses. Durante este período, foi necessário acertar a programação mensal como, por exemplo, acrescentar e retirar atividades. As marcações das escolas proporcionaram muitos dias extra de oficinas que não estavam previstos. Inicialmente,



só iríamos realizar oficinas de 15 em 15 dias, às sextas-feiras à tarde e aos sábados de manhã, mas tivemos que acrescentar também a quinta-feira. Portanto, foi também necessário reajustar as questões logísticas inerentes à ação, situação em que foi imprescindível a ajuda da BMJBM: receber as marcações, fazer telefonemas de confirmação, tratar dos transportes e questões de espaço. Para além do trabalho contínuo nas atividades, foi ainda necessário elaborar e produzir cartazes e *flyers* para distribuição em Vila Velha de Ródão, bem como elaborar material escrito e fotográfico para a comunicação social.

#### **4ª fase**

Neste último momento do projeto, preparámos o encerramento das atividades da *Calhondra, olha o xisto!* Para tal, decidimos organizar uma exposição em Vila Velha de Ródão, de 15 de junho a 1 de julho, com os trabalhos executados durante o projeto. A exposição decorreu em duas fases, correspondendo a dois locais de exposição das peças, sendo a primeira, de 15 a 29 de junho, em vários locais da Vila de Ródão e a segunda, de 29 a 1 de julho, na Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia que se realiza anualmente na vila. Para tal, foi necessário proceder à montagem das peças nos dias 13 e 14 de junho e à colocação de legendas e de cartazes da exposição. A inauguração decorreu no dia a seguir, à tarde, na BMJBM com um pequeno cocktail. Posteriormente, no dia 28 junho, foi necessário montar a segunda fase da exposição no local da Feira.

A terminar procedemos, no final da exposição *Calhondra, olha o xisto!*, ao encerramento do projeto com a desmontagem das peças. A BMJBM ofereceu-se para expor uma das peças das oficinas, durante o Verão, na Biblioteca, manifestando assim o seu interesse.

## **4.2 – Logística do projeto**

### **4.2.1 – Apoio BMJBM**

Em relação às questões de logística, o apoio da BMJBM foi de extrema importância, assegurando a resolução de problemas e o auxílio durante os períodos sem atividades. Como instituição municipal, goza de um conjunto de serviços que colocou ao dispor da *Calhondra, olha o xisto!* como, por exemplo, a compra de material necessário para as atividades, uma carrinha de nove lugares e a requisição municipal de transportes para as escolas que necessitassem de deslocação. Forneceu, também, uma rede ampla de contactos que facilitou a marcação de atividades. Funcionou como intermediário entre a população, escolas e a

organização do projeto; igualmente procedeu à divulgação e à impressão do material publicitário, encaminhando o *press release*, a programação e as notícias para o sistema de divulgação da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

As atividades de *Calhondra* no interior realizaram-se sempre no mesmo espaço da Biblioteca: o local reservado à literatura infanto-juvenil, equipado com mesas, cadeiras, material audiovisual e sala do conto. Reservaram-nos uma estante para a colocação das peças executadas, tal como espaço de arrumação de material (Figura 2), tendo sido também neste espaço que decorreu a inauguração da exposição.



**Figura 2** – Estante reservada para o projeto *Calhondra*, olha o xisto!

#### **4.2.2 – Comunicação e divulgação**

A área da comunicação foi constituída, fundamentalmente, pelo design e pela criação de material de apoio à divulgação das atividades. Em relação ao design, foi necessário criar uma imagem apelativa que conseguisse chegar ao maior número de pessoas. Para tal, pedimos a um profissional – neste caso, o designer Rui Guerra – que elaborasse o material necessário. Ele foi incumbido de produzir o logotipo do projeto (Figura 4), cartazes A3 (Figuras 5 a 10) e *flyer* A6 (Figuras 11 e 12) com a programação mensal, uma *T'shirt* comemorativa do Dia da Criança (Figura 3), convite para a inauguração da exposição (Figura 13) e, por fim, a imagem de capa da nossa página no *facebook*, (para consultar estes materiais com melhor definição consultar Apêndices D, E, F, G, e H).



Figura 3 – T-shirt, desenhada por Rui Guerra.



Figura 4 – Logótipo do projeto, desenhado por Rui Guerra.



Figura 5, 6, 7 – Poster A3 fevereiro, março e abril concebidos por Rui Guerra.



Figura 8, 9 e 10 – Poster A3 maio, junho e exposição Calhondra, olha o xisto!



Figura 11, 12e 13 – Flyer A6 março, abril e convite da exposição.

Para além do material de design, foi também essencial criar o documento *Escolas* (Apêndice C) com a programação para as instituições de ensino. Esse material foi entregue via *e-mail*, ou em mão, nas visitas que fizemos às instituições.

Para além destas vias de divulgação, todos os meses foi colocada a programação da *Calhondra na Agenda Cultural de Vila Velha de Ródão*, posteriormente distribuída à população. Também na página de *facebook*: <http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto> foi possível acompanhar as atividades das crianças e adultos e visualizar fotos e informação (Apêndice I). Por fim, a divulgação na imprensa fez-se com o envio de *press-releases*, informações e fotografias relevantes sobre as atividades de *Calhondra, olha o xisto!* (Apêndice J).

#### 4.3 – Programação/ atividades:

##### 4.3.1-Objetivos das atividades e público-alvo

Desejávamos que o projeto fosse pluridisciplinar, abarcando diferentes áreas de saber (artes, literatura, ciências) e que a comunidade sentisse pertença nas atividades propostas. Dada a situação geográfica e sócio-cultural da população rodense, o acesso à cultura e às atividades artísticas são diminutas e as existentes habitualmente não têm muita adesão por parte da população, mesmo que a oferta seja gratuita. Portanto, estávamos empenhados, logo desde o início, em tornar a comunidade fruidora de arte e sensibilizá-la para o património cultural existente na sua zona.

Deste modo, os objetivos gerais foram cinco:

**1 – Motivar a comunidade para a preservação do património material e imaterial:**

gravuras rupestres do Vale do Tejo / lavoures/ fauna e flora/ tradição oral.

**2** – Desenvolver a imaginação, percepção visual e o pensamento crítico.

**3** – Reforçar e desenvolver a atividade plástica.

**4** – Mudar as práticas culturais: familiares/ escolares: agir como poder replicador.

**5** – Reforçar a importância dos mais velhos na passagem de saber.

Portanto, as atividades programadas foram dirigidas a três tipos de público:

**1 – Público escolas:** atividades dirigidas ao público escolar.

**2 – Público infanto-juvenil:** atividades para bebés, crianças e jovens.

**3 – Público geral:** atividades dirigidas às famílias ou grupos multietários, compostos por participantes de todas as idades (crianças, adolescente, adultos e idosos).

Apesar desta divisão em três áreas distintas, as atividades na programação pública encontram-se dirigidas a faixas etárias específicas, porque permite, por exemplo, que as escolas possam marcar também essas oficinas se o desejarem, podendo haver, em simultâneo, crianças individuais e uma turma na mesma atividade.

#### **4.3.2 – Atividades dirigidas às escolas**

As atividades programadas tentaram ser o mais pluridisciplinares possível, tentando abarcar diversas disciplinas escolares. Em baixo, encontra-se a lista das atividades propostas às escolas enviadas no programa *Escolas*, bem como as disciplinas que se relacionam com as mesmas:

- *Pigmentos ovo e já está!* (Ciências da Natureza, Artes Plásticas, História) 3-17 anos
- *A forma da Calhondra* (Ciências da Natureza, Artes plásticas) 6-10 anos
- *Imagem história, história mito, mito memória* (História, Português) 8 – 17 anos
- *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres* (Educação Física, Artes Plásticas, Ciências da Natureza) 3-17 anos
- *Um conto em xisto* (História, Português, Artes Plásticas) 6 – 12 anos
- *Caçadores Ferozes* (Artes plásticas, Ciências na Natureza, História) 3-10 anos

#### **4.3.3 – Programação por meses**

Houve a necessidade de criar continuidade na ação pelo que, foi decidido programar atividades de quinze em quinze dias: às sextas-feiras à tarde e aos sábados de manhã. As primeiras foram dedicadas ao público infanto-juvenil e às escolas, enquanto que as segundas

foram dedicadas ao público geral, constituindo grupos multietários de pequena dimensão. Observou-se que a construção de grupos com crianças de idades diferentes favorece a atenção e a interajuda entre os participantes: os mais velhos agem como irmãos e diminui a competição entre os elementos. Em baixo pode observar-se a programação das oficinas por meses com a respetiva sinopse, data e público-alvo.

### **Atividades fevereiro:**

#### *Atividade 1 – Imagem história, história mito, mito memória*

**Local e data:** BMJBM, atividade contínua disponível na Biblioteca de fevereiro a junho

**Sinopse:** A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito!

**Público e limite:** Público geral, s/limite

**Duração:** cinco meses

#### *Atividade 2 – Caçadores Ferozes*

**Local, data e horas:** BMJBM, 3 de fevereiro, 15h00

**Sinopse:** Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

**Público e limite:** Infanto-juvenil (5 – 10 anos); máx.15 participantes

**Duração:** 1h30

#### *Atividade 3-Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** BMJBM, 4 de fevereiro, 10h30

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo. Criação de tapetes, mantas.

**Público e Limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** 2h00

#### *Atividades 4 e 5 – Pigmentos... ovo... e já está! (duas oficinas)*

**Local, data e horas:** BMJBM, 16 de fevereiro, 10h30 e 15h00

**Sinopse:** Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público e limite:** Escolar (3-5 anos), máx.15 participantes

**Duração:** 1h30

### Atividade 6 – *Música Australopiteca*

**Local, data e horas:** BMJBM, 17 de fevereiro, 15h00

**Sinopse:** Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transformá-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada

**Público e limite:** Infanto-juvenil (6 – 12 anos), máx.15 participantes

**Duração:** 1h30

### Atividade 7 – *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres*

**Local, data e horas:** BMJBM e Açafal, 18 de fevereiro, 10h30

**Sinopse:** Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico – Açafal

**Público e limite:** Público geral, máx.15 participantes

**Duração:** 2 horas

## Atividades março

### Atividade 8 – *Um conto em xisto*

**Local, data e horas:** BMJBM, 2 de março, 15h00

**Sinopse:** A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona as crianças criam a sua própria história na pedra de xisto.

**Público e limite:** Escolar (6-10anos), máx.15 participantes

**Duração:** 1h30

### Atividade 9-*Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** BMJBM, 3 de março, 10h00

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Público e limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** 2 horas

### Atividades 10 e 11 – *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres* (duas oficinas)

**Local, data e horas:** BMJBM, 16 de março, 10h30 e 15h00

**Sinopse:** Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico, com jogo vaivém.

**Público e limite:** Escolar (3 – 5anos), máx.15 participantes

**Duração:** 1h30



### Atividade 12 – *Andakatu vai até à foz do Enxarrique*

**Local, data e horas:** Foz do Enxarrique 17 de março, 10h00

**Sinopse:** O que será que aconteceu aqui na pré-história? Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.

**Público Limite:** Público geral, máx.16 participantes

**Duração:** 2 horas

### Atividade 13 – *Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?*

**Local, data e horas:** BMJBM, 28 a 29 de março, 10h00 -17h30 com paragem para almoço

**Sinopse:** Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um teatrinho de sombras.

**Público-alvo e limite:** Infanto-juvenil (maiores de 6 anos), máx.15 participantes

**Duração:** 6h30 diárias

### Atividade 14 – *Andakatu atelier*

**Local, data e horas:** BMJBM, 30 de março, 15h00

**Sinopse:** Atelier prático onde as crianças aprendem a fazer flechas, entre outras coisas relacionadas com a vida do homem da pré-história.

**Público e limite:** Infanto-juvenil (maiores de 10 anos), máx. 10 participantes

**Duração:** 2 horas

### Atividade 15 – *Potes e jarros*

**Local, data e horas:** BMJBM, 31 de março , 10h00

**Sinopse:** Criação de peças de cerâmica, decoradas com motivos da arte pré-histórica.

**Público Limite:** Público geral, máx. 10 participantes

**Duração:** 2 horas

## Atividades abril

### Atividade 16 – *Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** BMJBM, 14 de abril, 10h00

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Público e limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** 2 horas



### Atividade 17 – *Pigmentos... ovo... e já está!*

**Local, data e horas:** BMJBM, 27 de abril, 10h00

**Sinopse:** Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público e limite:** escolar (18 meses – 3 anos), máx. 20 participantes

**Duração:** 1 hora

### Atividade 18 – *Um conto em xisto*

**Local, data e horas:** BMJBM, 28 de abril, 10h00

**Sinopse:** Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!

**Público e limite:** Público geral, máx. 15 participantes

**Duração:** 2 horas

## Atividades maio

### Atividade 19 – *Qual será a forma da Calhondra!?*

**Local, data e horas:** BMJBM, 3 de maio, 14h00 e 15h30

**Sinopse:** Construções de animais que habitam as margens do rio Tejo através de materiais reciclados.

**Público e limite:** Escolar (6-10 anos), máx. 15 participantes

**Duração:** 1h30

### Atividade 20 – *Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** BMJBM, 5 de maio, 10h00

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Público Limite:** Público geral, máx. 20 participantes

**Duração:** 2 horas

### Atividade 21 – Dia dos museus: *A forma da Calhondra*

**Local, data e horas:** CMCD, 18 de maio, 10h00

**Sinopse:** Construções de animais que habitam as margens do rio Tejo através de materiais reciclados.

**Público e limite:** Escolar (18 meses – 3 anos), máx. 20 participantes

**Duração:** 1 hora

### Atividade 22 – Dia dos museus: *Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** CMCD, 18 de maio, disponível durante as 10h00 às 17h00

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Público e limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** Disponível durante o dia

### Atividade 23 – Dia dos museus: *Pigmentos... ovo... e já está!*

**Local, data e horas:** BMJBM, 18 de maio, disponível durante as 10h00 às 17h00

**Sinopse:** Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público e limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** Disponível durante o dia

### Atividade 24 – *Postalinho aqui vais tu!*

**Local, data e horas:** BMJBM, 19 de maio, 10h00

**Sinopse:** Vamos celebrar o nosso património, aqui juntamos num postal as nossas gravuras esquecidas, a nossa casa, os animais e criamos um belo postal!

**Público e limite:** Público geral, máx.15 participantes

**Duração:** 1h30

## Atividades junho

### Atividades no Dia da Criança:

**Local, data e horas:** BMJBM, 1 de junho, 9h30-17h00

**Atividades:** 7 oficinas

**Duração de cada atividade:** 45min.

### Atividade 25 – *Creche especial Dia da Criança*

**Sinopse:** Através de diferentes vegetais descobrem-se cores e pincéis, que até se podem comer! No fim, as crianças deixam a sua contribuição no cadáver esquisito.

**Público e limite:** Escolar (18-3 anos), máx.20 participantes

### Atividades 26 e 27 – *Caçadores ferozes* (duas oficinas)

**Sinopse:** Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

**Público e limite:** Escolar (3 – 5 anos), máx. 15 participantes

Atividades 28 e 31 – *Pigmentos... ovo... e já está!* (quatro oficinas)

**Sinopse:** Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público e limite:** Escolar (1º, 2º, 3 e 4ºano), máx. 15 participantes

Atividade 32 – *Mantas, tapetes e croché*

**Local, data e horas:** BMJBM, 2 de junho – 10h00

**Sinopse:** Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo. Criação de tapetes, mantas.

**Público e limite:** Público geral, máx.20 participantes

**Duração:** 2 horas

Atividade 33 – Exposição *Calhondra, olha o xisto!*

**Local, data e horas da inauguração:** BMJBM, 15 de junho, 16h30

**Sinopse:** Mostra dos trabalhos elaborados no âmbito do projeto *Calhondra olha o xisto*

**Local:** Estabelecimentos comerciais apoiantes, de Vila Velha de Ródão

**Data:** 15 a 1 de julho (últimos 3 dias na Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia de V.V. de Ródão)

Atividade 34 – *Leitura dos contos selecionados: Imagem história, história mito, mito memória*

**Local, data e horas:** Sexta, 15 junho – 17h

**Sinopse:** Leitura dos contos criados na atividades *Imagem história, história mito, mito memória*

**Público e limite:** Público geral, s/ limite

**Duração:** 1 hora

Atividade 35 – Passeio às gravuras Rupestres de Gardete

**Local, data e horas:** Partida da BMJBM, 23 de junho – 9h00

**Sinopse:** Visita às gravuras rupestres de Gardete, na freguesia de Fratel, com guia

**Público e limite:** Público geral, máx.15 participantes

**Duração:** 4 horas

#### 4.3.4 – Exposição

Para o encerramento do projeto, organizámos uma exposição com os trabalhos executados durante a ação. Essa exposição decorreu entre 15 de junho a 1 de julho e, nos últimos três dias, algumas peças foram levadas para o espaço da BMJMB na *Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia e de V.V Ródão*. De 15 a 29 de junho, os trabalhos tiveram como espaço expositivo vários estabelecimentos de V.V. de Ródão, públicos e comerciais, entre os quais *Bombas da Gasolina da BP*, *Lar da S.<sup>a</sup> Casa da Misericórdia*, *Café Mangual*, *Centro de Saúde*, *Segurança Social* e *Biblioteca Municipal José Baptista Martins*. Estes sítios foram escolhidos devido à sua geografia em Vila Velha de Ródão, porque são locais centrais, perto uns dos outros e alguns com grande importância comercial, como é o caso das *Bombas da Gasolina da BP*, únicas em Ródão. Não desejávamos que esta exposição ficasse fechada numa sala, mas que contactasse com todas as pessoas, mesmo aquelas que ainda não conheciam o nosso projeto. Assim, no decorrer das suas ações quotidianas, como ir beber um café ou dirigir-se ao centro médico, os elementos da comunidade seriam confrontados com estas peças elaboradas por miúdos e graúdos. Nos últimos dias, como acima referimos, algumas peças foram deslocadas para a *Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia*, local que move centenas de pessoas ao seu espaço, locais e estrangeiros.

Para a utilização deste espaços como locais expositivos, foi necessário elaborar um pedido de autorização formal, sendo esse o caso da *Segurança Social* e do *Lar da St.<sup>a</sup> Casa da Misericórdia*; já para o *Centro de Saúde*, *Bombas da Gasolina* e *Café Mangual* bastou um contacto oral; por fim, para a Feira, a BMJBM tratou do assunto. As montagens decorriam na véspera, sendo necessário elaborar legendas e cartazes de divulgação (Apêndices H e N). A inauguração oficial decorreu no dia 15 na BMJBM, estando prevista a leitura de mitos elaborados durante a atividade *Imagem história, história mito, mito memória* com um pequeno cocktail. Acabadas as exposições, as peças foram desmontadas, porém, nalguns locais desejaram continuar com as peças por mais algum tempo.

### Parte III – Resultados do projeto *Calhondra, olha o xisto!*

#### 5 – Relatório das atividades realizadas

##### 5.1 – Análise das atividades realizadas

Durante os meses do projeto concebemos 17 atividades diferentes. Duas delas não se realizaram, uma por falta de participantes (*música australopiteca*) e outra devido a problemas de logística (falta de transporte para o *passeio às gravuras rupestres – Gardete, com guia*). As 15 atividades concretizadas (Quadro 3) multiplicaram-se em 33 sessões, envolvendo cerca de 461 pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos de Vila Velha de Ródão e de outros concelhos, atividades estas realizadas na sua maioria nas instalações da BMJBM.

As atividades inauguração e exposição *Calhondra, olha o xisto!*, considerámos atividades extra ao plano de atividades da ação. Deste modo, serão referidas à parte.

No Quadro 3 podemos observar as atividades realizadas, por nome, local e segmentadas pelos três públicos-alvo: *escolas, infanto-juvenil e público geral*. A coluna do público encontra-se dividida em duas partes, a primeira a cinzento claro, relativa ao número de pessoas que participaram na atividade e, na segunda, o número de sessões realizadas. Fomos convidados a programar, dentro do âmbito do projeto, dias comemorativos em Vila Velha de Ródão, como foi o caso do *Dia da Criança* e do *Dia dos Museus*, nos quais se enquadraram sessões como *Pigmentos, ovo e já está!*, *A forma da calhondra, caçadores ferozes, creche – dia da criança*.

Como se pode observar, algumas atividades dividiram-se em várias sessões devido às marcações escolares, sendo adaptadas a cada situação e público. A atividade *Mantas, tapetes e croché*, apesar de ser constituída por uma sessão mensal, acabou por ser objeto de pedido de mais sessões, a que acedemos.

Em relação às atividades com mais público (Figura 14) salientamos a oficina *Pigmentos, ovo e já está!* seguida dos *Caçadores ferozes* e *Mantas tapetes e croché*. As que tiveram menos aderência foram o *Postalinho, aqui vais tu!* e *Potes e jarros*, atividades de famílias, nos sábados. Por outro lado, as oficinas que não foram marcadas por escolas apresentaram resultados de participação mais baixos que as restantes. Na inauguração da exposição de *Calhondra olha o xisto!* estiveram presentes cerca de 20 pessoas, e em relação ao número de visitantes da exposição não temos informações, porque decorreram todos em espaços públicos.

**Quadro 3 – Distribuição dos públicos pelas atividades.**

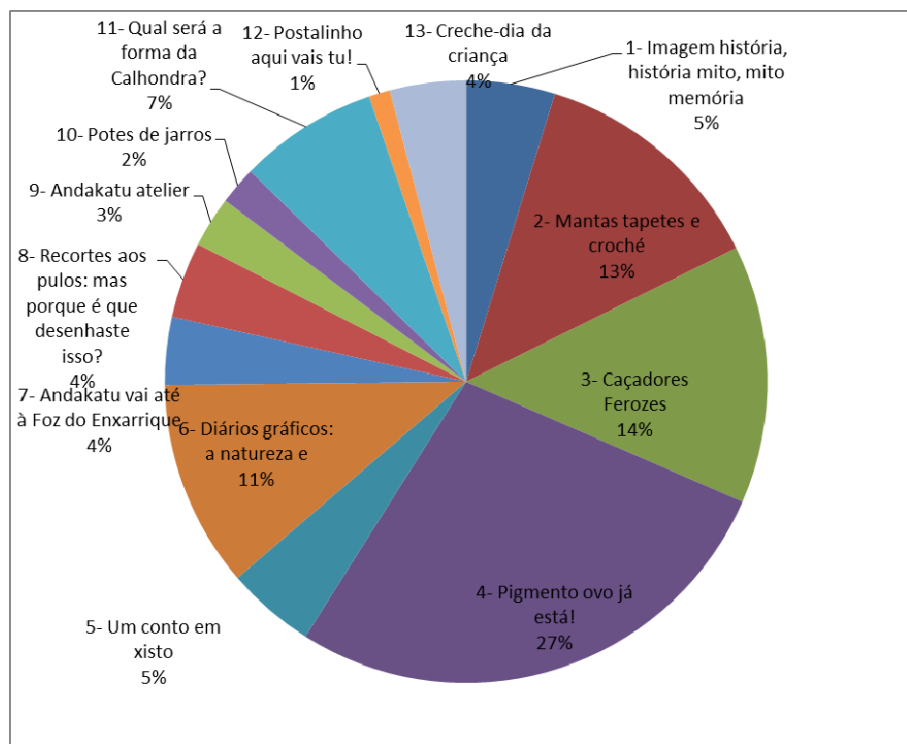
Atividades		Público-alvo						Pessoas/ sessões	
Nome	Local	Escolas		Infanto-juvenil		Público geral			
		a)	b)	a)	b)	a)	b)		
1 – Imagem história, história mito, mito memória	BMJBM	18	1			3	1	21	2
2 – Mantas tapetes e croché	BMJBM/CMCD					57	6	57	6
3 – Caçadores Ferozes	BMJBM	58	3	3				61	3
4 – Pigmento ovo já está!	BMJBM/CMCD	121	7					121	7
5 – Um conto em xisto	BMJBM	14	1			7	1	21	2
6 – Diários gráficos: a natureza e as gravuras rupestres	Sobreiros da BMJBM/Açafal	43	2			6	1	49	3
7 – Andakatu vai até à Foz do Enxarrique	Foz do Enxarrique					16	1	16	1
8 – Recortes aos pulos: mas porque é que desenhaste isso?	BMJBM			18	1			18	1
9 – Andakatu atelier	BMJBM			12	1			12	1
10 – Potes de jarros	BMJBM					9	1	9	1
11 – Qual será a forma da Calhondra?	BMJBM/CMCD	33	2					33	2
12 – Postalinho aqui vais tu!	BMJBM					5	1	5	1
13 – Creche-dia da criança	BMJBM	18	1					18	1
14 – Inauguração exposição Calhondra, olha o xisto!	BMJBM					20		20	1
15 – Exposição Calhondra, olha o xisto!	c)							d)	1
Total sessões/públicos		305	17	33	2	123	12		
Total – públicos		461							
Total – sessões		33							

a) Número de participantes

b) Número de sessões em cada atividade

c) BMJMB, Bombas da Gasolina da BP, Café Mangual, Santa Casa da Misericórdia, Centro de Saúde, Segurança Social de Vila Velha DE Ródão

d) Sem dados

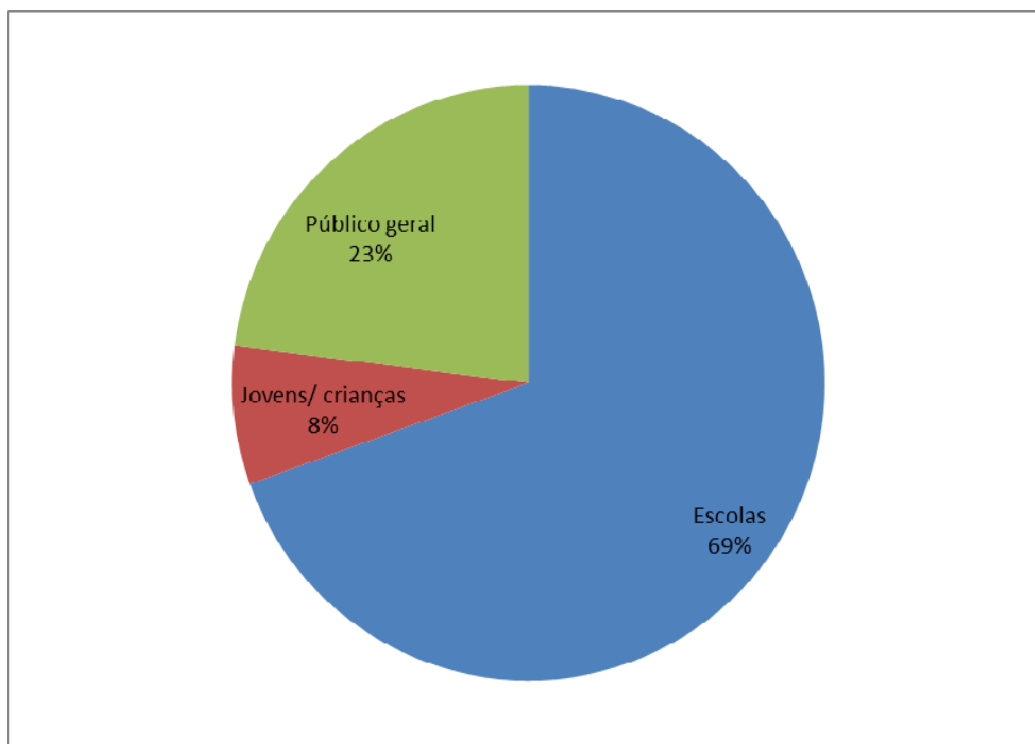


**Figura 14** – Participação do público nas atividades

Contudo, apesar dos índices altos de participação, tivemos um grande problema com as inscrições nas atividades do público em geral, pois que antecipadamente anunciadas quer na *agenda cultural*, quer nos cartazes e *facebook*, a população em Vila Velha de Ródão não tem o hábito de se inscrever. Como tal, as escolas acabaram por ocupar todas as sessões de sexta-feira (direcionadas para o público infanto juvenil), com exceção das oficinas das férias da Páscoa. Porém, algumas atividades marcadas realizaram-se noutros dias por conveniência das atividades escolares, sendo as sessões de sexta desmarcadas, ou realizando-se mais do que uma atividade quinzenal. Noutros casos, mas poucos, as turmas receberam crianças extra que foram inseridas nas atividades com a classe marcada (como foi o caso, em umas das sessões de *Caçadores Ferozes*).

## 5.2 – Análise dos públicos

Na Figura 15 podemos analisar a participação dos três tipos de público do projeto *Calhondra, olha o xisto!* excluindo as atividades relacionadas com a exposição. As *escolas* ocupam a maior fatia na participação das oficinas com 69%, seguidas do *público geral* com 23% e por *infanto-juvenil* com 8% (que foram representados, na sua maioria pelas atividades da Páscoa).



*Escolas:* público escolar.

*Jovens/ crianças:* participantes fora do enquadramento escolar

*Público geral:* participantes de todas as idades incluindo crianças, jovens, adultos e idosos que frequentaram atividades para famílias.

**Figura 15** – Distribuição percentual dos diferentes públicos num universo de 421 participantes.

Por outro lado, a distribuição da Figura 15 não analisa as diferentes faixas etárias presentes no projeto, apenas o tipo de participação nas atividades. Como um dos nossos objetivos iniciais foi tentar chegar às diferentes faixas etárias rodenses e, como as sessões foram preparadas para diferentes idades, procedemos à elaboração de uma tabela discriminativa dos vários segmentos etários presentes nas atividades (Quadro 4) e de um gráfico percentual (Figura 16). Os dois encontram-se divididos pelos segmentos etários, porém a tabela discrimina a participação dos diferentes segmentos por atividade e apresenta os valores dos professores que acompanharam e participaram nas oficinas (dados na coluna a cinzento claro).

Deste modo, observamos que as nossas atividades conseguiram abranger uma grande amplitude etária, sendo a maior participação do 1º ciclo, com 33%, seguido do pré-escolar, com 30%; os adultos/ idosos, 2º e 3º ciclo e creche apresentam valores de participação menor entre os 9% e os 14%, enquanto que os adolescentes e universitários representam apenas 1% da participação, sendo estes os mais difíceis de envolver no projeto (Quadro 4). A atividade mais popular do 2º e 3º ciclo e idosos foi *Mantas, tapetes e croché*, tal como para o 2º e 3º



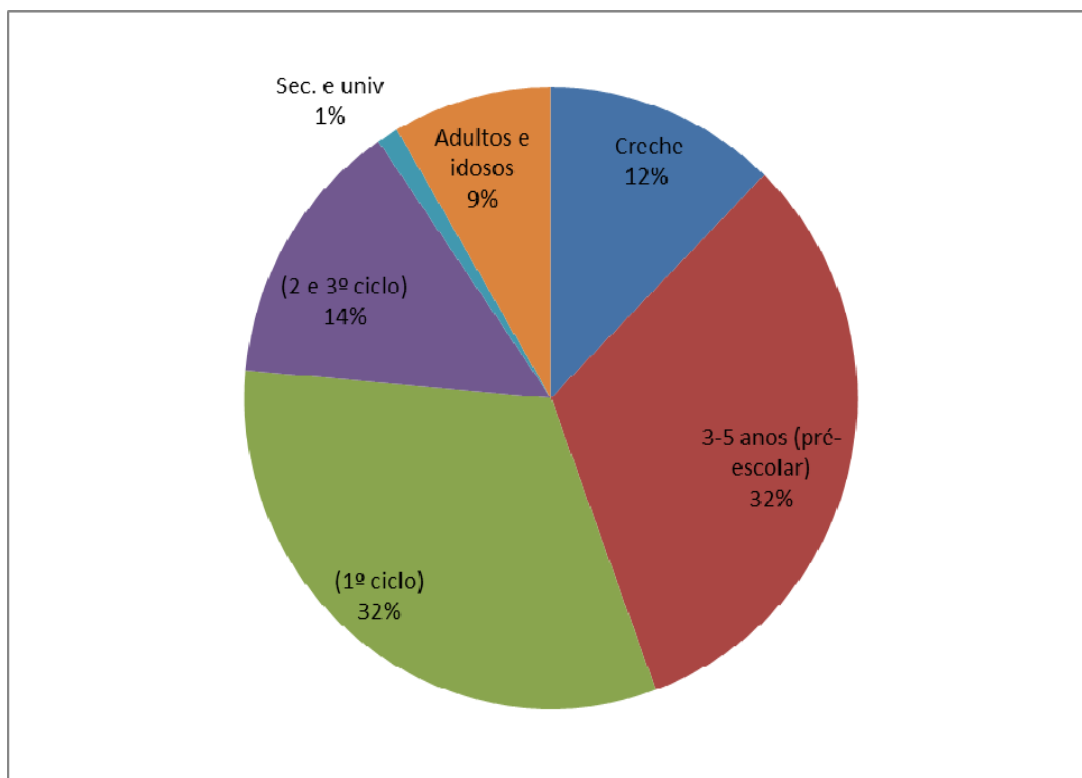
ciclo, acrescentando *Imagem história, história mito, mito memória e Andakatu atelier*. Por outro lado, para a mais apreciada pelo 1º ciclo foi *Pigmentos ovo e já está!*, tal como para o ensino Pré-escolar, seguida de *Caçadores ferozes*. Por fim, a creche preferiu *Qual será a forma da calhondra* e, como as anteriores, *Pigmentos ovo e já está!*

**Quadro 4** – Distribuição dos segmentos-etários pelas atividades

	Segmentos - etários										
Atividades	0-3anos Creche		3-5 anos (pré- escolar)		6-10 anos (1º ciclo)		10-14anos (2 e 3º ciclo)		15 – 23anos Sec. e Univ.	Adultos e idosos	total
	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	a)	
Imagem história (...)					1		19	1			21
Mantas tapetes croché			6		9		11		2	29	57
Caçadores Ferozes			40	4	14	1	1		1		61
Pigmento ovo já está	14	4	39	4	56	4					121
Um conto em xisto			3		16	1				1	21
Diários gráficos(...)			41	4	1		2		1		49
Andakatu vai até à Foz do Enxarrique					6		5			5	16
Recortes aos (...)					12		6				18
Andakatu atelier					1		10		1		12
Potes de jarros			1		2		4			2	9
Qual será a forma da Calhondra?	14	4			14	1					33
Postalinho (...)					2		3				5
Creche-dia da criança	14	4									18
Total c/ professores	54		142		141		62		5	37	
Total professores	12		12		7		1				
Total – públicos	441										

a) Número dos participantes sem professor

b) Número dos professores presentes dos vários segmentos etários



**Figura 16** – Distribuição percentual dos diferentes segmentos-etários num universo de 421 participantes

Voltando às atividades, nas próximas secções encontram-se os relatórios referentes a cada uma das sessões realizadas dentro do âmbito do projeto. Dada a sua grande diversidade e amplitude etária, optámos por organizá-las por meses. Deste modo, poderá observar-se que algumas das atividades se repetem, mas dirigidas a segmentos etários diferentes: as várias sessões não estão agrupadas por atividade, mas sim pela data da realização.

Contudo, tivemos algumas atividades que não se encontravam previstas, como foi o caso da solicitação feita pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão para animar CMCD no *Dia dos museus* e a criação de uma atividade que englobasse oficinas para três escolas com sete turmas, para preencher e animar o *Dia da Criança*. Para este último dia especial, foi-nos pedido para conceber uma *T'shirt* comemorativa de *Calhondra, olha o xisto!* a fim de presentear os participantes nas oficinas do *Dia da Criança*. Por outro lado as atividades que por falta de participantes ou problemas técnicos não foram realizadas, não serão referidas. Estão neste caso, como já referimos, *Música Australopiteca* e a *Visita ao Gardete*. A exposição e respetiva inauguração será, como oportunamente dissemos, referida numa secção à parte.

### 5.3 – Relatório das atividades

#### 5.3.1 – Atividades de fevereiro

No mês de fevereiro iniciou-se o programa de *Calhondra, olha o xisto!* com cinco atividades. Duas delas (*Caçadores ferozes e Pigmentos, ovo e já está!*) foram destinadas ao público *infanto-juvenil*, com duas marcações de escolas, e a segunda realizou-se numa quinta-feira devido a ser uma atividade fora da programação inicial. Para os sábados preparámos duas oficinas *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres* e *Mantas, tapetes e croché* e iniciou-se a atividade *Imagem história, história mito, mito memória*.

##### 5.3.1.1 – *Imagem história, história mito, mito memória*: fevereiro a junho, 2012

Esta atividade teve a duração dos cinco meses de projeto *Calhondra, olha o xisto!* e durante esse período esteve disponível na BMJBM uma imagem com uma das gravuras rupestres do Vale do Tejo com um pequeno texto, que convidava o visitante a escrever uma pequena narrativa ou poema acerca daquela representação (Apêndice L). Em conclusão, ao longo dos meses referidos, a participação foi reduzida, mas em abril recebemos a marcação de uma escola para esta atividade que será comentada mais tarde.

##### 5.3.1.2 – *Caçadores Ferozes*: 3 fevereiro, 2012

A atividade *Caçadores Ferozes* realizou-se no dia 3 de fevereiro pelas 15 horas e contou com a marcação de uma turma do 2º ano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão e com mais três participantes anteriormente inscritos. Com 16 participantes no total, esta oficina decorreu no interior e nos jardins da BMJBM, tendo a duração de 2 horas.

Esta atividade teve como objetivos gerais dar a conhecer às crianças as representações zoomórficas das gravuras rupestres do Vale do Tejo, levando-as à sua interpretação e questionação, dentro da perspetiva construtivista. Diversos conceitos relacionados com a arte pré-histórica foram introduzidos durante a oficina (por exemplo, picotagem) e com a natureza e o *habitat* dos animais representados.

Deste modo, foi proposto às crianças que se tornassem *caçadores ferozes* de animais da pré-história ou, melhor dizendo, de imagens. Através de um jogo de equipas e de pistas as crianças foram levadas a encontrar e a descobrir uma série de representações animais de gravuras rupestres do vale do Tejo, que se encontravam escondidas (Apêndice M). As pistas e as imagens foram colocadas em locais estratégicos no exterior da biblioteca, como lagos,

troncos fósseis e árvores, que remetiam para o local de origem das gravuras rupestres (Figura 17).

Depois das pistas e gravuras serem encontradas por todas as equipas, juntámo-nos no interior da Biblioteca para uma conversa sobre aquelas imagens. Deste modo, aquelas figuras estilizadas, quase abstratas foram usadas como veículo para a interpretação e a questionação da vida diária do Homem pelas crianças. De seguida foi pedido que escolhessem uma das gravuras e a partir desta, recriassem o seu animal caçado e imaginassem como seria a fauna e a flora passada, através do desenho a carvão (Figura 18), algumas das crianças exemplificaram no seu desenho a técnica da picotagem. Posteriormente, os participantes foram conduzidos a explorar a cor, através de uma paleta comunitária com poucas cores (Figura 19). Deste modo é reforçada a criação e combinação de novas cores, como também a partilha no grupo. No final produziram diversos desenhos que foram expostos na zona da biblioteca reservada ao projeto (Figuras 20 e 21).



**Figura 17** – Jogo de pistas, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 18** – Desenhar o animal *caçado*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 19** – Pintura dos desenhos com guache, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 20 e 21** – Alguns desenhos finais, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.1.3 – *Mantas, tapetes e croché*: 4 fevereiro, 2012

A atividade *Mantas tapetes e croché* foi programada para decorrer ao longo das manhãs dos primeiros sábados de cada mês do projeto *Calhondra, Olha o Xisto!* com a duração de cerca de 2h 30. Destinada ao público em geral, esta oficina tinha como mote o

encontro entre avós e netos, pais e crianças, em que a partilha de técnicas de costura e croché era o mais relevante, criando-se uma tapeçaria comunitária com 2 x 3 metros inspirada nas gravuras rupestres do Vale do Tejo. Dado o impacto que teve na comunidade, esta atividade acabou por se repetir mais vezes, em sessões organizadas (que serão descritas mais adiante) e em pequenas reuniões combinadas entre os participantes sem monitor (estas últimas não serão referidas, porque não estivemos presentes). Deste modo, contámos com seis sessões “oficiais” decorridas nos dias 4 de fevereiro, 3 de março, 14 de abril, 5 e 18 de maio, 2 de junho, e pelo menos mais duas “não oficiais” no dia 6 e 19 de junho, que não foram contabilizadas. Assim, contámos com cerca de 55 participantes no total, entre os 3 e os 92 anos de idade.

Como objetivo geral pretendia-se que durante as sessões fosse produzido um objeto comunitário, reforçando o trabalho de grupo entre gerações através da cooperação, partilha de conhecimentos e relações afetivas entre os idosos e os mais jovem / crianças; melhorando assim a autoestima dos mais velhos e motivando-os para a sua necessidade e importância na sociedade, tal como reforçando a importância da passagem de conhecimento e tradições entre os mais novos. Por outro lado a temática desta tapeçaria assentou na representação e interpretação de diversas imagens das gravuras rupestres do Vale do Tejo, criando novos olhares e novos sentidos.

A primeira sessão decorreu no dia 4 de fevereiro na BMJBM e contou com 8 participantes, entre os quais uma mãe e uma filha, uma avó e um neto e quatro crianças. Começámos a atividade com uma conversa em conjunto sobre os objetivos e sobre as imagens sobre as quais nos iríamos fundamentar para elaborar a nossa peça (Figura 22). De seguida, as crianças começaram a explorar os materiais e a desenhar as primeiras imagens que compuseram a tapeçaria (Figura 23). Os adultos juntaram-se em pares com os mais novos e explicavam técnicas iniciais de croché, como *cordanil*, que serviu para contornar os desenhos das crianças (Figuras 24 a 26). Algumas também começaram a elaborar teares em lã e tentaram coser diversos tecidos.



**Figuras 22 e 23** – Atividade *Mantas tapetes e croché* na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 24** – Pormenor de um bordado, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 25 e 26** – Atividade *Mantas tapetes e croché* na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.1.4 – *Pigmentos...Ovo e já está!*: 16 fevereiro

*Pigmentos...Ovo e já está!* foi a atividade com mais marcações, contando com sete sessões. As duas primeiras realizaram-se no mês de fevereiro, outra em abril a pedido da Creche da Santa Casa da Misericórdia e as restantes quatro englobadas no Dia da Criança com as turmas da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão.

Nesta atividade os participantes aprendem a fazer tintas com pigmentos naturais, terra e outras matérias, que foram usadas para criar uma peça artística em grupo. Como objetivos gerais pretendeu-se que as crianças tivessem um primeiro contacto com a arqueologia experimental.

Deste modo, as duas primeiras sessões foram realizadas por marcação do Jardim de Infância de Porto do Tejo para as suas duas turmas, no dia 16 de fevereiro na BMJBM. A primeira turma, “bibe verde”, ocupou o espaço da manhã, iniciando-se se a oficina às 10h30, tendo-se contado com 20 alunos e 2 professores. Às 15h00, participou a segunda turma, “bibe



azul”, com 19 crianças e dois professores. Ambas as oficinas tiveram a duração de 1h30. Estas duas turmas foram compostas por crianças entre os 3 e os 5 anos e decorreram de forma similar, por isso descreverei as duas atividades em conjunto.

Em relação à atividade *Pigmentos...Ovo e já está!* pretendeu-se que os participantes contactassem com a elaboração de tintas usadas na pré-história. A receita que usámos foi a da têmpera: pigmento, gema de ovo, água e por fim vinagre (este último elemento não se usava na pré-história, mas foi explicada às crianças a sua razão de existência – a da conservação da tinta). Nesta atividade, também pretendemos introduzir a arte rupestre do Tejo com especial enfoque nas representações das gravuras geométricas, levando os participantes a interpretar e questionar as imagens. Assim a atividade começou com uma conversa inicial com o grupo (Figura 33), durante a qual discutimos os assuntos atrás referidos e, de seguida, demos início ao jogo.

As crianças foram divididas em três grupos e a cada grupo foi dada uma tarefa diferente, quando as crianças acabavam o seu trabalho trocavam com outro grupo. O jogo acabava quando todos tinham executados as três tarefas. O primeiro posto foi a elaboração de pigmentos a partir de diferentes argilas: os participantes tinham que esmagar e triturar pequenos blocos de argila e transformá-los em pó para serem usados posteriormente nas tintas (Figura 26). No segundo posto faziam-se as tintas através de pigmentos (Figura 27), e no último, as crianças tinham que recolher imagens de gravuras rupestres que tivessem formas geométricas e desenhá-las com carvão num grande papel de cenário (Figura 28, e 34 a 36). No fim de todos os grupos terem executados estas três funções pintaram as formas com as tintas que fizeram (Figuras 30 a 32, 37 e 38).



**Figura 27** – Posto da elaboração das tintas através dos pigmentos, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 28** – Desenhos a carvão de motivos de arte rupestre , V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 29** – Transformar pedaços de argila em pó, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 30 e 31** – Fase da pintura das figuras em papel de cenário, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 32** – Trabalho final do primeiro do *Bibe Verde*, V.V.R. 2012, fonte própria



**Figura 33** – Conversa com grupo, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 34** – À procura de figuras geométricas nas imagens das gravuras, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 35** – Interpretação e desenho das imagens, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 36** – Interpretação e desenho das imagens no papel de cenário a carvão, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 37** – Última fase, pintura das figuras desenhadas sobre o papel de cenário, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 38** – Trabalho final elaborado pelo Bibe Azul, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.1.5 – Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres: 18 fevereiro, 2012

A oficina *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres* originou três sessões ao longo da *Calhondra, olha o xisto*. Estas atividades eram compostas por saídas de campo em que os participantes eram desafiados a desenhar e pintar sobre o suporte do diário gráfico. Esta ação tinha o objetivo de dar a conhecer aos intervenientes, através das saídas de campo, a fauna e flora local, tal como trabalhar a observação, a concentração e a perceção visual.



A primeira sessão, com a duração 2h30, foi dirigida ao *público em geral* e decorreu num sábado de manhã, dia 18 de fevereiro, no Açafal. *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres* contou com a participação de 6 jovens dos 3 aos 20 anos: duas crianças do infantário, uma do 1º ciclo, dois do 2º ciclo e uma estudante universitária.

Como objetivos específicos, esta atividade pretendeu que os participantes aprendessem a elaborar um pequeno diário gráfico, a identificar as mudanças na fauna e flora da pré-história; a reconhecer o património local; a trabalhar o desenho à vista e o esboço.

Como tal, esta atividade iniciou-se na Biblioteca José Batista Martins pelas 10h30 onde começámos por elaborar os diários gráficos com papéis e linhas. Após a sua conclusão dirigimo-nos ao Açafal, de carrinha. Esta é uma zona agrícola de Vila Velha de Ródão abrangida pela ribeira do Açafal, que dá o nome à zona. O Açafal é um espaço com uma grande variedade de biodiversidade e com um monumento histórico: uma ponte do período romano.

No Açafal, começámos por discutir diversos assuntos relacionados com a flora, fauna e património (Figura 39). Para além dessas matérias, questionámos a importância da preservação desses espaços históricos, usando as gravuras rupestres do Vale do Tejo como ponto de partida. Relacionando as suas representações e questionando imagens de gravuras, falámos sobre as mudanças na fauna no concelho, abordando assuntos como extinção, introdução de espécies e proteção da biodiversidade. Dada a heterogeneidade dos participantes foi muito fácil abordar e chegar a diversas conclusões, que funcionaram como ponto de partida para os desenhos surgirem. Os participantes foram convidados a esboçar o espaço envolvente (Figura 40), inserir animais atuais e da pré-história e imaginar os seus antigos *habitats* (41 e 42), utilizando diversos materiais como carvão, tintas, canetas de feltro e lápis de cera.



**Figura 39** – Atividade dos diários gráficos, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 40** – Desenho à vista com carvão de uma ponte romana, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 41 e 42** – Desenho de uma poupa a carvão e do habitat de um javali, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.2 – Atividades de março

Durante o mês de março decorreram sete atividades, três das quais foram dedicadas às férias escolares da Páscoa. Contámos com duas oficinas *Um conto e xisto* e *Diário gráficos: natureza e as gravuras rupestres* orientadas para o público infanto juvenil e escolar, continuámos com o projeto *Mantas tapetes e croché* e marcámos uma oficina de arqueologia experimental, *Andakatu*, orientada por Pedro Cura.

Em relação às atividades concebidas para as férias da Páscoa, estas decorreram entre 28 a 31 de março e foram dirigidas para o público infanto-juvenil e público geral: *Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?*, *Andakatu atelier* e *Potes de jarros*.

#### 5.3.2.1 – *Um conto em xisto*: 2 de março, 2012

A atividade *Um conto em xisto* foi composta por duas sessões ao longo do projeto da *Calhodka, olha o xisto!* A primeira, decorreu a 2 de março (falaremos neste ponto), dirigida ao público ao infanto-juvenil e escolar, enquanto que a segunda, em abril, foi dirigida para as famílias.

Como tal, a primeira sessão que decorreu no dia 2 março pelas 14h00 na BMJBM, foi marcada pela Escola EB1 de Vila Velha de Ródão para a turma do 3º ano, e contou com 14 participantes, entre os quais, dois jovens exteriores à turma e antecipadamente inscritos. Esta oficina de 1h30 teve o objetivo de criar pequenas histórias fantasiosas mas atuais, através do desenho picado ou raspado na pedra de xisto. Assim, pretendemos dar a conhecer a forma como as gravuras de arte rupestre do Vale do Tejo foram executadas, criando um paralelismo entre o passado e o presente, tal como, uma associação entre a produção artística e a sociedade onde se insere. Trabalhámos na sua construção, conceitos como picotagem, narrativa e síntese.

A oficina iniciou-se com uma conversa em círculo com todos os participantes (Figuras 43 e 44), durante a qual foi explicado a relação entre a arte e a história, com exemplos seleccionados ao longo da História da Arte. Posteriormente analisámos várias imagens de gravuras rupestres e tentámos perceber a sua relação com a vida do homem da pré-história e quais as técnicas utilizadas na gravação do xisto. De seguida, os participantes construíram pequenas histórias em grupo (Figura 45), sintetizando-as em três ou quatro momentos que, posteriormente, foram desenhados e gravados na pedra (Figuras 46 a 48).



**Figuras 43 e 44** – Conversa inicial com o grupo e análise de figuras, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 45** – Criação da história, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 46 e 47** – Gravação no xisto, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 48** – Sequência de uma história, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.2.2 – *Mantas tapetes e croché*: 3 de março, 2012

A segunda sessão *Mantas tapetes e croché* decorreu no dia 3 de março pelas 10h 30 e contámos com 18 pessoas. Nessa manhã tivemos a maior amplitude etária do projeto, crianças e adultos dos 3 aos 92 anos, ao receber vários idosos do Lar da Santa Casa da Misericórdia da V.V. de Ródão. Nesta sessão beneficiámos de uma introdução aos tapetes de retalhos e uma das idosas começou a fazer *lérias* (Figura 49), que posteriormente ocuparam todo o perímetro da tapeçaria. Como era necessário muito tempo para as executar, a senhora dedicou o seu



tempo livre para as acabar. As crianças executaram diversos trabalhos, como fazer cordão (Figura 50), teares (Figura 54) e o resto do grupo concentradamente adicionou novas formas à tapeçaria (Figuras 51 a 53)



**Figuras 49, 50 e 51** – Diferentes técnicas, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 52, 53 e 54** – Grupo de trabalho em *Mantas tapetes e croché*, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.2.3 – *Diários gráficos: natureza e as gravuras*: 16 de março, 2012

Esta atividade decorreu a 16 de março e foi composta por duas sessões com duas turmas, com 43 crianças de idades compreendidas entre ao 3 e os 5 anos do Jardim de Infância de Porto do Tejo. As oficinas decorreram num bosque de sobreiros no exterior da BMJBM e ambas tiveram a duração de 1h30. A primeira sessão iniciou-se às 10h00 da manhã com a turma do *bibe azul* (22 participantes) e às 14h00, teve lugar a sessão com o *bibe verde* (21 participantes). O objetivo geral desta atividade foi a construção de diversos desenhos e colagens a partir de observação direta ou de fotografias num pequeno diário gráfico sobre a fauna e flora local e pré-histórica, trabalhando a imaginação.

Assim, as duas sessões iniciaram-se com um pequeno jogo, que consistiu na descoberta de imagens de vários animais escondidos no local da atividade (Figuras 55, 56, 60

e 61), entre os quais animais pré-históricos, locais e imagens zoomórficas das gravuras rupestres do Vale do Tejo. Cada tipo de imagem (gravura, animal pré-histórico ou atual) tinha uma pergunta e atividade associadas que serviam como ponto de partida para um desenho (Figuras 59 e 62). Como tal, cada imagem preencheu uma página do diário e entre as tarefas encontrava-se imaginar o *habitat* de um dos animais pré-históricos e sua família, encontrar um ser vivo e desenhá-lo, ou escolher uma árvore para o ninho de uma das aves (Figuras 57, 62). As crianças utilizaram colagens, lápis de cera, canetas de feltro e carvão para elaborarem os seus desenhos (Figura 58).



**Figura 55** – Início da atividade, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 56** – Conversa com o grupo do *bibe azul*, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 57** – Imaginar habitat, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 58** – Recortes, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 59** – Trabalhos finais do *bibe azul*, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 60** – Encontrar animais nos sobreiros, V.V.R. 2012, fonte própria.





**Figura 61** – Explicação da atividade ao *bibe verde*, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 62** – Desenho de um elefante e do seu habitat, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 63** – Trabalhos finais do *bibe verde*, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.2.4-*Andakatu* vai até à foz do Enxarrique: 17 de março, 2012

No dia 17 de março recebemos em Vila Velha de Ródão o projeto de arqueologia experimental *Andakatu*, da autoria de Pedro Cura e do Museu de Mação. Esta atividade decorreu pelas 11h na Estação Arqueológica da Foz do Enxarrique e teve a duração de 2 horas.

A oficina *Andakatu* contou com 16 participantes e foi dirigida ao *público geral* (Figura 64). Esta consistiu numa abordagem teórica à pré-história com auxílio de uma série de artefactos (chifres de animais e peles) e réplicas de instrumentos pré-históricos, usados para esclarecer a evolução humana, épocas, organização social e as diferentes tecnologias. O educador e arqueólogo Pedro Cura demonstrou durante a sessão como fazer fogo (Figura 69), tintas através de óxido de ferro e ovo (Figuras 65 e 66), cerâmica (Figura 67) e bifaces (Figura 68). Também ensinou como se usavam as diferentes matérias-primas para produzir flechas, arcos e machados usados na pré-história.



**Figuras 64, 65 e 66** – Atividade *Andakatu* na Foz do Enxarrique, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 67 e 68** – Técnicas da pré-história, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 69** – Elaboração de fogo através da fricção de pauzinhos, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.2.5 – *Férias da Páscoa: Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?*: 28-29 de março, 2012

Esta atividade decorreu entre os dias 28 e 29 de março, das 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h00, na BMJBM. Dirigida a maiores de 6 anos, contou com 18 crianças dos 6 aos 13 anos. Nesta oficina foi proposto às crianças e jovens que criassem uma peça para um teatrinho de sombras sobre as gravuras rupestres do Vale do Tejo.

Os objetivos foram os seguintes: questionar e interpretar as representações das gravuras rupestres do Vale do Tejo, criar um texto dramático, elaborar figurinos e adereços e por fim representar a peça desenvolvida. A atividade foi dividida em dois tempos de trabalho (manhã e tarde) dos dois dias. Deste modo, na primeira manhã conversámos sobre a arte rupestre (Figura 70), elaborámos o texto para a peça (Figuras 71 e 72) e durante a tarde começámos a atividade plástica, que consistiu na construção das personagens e adereços para o teatro (Figuras 73 e 74). No dia seguinte, 29 de manhã, começámos o ensaio (Figura 75). Nessa tarde, apresentámos o espetáculo ao público, contando com pais, avós, crianças e idosos da Santa Casa da Misericórdia de V.V. de Ródão como espectadores (Figuras 77 e 79).

Logo, para a organização desta atividade as crianças e jovens no primeiro dia de manhã dividiram-se em 3 grupos imediatamente após a conversa sobre os objetivos da oficina. O primeiro grupo foi constituído por crianças entre os 6 e os 8 anos e realizou a peça *Quatro amigos* (Figura 80 e 81). O segundo grupo, com participantes entre os 8 aos 11 anos, realizou a peça *O espelho Mágico* (Figura 76 e 77). O último grupo, com jovens entre os 11 e os 13 anos e uma criança de 6 anos (esta última envolvida em dois teatros), realizou *Viagem ao Passado* (Figura 78 e 79). As peças tiveram todas cerca de 2 minutos e foram filmadas



durante a apresentação ao público (anexo F). Todos os grupos conseguiram cumprir os objetivos pretendidos, mas o primeiro grupo teve mais necessidade de orientação na construção da peça e no ensaio, enquanto que os outros foram mais autónomos. Porém, o primeiro foi o que mais facilidade teve na representação e os mais rápidos a realizarem todas as tarefas.



**Figura 70** – Conversa inicial com os participantes, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figuras 71 e 72** – Discussão entre os grupos sobre a história a criar, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 73 e 74** – Recortes e elaboração das figuras para o teatro, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 75** – Ensaio do grupo da peça *Os quatro amigos*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 76** – *Espelho mágico*, vídeo mini dv 16:9, 2'21'', V.V.R. 2012, fonte própria.

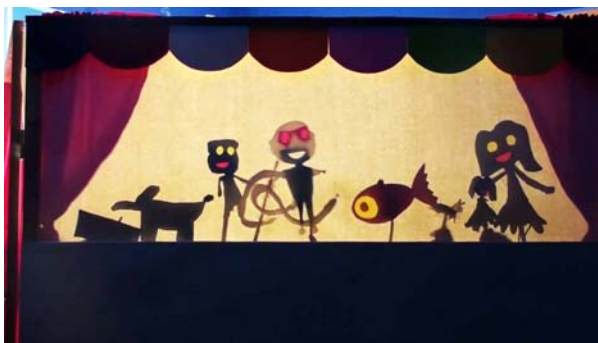
**Figura 77** – Apresentação do grupo da peça *Espelho mágico*, V.V.R. 2012, fonte própria.





**Figura 78** – *Viagem ao passado*, vídeo 16:9, 2'05'', V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 79** – Apresentação do grupo da peça *Viagem ao passado*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 80** – *Quatro amigos*, vídeo, 16:9, 2'10'', V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 81** – Apresentação do grupo da peça *Quatro amigos*, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.2.6 – *Férias da Páscoa: Andakatu atelier*: 30 de março, 2012

Esta atividade foi realizada dentro do projeto de arqueologia experimental de Pedro Cura e do Museu de Mação. Deste modo foi preparada uma sessão prática intitulada de *Andakatu atelier* que consistiu na elaboração de flechas de caça, para maiores de 12 anos.

Como tal, recebemos no dia 30 de março na BMJBM cerca de 12 crianças com idades superiores a 12 anos, com exceção de uma com 10 anos. A atividade foi iniciada com uma conversa sobre a organização e evolução das sociedades da pré-história: técnicas e instrumentos usados, com especial foco nos instrumentos de caça e sua construção (Figura 82 e 85). De seguida, foram formados pequenos grupos com diferentes tarefas relacionadas com a construção das flechas como: raspar paus com sílex (Figura 83), limar e aguçar um pedaço de osso para uma das lâmina das flechas construídas, desfazer e selecionar pequenos fios de ráfia para atar as lâminas aos cabos (Figura 84), produzir cola com tendão de coelhos (Figura 86), e partir lâminas de sílex para outras pontas de setas (esta duas últimas tarefas foram executada pelo educador). Depois das flechas estarem terminadas e coladas (Figura 87 e 88),

fomos para um pequeno bosque em redor da BMJBM lançá-las com um arco construído pelo próprio educador (Figura 89 e 90).



**Figura 82** – Explicação teórica sobre a Pré-história, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figuras 83 e 84** – Preparação dos materiais para as flechas, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 85, 86 e 87** – Preparação das flechas, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 88** – Colocação da pena na flecha, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figuras 89 e 90** – Lançamento da flecha, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.2.7 – Férias da Páscoa: Potes de jarros: 31 de março, 2012

Esta atividade, com a duração de 2h30, dirigida ao *público geral*, decorreu no dia 31 de março na BMJBM, contando com a participação de 9 pessoas, entre as quais crianças e adultos. Nessa sessão os participantes criaram peças de cerâmica usando o método das sociedades pré-históricas e decoradas com conchas. Para tal, explorámos a técnica dos rolinhos de cerâmica utilizada na altura, consistindo esta na produção de vários rolinhos de argila sobrepostos entre si até formar a peça desejada (Figuras 92, 93 e 96). Como na pré-



história ainda não havia roda de oleiro, este método permitia que a peça mantivesse uma espessura mais ou menos constante, não partindo durante a cozedura. Após a sua conclusão as cerâmicas foram decoradas com diversos motivos, com auxílio de conchas. A interação entre pais e filhos foi indispensável (Figura 91), tal como a que se verificou entre crianças mais velhas e mais novas (Figuras 94 e 95), porém as pequenas cerâmicas não ficaram com uma boa consistência para serem cozidas.



**Figura 91** – Atividade Potes e jarros, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figuras 92 e 93** – Técnica dos rolinhos, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 94, 95 e 96** – Participantes durante atividade, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.3 – Atividades de abril

Durante o mês de abril realizaram-se quatro atividades, entre as quais duas orientadas para a público escolar *Imagem história*, *história mito*, *mito memória* e *Pigmentos... ovo e já está!*, e as restantes duas nos sábados para o público geral, *Mantas, tapetes e croché* e *Um conto em xisto*,

### 5.3.3.1 – *Imagem história, história mito, mito memória*: 26 de abril, 2012

No dia 26 de abril, pelas 10h30, recebemos na BMJBM a turma do 7º ano da disciplina de Português da Escola EB 2/3 de Vila Velha de Ródão, constituída por 19 alunos, na atividade *Imagem história, história mito, mito memória*, durante 1h30. O objetivo desta oficina foi a criação de mitos a partir de uma reprodução de uma gravura rupestre. Para tal, conversámos inicialmente sobre conceitos relacionados com a pré-história e características dos mitos. Discutimos também, a relação do homem da pré-história com as representações das gravuras rupestres do Tejo, tal como revemos os mitos de Vila Velha de Ródão (Figura 97).

A turma foi dividida em quatro grupos responsáveis pela construção de um mito a partir da tal imagem (igual para os quatro) (Figuras 98 a 101). Após a construção dos textos, cada grupo leu a seu mito a outro grupo, tendo este a tarefa de o rescrever, baseado no que ouviu. Criou-se, assim, uma segunda versão para cada uma das histórias. Depois de estarem acabados os oito mitos, a turma juntou-se em círculo, para lerem ambas as versões de cada mito. Quanto todos leram, a turma conseguiu perceber as modificações efetuadas pela oralidade, percebendo que é desta forma que os mitos se constroem (Figura 102).



**Figuras 97, 98 e 99** – Conversa inicial de grupo; Grupo 1; Grupo 2, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 100 e 101** – Grupo 3; Grupo 4, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 102** – Leitura dos mitos, V.V.R. 2012, fonte própria.

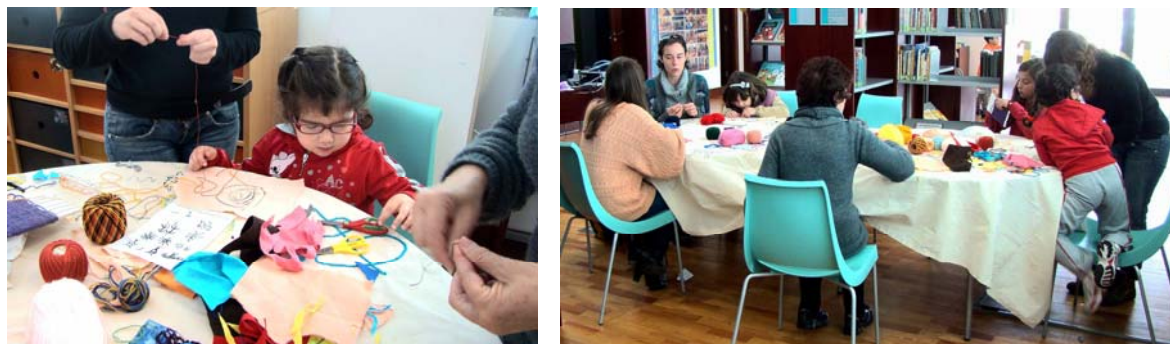


### 5.3.3.2 – *Mantas tapetes e croché*: 14 de abril: 2012

A terceira sessão das *Mantas tapetes e croché* decorreu no dia 14 de abril pelas 10h30 na BMJBM e contou com 9 participantes, sete crianças e dois adultos (Figura 107). Deste modo, continuámos com a construção dos desenhos e bordados pela tapeçaria (Figuras 103 a 106). Uma das participantes deu a ideia de fazer *patchwork*.



**Figuras 103, 104 e 105** – Atividade *Mantas, tapetes e croché*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 106 e 107** – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.3.3 – *Pigmentos...ovo...e já está!*: 27 de abril, 2012

Inicialmente não tínhamos programado atividades para menores de 3 anos, mas devido ao entusiasmo das crianças e das suas educadoras da Creche da Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão ao observarem os trabalhos realizados na BMJBM do projeto da *Calhondra, olha o xisto!* resolvemos abrir uma exceção e incluir esta faixa etária na ação.

Assim sendo, adaptámos a oficina *Pigmentos...ovo...e já está!* e no dia 27 de abril pelas 14h00 recebemos 18 crianças dos 18 meses aos 3 anos de idade, e quatro educadoras. Com a duração de 1h30, esta sessão tinha como objetivos gerais desenvolver a motricidade fina, explorar a perceção visual através da atividade plástica e contactar com formas das gravuras rupestres do Vale do Tejo. Entre os objetivos específicos encontravam-se descobrir as diferentes formas das gravuras, aprender os nomes das cores e por fim aprender a fazer e a misturar tintas através de pigmentos e outros materiais.

Deste modo, iniciámos a atividade num círculo (Figura 108) onde as crianças tentaram através de adivinhas descobrir os materiais que iriam ser usados, através do cheiro e do tato (Figura 109). Posteriormente, formámos dois grupos, um com os mais novos e outro com os mais velhos, tendo os primeiros começado por desenhar imagens das gravuras rupestres a carvão em papel de cenário (Figura 111), enquanto o segundo grupo triturava argila com pedras para ser usada como tinta (Figura 110). Após as tarefas terminarem as crianças juntaram-se num grupo para observar a elaboração das tintas: com pigmentos, ovo, água e vinagre. Depois das tintas estarem feitas, todas as crianças juntaram-se para pintar os desenhos anteriormente feitos a carvão, sobre o papel de cenário. No final da atividade, as crianças ofereceram ao projeto *Calhondra, olha o xisto!*, desenhos com animais pintados e com o nome do projeto sobre pedras (Figura 112).



**Figuras 108 e 109** – Demonstração dos materiais usados durante a atividade, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 110, 111e 112** – Diferentes momentos da atividade

#### 5.3.3.4 – *Um conto em xisto*: 28 de abril, 2012

No dia 28 de abril pelas 10h30 desenvolvemos na BMJBM a atividade *Um conto em xisto* com a duração de 1h30 dirigida ao *público geral*, contando com 7 participantes.

O objetivo desta atividade foi a criação de uma história gravada no xisto, dando a conhecer as diversas representações das gravuras rupestres, as histórias e lendas orais da região. Deste modo, começámos por interpretar e questionar as representações das gravuras e introduzir conceitos como picotagem.

De seguida, relembrámos velhas histórias e lendas regionais que aos poucos se completavam com a ajuda de todos os participantes (Figura 113). Resolvemos escolher apenas uma história para ser tratada na atividade: *A lenda do Rei Wamba* (ver anexo C) que segundo a narrativa, lançou a sua esposa pelas escarpas das Portas de Ródão e por onde passou, nada mais ali cresceu. Como tal, cada participante escolheu três momentos da história e reproduziu-os através da picotagem e da raspagem em pedras de xisto (Figuras 114 e 115).



**Figuras 113 e 114** – Participantes relembram lendas e histórias da região, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 115** – Técnica da picotagem, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### **5.3.4 – Atividades de maio**

Durante o mês de maio preparámos seis atividades, três englobaram-se nas comemorações do Dia dos Museus e foram realizadas no CMCD, enquanto que as restantes desenvolveram-se no local habitual. A atividade *Qual será a forma da Calhondra?!*, foi marcada por uma escola e as duas últimas *Mantas tapetes e croché* e *Postalinho aqui vais tu!* foram orientadas para o público geral.

##### **5.3.4.1 – *Qual será a forma da Calhondra?*: 3 de maio, 2012**

Esta atividade decorreu no dia 3 de maio na BMJBM, dirigida à turma do 1º ano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão e contou com 14 participantes, iniciando-se às 14h00 com 1h30 de duração. O objetivo desta oficina foi a construção da mascote do projeto, uma cobra-de-água, a partir de materiais reciclados. Pretendeu-se que os alunos adquirissem conhecimentos gerais sobre as quatro classes dos animais: mamíferos, aves, répteis e anfíbios,



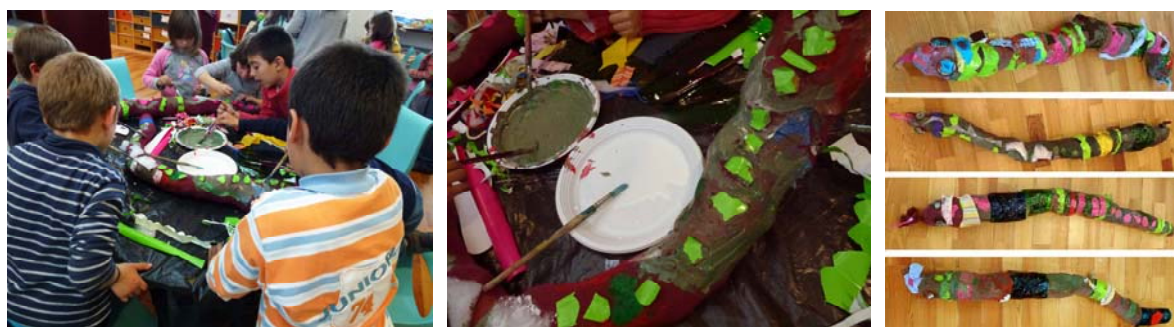
assim como que aprofundassem as características dos répteis e os vários aspetos de conservação da biodiversidade e do património.

Inicialmente em grupo, abordámos os tópicos atrás mencionados, finalizando com o caso da submersão das gravuras rupestres do Vale do Tejo e da sua necessidade de preservação, tal como da fauna e flora locais (Figura 116 e 117). De seguida, começámos a atividade plástica com um jogo de perguntas e respostas em grupos. Foram formados três grupos, com o objetivo de construir uma serpente, mas para terem acesso aos materiais era necessário acertar numa série de perguntas sobre os tópicos da conversa inicial. Foi deste modo, que os três grupos construíram uma calhondra, utilizando como materiais: *collants*, jornal, papéis, tecidos e tintas (Figuras 118 a 121).



**Figuras 116 e 117** – Conversa inicial, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 118** – Criação do corpo da serpente, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 119 e 120** – Elaboração das serpentes com vários materiais, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 121** – As quatro serpentes finais, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.4.2 – *Mantas tapetes e croché*: 5 de maio, 2012

No dia 5 de maio, prosseguimos com a quarta sessão de *Mantas tapetes e croché* pelas 10h30 na BMJBM e contámos com 9 participantes, quatro crianças e cinco adultos (Figura 122). Nesta sessão foi continuado o trabalho anterior e as crianças relembrou a técnica de fazer bombons em lã (Figuras 123 e 124). Os adultos bordaram com pontos mais elaborados, ajudando sempre os mais novos (Figuras 125 a 127).





**Figura 122, 123 e 124** – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 125 e 126** – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 127** – Tapeçaria, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.4.3 – *Dia dos Museus no CMCD*: 18 de maio, 2012

A pedido da Camara Municipal de Vila Velha de Ródão animámos o CMCD de V. V. de Ródão no Dia dos Museus, 18 de maio, e contámos com 20 participantes distribuídos entre público escolar, geral e juvenil. Seleccionámos três atividades para decorrerem de modo contínuo no CMCD. A atividade *A forma da calhondra* recebeu 14 crianças e 4 educadores da Creche da Santa Casa da Misericórdia, e a atividade *Pigmentos, ovo.... e já está!* e *Mantas tapetes e croché*, receberam um interveniente cada.

*A forma da calhondra* iniciou-se às 14h00 com a duração aproximada de uma hora e teve como objetivo um primeiro contacto com a diferente fauna pré-histórica e regional de Vila Velha de Ródão. À semelhança da outra atividade, *A forma da calhondra*, as crianças, em grupos, construíram duas cobras-de-água com materiais reciclados (Figuras 126 a 131). *Pigmentos, ovo.... e já está!* funcionou como um *atelier* de experimentação, com apenas um participante: este inspirou-se no acervo no CMCD e realizou uma tela com as tintas elaboradas nesta oficina (Figura 128).

Por fim, *Mantas tapetes e croché*, esteve em contínuo, disponível durante o dia mas apenas contou com uma participação, a de um adulto.



**Figura 128** – Pintura e desenho de uma trilobite, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 129** – Atividade *A forma da calhondra*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 130 e 131** – Calhondras já com forma, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.4.4 – *Postalinho aqui vais tu!*: 19 de maio, 2012

A atividade *Postalinho aqui vais tu* desenvolveu-se na manhã de 19 de maio, pelas 10h30, dirigida ao *público geral* e contou com 5 participantes, todos crianças. Nesta oficina elaborámos diferentes postais em formato A6 para posteriormente serem enviados a familiares (Figura 132). Os participantes desenharam e pintaram assuntos relacionados com o projeto da *Calhondra olha o xisto!* e representações de animais (Figuras 133 e 134).



**Figuras 132 e 133** – Colagens e guaches sobre papel, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 134** – Postais finais, V.V.R. 2012, fonte própria.

### 5.3.5 – Atividades de junho

No mês de junho encerrámos as atividades de *Calhondra, olha o xisto!* e inaugurámos uma exposição com os trabalhos elaborados durante o projeto em Vila Velha de Ródão. Assim, preparámos várias oficinas para o Dia da Criança destinadas às escolas, finalizámos a tapeçaria de *Mantas, tapetes e croché* e durante a inauguração da exposição da *Calhondra, olha o xisto!* lemos algumas histórias e poemas da atividade *Imagens história, história mito, mito memória*.

#### 5.3.5.1 – Dia da Criança

Para o Dia da Criança tínhamos quatro marcações da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão para a atividade *Pigmentos ovo e... já está!* com as turmas do 1º, 2º, 3º e 4º anos. Para além, das agenciadas recebemos mais duas turmas do Jardim de Infância do Porto Tejo e os bebés da Creche da Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão.

Como tal, devido à quantidade de sessões envolvidas (sete ao todo), propusemos elaborar atividades para cada turma com duração de 1 hora em que todos os intervenientes produzissem uma obra comunitária e pública. Deste modo, apesar de cada sessão ter uma oficina específica, a atividade plástica de todas as turmas culminou num projeto comunitário que se materializou na intervenção na varanda da BMJBM. Para além, das oficinas, foi distribuída a todos os participantes, no fim de cada sessão, uma *T'shirt* comemorativa do Dia da Criança e alusiva ao projeto *Calhondra, olha o xisto!* financiada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco e pela BMJBM (Figura 145).

Em relação às atividades propostas, a primeira a decorrer foi orientada para a Creche, às 9h30. Esta sessão teve o objetivo de estimular os sentidos das crianças, principalmente o tato, visão e o olfato. Para isso, foram criadas diversas tintas elaboradas a partir de frutos, vegetais, chá e café. Também foram recolhidas plantas aromáticas e folhas que apresentassem diferentes formas: aguçadas, suaves, compridas ou curtas. Estes elementos foram dispostos sobre papel de cenário no espaço da BMJBM, juntamente com imagens das gravuras rupestres do Vale do Tejo (Figura 135). Quando as crianças chegaram ao local tentámos descobrir formas nas imagens e, através do tato e do olfacto, os materiais expostos. No final, as imagens foram coloridas com as tintas, e como pincéis foram usados as plantas e as folhas. Cada peça foi colocada na varanda da BMJBM (Figura 136 e 137).





**Figuras 135, 136 e 137** – Atividade da creche, V.V.R. 2012, fonte própria.

A primeira sessão de *Caçadores ferozes* decorreu às 10h30 e a terceira às 11h30, desenvolvidas com as duas turmas (*bibe verde* e *bibe azul*) do Jardim de Infância do Porto Tejo. As atividades começaram com um pequeno jogo onde as crianças tinham que encontrar no exterior da BMJBM diversas imagens de animais presentes nas gravuras rupestres do Vale do Tejo (Figura 138, 139). Após o jogo, conversámos em círculo sobre os animais da pré-história e gravuras rupestres do Tejo (Figura 141). Posteriormente os participantes escolheram um animal e representaram-no a tinta guache na varanda da BMJBM (Figuras 140, 142, 143).



**Figuras 138, 139 e 140** – Atividade *Caçadores Ferozes* – *Bibe azul*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 141, 142 e 143** – Atividade *Caçadores Ferozes* – *Bibe verde*, V.V.R. 2012, fonte própria.

Por fim, com a oficina *Pigmentos ovo e já está!* chegaram os restantes grupos da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão, a partir das 13h00. Assim, às 13h00, chegou a turma do 1º ano, de seguida, às 14h00 a do 2º ano, às 15h00 o 3º ano, e por fim, às 16h00, o 4º ano.

Estas quatro sessões organizaram-se de igual modo, apenas com algumas pequenas variações de acordo com a idade. Todas começaram com uma conversa introdutória que incluía diversas questões (Figura 149); de seguida iniciou-se a concretização da proposta prática no decorrer da qual elaboraram tintas para a intervenção na varanda como motivos da arte rupestre do Vale do Tejo.

Para a execução do trabalho prático, os participantes foram divididos por várias mesas que continham os materiais necessários para a atividade, entre os quais: pigmentos, carvão, argila, paus, pêlos de cavalo, vinagre, água, pedras, ovo e pincéis sintéticos. Cada grupo tinha a tarefa de elaborar tintas a partir desses elementos. Deste modo, trituraram argila e carvão para produzir pigmentos, adicionando os restantes elementos para formar tinta. Elaborámos também pincéis a partir de crinas de cavalo e paus (fig147). Por fim, cada turma dirigiu-se para a varanda e pintou com as suas tintas motivos relacionados com a arte rupestre (Figuras 144, 146, 148), ao encontro do que acima referimos. No final das atividades, a varanda da BMJMB ficou completamente colorida com os desenhos e pinturas dos participantes (Figuras 150 a 152).



**Figuras 144 e 145** – Grupo do 1º ano com a atividade *pigmentos, ovo... e já está!* V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 146** – Grupo do 2º ano com a atividade *pigmentos, ovo... e já está!* V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 147 e 148** – Grupo do 3º ano a preparar as tintas, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 149** – Grupo do 4º ano, V.V.R. 2012, fonte própria.





**Figuras 150, 151 e 152** – Resultado final da intervenção na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### 5.3.4.2 – *Mantas tapetes e croché*: 2 de junho, 2012

No dia 2 de junho realizou-se a última sessão de *Mantas tapetes e croché*, sendo que posteriormente os participantes juntaram-se para terminar trabalhos na tapeçaria.

Nesta sessão entrevistaram 11 participantes, seis crianças e cinco adultos, entre os quais alguns idosos do Lar da Santa Casa da Misericórdia de V. V. de Ródão (Figuras 153, 156). As crianças, neste último dia, aprenderam o *ponto corrente* (Figura 155), enquanto os mais velhos tentaram terminar o restante dos motivos e coser as *lérias* elaboradas por uma idosa no perímetro da tapeçaria (Figuras 154, 157, 158). Apesar do esforço após esta última sessão, a peça ainda não se encontrava terminada na ocasião da montagem da *Exposição da Calhondra, olha o xisto!* e foi decidido, então, expô-la na BMJBM como trabalho contínuo, passível de ser intervencionado durante a exposição. Deste modo, durante esse período foi possível terminá-la e por fim, expô-la na Feira das Atividade Económicas e da Gastronomia de V. V. de Ródão, com outras peças selecionadas das atividades.



**Figuras 153, 154 e 155** – Grupo de trabalho das *Mantas tapetes e croché*, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figura 156** – Grupo de trabalho, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figuras 157 e 158** – Pormenores dos trabalhos, V.V.R. 2012, fonte própria.

## 5.4 – Exposição: *Calhondra olha o xisto!* 15 a 1 de julho

### 5.4.1 – Montagem e espaços

A exposição da *Calhondra olha o xisto!* decorreu entre os dias 15 a 30 de junho em vários estabelecimentos da Vila Velha de Ródão. Porém, nos últimos três dias, algumas peças foram deslocadas para o espaço reservado da BMJBM na Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia de V.V. R. que decorreu entre 29 de maio e 1 de julho.

Deste modo, os locais abrangidos durante a primeira fase de exposição foram o Café Mangual, o Lar da Santa Casa da Misericórdia, o Centro de Saúde de V. V. Ródão, a Segurança Social e o posto de combustíveis, além da BMJBM.

No café Mangual, cafetaria e restaurante, localizado no centro da vila, as peças foram expostas na sua sala de refeições e de estar. A Santa Casa da Misericórdia cedeu o *hall* de entrada do Lar de Idosos. Este local apesar de ser só frequentado pelos idosos e respetivas famílias fazia todo o sentido, já que houve uma grande participação da Stª Casa da Misericórdia nas atividades da *Calhondra, olha o xisto!* Portanto pendurámos peças (calhondras) nas paredes e teto e, nas paredes, colocámos ainda pinturas em papel de cenário, resultantes da atividade *Pigmentos, ovo e já está!* No Centro de Saúde de V.V. de Ródão, instalámos na sala de espera vários desenhos dos *Caçadores ferozes* e peças em xisto, dando mais jovialidade ao espaço que é, habitualmente, frequentado predominantemente por idosos. Na pequena sala de atendimento da Segurança Social de V.V. de Ródão, colocámos as peças de cerâmica nos parapeitos das janelas, e, numa mesa, as histórias de *Um conto em xisto*. As bombas da gasolina da BP, local estratégico de passagem, cederam espaço dentro do seu café, onde colocámos duas grandes pinturas, na parede, de *Pigmentos*. Por fim, na BMJBM, parceira no projeto, tivemos a nossa tapeçaria disposta no espaço infantil (como trabalho em progresso). Passámos os vídeos executados nos teatros de sombra e mantivemos o nosso

espaço habitual com várias peças dos participantes. Deste modo, a montagem das peças decorreu no dia anterior e na manhã da inauguração da exposição, tendo sido colocado legendas (ver Apêndice N) e cartaz da exposição, nos diferentes espaços (ver Apêndice H).

### **Espaços e respetivas peças das atividades:**

**1-Café Mangual:** peças *Postalinho, aqui vais tu!* (Figuras 161 e 161)

**2-Bombas da gasolina da BP:** duas peças de *Pigmentos, Ovo e já está!* (Infantário)

**3-Biblioteca (BMJBM):** *Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres; Mantas, tapetes e croché;* três vídeos do *Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?* (Figura 165, 166)

**4-Santa Casa da Misericórdia –** *Pigmentos, Ovo e já está!* (creche); *A forma da calhondra* (1º ano e creche) (Figuras 167,168)

**5-Segurança social de V. V. R. –** Peças de *Potes e jarros; Um conto em Xisto* (3º ano) (fig162 e 163)

**6-Centro de Saúde de V.V.R. –** *Um conto em xisto* (publico geral); *Caçadores ferozes* (2ºano) (Figuras 159 e 160)

Em relação à mudança de algumas peças para a Feira das Atividades Económicas, tal como se procedeu na primeira montagem, esta também decorreu na véspera. Deste modo, foram seleccionadas algumas peças anteriormente expostas para incorporar a mostra deste segundo momento de exposição.



**Figuras 159 e 160** – Sala de espera do Centro de Saúde. V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 161** – Café Mangual, V.V.R. 2012, fonte própria.





**Figuras 162 e 163** – Segurança Social de V.V. Ródão, V.V.R. 2012, fonte própria.

**Figura 164** – Café Mangual, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 165 e 166** – Peças da exposição na BMJBM, V.V.R. 2012, fonte própria.



**Figuras 167 e 168** – Peças da exposição na Stª Casa da Misericórdia, V.V.R. 2012, fonte própria.

#### **5.4.2 – Inauguração e exposição *Calhondra, olha o xisto!***

A inauguração decorreu por volta das 16h00 na BMJBM e contou com cerca de 20 pessoas. Foi oferecido um pequeno *cocktail*, sendo as pessoas incentivadas a participar na atividade *Mantas, tapetes e croché* (fig169 e 170) ao que, de um modo geral, acederam. Na feira, a exposição decorreu sem problemas e ocupou metade do espaço cedido à BMJMB (fig. 171-173). A pedido da BMJBM a tapeçaria continuou exposta nas suas instalações durante o

mês de agosto. Outros estabelecimentos, como o caso das bombas da gasolina da BP, também continuaram com as peças para lá do inicialmente previsto.



**Figuras 169 e 170** – Inauguração da exposição, BMJBM, fonte própria.



**Figuras 171, 172 e 173** – Exposição na Feira, V.V.R, fonte própria.

Deste modo, terminámos as atividades do programa de *Calhondra, olha o xisto!*, fazendo votos para que as oficinas realizadas, tal como a exposição, tenham causado um impacto positivo na comunidade rodense, esperando que outros projetos do género se realizem no futuro.

## Conclusão

De seguida iremos fazer as considerações finais do projeto educativo *Calhondra, olha o xisto!*, resumindo a ação e apontado os seus aspetos teóricos mais relevantes, relacionando-os com as atividades executadas. Terminaremos com uma análise do impacto na população escolar e geral, apontando novas práticas, caminhos e possíveis direções futuras.

Propusemo-nos, durante cinco meses, a conceber, desenvolver e concretizar atividades que fossem ao encontro dos interesses da comunidade rodense, sem nunca abdicar dos nossos objetivos e premissas iniciais relacionadas com as nossas ideias sobre educação artística, entre os quais:

- 1 – Prática artística (dramática, plástica, literária e poética);
- 2 – História da arte;
- 3 – Crítica e apreciação artística;
- 4 – Desenvolvimento da imaginação e da invenção;
- 5 – Educação para o todo.

Para tal, tentámos envolver a população local no projeto *Calhondra, olha o xisto!* que tinha como móbil, como fomos referindo, a valorização dos recursos endógenos locais, para a construção e tema das atividades propostas. Encontramos no núcleo do CARVT, as gravuras rupestres do Tejo, o ponto de partida perfeito para explorar os itens atrás mencionados e o património natural e cultural. Deste modo, as atividades iniciaram-se em fevereiro e concluíram-se em finais de junho. Promovemos cerca de 15 atividades que originaram 33 sessões, envolvendo 461 pessoas entre público escolar e geral. Desenvolvidas maioritariamente na BMJBM, o projeto decorreu também em locais históricos e naturais de Vila Velha de Ródão e, com a exposição final, chegámos a vários estabelecimentos comerciais e públicos de Ródão e, por fim, à *Feira das Atividades Económicas e da Gastronomia*, que se realiza anualmente na Vila, movendo centenas de pessoas, como oportunamente indicámos. Em relação às oficinas, desejávamos criar relações de interdisciplinaridade entre diferentes áreas do saber, nas quais se incluíssem conteúdos escolares de diferentes disciplinas relacionadas com as ciências, artes, letras, desporto e música. Assim, queríamos privilegiar uma educação global do indivíduo, em que cognição, perceção, intelecto e emoção fossem trabalhados em conjunto e a par da expressão artística. Deste modo, as nossas atividades foram interligadas por uma tricotomia: CARVT /

património artístico ou natural local/ expressão artística, materializadas em três momentos nas oficinas que promovemos, sem ordem pré – estabelecida:

- 1 – Análise e discussão em grupo sobre imagens apresentadas;
- 2 – Atividade lúdica ou experimentação;
- 3 – Atividade prática relacionada com a expressão artística;

Para tal apoiámo-nos nas teorias de Vygostky, Piaget, Eisner, Housen, Yeanawine, Bruner, Arnheim, entre outros, como expusemos, com a finalidade de desenvolver estas atividades baseadas nestes propósitos. Usámos uma abordagem construtivista alicerçada pelo jogo e pela experimentação, acreditando que as crianças aprendem melhor da prática para o conceito. Estas teorias foram fundamentais para o sucesso com o público *infanto-juvenil*, enquanto que a construção de grupos multietários foi importante para o envolvimento do público mais velho, criando encontros entre gerações. Deste modo, em todas as oficinas foi promovida a parceria e a cooperação na resolução dos problemas apresentados durante os encontros, estimulando a partilha de saber, tornando-se esse um elemento fundamental para a construção da ação. Como exemplos concretos destas práticas iremos resumir as premissas de três atividades realizadas durante a ação, *Mantas, tapetes e croché*, *Caçadores ferozes* e *Recortes aos pulos*. Todas tiveram uma componente relacionada com a apreciação estética e crítica, na qual os participantes foram convidados a decodificar e analisar imagens, abordando a história da arte e contexto histórico.

***Mantas, tapetes e croché:*** Constituiu um exemplo de como foi possível juntar crianças de três anos com adultos de noventa. Nesta atividade criou-se uma peça comunitária, elaborada por técnicas manuais dos labores, criando-se uma nova abordagem e interpretação sobre o CARVT. Foi útil a cooperação entre os participantes e foram partilhadas as mais variadas técnicas entre jovens, adultos e crianças. Devido ao sucesso desta oficina, a BMJBM decidiu expô-la nas suas instalações, durante os meses de agosto e setembro.

***Caçadores ferozes:*** O jogo foi fundamental para o sucesso desta atividade dedicada a crianças do infantário e do 1º ciclo. Com estas idades, é difícil, se não impossível, entender conceitos como “pré-história” e “gravuras rupestres”. Deste modo, a partir de um jogo de pistas de grupos (jogo de adivinhas onde se escondem imagens, que neste caso eram representações zoomórficas) as crianças associaram as imagens a animais e ao seu

desempenho no jogo da caça. Abordámos, posteriormente, a pré-história e como consolidação executámos uma pintura do animal caçado juntamente com o seu *habitat*.

**Recortes aos pulos:** Esta atividade é um bom exemplo para o trabalho em equipa de crianças de diferentes faixas etárias e para o cruzamento de diferentes artes. O móbil foi a construção de uma peça dramática para um teatro de sombras, seguida da sua representação. As crianças e jovens exploraram a arte dramática, a plástica, a literatura e a história. Organizaram-se em três grupos, elaborando peças dramáticas, desenharam, construíram personagens, ensaiaram e representaram para público as suas peças. Esta atividade durou dois dias, e ao fim da tarde do primeiro dia as crianças e jovens de diferentes grupos ajudavam-se e partilhavam opiniões, observando-se mutuamente no dia da representação, sendo participantes em duas peças diferentes. Parece, pois, legítimo concluir-se que crianças de faixas etárias muito diferentes (6 aos 13anos) criam líderes, distribuem tarefas, partilham e cooperam independentemente da idade, comprovando que os grupos multietários são uma mais-valia para o processo educativo.

As atividades desenvolvidas para o Dia da Criança demonstraram o interesse da comunidade educativa pelo projeto, ao convocarem-nos para elaborarmos a programação das oficinas das escolas para o Dia da Criança e para desenharmos uma *T'shirt* comemorativa para oferecer aos participantes, patrocinada pela BMJBM e Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, como já dissemos. Apesar do esforço a preparar, organizar e realizar sete atividades num dia só, tal foi visto por nós como um grande reconhecimento da comunidade pelo nosso projeto educativo.

Por fim, a exposição realizada na Vila demonstrou a aceitação e empenho da comunidade, fundamentalmente dos locais onde as peças foram expostas. Alguns estabelecimentos expuseram para lá das datas afixadas, como foi o caso das Bombas da Gasolina da BP, e da BMJBM, que publicitou por diversos canais que, durante agosto, o público poderia visitar a tapeçaria elaborada durante o projeto, nas suas instalações.

Durantes a ação foram publicadas diversas notícias sobre o projeto na imprensa (ver anexo E) e na internet, de que destacamos o *Jornal do Fundão*, *A Reconquista*, o *Diário Digital* e o jornal da escola do 1º, 2º e 3º ciclo, com notícias elaboradas por crianças que frequentaram as atividades. A programação mensal, para além dos *flyers* e *poster*, encontrava-se disponível na *Agenda cultural de V.V. R.* que é distribuída todos os meses à população (anexo D). A rede social *facebook* manteve-se ativa e serviu como plataforma de divulgação da ação. Por outro lado, para uma melhor avaliação do impacto, elaborámos inquéritos

direcionados para a escola / crianças, adultos e professores (Apêndice O e P) nos últimos meses do projeto. Os inquéritos foram distribuídos a partir de maio e estiveram disponíveis na BMJBM, bem como incentivamos o preenchimento durante as atividades. Ao todo registaram-se 57 preenchimentos, porém uma grande percentagem encontra-se incompleta, notando-se relutância em escrever, fundamentalmente no público infantil. Deste modo, foram relatadas nove atividades entre as quais, *Pigmentos... ovo e já está!* – 1º ano, com 15 inquéritos; *Pigmentos... ovo e já está!* – 2º ano, com 16; *Pigmentos... ovo e já está!* – 3º ano, com 13; *Tapetes, mantas e croché*, com 5; *Postalinho aqui vais tu!* com 3; *Andakatu teórico*, com 2; *Um conto em xisto*, com 2; *Imagem história, história mito, mito memória*, com 1; e por fim *Diários gráficos e as gravuras rupestres*, com 1 preenchimento.

Nos inquéritos questionámos o grau de satisfação com as atividades, monitora, enquadramento teórico e prático, atividades artísticas, tendo como resposta na sua maioria – *gosto muito*. Às perguntas do segundo bloco, as respostas foram na sua maioria afirmativas, referindo que gostavam que a *Calhondra* continuasse no próximo ano.

No último bloco de questões, entre três a quatro perguntas, dependendo do tipo de público do inquérito, registámos algumas respostas comentando as perguntas “o que gostou mais nesta atividade?” (adultos e professores) e “o que gostaste mais e menos nesta atividade?” (crianças e escolas):

- *Da forma como se interligou a parte científica com o lúdico. Os alunos sentiram-se motivados com as atividades propostas* (professora do 3º ano na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Gostei muito porque aprendemos coisas novas e que menos gostei foi que os meninos se portassem mal* (3º ano, 8 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Gostei muito de pintar nos vidros* (3º ano, 8 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Gostei da representação dos animais* (faculdade, 20 anos na atividade *Diários gráficos e as gravuras rupestres*)
- *Aprender a modelar /moldar através de “rolhinhos” de barro* (sénior, 61 anos na atividade *Andakatu teórico*)
- *Foi de escrever, gostei de tudo* (9 anos, na atividade *Um conto em xisto*)
- *A partilha de experiências* (sénior, 61 anos na atividade *Mantas, tapetes e croché*)
- *Eu gostei mais da atividade de pintar e não gostei da parte de cheirar o pincel* (2º ano, 8 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Gostei da atividade. Os alunos estiveram motivados e empenhados nas diferentes atividades. Expressaram-se livremente através da pintura.* (professora do 1º ano na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)

Em relação à resposta à pergunta feita aos adultos: “O que gostou menos?”:

- *Nada em especial. Gostei de tudo.* (professora 2º ano na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Não tenho nada a salientar. A atividade foi interessante.* (professora 1º ano na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)

- *A minha falta de habilidade, porém ultrapassada pelos participantes habilidosos que me ajudaram* (sénior, 61 anos na atividade *Mantas, tapetes e croché*)

Sobre a pergunta “Escreve duas coisas que aprendeste” (crianças/ escolas):

- *A fazer pinturas e fazer pinceis* (3º ano, 9 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Aprendi que eles punham ovos na tinta e que os seus pinceis era feitos de pelos de cavalo e paus* (3º ano, 9 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Aprendi como se faz a pintura e de saber olhar para as cores* (2º ano, 7 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Eu aprendi a fazer cores e aprendi mais sobre arte rupestre* (2º ano, 8 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)
- *Aprendi a fazer cores e a fazer experiencias* (2º ano, 8 anos na atividade *Pigmentos... ovo e já está!*)

Por fim, a maioria dos participantes, regressava a novas atividades de *Calhondra, olha o xisto!* e soube da programação por contacto direto com a BMJBM e organização ou pela divulgação (para consulta dos inquéritos na sua totalidade consultar Apêndice Q).

Em conclusão, as atividades de *Calhondra, olha o xisto!* exploraram a realidade como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, em que os sentidos, perceção e aprendizagem se relacionaram. A abordagem construtivista foi essencial na organização e condução das atividades de educação artística programadas, seguindo os princípios teóricos de Vygotsky, Piaget, Bruner, Arnheim, Eisner, entre outros, como oportunamente expusemos. Com o objetivo principal de levar as crianças, jovens e adultos a compreenderem melhor o mundo onde se inserem, promovendo o interesse pelo património, recursos endógenos e atividades artísticas, constatámos que apesar dos diferentes graus de desenvolvimento cognitivo, as crianças, jovens e adultos aprendem melhor em comunidade e em grupos, daí a necessidade de integração dos jovens e crianças num meio social. As imagens serviram de ponto de exploração para a prática, análise e descodificação das representações da arte pré-histórica, que através de experimentação e jogos de descoberta orientaram o público para o conhecimento. Desta forma, através de uma atitude construtivista e mediada pelo monitor, os participantes desenvolveram a imaginação, a capacidade crítica e a perceção visual, tal como capacidades plásticas e manuais traduzidas pelo desenho, pintura, modelagem, colagem, costura, drama, literatura. Preocupámo-nos em encontrar temas e atividades que motivassem diferentes públicos e que pudessem ser explorados sob diferentes ângulos. Deste modo, o nosso interesse foi promover a colaboração dentro da comunidade e entre gerações. Porém, verificámos que há camadas da população rodense a que não conseguimos chegar, em especial os adolescentes e jovens, esperando que surjam novas propostas para colmatar essa

falha. Notamos que este tipo de ação necessita de continuidade e que os resultados não são mensuráveis num espaço tão curto de tempo: só uma perspetiva mais abrangente sobre as futuras práticas desenvolvidas na terra poderá afirmar mudanças. Uma vez que educar para o Património e para a Arte necessita de tempo, e cinco meses é pouco, considero desejável o estabelecimento de práticas semelhantes em localidades rurais, com continuidade. Numa zona afetada pela desertificação, envelhecimento e pobreza esperemos que o nosso projeto contribua para diferentes perspetivas culturais, e que através da potencialidade turística contribua, sustentavelmente, para fontes de rendimento ignoradas numa das zonas mais pobres de Portugal, aproveitando para explorar os recursos endógenos tão particulares dessa zona, respeitando e valorizando a sua identidade.



## Bibliografia

- ABRANTES, José Carlos. (2000) “À conversa com...Arquimedes Santos” *Noesis*. Nº 55, jul/set. [consult. 1-7-2012] disponível em <<http://area.dgidec.minedu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe55/conversa.htm>>
- ALMEIDA, Betâmio. (1967) *A Educação Estética*. Separata da Revista Portuguesa de Psicologia, nº31 Dezembro, p. 9-18. Lisboa: Centro de Investigação de Pedagogia Fundação Calouste Gulbenkian.
- ARNHEIM, Rudolf. (1969) *Visual Thinking*; London: University of California Press.
- ARNHEIM, Rudolf. (1991) *Thoughts on Art education*. Los Angeles: Getty Center in Art Education.
- AZNAR, Gui (2006) *Precisar o sentido da palavra Criatividade*, Texto policopiado, disponível na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Resumo e tradução Ana Bela Mendes.
- BAHIA, Sara. (2006) “Em busca de uma nova musa que cruze arte, ciência e tecnologia”. *Lúdico e a Criatividade*. Castelo Branco: Escola Superior de Educação de Castelo Branco, p. 129-147.
- BAPTISTA, António Martinho (19--?) *Arte Rupestre do Vale do Tejo: A arte dos Povos Neolíticos do Vale do Tejo*. CIART.
- BARBOSA, Ana Mae (1978) *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Editora Cultrix.
- BATISTA, Graça. (2001) *Viagens do Olhar*. Vila Velha de Ródão: Centro de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão.
- CORREIA, José Alberto; CAMELO, João (2001) “Linhas gerais para uma reflexão em torno da problemática das relações entre educação e desenvolvimento local” *Aprender – Ensinar e Aprender Línguas Hoje*. Nº 25. Portalegre: Escola Superior de Educação de portalegre, p. 88 - 89.
- DEWEY, John (1916) “Democracy and Education.” In Allen, Felicity. *Education: Documents of Contemporary Art*. London: Whitechapel Gallery, p. 30-31.
- DEWEY, John. (1997) *Experience and Education*. New York: Touchstone.
- DOBBS, Stephen. (2003) *Learning in and through art*. Los Angeles: Getty Publications.
- EÇA, Maria Teresa Torres Pereira. (2008) “Educação artística em Portugal: entre a tradição e a ruptura”; *Pós: Revista de Pós-graduação em Artes*, v.1. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- EISNER, Elliot. (2002) *The Arts and the Creation of Mind*. London: Yale University Press.
- FERREIRA, Aurora. (2010) *Arte, Escola e Inclusão*. Petrópolis: Editora Vozes.
- FIELD, Dick. (1970) *Change in Art Education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- FONTANEL-BRASSART, Simone; ROUQUET, André. (1977) *A Educação Artística na Acção Educativa*. Coimbra: Livraria Almedina.

- Freguesia de Vila Velha de Ródão. [consult. 24-10-2011] Disponível em <<http://www.freguesiavvrodao.com/>>
- FROIS, João Pedro (1999) “Entrevista com Michael Parsons” *Noesis*. Nº52, out-dez, p. 31-34 [consult. 27-2-2012]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/2365>>
- GAMA, Maria Clara. (1998) *A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação*. [consult. 24-10-2012]. Disponível em <<http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>>
- GARDNER, Howard. (1982) *Art, Mind, and Brain. A Cognitive Approach to Creativity*. USA: BasicBooks.
- GARDNER, Howard. (1990) *Art education and Human Development*. Los Angeles: Getty Center in Art Education.
- GOMES, M.<sup>a</sup> Lúcia; MACHADO, M.<sup>a</sup> Manuela; SILVEIRA, Irene; OLIVEIRA, Laura. (2002) *Crescer em Comunidade*. Lisboa: Ministério da Educação.
- HEIN, George (1991) “Constructivist Learning Theory.” In Allen, Felicity. *Education: Documents of Contemporary Art*. London: Whitechapel Gallery, p. 44-47.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; GOUVEIA, Jorge. (19--?) *Itinerários por Terras da Açafa: Arte Rupestre do Vale do Tejo*. Vila Velha de Ródão: AEAT – Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.
- HOUSEN, Abigail. (2000) “O Olhar do Observador: Investigação, Teoria e Prática.” In *Educação Estética e Artística Abordagens transdisciplinares*. Coord: Fróis, J P. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 147-189.
- JORGE, S. O.; LEMOS, F. S.; MONTEIRO, J. P.; QUEROL, M. A.; SERRÃO, E. C. (1972) *O complexo de arte rupestre do Tejo (Vila velha de Ródão-Nisa)*; Lisboa: Real Associação: dos archit: civis e archeol: Portug.
- MARQUES, Ramiro (s.d.) *A pedagogia de Jerome Bruner* [consult. 24-9-2012]. Disponível em <[http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/A%20Pedagogia%20de%20JeromeBruner.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20de%20JeromeBruner.pdf)>
- MARTINS, Ernesto (2001) “Um dos reptos do milénio: a educação para o turismo” *Aprender – Ensinar e Aprender Línguas Hoje*. Nº 25. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre, p. 105 - 109.
- MUNARI, Bruno. (1997) *Fantasia*. Lisboa: Edições 70.
- NATURTEJO, *O que visitar*. [consult. 24-10-2011] Disponível em <<http://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=15>>
- OSTROWER, Fayga (2010) *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes.

- PARSONS, Michael (2011) “Interpretação da arte através de metáforas” *Educação*, set./dez. , vol. 34, nº. 3, Porto Alegre p. 286-292. [consult. 24-10-2011] Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9276>>
- PERRAUDEAU, Michel. (2000) *Os métodos Cognitivos em Educação: Aprender de outra forma na Escola*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PIAGET, Jean. (1975) *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- READ, Herbert (1943) “Education Trough Art.” In Allen, Felicity. *Education: Documents of Contemporary Art*. London: Whitechapel Gallery, p.34-36.
- ROGOFF, Barbara; TURKANIS, Carolyn; BARTLETT, Leslee. (2001) *Learning Together: Children and adults in a School Community*. New York: Oxford University Press.
- SANTOS, Arquimedes. (1992) “Por uma perspectiva psicopedagógica da arte e educação em Portugal.” In Ensino artístico 7. Porto: Edições Asa, p.14-33.
- SARDINHA, Idalina. (2006) *Arte e Pedagogia: No Contemporâneo e Actual*. Oeiras: Celta.
- SCHILLER, Friedrich. (1994) *Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*. Coord: Cadete, Teresa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SMITH, Ralph. (1998) “Contemporary Aesthetic Education”. In *Encyclopedia of Aesthetics*. London: Oxford University Press, 93-95.
- SOUSA, Alberto B. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação: Bases psicopedagógicas*. vol. 1. Lisboa: Instituto Piaget.
- SWANGER, D. (1960) “Discipline-Based art education: heat and light”, *Education Theory*, vol.40, nº4, Board of The Trustees of the University of Illinois. [consult. 1-7-2012]. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-5446.1990.00437.x/abstract>>
- VARELA, Mário Gomes (2004) “A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 7, nº1, p.61-128. [ consult. 4-1-2012]. Disponível em <[http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7\\_1/4.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_1/4.pdf)>
- VIANA, Clara. (2012) “Disciplina de EVT foi extinta, mas manuais vão continuar em vigor” *Público*. [consult. 1-7-2012]. Disponível em <<http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/disciplina-de-evt-foi-extinta-mas-manuais-vao-continuar-em-vigor-1544588>>
- VYGOTSKY, Lev. (2009) *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- YENAWINE, Philip (2000) “Da Teoria à Prática: Estratégias do Pensamento Visual.” In *Educação Estética e Artística Abordagens Transdisciplinares*. Coord: Fróis, J P. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 191-200.

## **Apêndice A – Lista provisória das atividades programadas por meses, materiais e orçamento entregue à BMJBM.**

Atenção, nem todas as actividades se realizaram ou foram anunciadas na nossa programação mensal.

<b>Orçamentos e material das actividades:</b>
<p style="text-align: center;">Fevereiro</p> <p><b><u>Imagem, História, História mito, mito, memória</u></b> Material: Resma de folha, fotocópia da imagem Orçamento: 0eur</p> <p><b><u>Caçadores Ferozes</u></b> Materiais: reproduções das gravuras, papel de cenário, tintas e lápis de cor Orçamento: Três tintas – têmpera líquida Escolar Primi Passi 500 m: 3,06/ 9.18eur</p> <p><b><u>Mantas, tapetes e croché: 5 sessões</u></b> Materiais: pano cru, trapos, lãs, linhas, agulhas, tesouras Orçamento: +-20 (linhas, agulhas, pano cru)</p> <p><b><u>Música Australopiteca</u></b> Materiais: linhas/ cordões, copos de iogurtes, caricas, caixas de papelão Orçamento: 0 eur</p> <p><b><u>Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres</u></b> Materiais: papel cavalinho, cartolina, lápis, carvão, lápis de cor, canetas de feltro, pasteis Orçamento: Carvão Vegetal Fino – 24 Lápis 5,69 eur Pastel óleo: Pastel Óleo Raphael 24 cores 8,59 € Papel Bloco Inart A4 Técnicas Húmidas 120g 60folhas: 3.54eur</p>
<p style="text-align: center;">Março</p> <p><b><u>Um conto em xisto</u></b> Materiais: pedras de xisto e mais aguçadas, papel A4, lápis tintas, contos tradicionais da zona. Orçamento: 0eur</p> <p><b><u>Mantas, tapetes e croché</u></b> Materiais: trapos, lãs, linhas, agulhas, tesouras. Orçamento: 0eur</p> <p><b><u>Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres</u></b> Materiais: papel cavalinho, cartolina, lápis, carvão, lápis de cor, canetas de feltro Orçamento: 0eur</p> <p><b><u>Andakatu vai até à foz do Enxarrique</u></b> Limite: 5 a 25 pessoas Orçamento: 3 euros por pessoa: 15 a 60eur</p>

**Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?**

Materiais: papel A4, cartolinas/ cartão, lápis, pauzinhos, lençol branco, projector de luz

Orçamento: 0eur

**Andakatu atelier**

Limite: min. 5 pessoas, max. 15 pessoas

Orçamento: 3 euros: min-15eur, max. 45 eur

**Potes e jarros**

Materiais: 10kg barro, pedras da zona

Orçamento: Sio escolar 5 kg = 4.23 eur x2 = 8.46 / Plus Auto endurecimento 10kg: 24.96

**Abril****Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

Materiais: papel cavalinho, cartolina, lápis, carvão, lápis de cor, canetas de feltro, pasteis

Orçamento: 0eur

**Pigmentos... ovo... e...já está!**

Materiais: ovos, pinceis, tacinhas e pigmentos da terra

Orçamento: 0eur

**Um conto em xisto**

Materiais: Pedras de xisto e pedras mais aguçadas, papel A4, lápis e tintas

Orçamento: 0 eur

**Maio****Qual será a forma da Calhondra!?**

Materiais: materiais reciclados como rolos de papel higiénico, colans velhas,, embalagens, cola branca, fita cola, restos de papeis, tesouras, pinceis

Orçamento: cola branca – Frasco de 1 Kg 6,58 eur

**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres – conferência**

Materiais: ?

Oradores: ?

**Postalinho aqui vais tu!**

Materiais: Papel A5 cavalinho/cartolinas, lápis de carvão, tintas, pinceis, restos de papel e cola

Orçamento: 0eur

junho

**A gravura perdida!**

Material: fotocópias

Orçamento: 0eur

**Exposição *Calhondra olha o xisto***

Material: inauguração, publicidade

Orçamento:

**Leitura dos contos seleccionados: Imagem história, história mito, mito, memória**

Orçamento: 0eur

**Passeio as gravuras Rupestres do Gardete com guia**

Material: carrinha e gastos em transporte, guia

Orçamento: (falar com os Estudos do Alto Tejo)

**Apêndices B – Orçamento provisório para as atividades de *Calhondra, olha o Xisto!* nos meses entre fevereiro e junho.**

Os materiais escolhidos tiveram em vista a melhor relação de qualidade/ preço e as suas referências foram obtidas via *online* da *Loja Ponto das Artes* em Lisboa, apesar de as compras terem que ser realizadas em lojas locais com acordos comerciais com a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

<b>Lista de material</b>	<b>Quantidades</b>	<b>Preço unitário</b>	<b>Preço</b>
Tempera líquida Escolar Primi Passi 500 m	5	3,06€	15,30€
Lãs, linhas, agulhas, pano cru			20,00€
Carvão Vegetal Fino – 24 Lápis	2	5,69€	11,38€
Pastel óleo: Pastel Óleo Raphael 24 cores (dispensável)	1		8,59€
Papel Bloco Inart A4 Técnicas Húmidas 120g 60folhas:	2	3,54€	7,08€
Pinceis daVinci Junior redondo pêlo sintético	10	2,00€	20,00€
Tesouras	10	1,62€	16,20€
Barro 5kg	2	4,23€	8,46€
	<b>Totais materiais</b>		<b>107,01€</b>
<b>Visitas e ateliers</b>	<b>Número</b>	<b>Preço pessoa</b>	<b>Preço grupo</b>
Andakatu todos	5 a 25	3,00€	75,00€
andakatu atelier	5 a 10	3,00€	30,00€
Outras despesas			
	<b>Total visitas e ateliês</b>		<b>105,00€</b>
	<b>Total geral</b>		<b>212,01€</b>

## Apêndice C – Documento *Escolas*

Documento enviado em formato *pdf* aos professores e escolas locais para futuras marcações nas atividades da *Calhondra, olha o xisto!*



Concepção: Elisa Aragão

Produção: Biblioteca Municipal José Baptista Martins



## Escolas

### **Imagem, História, História mito, mito, memória**

A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito!

**Público:** Para todos

**Data:** Actividade contínua disponível na Biblioteca ou na escola

**Duração:** Fevereiro a Maio

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre

Construção do seu diário gráfico,

**Público:** 5 aos 16

### **Pigmentos... ovo... e já está!**

Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público:** 4 aos 16

**Duração:** 1.30-2h

### **Caçadores Ferozes**

Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

**Público:** 5 – 10 anos

**Duração:** 2h

### **Música Australopiteca**

Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transforma-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada

**Público:** dos 6 aos 12 anos

**Duração:** 2.00h

### **Um conto em xisto**

A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona as crianças criam a sua própria história que é contada através de desenho picado ou raspado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos

**Público:** 6 +

**Duração:** 1.30-2h

### **Qual será a forma da Calhondra!?**

construções de animais que habitam as margens do rio tejo através de materiais reciclados

**Publico alvo:** 6 aos 10 anos

**Duração:** 2h

## Necessária marcação:

ana.elisa.aragao@gmail.com

[cultura@cm-vvrodado.pt](mailto:cultura@cm-vvrodado.pt)

ou Biblioteca José Baptista Martins

## Programa geral por meses:

## FEVEREIRO

### **Imagem história, história mito, mito memória**

**Data:** Actividade contínua disponível na Biblioteca - Fevereiro a Maio  
A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito!  
**Público:** Para todos

### **Caçadores Ferozes**

**Data:** Sexta, 3 de Fevereiro – 15h  
Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.  
**Público:** 5 – 10 anos  
**Límite de participantes:** máx.15  
**Duração:** 1.30-2h

### **-Mantas, tapetes e croché**

**Data:** Primeiro fim-de-semana do mês ao sábado de manhã  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché

com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1.30-2h

### **-Música Australopiteca**

**Data:** Sexta, 17 de Fevereiro – 15h  
Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transforma-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada  
**Público:** dos 6 aos 12 anos  
**Límite de participantes:** máx.15  
**Duração:** 1.30-2h

### **-Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sábado, 18 de Fevereiro – 10.30h  
Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre  
Construção do seu diário gráfico - Açafal  
**Público:** + 6

## MARÇO

### **Um conto em xisto**

**Data:** Sexta, 2 de Março – 15h  
A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona as crianças criam a sua própria história que é contada através de desenho picado ou raspado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos  
**Público:** 6 +  
**Duração:** 1.30-2h

### **Mantas, tapetes e croché**

**Data:** Sábado, 3 de Março – 10h  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.  
Criação de tapetes, mantas,  
**Público:** Todos  
**Duração:** 1.30-2h

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sexta, 16 de Março - manhã ou tarde de sexta  
Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre  
Construção do seu diário gráfico, com jogo vaivém.  
**Público:** pré-escolar - sobreiros

### **Andakatu vai até à foz do Enxarique**

**Data:** Sábado, 17 de Março – 10h  
O que será que aconteceu aqui na pré-história?  
Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.  
**Público:** Todos  
**Límite:** min. 5 pessoas, max. 25 pessoas  
**Duração:** 1h30-2h.

## FÉRIAS DA PASCOA

### **Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?**

**Data:** Segunda 28 e Terça 29 de Março, 10h - 17h30 com paragem para almoço  
Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um teatrinho de sombras.

**Público:** 6+

**Limite:** máx. 15 participantes

**Duração:** 2 dias

### **Andakatu atelier**

30 de Março

Atelier prático onde as crianças aprendem a fazer flechas entre outras coisas

**Público:** 6 aos 10 anos –

**Limite:** máx. 10

**Duração:** 1h30

### **Potes e jarros**

**Data:** Sábado, 31 de Março – 10h

Criação de peças de cerâmica decoradas com motivos da arte pré-histórica.

**Público:** Famílias

**Limite:** máx. 10 criança+adulto

**Duração:** 1h30

## ABRIL

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sexta, 13 de Abril

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre

Construção do seu diário gráfico – gardete ou barco

**Público:** 14+

### **Mantas, tapetes e croché**

Sábado, 14 de Abril – 10h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1h30-2h.

### **Pigmentos... ovo... e já está!**

**Data:** Sexta, 28 de Abril

- Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público:** Crianças e adolescentes 6+

**Duração:** 1h30-2h.

### **Um conto em xisto**

**Data:** Sábado, 29 de Março

Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!

**Público:** famílias

**Duração:** 1h30-

## MAIO

### **Qual será a forma da Calhondra!?**

**Data:** Sexta, 4 de Abril

Construções de animais que habitam as margens do rio tejo através de materiais reciclados

**Público:** 6 aos 10 anos

**Duração:** 1h30-2h.

### **Mantas, tapetes e croché**

**Data** Sábado, 5 de Maio – 10.30h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1h30-2h.

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres- conferência**

**Data** Sexta , 18 de Maio

-conferência sobre as mudanças da fauna e da flora no nosso concelho, a necessidade de preservação do nosso património, e a representação dos animais na história da arte

**Publico alvo:** todos

**Duração:** 2h

### **Postalinho aqui vais tu**

**Data** Sábado, 19 de Maio – 10.30h

Vamos celebrar o nosso património, aqui juntamos num postal as nossas gravuras esquecidas, a nossa casa e os nossos animais e criamos um belo postal para enviar a quem já não vemos!

**Público:** famílias

**Duração:** 1h30-2h.

## JUNHO

### **A gravura perdida!**

**Data** Sexta, 1 de Junho

Uma das gravura mais valiosa do tejo está perdida, encontra-a com a ajuda dos teus amigos. Jogo de pistas por vila Velha de Ródão

**Público:** 10+

### **Mantas, tapetes e croché**

**Data** Sábado, 2 de junho – 10h Última sessão

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

### **Exposição Calhondra olha o xisto**

**Inauguração** 15 de Junho à tarde

**Mostra dos trabalhos elaborados dentro âmbito do projecto Calhondra olha o xisto**

**Local:** ruas de Vila Velha de Rodão e estabelecimentos comerciais apoiantes

**Data:** 15 a 24 de Junho

### **Leitura dos contos seleccionados: Imagem história, história mito, mito, memória**

**Data** Sexta, 15 de junho

**Público:** Para todos

### **Passeio as gravuras Rupestres do Gardete**

**Data** 16 de junho

Visita adaptada com perguntas e respostas sobre as gravuras

**Público:** Crianças, adolescentes e adultos



## Apêndice D – Logotipo do projeto



## Apêndice E – T'shirt elaborada para o Dia da Criança

Posteriormente foram adicionados os logotipos das instituições parceiras.



## Apendice F – Cartazes em formato A3 publicitários das atividades

Cartaz de fevereiro





Sexta 2 de Março / 15h

### Um conto em xisto Tejo

**Público:** A partir dos 6 anos

**Duração:** 1h30-2h

A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona, as crianças criam a sua própria história que é contada através de desenho picado ou raspado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos

Sábado 3 de Março / 10h

### Mantas, tapetes e croché

**Público:** Todas as idades

**Duração:** 1h30-2h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilham técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo. Criação de tapetes, mantas.

Sexta 16 de Março / A partir das 14h

### Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres

**Público:** Pré-escolar

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico, com jogo vaivém.

Sábado 17 de Março / 10h

### Andakatu vai até à foz do Enxarrique

**Público:** Todas as idades

**Límite:** min. 5 pessoas, max. 15 pessoas

O que será que aconteceu aqui na pré-história? Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.

## ESPECIAL FÉRIAS DA PÁSCOA



Quarta 28-Quinta 29 de Março / 10h

### Recortes aos pulos: mas porque é que desenhaste isto?

**Público:** A partir dos 6 anos

**Límite:** máx. 15 pessoas

**Duração:** Até às 17h30 com intervalo para almoço

Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um teatrinho de sombras.

Sexta 30 de Março / 14h

### Andakatu atelier

**Público:** A partir dos 12 anos

**Límite:** máx. 10 pessoas

**Duração:** 1h30

Atelier prático onde as crianças aprendem a fazer flechas entre outras coisas.

Sábado 31 de Março / 10h

### Potes e jarros

**Público:** Famílias

**Límite:** máx. 10 criança+adulto

**Duração:** 1h30

Criação de peças de cerâmica decoradas com motivos da arte pré-histórica.

Mais informações

[www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto/](https://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto/) / 272540308 / 272540300

Concepção do projecto Elisa Aragão

Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins

**INSCREVE-TE JÁ!**





26 de Abril 10h30

**Especial Escolas**

### **Imagem história, história mito, mito memória**

Crie a sua história imaginária ou mesmo um mito a partir de uma imagem das gravuras rupestres.

Quinta, 12 de Abril / 10h / 14h

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

Público **dos 3 aos 5 anos**

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Continuação dos diários gráficos para o público pré-escolar.

Sábado, 14 de Abril / 10h

### **Mantas, tapetes e croché**

Público **todas as idades**

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo. Criação em conjunto de uma colcha.

Sexta, 27 de Abril / 14h

### **Pigmentos... ovo... e já está!**

Público **dos 0 aos 3 anos**

Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica.

Sábado, 28 de Abril / 10h

### **Um conto em xisto**

Público **famílias**

Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!



**Actividades para as escolas sujeitas a marcação**

#### **Disponíveis ateliers para todas as idades**

Imagem história, história mito, mito memória  
Pigmentos... ovo... e já está!  
Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres  
Caçadores Ferozes  
Um conto em xisto  
Qual será a forma da Calhondra?!

**INSCREVA JÁ  
A SUA TURMA!**

Inscrições e mais informações

BMJBM 272540308 / 272540300

Facebook da Calhondra [www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto](http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto)

Concepção do projecto Elisa Aragão

Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins





Actividade contínua disponível na Biblioteca

### **Imagem história, história mito, mito memória**

Todas as idades

A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito! –

Quinta, 3 de Maio - 15h

### **Qual será a forma da Calhondra!?**

dos 6 aos 10 anos

Construções de animais que habitam as margens do rio tejo através de materiais reciclados

Sábado, 5 de Maio – 10h

### **Mantas, tapetes e croché**

Todas as idades

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

Sexta, 18 de Maio

Especial Dia dos Museus

### **Calhondra, olha o Xisto vai ao Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão**

Actividades Contínuas 10h-17h

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

Para todas as idades

Vamos construir um diário gráfico e desenhar os mistérios do novo museu!

### **Mantas, tapetes e croché**

Para todas as idades

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

### **Caçadores Ferozes**

10h e 14h

Dos 3 aos 5 anos, máximo de 15 participantes

Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

Sábado, 19 de Maio - 10h

### **Postalinho aqui vais tu!**

Para famílias

Vamos celebrar o nosso património, aqui juntamos num postal as nossas gravuras esquecidas, a nossa casa e os nossos animais e criamos um belo postal para enviar a quem já não vemos!



**INSCREVE-TE JÁ!**

Inscrições e mais informações

BMJBM 272540308 / 272540300

Facebook da Calhondra [www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto](https://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto)

Concepção do projecto Elisa Aragão

Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins

www.mello.net



**JUNHO**

Actividades para miúdos e graúdos, escolas e famílias  
Biblioteca Municipal José Baptista Martins

Sexta, 1 de Junho

**Especial dia da criança**

Todas as idades

Actividades durante o dia na Biblioteca.

Sábado, 2 de Junho – 10h

**Última sessão**

**Mantas, tapetes e croché**

Todas as idades

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilham técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

15 a 1 de Julho

**Inauguração 15 de Junho às 16h30**

**Exposição Calhondra, olha o xisto!**

Biblioteca José Baptista Martins; Hall da Santa Casa da Misericórdia;

Centro de Saúde V. V. de Ródão; Mangual;

Segurança Social de V. V. de Ródão; Bombas da Gasolina BP;

Mostra dos trabalhos elaborados dentro âmbito do projecto Calhondra, olha o xisto!

Sexta, 15 Junho – 16h30

**Leitura dos contos seleccionados: Imagem história, história mito, mito memória**

Todas as idades

23 de Junho – 9h

**Passeio guiado às gravuras Rupestres do Gardete**

Crianças, adolescentes e adultos



**INSCREVE-TE JÁ!**

Inscrições e mais informações

BMJBM 272540308 / 272540300

Facebook da Calhondra [www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto](http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto)

Concepção do projecto Elisa Aragão

Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins



## Apêndice G – Flyers A6 com a programação mensal

### Flyer de fevereiro, frente e verso



#### Calhondra olha o Xisto!

**Caçadores Ferozes**  
Sexta, 3 de Fevereiro – 15h

Jogo de pistas onde as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.  
5 - 10 anos, máx. 15 participantes

**Mantas, tapetes e croché**  
Primeiro Sábado do mês: 4 Fev., 3 Mar., 14 Abril, 5 Maio e 2 Junho - 10.30h

Encontro entre gerações onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo. Aparece se queres aprender ou ensinar!  
Todos

**Música Australopiteca**  
Sexta, 17 de Fevereiro – 15h

Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transformá-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada  
6 - 12 anos; máx. 15

**Inscrite-te:**  
na Biblioteca Municipal José Baptista Martins V.V. Ródão  
Ou [biblioteca@cm-vvrodão.pt](mailto:biblioteca@cm-vvrodão.pt) / 272 540 308

Actividades para as escolas / grupos mediante marcação prévia  
Concepção: Elisa Aragão / Biblioteca Municipal José Baptista Martins V.V. Ródão

**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**  
Sábado, 18 de Fevereiro – 10.30h / 16 de Março

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico  
4 - 16 anos; máx. 15 participantes

**Um conto em xisto**  
Sexta, 2 de Março – 15h

Criação de um conto na pedra de xisto  
+6 anos; 15 participantes

**Andakatu vai até à foz do Enxarrique**  
Sábado, 17 de Março; Duração 1h30-2h.

O que será que aconteceu aqui na pré-história? Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.  
Famílias; limite de inscrições min. 5 e máx. 25 participantes

**Imagem história, história mito, mito memória**  
Fevereiro a Maio

A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito! - Todos

### Flyer de março e abril



Sexta 16 de Março / A partir das 14h  
**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**  
Pré-escolar

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico, com jogo vaivém.

Sábado 17 de Março / 10h  
**Andakatu vai até à foz do Enxarrique**  
Todas as idades/

min. 5 pessoas, máx. 15 pessoas  
O que será que aconteceu aqui na pré-história? Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.

Quarta 28–Quinta 29 de Março / 10h  
**Recortes aos pulos: mas porque é que desenhaste isto?**  
A partir dos 6 anos/máx. 15 pessoas

Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um teatrinho de sombras.

Sexta 30 de Março / 14h  
**Andakatu atelier**

A partir dos 12 anos/máx. 10 pessoas  
Atelier prático onde as crianças aprendem a fazer flechas entre outras coisas.

Sábado 31 de Março / 10h  
**Potes e jarros**

Famílias/máx. 10 criança+adulto  
Criação de peças de cerâmica decoradas com motivos da arte pré-histórica.

Mais informações

[www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto](http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto) / 272540308 / 272540300

INSCREVE-TE JÁ!



26 de Abril 10h30  
Especial Escolas

**Imagem história, história mito, mito memória**  
Crie a sua história imaginária ou mesmo um mito a partir de uma imagem das gravuras rupestres.

Quinta, 12 de Abril / 10h / 14h  
**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**  
Público dos 3 aos 5 anos

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Continuação dos diários gráficos para o público pré-escolar.



Sábado, 14 de Abril / 10h  
**Mantas, tapetes e croché**  
Público todas as idades

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo. Criação em conjunto de uma colcha.

Sexta, 27 de Abril / 14h  
**Pigmentos... ovo... e já está!**  
Público dos 6 aos 8 anos

Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica.

Sábado, 28 de Abril / 10h  
**Um conto em xisto**  
Público famílias

Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!

Inscrições e mais informações  
BIBLIOTECAS 272540308 / 272540300  
Facebook de Calhondra Olha o Xisto: [calhondra.olha.o.xisto](https://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto)  
Concepção do projeto Elisa Aragão  
Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins



Actividade contínua disponível na  
Biblioteca

**Imagem história, história mito,  
mito memória**

Todas as idades

A partir de uma imagem das gravuras  
rupestres cria a tua história imaginária ou  
mesmo um mito! –

Quinta, 3 de Maio - 15h

**Qual será a forma da Calhondra!?**

Dos 6 aos 10 anos

Construções de animais que habitam as  
margens do rio tejo através de materiais  
reciclados

Sábado, 5 de Maio – 10h

**Mantas, tapetes e croché**

Todas as idades

Encontro de avós e netos, pais e crianças  
onde se partilha técnicas antigas de  
costura e croché com imagens ainda  
mais antigas dos nossos antepassados  
do Tejo.

Sexta, 18 de Maio Especial Dia dos Museus

**Calhondra, olha o Xisto vai ao  
Centro Municipal de Cultura e  
Desenvolvimento de Vila Velha de  
Ródão**

Actividades Contínuas 10h-17h

**Diários gráficos: natureza  
e as gravuras rupestres**

Para todas as idades

Vamos construir um diário gráfico e  
desenhar os mistérios do novo museu!

**Mantas, tapetes e croché**

Para todas as idades

**Caçadores Ferozes**

10h e 14h

Dos 3 aos 5 anos, máximo de 15 participantes

Através de um jogo de pistas as crianças  
descobrem os animais representados  
nas margens do Tejo pelos nossos  
antepassados e constroem a sua própria  
interpretação.

Sábado, 19 de Maio - 10h

**Postalinho aqui vais tu!**

Para famílias

Vamos celebrar o nosso património, aqui  
juntamos num postal as nossas gravuras  
esquecidas, a nossa casa e os nossos  
animais e criamos um belo postal para  
enviar a quem já não vemos!

Inscrições e mais informações

BMJBM 272540308 / 272540300

Facebook da Calhondra

[www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto](http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto)

Concepção do projecto Elisa Aragão

Produção Biblioteca Municipal José Baptista Martins

## Apêndice H – Material para a exposição *Calhondra, olha o Xisto!*

Poster A3 da exposição



### EXPOSIÇÃO CALHONDRA, OLHA O XISTO!

**15 a 28 Junho**

Biblioteca José Baptista Martins Hall da Santa Casa da Misericórdia  
Centro de Saúde V. V. de Ródão Segurança Social de V. V. de Ródão  
Mangual Bombas da Gasolina BP

---

**29 Junho a 1 Julho**

Feira de Actividades Económicas



Convite da exposição



# EXPOSIÇÃO CALHONDRA, OLHA O XISTO!

## Inauguração

Sexta-feira, 15 de Junho, 16h30  
Biblioteca José Baptista Martins

---

### 15 a 28 Junho

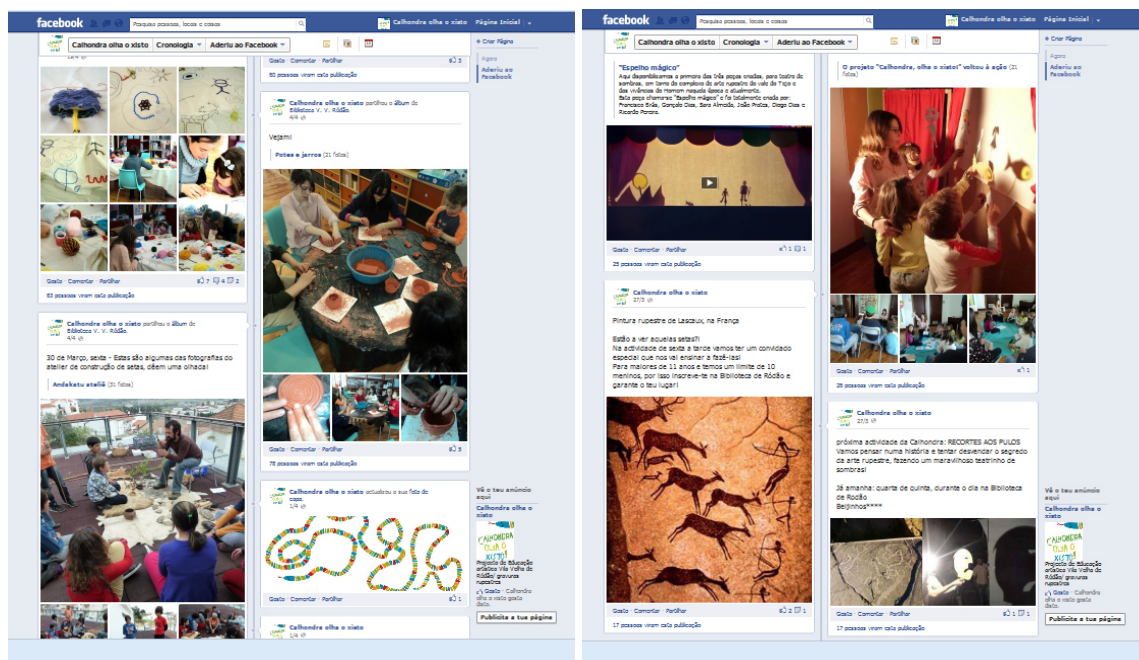
Biblioteca José Baptista Martins Hall da Santa Casa da Misericórdia  
Centro de Saúde V. V. de Ródão Segurança Social de V. V. de Ródão  
Mangual Bombas da Gasolina BP

### 29 Junho a 1 Julho

Feira de Actividades Económicas

## Apêndice I – *Print screens do Facebook*

<http://www.facebook.com/calhondra.olha.o.xisto>





## Apêndice J – Press Release

*Calhondra, olha o xisto!*

**Press release** n.º pág. 5 – 07/02/2012

Elisa Aragão: ana.elisa.aragao@gmail.com

Biblioteca José Baptista Martins: 272 540 308/ cultura@cm-vvrodao.pt



### ***CALHONDRA, OLHA O XISTO!***

Começou no início de Fevereiro em Vila Velha de Ródão um projecto de educação artística de Elisa Aragão a partir das gravuras rupestres do Vale do Tejo que pretende envolver, tanto a comunidade educativa como a população em geral na preservação do património material e imaterial local. Esta acção terá a duração de cinco meses e contará com a parceria da Biblioteca José Baptista Martins fundamental na realização e produção desta acção educativa e com o apoio da Câmara Municipal de Ródão.

*Caçadores ferozes e Tapetes, mantas e croché* iniciaram, no passado dia 3 de Fevereiro, o plano de actividades deste projecto educativo, intitulado de *Calhondra, olha o xisto!* e contaram com a participação de uma turma do segundo ano da Escola EB1 de Vila de Ródão, famílias e crianças locais.

Todos os meses haverão actividades novas dedicadas a diferentes públicos, cujo ponto de partida serão as gravuras rupestres do Tejo, como tal poderão contar com um programa recheado de actividades plásticas, saídas de campo, visitas às gravuras rupestres, oficinas de teatro, música e muitos jogos, onde toda a comunidade é bem-vinda. As inscrições podem ser feitas pelo email ([cultura@cm-vvrodao.pt](mailto:cultura@cm-vvrodao.pt)) ou presencialmente na Biblioteca José Baptista Martins. Se quiser acompanhar em pormenor esta acção poderá encontrar mais informações na página do facebook do projecto (<http://www.facebook.com/pages/Calhondra-olha-o-xisto/343629098981683>).

Elisa Aragão é actualmente mestranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em Educação Artística e escolheu a sua terra como palco para a conclusão do mestrado, criando o projecto *Calhondra, olha o xisto!*. Assim, até Junho poderá encontrar em Vila Velha de Ródão uma série de actividades transdisciplinares que abarcam diversas áreas de conhecimento, aproveitando os recursos endógenos da região. O objectivo desta acção é envolver a comunidade estudantil e local na preservação do património material e imaterial através da partilha de conhecimentos e da arte.

Para mais informações, fotos e documentação completa sobre o projecto: [www.melro.net/calhondra.zip](http://www.melro.net/calhondra.zip)

*Calhondra, olha o xisto!*

**Press release** n.º pág. 5 – 07/02/2012

Elisa Aragão: ana.elisa.aragao@gmail.com

Biblioteca José Baptista Martins: 272 540 308/ cultura@cm-vvrodao.pt



## PROGRAMA ESCOLAS

### **Imagem, História, História mito, mito, memória**

A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito!

**Público:** Para todos

**Data:** Actividade contínua disponível na Biblioteca ou na escola

**Duração:** Fevereiro a Maio

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre

Construção do seu diário gráfico,

**Público:** 5 aos 16

### **Pigmentos... ovo... e já está!**

Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público:** 4 aos 16

**Duração:** 1.30-2h

### **Caçadores Ferozes**

Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

**Público:** 5 – 10 anos

**Duração:** 2h

### **Música Australopiteca**

Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transforma-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada

**Público:** dos 6 aos 12 anos

**Duração:** 2.00h

### **Um conto em xisto**

A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona as crianças criam a sua própria história que é contada através de desenho picado ou raspado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos

**Público:** 6 +

**Duração:** 1.30-2h

### **Qual será a forma da Calhondra!?**

construções de animais que habitam as margens do rio tejo através de materiais reciclados

**Publico alvo:** 6 aos 10 anos

**Duração:** 2h

Poderá ser feita alguma alteração no programa devido a algum imprevisto.

### **Necessária marcação:**

ana.elisa.aragao@gmail.com

[cultura@cm-vvrodao.pt](mailto:cultura@cm-vvrodao.pt)

ou Biblioteca José Baptista Martins

*Calhondra, olha o xisto!*

**Press release** n.º pág. 5 – 07/02/2012

Elisa Aragão: ana.elisa.aragao@gmail.com

Biblioteca José Baptista Martins: 272 540 308/ cultura@cm-vvrodado.pt



## PROGRAMA GERAL POR MESES:

### FEVEREIRO

#### **Imagem história, história mito, mito memória**

**Data:** Actividade contínua disponível na

Biblioteca - Fevereiro a Maio

A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a tua história imaginária ou mesmo um mito!

**Público:** Para todos

#### **Caçadores Ferozes**

**Data:** Sexta, 3 de Fevereiro – 15h

Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.

**Público:** 5 – 10 anos

**Limite de participantes:** máx.15

**Duração:** 1.30-2h

#### **Mantas, tapetes e croché**

**Data:** Primeiro fim-de-semana do mês ao sábado de manhã

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché

com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1.30-2h

#### **Música Australopiteca**

**Data:** Sexta, 17 de Fevereiro – 15h

Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transforma-las em músicas dignas da Idade da Pedra Lascada

**Público:** dos 6 aos 12 anos

**Limite de participantes:** máx.15

**Duração:** 1.30-2h

#### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sábado, 18 de Fevereiro – 10.30h

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre

Construção do seu diário gráfico - Açafal

**Público:** + 6

### MARÇO

#### **Um conto em xisto**

**Data:** Sexta, 2 de Março – 15h

A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona as crianças criam a sua própria história que é contada através de desenho picado ou raspado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos

**Público:** 6 +

**Duração:** 1.30-2h

#### **Mantas, tapetes e croché**

**Data:** Sábado, 3 de Março – 10h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1.30-2h

*Calhondra, olha o xisto!*

**Press release** n.º pág. 5 – 07/02/2012

Elisa Aragão: ana.elisa.aragao@gmail.com

Biblioteca José Baptista Martins: 272 540 308/ cultura@cm-vvrodado.pt



**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sexta, 16 de Março - manhã ou tarde de sexta

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre  
Construção do seu diário gráfico, com jogo vaivém.

**Público:** pré-escolar - sobreiros

**FÉRIAS DA PASCOA**

**Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?**

**Data:** Segunda 28 e Terça 29 de Março, 10h - 17h30 com paragem para almoço

Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um teatrinho de sombras.

**Público:** 6+

**Límite:** máx. 15 participantes

**Duração:** 2 dias

**Andakatu vai até à foz do Enxarique**

**Data:** Sábado, 17 de Março – 10h

O que será que aconteceu aqui na pré-história?

Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e sua maneira de vida.

**Público:** Todos

**Límite:** min. 5 pessoas, max. 25 pessoas

**Duração:** 1h30-2h.

**Andakatu atelier**

30 de Março

Atelier prático onde as crianças aprendem a fazer flechas entre outras coisas

**Público:** 6 aos 10 anos –

**Límite:** máx: 10

**Duração:** 1h30

**Potes e jarros**

**Data:** Sábado, 31 de Março – 10h

Criação de peças de cerâmica decoradas com motivos da arte pré-histórica.

**Público:** Famílias

**Límite:** máx. 10 criança+adulto

**Duração:** 1h30

**ABRIL**

**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**

**Data:** Sexta, 13 de Abril

Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre

Construção do seu diário gráfico – gardete ou barco

**Público:** 14+

**Mantas, tapetes e croché**

Sábado, 14 de Abril – 10h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1h30-2h.

**Pigmentos... ovo... e já está!**

**Data:** Sexta, 28 de Abril

- Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Público:** Crianças e adolescentes 6+

**Duração:** 1h30-2h.

**Um conto em xisto**

**Data:** Sábado, 29 de Março

Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!

**Público:** famílias

**Duração:** 1h30-2h



*Calhondra, olha o xisto!*

**Press release** n.º pág. 5 – 07/02/2012

Elisa Aragão: ana.elisa.aragao@gmail.com

Biblioteca José Baptista Martins: 272 540 308/ cultura@cm-vvrodao.pt



## MAIO

### **Qual será a forma da Calhondra!?**

**Data:** Sexta, 4 de Abril

Construções de animais que habitam as margens do rio tejo através de materiais reciclados

**Público:** 6 aos 10 anos

**Duração:** 1h30-2h.

### **Mantas, tapetes e croché**

**Data** Sábado, 5 de Maio – 10.30h

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Duração:** 1h30-2h.

### **Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres- conferência**

**Data** Sexta , 18 de Maio

-conferência sobre as mudanças da fauna e da flora no nosso concelho, a necessidade de preservação do nosso património, e a representação dos animais na história da arte

**Público alvo:** todos

**Duração:** 2h

### **Postalinho aqui vais tu**

**Data** Sábado, 19 de Maio – 10.30h

Vamos celebrar o nosso património, aqui juntamos num postal as nossas gravuras esquecidas, a nossa casa e os nossos animais e criamos um belo postal para enviar a quem já não vemos!

**Público:** famílias

**Duração:** 1h30-2h.

## JUNHO

### **A gravura perdida!**

**Data** Sexta, 1 de Junho

Uma das gravura mais valiosa do tejo está perdida, encontra-a com a ajuda dos teus amigos. Jogo de pistas por vila Velha de Ródão

**Público:** 10+

### **Mantas, tapetes e croché**

**Data** Sábado, 2 de junho – 10h Última sessão

Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do tejo.

Criação de tapetes, mantas,

**Público:** Todos

**Local:** ruas de Vila Velha de Rodão e

estabelecimentos comerciais apoiantes

**Data:** 15 a 24 de Junho

### **Leitura dos contos seleccionados: Imagem história, história mito, mito, memória**

**Data** Sexta, 15 de junho

**Público:** Para todos

### **Passeio as gravuras Rupestres do Gardete**

**Data** 16 de junho

Visita adaptada com perguntas e respostas sobre as gravuras

**Público:** Crianças, adolescentes e adultos

### **Exposição Calhondra olha o xisto**

**Inauguração** 15 de Junho à tarde

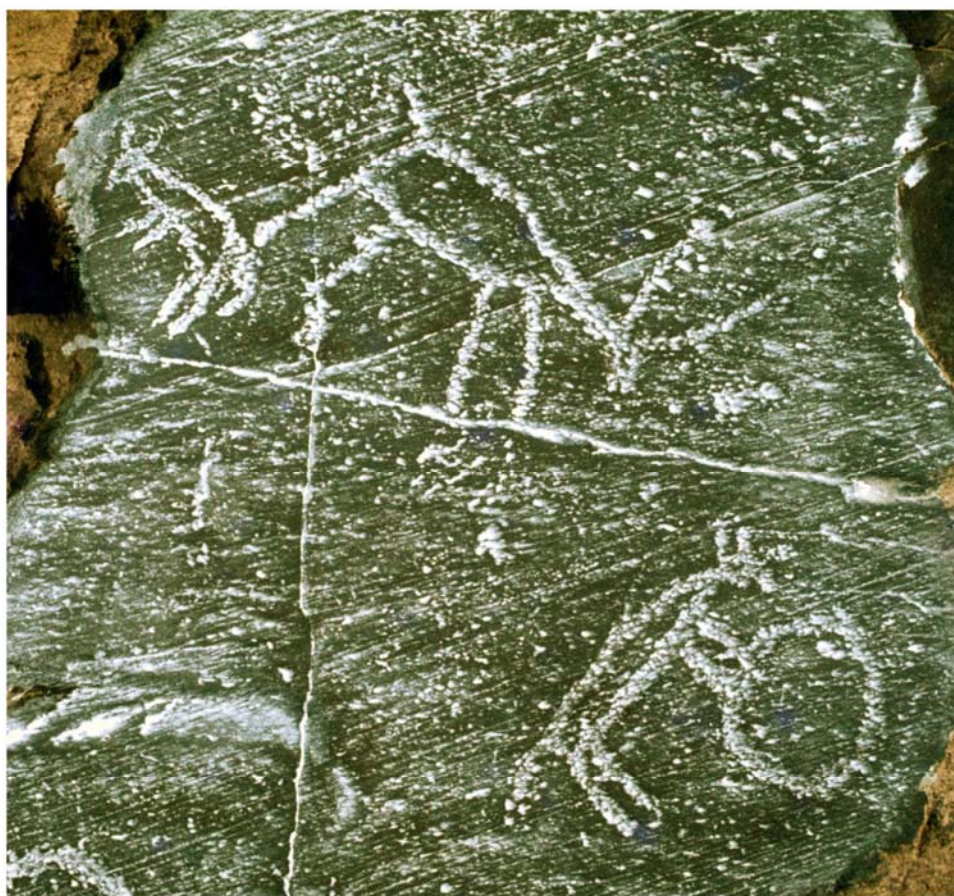
**Mostra dos trabalhos elaborados dentro âmbito do projecto Calhondra olha o xisto**

## Apêndice L – *Imagem história, história mito, mito memória*

Folha A4 colocada na BMJBM, juntamente com várias folhas A4 brancas, convidando as pessoas a deixar uma contribuição escrita sobre a imagem.

Imagem história, história mito, mito memória

Olha com atenção!



O que achas que é esta imagem? Aqui deve haver história....

Quem a terá feito? E que figuras são aquelas? Terão sido feitas neste século?

**Constrói uma breve história sobre o que poderá ser esta imagem, deixa-te levar pela imaginação!**

Elisa Aragão  
Biblioteca Municipal José Baptista Martins V.V. Ródão

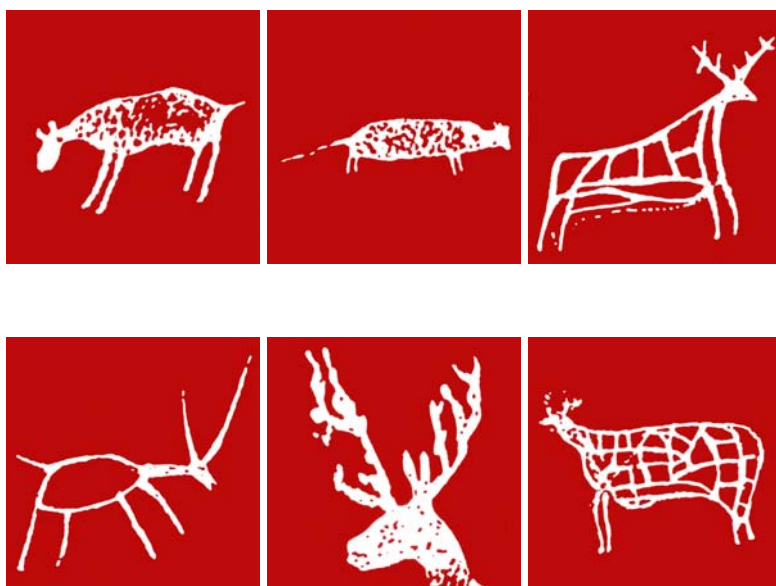


## Apêndice M – Exemplo de um plano/ esboço para uma atividade

Rascunho dos percursos e das pistas do jogo dos *Caçadores Ferozes*



Imagens estilizadas de gravuras rupestres do CARVT





## Apêndice N – Legendas dos trabalhos da exposição

Legendas em papel sobre *capaline*, dimensões variáveis.

Teresa Duarte, Afonso Duarte, Leonor Aragão, Constança Dias, Denis Pop, Daniel Ferreira, João Prates, Inês Príncipe, Celeste Catarino, Carolina Moreira, Emilia Moreira, Elisa Aragão, Jessica Moreira, Eduardo Moreira, Dora Sousa, Adelaide Sousa, Lurdes Cardoso, Graça Moreira, Silvia Faria, Ana Pires, Adelaide de Conceição, Beatriz Nunes, Teresa Cardoso, Maria Pires Carmona, Regina Célia, Maria Duque, Graciosa Almeida, Jesus Esteves, Graça Batista, São Moreira, Diana Ganhão, Mariana Inácio, João Prates, Cristina Serra, Laura Serra, Lisete Morais Mendes, Rita Pereira, Inês Aragão

### *Mantas tapetes e croché, 2012*

Lã, linhas e tecidos sob pano crú,



Esta tapeçaria foi criada ao longo de vários ateliers do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade contou com a participação de pessoas dos 3 aos 93 anos. Idosos, crianças e adultos juntaram-se para ensinar as técnicas antigas de costura e do croché aos mais novos, criando uma peça ecléctica inspirada nas gravuras rupestres do Vale do Tejo.

### **Daniel Ferreira**

#### *Um conto em xisto, 2012*

xisto, dimensões variáveis



Esta peça foi criada para o projecto *Calhondra, olha o xisto!*, utilizando a técnica da picotagem.

## **Alunos do Jardim de Infância do Porto do Tejo: bibe verde (1) bibe azul (2)**



### ***Diários Gráficos, natureza e as gravuras rupestres, 2012***

Técnica mista sob papel

Estes diários foram criadas para o atelier *Diários gráficos, natureza e as gravuras rupestres*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na descoberta dos animais pré-históricos e actuais das margens do Tejo, tal como estão representados nas gravuras rupestres. Através da observação e alguma fantasia, as crianças recriaram e desenharam a natureza e os animais numa saída de campo.

## **Alunos do 1º ano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão**

### ***A forma da Calhondra, 2012***

Materiais reciclados, dimensões variáveis



Estas esculturas foram criadas no atelier *A forma da Calhondra*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu numa introdução às classes dos animais, com enfoque nos répteis. Estabeleceu-se também, um primeiro contacto com a arte rupestre do Vale do Tejo, onde se falou de um dos seus grandes problemas: a maioria das gravuras rupestres encontrarem-se submersas. No fim, as crianças criaram estas peças, calhondras / cobras de água, utilizando diversos materiais.

## **Alunos da creche da Santa Casa da Misericórdia Vila Velha de Ródão**

### ***Pigmentos, ovo e já está !, 2012***

Têmpera sobre papel , 148 x 110 cm, 148 x 70cm



Estas peças foram criadas no atelier *Pigmentos, ovo e já está!*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na aprendizagem e confecção de tintas utilizadas na pré-história e na elaboração de uma pintura inspirada nos motivos das gravuras rupestres do Vale do Tejo, nosso património cultural.

## **Alunos do Jardim de Infância de Porto do Tejo: bibe verde (1) bibe azul (2)**

### ***Pigmentos, ovo e já está, 2012***

Têmpera sobre papel , 150 x 110cm, 146x110cm



Estas pinturas foram criadas no atelier *Pigmentos, ovo e já está!*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na aprendizagem e confecção de tintas utilizadas na pré-história, através de pigmentos e terras. As gravuras rupestres geométricas do Vale do Tejo foram usadas como inspiração para a criação destas pinturas.

**Alunos da turma do 2ºano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão e Afonso Duarte, André Pina,Ricardo Pereira**

***Caçadores Ferozes, 2012***

Guache e carvão sobre papel, 20.1x29.7 cm



Estes desenhos foram criados na actividade *Caçadores ferozes*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na aprendizagem dos motivos animais, razões e técnicas das gravuras rupestres do Vale do Tejo, nosso património cultural.

**Alunos da creche da Santa Casa da Misericórdia Vila Velha de Ródão**

***A forma da Calhondra, 2012***

Materiais reciclados, dimensões variáveis



Estas esculturas foram criadas no atelier *A forma da Calhondra*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, no dia dos Museus. Esta actividade iniciou-se com a visualização dos motivos das gravuras rupestres do Vale do Tejo e de imagens dos animais que habitam e habitaram a região de Vila Velha de Ródão. Inspiradas nas imagens, as crianças criaram duas calhondras / cobras de água, utilizando diversos materiais.

**Constança Dias, Daniel Ferreira, Denis Pop,  
Edgar Belo, Eduardo Godinho**

***Postalinho, aqui vais tu!, 2012***

Guache e colagens sobre papel, 10.5x14.8cm



Estas peças foram criadas no atelier *Postalinho, aqui vais tu!*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Para a criação destes postais as crianças inspiraram-se no nosso património cultural e natural.

**Afonso Carmona e Paula Pequito, Constança Dias, Daniel  
Ferreira, Eliana Pop, Mariana Inácio, Tomás Inácio**

***Um conto em xisto, 2012***

Xisto, dimensões variáveis



Estas peças foram criadas no atelier *Um conto em xisto*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Neste atelier relembremos velhos contos e mitos da nossa região e conversámos sobre os motivos, razões e técnicas utilizados nas gravuras rupestres do Vale do Tejo. Os trabalhos apresentados, gravam no xisto, através da técnica da picotagem, a história da lenda do Rei Wamba.

**Constança Dias, Denis Pop, Eduardo Moreira, Ilda Pires, Iolanda, Jéssica Moreira, Mariana Tavares , Paula Pequito e Afonso Carmona**

***Potes e Jarros, 2012***

Barro, dimensões variáveis



Estas peças foram criadas no atelier *Potes e jarros*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na aprendizagem da técnica dos «rolinhos» utilizada na pré-história para a construção de peças de cerâmica. É necessário que as cerâmicas tenham sempre uma espessura constante na sua estrutura, para não se desfazerem quando forem cozidas, mas sem roda de oleiro este trabalho torna-se difícil. Deste modo, os homens da pré-história construíam as suas peças através de rolinhos, sempre com a mesma grossura e sobrepostos entre si, unindo-os no final até a peça ficar com a forma pretendida.

**Alunos da turma do 3ºano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão**

***Um conto em xisto, 2012***

xisto, dimensões variáveis



Estas peças foram criadas no atelier *Um conto em xisto*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. Esta actividade consistiu na aprendizagem dos motivos, razões e técnicas das gravuras rupestres do Vale do Tejo, nosso património cultural. Estas peças foram construídas através da técnica da picotagem, utilizada na pré-história e sintetizam uma narrativa quotidiana construída pelas crianças.



Carolina Cruz, Carolina Moreira, Eduardo Moreira, Iolanda Tavares, Jéssica Moreira, Jéssica Mourato e Mariana Tavares (1); Eduardo Moreira, Guilherme Fernandes, Inês Príncipe, Mariana Fernandes, Maria Galvão e Matilde Galvão (2); Francisco Brás, Gonçalo Dias, Sara Almeida, João Prates, Diogo Dias e Ricardo Pereira (3)

(1) *Viagem ao passado; 2012*

video digital, 2"03

(2) *Quatro amigos; 2012*

video digital, 2"10

(3) *Espelho mágico; 2012*

video digital, 2"21



Estes três videos foram criados durante as férias da páscoa na actividade *Recortes aos pulos*, no âmbito do projecto *Calhondra, olha o xisto!*, na Biblioteca José Baptista Martins. Nestes teatrinhos de sombras, crianças de diversas idades encenaram e construíram histórias inéditas, personagens e fantoches, imaginando a pré-história.

Alunos da creche da Santa Casa da Misericórdia Vila Velha de Ródão; Alunos do Jardim de Infância do Porto do Tejo; Alunos do 1º, 2º, 3º e 4º ano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão

*Sem título, 2012*

peça instalativa com diversas tintas



Esta instalação foi criada ao longo do Dia da Criança pelos alunos da Creche, Infantário e Primária de Vila Velha de Ródão no âmbito do projecto *Calhondra, olha o Xisto!*, na Biblioteca Municipal José Baptista Martins. As crianças durante este dia, participaram em jogos, actividades plásticas e ainda aprenderam muito sobre o nosso património, criando estas instalação na varanda da Biblioteca, inspirada nas gravuras rupestres do Vale do Tejo

## Apêndice O – Matriz dos inquéritos

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Vives em V. V. de Ródão? \_\_\_\_\_ Se não, onde? \_\_\_\_\_

Vieste à atividade sozinho? \_\_\_\_\_ Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹️ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄😄

	☹️	😐	😊	😄😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				
O que achaste dos materiais que usaste?				
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				
E do local da actividade?				
Divertiste-te durante a atividade?				
As explicações dadas pela monitora foram claras?				
Gostaste da atividade em geral?				
O que achaste da monitora?				

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?		
Gostas de actividades plásticas?		
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?		
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?		
Tiveste dificuldade durante a atividade?		
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?		
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?		

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

XXXV

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão adulto

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Habilitações literárias: \_\_\_\_\_

Local de residência: \_\_\_\_\_

Veio sozinho à atividade? \_\_\_\_\_ Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄😄

	☹	😐	😊	😄😄
Atividade artística (plástica/ manual/ escrita)				
Conteúdos e informação teórica				
Atividade proposta em geral				
Local da atividade				
Ambiente				
Monitora				
Conhecimentos da monitora				
Divulgação				

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Adquiriu novos conhecimentos plásticos/ manuais?		
Adquiriu novos conhecimentos sobre o património e cultura?		
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?		
Gosta de atividades plásticas/ manuais?		
Teve dificuldade durante a atividade?		
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?		
Gostava que a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?		

O que gostou mais de fazer nesta atividade?

\_\_\_\_\_

O que gostou menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Como tomou conhecimento da atividade?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão professor

Atividade participada: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Disciplina/ Turma: \_\_\_\_\_ Escola: \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😊😊

	☹	😐	😊	😊😊
Atividade proposta em geral				
Actividade artística – plástica, manual, escrita				
Conteúdos e informação teórica				
Local da actividade				
Adequação da actividade ao público etário				
Adequação da linguagem ao público etário				
Monitora				
Participação e empenho dos alunos				

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Acha que os alunos adquiriram novos conhecimentos plásticos/manuais?		
Acha que os alunos adquiriram conhecimentos sobre o património local?		
A experiência foi enriquecedora para o professor?		
A experiência foi enriquecedora para a disciplina administrada?		
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?		
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?		
Gostava que para a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?		

O que gostou nesta atividade?

\_\_\_\_\_

O que gostou menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Como tomou conhecimento da atividade?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

## Apêndice P – Inquéritos preenchidos pelos participantes e professores

Inquéritos realizados sobre a actividade *Pigmento... ovo e já está!*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Actividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 01-06-12 Idade: 8 Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Vives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_

Vieste à actividade sozinho? \_\_\_\_\_ Se não, com quem? com a turma e a professora

Em relação à actividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da actividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a actividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da actividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a actividade?	X	
Gostavas de repetir uma actividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta actividade?

Eu gostei mais das pinturas e o que eu gostei menos foi de modelar.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi que poderei fazer pinturas "fó" como se faziam os pinéis.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Eu fiz muitas actividades (foi e fazer uma degustação de frutos).

Muito obrigada ☺

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_  
 Data: 1-06-12 Idade: 10 Ano de escolaridade: 3º  
 Vives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? Bratel  
 Vieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com a turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😊

Gostei 😊

Gostei muito 😊😊

	☹	😊	😊	😊😊
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				x
O que achaste dos materiais que usaste?				x
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				x
E do local da actividade?				x
Divertiste-te durante a atividade?				x
As explicações dadas pela monitora foram claras?				x
Gostaste da atividade em geral?				x
O que achaste da monitora?				x

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	x	
Gostas de actividades plásticas?	x	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	x	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	x	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	x	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	x	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	x	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

que eu gostei de desenhos e não gostei de fazer da lila

Escreve duas coisas que aprendeste?

fazer pinturas repetidas a azulejo tinta.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Não.

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/01/12 Idade: 8 anos Ano de escolaridade: 3 anoVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? na aldeia de PóvoaVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com a turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	X

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei da tar em seita da na mata.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi a fazer tizas e tatar.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim, fomos a tirar tizas.

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 01-06-12 Idade: 9 Ano de escolaridade: 3º anoVives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? Sabugal de LimaVieste à atividade sozinho? com o irmão Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)		X		
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu na minha atividade que eu gostei menos (for) porque estava tudo ocupado

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi tintas e pincéis.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Eu já participei em muitas.

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/6/2012 Idade: 99 Ano de escolaridade: 3ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? LarnadasVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? a turma e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😊

Gostei 😊

Gostei muito 😊😊

	☹	😊	😊	😊😊
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a atividade?			X	
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?			X	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	(X)	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Toda a atividade artística.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprender a fazer pinces e pintar.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim.

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 01-06-2012 Idade: 9 Ano de escolaridade: 3Vives em V. V. de Ródão? clã de Ródão Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? com a turma Se não, com quem? com a turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Gostei mais de pintar os reidos.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprenda a pintar os reidos e a fazer as tintas.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim, a arte repositiva

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/04/2018 Idade: 9 Ano de escolaridade: 3ºVives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? TratelVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com a turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	<del>X</del>	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei muito de fazer tintas e de <sup>também</sup> tudo.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprenda fazer tintas, aprendi a fazer pintas.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

sim foi a da arte repositre.

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/12 Idade: 9 Ano de escolaridade: terceiroVives em V. V. de Ródão? nao Se não, onde? granja de RódãoVieste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? a sua a minha turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

O que eu gostei muito de pintar no rodão e (não gostei)  
não desgostei de nada.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprendi que eles faziam cores da tinta e que os  
seus pintores eram feitos de pelo de cavalos e pais.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim foi a da arte supstare.

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/6/2012 Idade: 9 Ano de escolaridade: 3ºVives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? mão Se não, com quem? com a turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄 X

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

O que eu gostei mais foi fazer a pintura e o que não gostei foi não ter quase nada para fazer.

Escreve duas coisas que aprendeste?

a fazer pinturas e fazer filmes

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

sim quando em férias

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 4-06-2012 Idade: 9 Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? vão com a turma e professor

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				x
O que achaste dos materiais que usaste?				x
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			x	
E do local da actividade?				x
Divertiste-te durante a atividade?				x
As explicações dadas pela monitora foram claras?				x
Gostaste da atividade em geral?				x
O que achaste da monitora?				x

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	x	
Gostas de actividades plásticas?	x	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	x	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	x	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		x
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	x	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	x	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei mais de pintar as árvores

Escreve duas coisas que aprendeste?

Não (A) a diferença entre as árvores e a valor os pinheiros.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

(Não) Sim em M.O.

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/01/12 Idade: 8 Ano de escolaridade: 3ºVives em V. V. de Ródão? N Se não, onde? V.V. de Ródão BragançaVieste à atividade sozinho? com a turma Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	sim	
Gostas de actividades plásticas?	sim	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	sim	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	sim	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		Não
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	sim	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	sim	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei muito porque aprendemos coisas novas e que mais gostei foi que as crianças se portavam mal.

Escreve duas coisas que aprendeste?

aprendi a fazer pinturas.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

sim nas atividades de teatro. NÃO

Muito obrigada 😊

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão professor

Atividade participada: "Arte Rupestre" Data: 01-06-12  
 Disciplina/ Turma: C - 3º ano Escola: E. B. 1º ciclo

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😊	😊	😊😊
Atividade proposta em geral				✓
Actividade artística – plástica, manual, escrita				✓
Conteúdos e informação teórica				✓
Local da actividade				✓
Adequação da actividade ao público etário				✓
Adequação da linguagem ao público etário				✓
Monitora				✓
Participação e empenho dos alunos			✓	

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Acha que os alunos adquiriram novos conhecimentos plásticos/manuais?	✓	
Acha que os alunos adquiriram conhecimentos sobre o património local?	✓	
A experiência foi enriquecedora para o professor?	✓	
A experiência foi enriquecedora para a disciplina administrada?	✓	
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?	✓	
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?	✓	
Gostava que para a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?	✓	

O que gostou nesta atividade?

Da forma como se integrou a parte científica com o lúdico.  
Os alunos sentiram-se motivados com as atividades propostas.

O que gostou menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

Sim. Na atividade da "Arte Rupestre".

Como tomou conhecimento da atividade?

Através das informações fornecidas pela B. Municipal

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 9-6-2017 Idade: 9 Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_Vives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? Em AlentejoVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com todos - turma

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				x
O que achaste dos materiais que usaste?			x	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				x
E do local da actividade?				x
Divertiste-te durante a atividade?				x
As explicações dadas pela monitora foram claras?			x	
Gostaste da atividade em geral?				x
O que achaste da monitora?			x	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	x	
Gostas de actividades plásticas?	x	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	x	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	x	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	x	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	x	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	x	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei mais de fazer tintas e gostei menos de pintar

Escreve duas coisas que aprendeste?

aprender a fazer tintas e pensar

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1-06-2012 Idade: 7 anos Ano de escolaridade: 2.ºVives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? QuimarãesVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a minha avó

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

X

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei mais de fazer a tinta, gostei menos de fazer pintura no plástico.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprender a fazer uma tinta e aprender a fazer pintura

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

com um teatro engomado

Muito obrigada 😊



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2012 Idade: 2 Ano de escolaridade: 2.º anoVives em V. V. de Ródão? clã Se não, onde? CastelVieste à atividade sozinho? clã Se não, com quem? Vim com os meus colegas e professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei mais de pintar e menos de fazer cores.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Fazer cores e far neivres quando a tinta seca.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim já participei em outras atividades para pintar.

Muito obrigada©

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/06/2017 Idade: 7 Ano de escolaridade: 2º anoVives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? Serra da AmieiraVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com os meus colegas e professora!

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				
E do local da actividade?				
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/6/2018 Idade: 8 anos Ano de escolaridade: 2.º anoVives em V. V. de Ródão? nao Se não, onde? PortugalVieste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? com os meus colegas e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😊

Gostei 😊

Gostei muito 😊😊

	☹	😊	😊	😊😊
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 12/06/2014 Idade: 7 Ano de escolaridade: 2º anoVives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? EntãoVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com os meus colegas e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/05-2012 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2.º anoVives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? BarcelosVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? vim com os meus colegas e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			<input checked="" type="checkbox"/>	
O que achaste dos materiais que usaste?			<input checked="" type="checkbox"/>	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			<input checked="" type="checkbox"/>	
E do local da actividade?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Divertiste-te durante a atividade?			<input checked="" type="checkbox"/>	
As explicações dadas pela monitora foram claras?			<input checked="" type="checkbox"/>	
Gostaste da atividade em geral?			<input checked="" type="checkbox"/>	
O que achaste da monitora?			<input checked="" type="checkbox"/>	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Gostas de actividades plásticas?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	<input checked="" type="checkbox"/>	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊



Atividade participada:

Data: 1/06/2017 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2 anoVives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? minha mãe e com o

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos ☺

Gostei ☺

Gostei muito 😊

	☹	☺	☺	😊
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?		X		
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?			X	
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei mais da actividade de pintarI não gostei da parte do creio e o lince

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi a pintar e aprendi a fazer cores

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Eu não participei em mais nenhuma  
só nestas.

Muito obrigada ☺



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2012 Idade: 7 Ano de escolaridade: 2º anoVives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? Uma colega tutora e a professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei de tudo mas eu gostei mais das tintas.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi a usar tintas, desenhar

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim eu participei a usar o espaço do Castelo do Rei Vamfex.

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11.06.2012 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2.º anoVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a minha turma e com a professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Gostei mais de fazer tinta e Gostei menos de pintar.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprendi a fazer tintas dos anos 1912 e como se fazem os desenhos.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim no ATL e em acampamentos.

Muito obrigada ☺

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/6/2017 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2.ª anoVives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com meus amigos e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Gostei mais as tintas, gostei menos de pintar.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Conheci os pintos iguais na sua história e que os homens das cavernas eram tão inteligentes.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

já participei em outras actividades fiz um teatro.

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 10/01/2012 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2ºVives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? FrutalVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com os meus colegas e a minha professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei mais e menos na atividade foi onde fizemos a atividade

Escreve duas coisas que aprendeste?

Aprender a fazer cores e a fazer experiências

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Não, eu não participei em mais nenhuma atividade.

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/12/19 Idade: 8 Ano de escolaridade: 2º anoVives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? com a turma e a professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			X	
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei mais de misturar cores e gostei menos de modelar.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendi a fazer cores e aprendi mais sobre arte rupestre.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Não me lembro

Muito obrigada 😊



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 10/06/2017 Idade: 4 Ano de escolaridade: 2º anoVives em V. V. de Ródão? Armeiz Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? sim com Se não, com quem? \_\_\_\_\_aluno e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			X	X
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?		X		
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?		X
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Eu gostei mais de fazer as cores e gostei menos de pintar

Escreve duas coisas que aprendeste?

eu aprendi como se faz a pintura e de saberusar as cores

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

nao, participei em outras actividades

Muito obrigada 😊



Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão professor

Atividade participada: \_\_\_\_\_ Data: 4/06/2012  
 Disciplina/ Turma: B Escola: \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Atividade proposta em geral				X
Actividade artística – plástica, manual, escrita				X
Conteúdos e informação teórica			X	
Local da actividade				X
Adequação da actividade ao público etário				X
Adequação da linguagem ao público etário				X
Monitora				X
Participação e empenho dos alunos			X	

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Acha que os alunos adquiriram novos conhecimentos plásticos/manuais?	Sim	
Acha que os alunos adquiriram conhecimentos sobre o património local?	Sim	
A experiência foi enriquecedora para o professor?	Sim	
A experiência foi enriquecedora para a disciplina administrada?	Sim	
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?	Sim	
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?	Sim	
Gostava que para a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?	Sim	

O que gostou nesta atividade?

o envolvimento dos alunos, em contacto com materiais diferentes...

O que gostou menos nesta atividade?

Nada em especial. Gostei de tudo

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

Sim, em actividades realizadas com "Calhondra olha o xisto!"  
Actividades propostas pela Biblioteca Municipal.

Como tomou conhecimento da atividade?

Diretamente, através das orientadoras da actividade.

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/6/2012 Idade: 7 Ano de escolaridade: 2ºVives em V. V. de Ródão? não Se não, onde? AlfândegaVieste à atividade sozinho? não Se não, com quem? com os meuscolegas e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?			X	X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

eu gostei de tudo.

Escreve duas coisas que aprendeste?

eu aprendi a fazer tintas.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2017 Idade: 11 Ano de escolaridade: 1ªVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? 1ªVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a turma e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos ☺

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	☺	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: manipulação  
 Data: 1.06.2012 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1º  
 Vives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? Gouveia  
 Veste à atividade sozinho? sim Se não, com quem? Professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 ~~Gostei muito~~ 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	X
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 10/06/2012 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? mãe Se não, com quem? Com a irmã e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada ☺



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/06/2012 Idade: 7 Ano de escolaridade: 1.ªVives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? FátimaVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a turma e professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2012 Idade: 71 Ano de escolaridade: 1.ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a turma eprofessora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😊

Gostei 😊

Gostei muito 😊😊

	☹	😊	😊	😊😊
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	X
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	X
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/06/2022 Idade: 7 Ano de escolaridade: 1aVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com a turma e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada ☺

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/12/2022 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com a turma e a professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/06/2012 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1.ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a tua mãe e professora,

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2017 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1.ªVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? Calhondra de ProençaVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com a professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				+
O que achaste dos materiais que usaste?				+
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				+
E do local da actividade?				+
Divertiste-te durante a atividade?				+
As explicações dadas pela monitora foram claras?				+
Gostaste da atividade em geral?				+
O que achaste da monitora?				+

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	+	
Gostas de actividades plásticas?	+	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	+	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?		+
Tiveste dificuldade durante a atividade?	+	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	+	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?		

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊



Atividade participada:

Data: 11/6/2019 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? em Goma tua mãeVieste à atividade sozinho? Naõ Se não, com quem? com a mãe

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos ☺

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	☺	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Escreve duas coisas que aprendeste?

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Muito obrigada 😊



Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 11/01/2012 Idade: 7 Ano de escolaridade: 7ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Deito Se não, com quem? com a turma e professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				x
O que achaste dos materiais que usaste?				x
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				x
E do local da actividade?				x
Divertiste-te durante a atividade?				x
As explicações dadas pela monitora foram claras?				x
Gostaste da atividade em geral?				x
O que achaste da monitora?				x

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	x	
Gostas de actividades plásticas?	x	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	x	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	x	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		x
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	x	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	x	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 110612012 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1.ºVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? Com a turma e professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	X
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Questionário

*Calhondra, olha o xisto!* Versão criança / escolas

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 1/06/2014 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1.º

Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_

Vieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? Com a turma e professora

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Questionário **Calhondra, olha o xisto!** Versão professor

Atividade participada: "Pintura Rupestre" Data: 01/06/2012  
 Disciplina/ Turma: 1º ANO Escola: Vila Velha de Ródão

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Atividade proposta em geral				X
Actividade artística – plástica, manual, escrita				X
Conteúdos e informação teórica				X
Local da actividade				X
Adequação da actividade ao público etário				X
Adequação da linguagem ao público etário				X
Monitora				X
Participação e empenho dos alunos				X

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Acha que os alunos adquiriram novos conhecimentos plásticos/manuais?	X	
Acha que os alunos adquiriram conhecimentos sobre o património local?	X	
A experiência foi enriquecedora para o professor?	X	
A experiência foi enriquecedora para a disciplina administrada?	X	
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?	X	
Gostava de repetir uma actividade da Calhondra?	X	
Gostava que para a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostou nesta atividade?

gostei da actividade. Os alunos estiveram motivados e empenhados nas diferentes actividades. Expressaram-se

O que gostou menos nesta atividade? livremente através da pintura.  
Não tenho nada a salientar. A actividade foi interessante.

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

Sim. Actividades: " Calhondra, olha o xisto".

Como tomou conhecimento da atividade?

Através da Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão

Muito obrigada ☺

Atividade participada: \_\_\_\_\_

Data: 7/06/2019 Idade: 6 Ano de escolaridade: 1<sup>o</sup>Vives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? ÍndiaVieste à atividade sozinho? Não Se não, com quem? com a turma e a professora.

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊



# Inquéritos realizados sobre a actividade *Andakatu vai até à Foz do Enxarrique*

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão adulto

Atividade participada: Andakatu (Foz do Enxarrique)  
 Data: \_\_\_\_\_ Idade: 51 Habilitações literárias: Mestre  
 Local de residência: Guimarães  
 Veio sozinho à atividade? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😊	😊	😊😊
Atividade artística (plástica/ manual/ escrita)				X
Conteúdos e informação teórica				X
Atividade proposta em geral				X
Local da atividade				X
Ambiente				X
Monitora				X
Conhecimentos da monitora				X
Divulgação				X

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Adquiriu novos conhecimentos plásticos/ manuais?	X	
Adquiriu novos conhecimentos sobre o património e cultura?	X	
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?	X	
Gosta de atividades plásticas/ manuais?	X	
Teve dificuldade durante a atividade?		X
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?	X	
Gostava que a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?	X	

O que gostou mais de fazer nesta atividade?

Aprender a modelar/ moldar através de "rolinhos" de barro

O que gostou menos nesta atividade?

O não ter terminado a peça (um preto, em vez de uma peça)

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

Sim, nos tapetes

Como tomou conhecimento da atividade?

Através da cultura e, pessoalmente, na Biblioteca

Muito obrigada 😊



Atividade participada: Andocolu  
 Data: 19/09 Idade: 12 Ano de escolaridade: 7º  
 Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Veste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			X	
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a atividade?			X	
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?			X	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

O que eles utilizavam

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Não

Muito obrigada 😊

# Inquéritos realizados sobre a actividade *Diários gráficos: a natureza e as gravuras rupestres*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Atividade participada: diários gráficos, rupestres  
 Data: \_\_\_\_\_ Idade: 20 Ano de escolaridade: 2.º ano, 1.ª unidade  
 Vives em V. V. de Ródão? nao Se não, onde? lisboa  
 Vestiste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? ela minha irmã elisa

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?		X
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Gostei da representação dos animais

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

# Inquéritos realizados sobre a actividade *Imagem história, história mito, mito memória*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Atividade participada: Mito memória  
 Data: 19/05 Idade: 12 Ano de escolaridade: 7.º A  
 Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			X	
O que achaste dos materiais que usaste?			X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a atividade?			X	
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?			X	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

A divulgar textos

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim

Muito obrigada 😊

# Inquéritos realizados sobre a actividade *Postalinho, aqui vais tu!*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Atividade participada: Postalis  
 Data: 19/5/2012 Idade: 9 Ano de escolaridade: 4º ano  
 Vives em V. V. de Ródão? Não Se não, onde? Vila Nova de Uçá  
 Vestes à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)			X	
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		X
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

que eu gostei mais foi as imagens.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Apreendi a ponto de fuga e a desenhar desenhos com continuação.

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Não.

Muito obrigada ☺

Eduardo Monteiro



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: PoskuisData: 14/5/2016 Idade: 11 Ano de escolaridade: 4º anoVives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				✗
O que achaste dos materiais que usaste?				✗
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				✗
E do local da actividade?				✗
Divertiste-te durante a atividade?				✗
As explicações dadas pela monitora foram claras?				✗
Gostaste da atividade em geral?				✓
O que achaste da monitora?				✓

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	✗	✗
Gostas de actividades plásticas?	✗	✗
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	✗	✗
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	✗	✗
Tiveste dificuldade durante a atividade?	✗	✗
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	✗	✗
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	✗	✗

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

de escrever história e xisto

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Atividade participada: Gostais  
 Data: 19/5 Idade: 12 Ano de escolaridade: 7.º  
 Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)			X	
O que achaste dos materiais que usaste?		X	X	
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)		X		
E do local da actividade?			X	
Divertiste-te durante a atividade?			X	
As explicações dadas pela monitora foram claras?			X	
Gostaste da atividade em geral?			X	
O que achaste da monitora?			X	

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

A arte rupestre e o fonto fugo

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim + homens das cavernas

Muito obrigada 😊



# Inquéritos realizados sobre a actividade *Mantas, tapetes e croché*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Atividade participada: tachos  
 Data: 19/04 Idade: 9 Ano de escolaridade: 3º  
 Vives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				✓
O que achaste dos materiais que usaste?				✗
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				✓
E do local da actividade?				✓
Divertiste-te durante a atividade?				✗
As explicações dadas pela monitora foram claras?				✓
Gostaste da atividade em geral?				✓
O que achaste da monitora?				✓

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	✓	
Gostas de actividades plásticas?	✓	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	✓	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	✓	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	✓	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	✓	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	✓	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

\_\_\_\_\_

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: Postais  
 Data: 19. Mai Idade: 9 Ano de escolaridade: 3  
 Vives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gostei

Escreve duas coisas que aprendeste?

monitora Kristina

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

\_\_\_\_\_

Muito obrigada 😊

Questionário *Calhondra, olha o xisto!* Versão adulto

Atividade participada: Tafete  
 Data: \_\_\_\_\_ Idade: 61 Habilitações literárias: Master  
 Local de residência: Gravos de Nodas  
 Veio sozinho à atividade? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracterize os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos: 😊 😊

Não gostei 😊 Gostei mais ou menos 😊 Gostei 😊 Gostei muito 😊😊

	😊	😊	😊	😊😊
Atividade artística (plástica/ manual/ escrita)				X
Conteúdos e informação teórica				X
Atividade proposta em geral				X
Local da atividade				X
Ambiente				X
Monitora				X
Conhecimentos da monitora				X
Divulgação				X

Responda *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Adquiriu novos conhecimentos plásticos/ manuais?	X	
Adquiriu novos conhecimentos sobre o património e cultura?	X	
Gostava de saber mais informações sobre arte rupestre?	X	
Gosta de atividades plásticas/ manuais?	X	
Teve dificuldade durante a atividade?		X
Gostava de repetir uma actividade da <i>Calhondra</i> ?	X	
Gostava que a <i>Calhondra</i> continuasse para o ano?	X	

O que gostou mais de fazer nesta atividade?

A partilha de experiências

O que gostou menos nesta atividade?

A minha falta de "habilidade" porém ultrapassada pelos participantes habilidosos que me ajudaram...

Já participou em outras atividades. Se sim, em quais?

Sim. Andar Kati

Como tomou conhecimento da atividade?

Agenda Cultural e pessoalmente na Biblioteca

Muito obrigada 😊

## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: Suprimentos  
 Data: \_\_\_\_\_ Idade: 9 Ano de escolaridade: 4º ano  
 Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				✗
O que achaste dos materiais que usaste?				✗
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				✗
E do local da actividade?				✗
Divertiste-te durante a atividade?				✗
As explicações dadas pela monitora foram claras?				✗
Gostaste da atividade em geral?				✗
O que achaste da monitora?				✗

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	✗	
Gostas de actividades plásticas?	✗	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	✗	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	✗	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	✗	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	✗	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	✗	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Foi de aprender mais

Escreve duas coisas que aprendeste?

\_\_\_\_\_

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

Sim - Gosto em xisto

Daniel

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: TapetesData: \_\_\_\_\_ Idade: 70 Ano de escolaridade: 2.º ano, faculdadeVives em V. V. de Ródão? nao Se não, onde? LisboaVieste à atividade sozinho? nao Se não, com quem? uma fluse

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				✗
O que achaste dos materiais que usaste?				✗
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				✗
E do local da actividade?				✗
Divertiste-te durante a atividade?				✗
As explicações dadas pela monitora foram claras?				✗
Gostaste da atividade em geral?				✗
O que achaste da monitora?				✗

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	✗	
Gostas de actividades plásticas?	✗	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	✗	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	✗	
Tiveste dificuldade durante a atividade?		✗
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	✗	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	✗	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Gostei de tudo relacionado com crochê e costuras

Escreve duas coisas que aprendeste?

aprendi alguns pulos de bordados

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

sim, no dialeto

Muito obrigada 😊

# Inquéritos realizados sobre a actividade *Um conto em xisto*

Questionário

**Calhondra, olha o xisto!** Versão criança / escolas

Atividade participada: Um conto em xisto  
 Data: 14/11/2012 Idade: 9 Ano de escolaridade: 4º ano  
 Vives em V. V. de Ródão? Sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? Sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹ Gostei mais ou menos 😐 Gostei 😊 Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				X
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

Foi de aprender gostei de tudo.

Escreve duas coisas que aprendeste?

Eu aprendei que a história

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

deixo

Daniel

Muito obrigada 😊



## Questionário

## Calhondra, olha o xisto! Versão criança / escolas

Atividade participada: Um conto em xisto  
 Data: 18 Abr Idade: 9 Ano de escolaridade: 3º ano  
 Vives em V. V. de Ródão? sim Se não, onde? \_\_\_\_\_  
 Vieste à atividade sozinho? sim Se não, com quem? \_\_\_\_\_

Em relação à atividade participada caracteriza os seguintes aspetos, de acordo com os símbolos:

Não gostei ☹

Gostei mais ou menos 😐

Gostei 😊

Gostei muito 😄

	☹	😐	😊	😄
Gostaste da atividade artística? (plástica/ manual/ escrita)				☑
O que achaste dos materiais que usaste?				X
A informação teórica? (gravuras/ património/natureza)				X
E do local da actividade?				X
Divertiste-te durante a atividade?				X
As explicações dadas pela monitora foram claras?				X
Gostaste da atividade em geral?				X
O que achaste da monitora?				X

Responde *sim* ou *não* às seguintes questões:

	Sim	Não
Aprendeste coisas novas?	X	
Gostas de actividades plásticas?	X	
Ficaste a saber mais coisas sobre o nosso património e cultura?	X	
Gostavas de saber mais sobre as gravuras?	X	
Tiveste dificuldade durante a atividade?	X	
Gostavas de repetir uma atividade da Calhondra?	X	
Gostavas que a Calhondra continuasse para o ano?	X	

O que gostaste mais e menos nesta atividade?

gravura

Escreve duas coisas que aprendeste?

ano

Já participaste em outras actividades. Se sim, em quais?

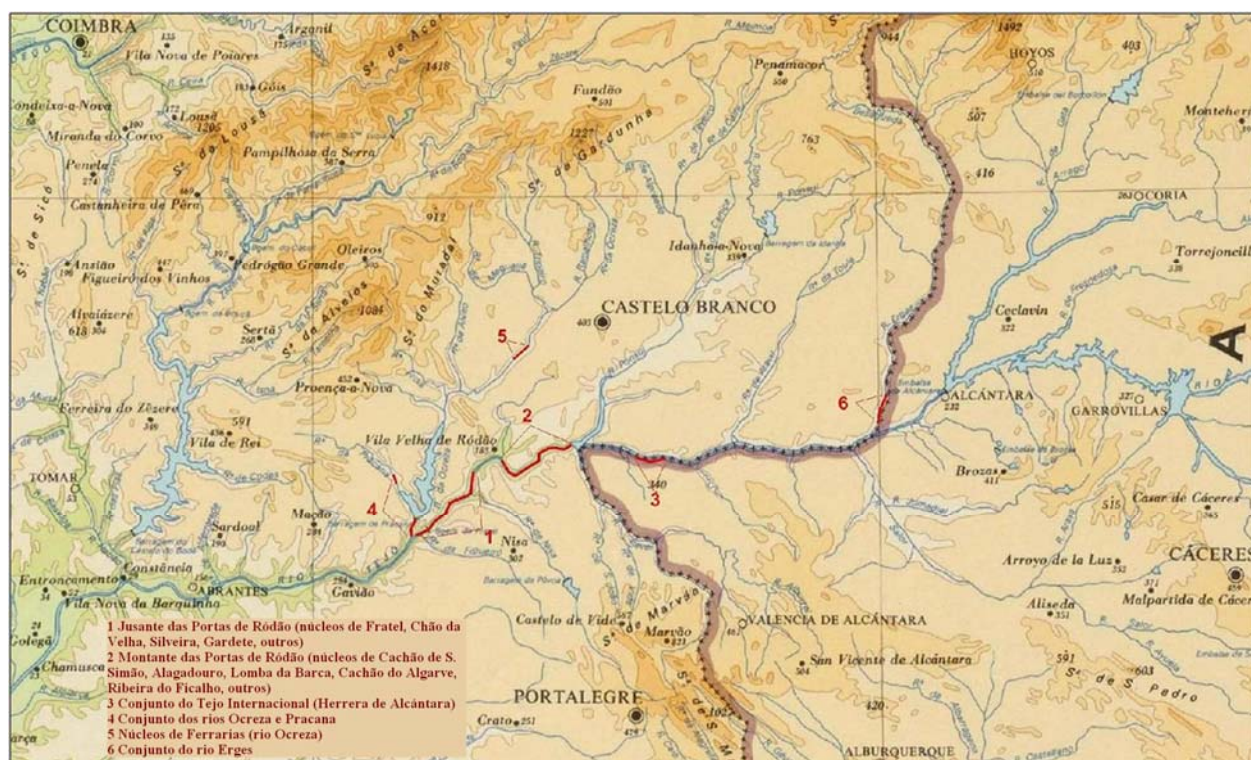
sim

Muito obrigada 😊

(Constança) C. E. Dias

## Anexos A – Mapa da localização dos núcleos de Arte Rupestre do Vale do Tejo

fonte: cedidas pela C.M.V.V.R. via digital



## Anexo B – Algumas Imagens do CARVT (fonte: cedidas pela C.M. V. V. R. via digital)

Imagens e esquemas de Mário Varela Gomes. Primeira e segunda imagem: rocha 11, Gardete; terceira: serpentiniformes do CVART; quarta: antropomorfos e figuras astrais do CVART



Fig. 19 Evolução estratigráfica. Par de antropomorfos, círculo, idólatriforme e serpentiniforme. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

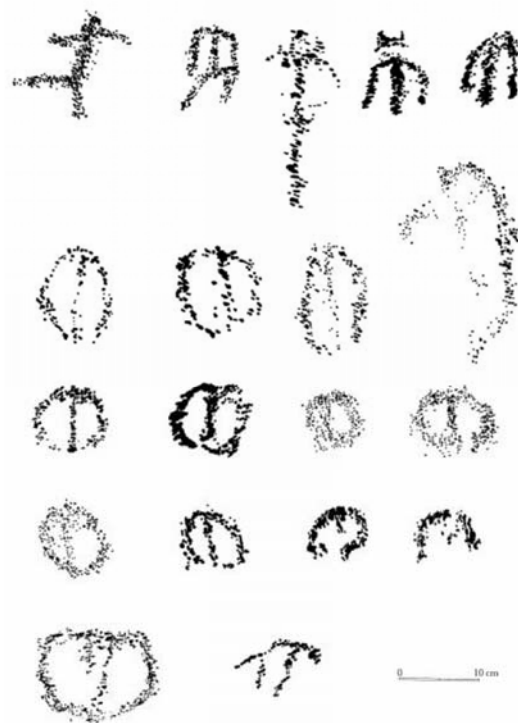


Fig. 18 Antropomorfos da rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

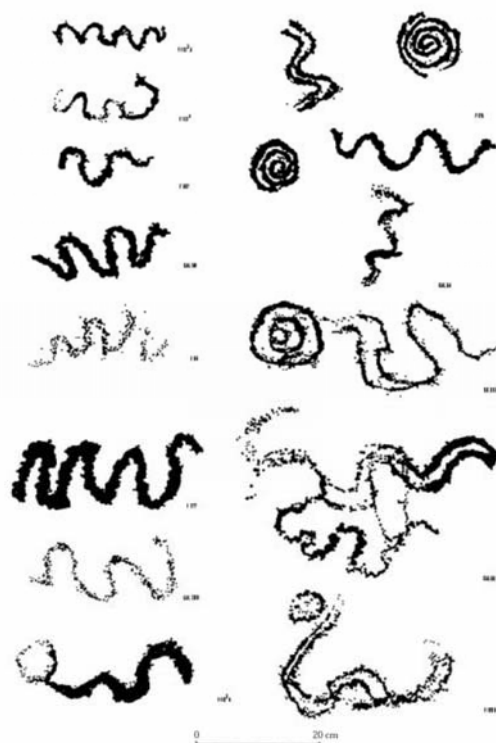


Fig. 15 Serpentiniformes do Vale do Tiço (seg. M.V. Gomes).

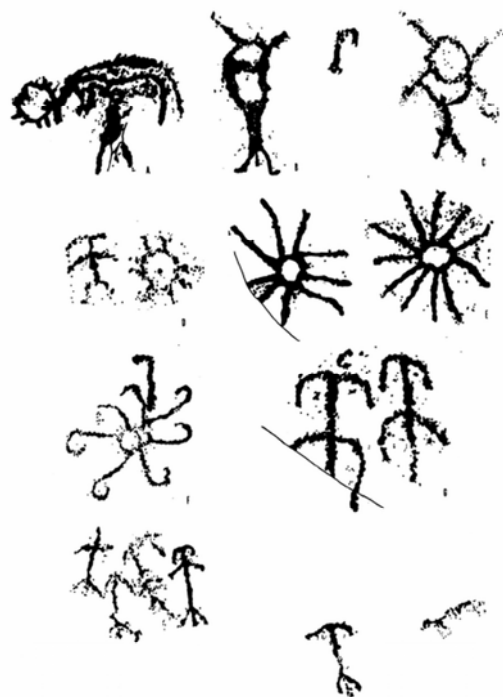


FIG. 2. A) S. Simão 158; B) Fratel 126; C) Ficalho 12; D) S. Simão 157; E) Fratel 90; F) S. Simão 158; G) Fratel 84; H) Fratel 72



Cervídeo, rocha F115, Fratel



Cachão do Algarve, rocha 63 e Cachão de S.º Simão



## **Anexo C – Algumas lendas da região de Vila Velha de Ródão** (Fonte: site da Junta de Freguesia de V.V. Ródão)

### **LENDA DO REI WAMBA**

«Wamba, rei visigodo, fundou o Castelo de Ródão, onde vivia com a sua mulher e filhos. A rainha fugiu, certo dia, para os braços de um rei mouro, o que levou Wamba a procurá-la, disfarçado de mendigo. Ela reconheceu-o, fingiu ser prisioneira do mouro e escondeu o marido no próprio quarto, entregando-o em seguida ao amante. Pediu Wamba à generosidade do inimigo que lhe concedesse tocar pela última vez a sua corna. Os seus companheiros de armas ouvindo-o, acudiram-lhe. Mataram o rei mouro, e trouxeram a rainha para o Castelo de Ródão. Por sugestão do filho mais novo, o castigo dela consistiu em ser precipitada pela íngreme encosta para o Tejo. Ao saber do castigo, a rainha proferiu a sua tripla maldição: Adeus Ródão, adeus Ródão  
Cercada de muita murta  
E terra de muita ...  
Não terás mulheres honradas  
Nem cavalos regalados  
Nem padres Coroados!»  
Diz-se que por onde o corpo rolou nunca mais cresceu mato.»

### **LENDA DA SENHORA DO CASTELO**

«Um arrais exigiu aos pescadores que passassem as portas, embora estas fossem fechadas (o rio tinha muito caudal). Pediram os desgraçados a protecção da Virgem e prometeram levantar-lhe uma capelinha na serra, próxima do Castelo. Avançaram com o barco, este afundou-se, e veio a aparecer um pouco adiante, junto à praia da fonte das Virtudes. Somente, caso curioso, desaparecera o barrete dum pescador. Maravilhados, os pescadores levantaram os olhos para a serra, e viram sentada numa cadeira aberta na rocha, a imagem de Nossa Senhora, que parecia abençoá-los. A promessa foi cumprida. A imagem foi levada para a capela que os pescadores mandaram construir. Todos os anos, os povos ali vão em Agosto festejar a Virgem, que tão milagrosamente salvara os pobres pescadores.»

### **LENDA DA SENHORA DA ALAGADA**

«Segundo a tradição "no tempo em que os mouros conquistaram Espanha, um religioso carmelita retirou a imagem dum convento. Temendo que os inimigos a destruíssem, meteu-a numa caixa e lançou-a ao Tejo. O mesmo rio, durante uma grande cheia, deixou-a no sítio onde depois lhe foi edificada a ermida. Felizes com a vista da Senhora, pároco e moradores,



em procissão conduziram-na à Igreja Matriz.

Porém, a Senhora havia escolhido outro lugar para ser venerada e, por isso, por duas vezes fugiu da matriz. Perante tal insistência, os moradores perceberam que a Senhora queria permanecer naquele lugar e assim, ali lhe construíram, a ermida.»

## LENDA DE VALE MOURÃO

«Dele se conta que "andavam pai e filho à azeitona (ou à pesca) nas encostas do Vale Mourão quando se lembraram do que tinham dito os mouros: entre o Tejo e o Ocreza ficará a nossa maior riqueza. Como na encosta do lado oposto batia o Sol e este refletia na água, deixando perceber o contorno de uma carroça, logo eles pensaram que era de oiro, e que se tratava do tesouro dos mouros. O Sol brilhava tanto e era tão amarelo que tudo parecia oiro (esta encosta hoje chama-se Penha Amarela). Depressa pensaram em ir buscar o carrinho de oiro.

Trouxeram uma junta de bois pretos, e um dia pela manhã puxaram o carrinho de oiro da ribeira. Já tão contentes que, no cimo da encosta, disseram em voz bem alta: Quer Deus queira, quer Deus não queira, o carrinho já vai no cimo da barreira, e amanhã já o levamos à feira. Ao proferirem "Deus não queira" os bois e o carro começaram a recuar encosta abaixo, voltando a afundar-se no poço do Vale Mourão, ainda hoje lá estão.»

## Anexo D – Agendas Culturais do Município de Vila Velha de Ródão

(A Agenda Cultural é constituída por um desdobrável com seis faces)

### Agenda Cultural de janeiro de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**LER+** o melhor do programa de leitura em rede

**Dia 19 17H30** Apresentação do livro "Baile de sonho: as vozes do linho", pelo seu autor M. Lopes Marcelo. Durante a apresentação, as linheiras e tecedões do Rancho Folclórico de Azenha entoarão genuínas melodias ligadas às tarefas do ciclo do linho.

**Dias 25, 26 e 27** Apresentação do livro "Crónicas da minha infância: os sentidos da memória", da autoria de Lúcia Ribeiro Pires, para o público escolar e idoso. Mediante marcação prévia.

**Até 22 de Fevereiro** Exposição "No Tempo da Implantação da República: quadros da vida rural". Junta de Freguesia de Perais. Entrada livre.

**Projecto "Calhondra, olha o xisto!"**  
Estão abertas inscrições para as actividades do mês de Fevereiro. Participe!

**Fevereiro a Maio**  
Imagens históricas, tradições, mitos, muita memória. A partir de uma imagem das gerações anteriores cria a tua história imaginária ou mesmo um relato!  
Público: Todas as idades.

**3 de Fevereiro (Sexta - feira à tarde)**  
**Cajadores Focares**  
Atuais de um jogo de cartas, as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos riosais antepassados e constroem a sua própria interpretação.  
Público: 3 aos 10 anos.

**4 de Fevereiro (sábado de manhã)**  
**Mantas, tapetes e granché**  
Encontros de alicé e raios, pais e crianças onde se partilham técnicas antigas de costura e croché com imaginação, ainda mais antigas, unidas pelas mãos antepassadas de Tejo.  
Público: Família, jovens e crianças.

**17 de Fevereiro (sexta-feira à tarde)**  
**Musica Austroasiática**  
Vamos construir os nossos instrumentos musicais, pegar nas nossas canções tradicionais e transformá-las em músicas dignas da lenda da Pedra Lascada.  
Público: dos 6 aos 12 anos.

**18 de Fevereiro (sábado de manhã)**  
**Dúfines grifinos, as naturezas e as gravuras rupestres**  
Já não se sabe onde se encontra a lenda, fada, fada e arte rupestre. Construção do seu duto gráfico.  
Público: A partir dos 6 anos.

**Novidade**  
**Journal de poesia e recortes de papel**  
"É absolutamente certo!"  
Está já disponível para oferta, na BMJM, o número 1 deste jornal. O número 2 será elaborado nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março. Estamos abertos a novas participações de textos poéticos e de recortes de papel. Se aprecia poesia e arte, contacte-nos!

Telefone: 272 540 308  
Email: biblioteca@cmvrm.pt  
Horário:  
Segunda-feira 9h30 - 13h00  
Terça-feira a sexta-feira 13h00 - 18h00  
Sábado 9h00 - 13h00



## Agenda Cultural de fevereiro de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**Projecto "Calhondra, olha o xisto!"**

Concepção do projecto: Elisa Aragão  
Produção: Biblioteca Municipal José Baptista Martins  
Estão abertas inscrições, na Biblioteca Municipal, para as actividades do mês de Fevereiro.

**Dia 3 | 15h00**  
**Caçadores Ferozes**  
Através de um jogo de pistas as crianças descobrem os animais representados nas margens do Tejo pelos nossos antepassados e constroem a sua própria interpretação.  
Público: 5 - 10 anos

**Dia 4 | 10h30**  
**Mantas, tapetes e croché**  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilham técnicas antigas de costura e croché com imagens, ainda mais antigas, criadas pelos nossos antepassados do Tejo.  
Público: Famílias, jovens e crianças

**Dia 17 | 15h00**  
**Música Australopithec**  
Vamos conhecer os nossos instrumentos musicais, pagar nas nossas canções tradicionais e transformá-las em músicas dignas da lenda da Pedra Lencada.  
Público: dos 6 aos 12 anos

**Dia 18 | 10h30**  
**Diários gráficos: a natureza e as gravuras rupestres**  
Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico.  
Público: A partir dos 6 anos

**Ao longo do mês**  
**Imagem história, história mito, mito memória**  
A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a sua história imaginária ou mesmo um mito!  
Público: Todas as idades

**Até dia 22**  
**Exposição "No Tempo da Implantação da República: quadros da vida rural"**  
Junta de Freguesia de Perais  
Entrada livre

**2012 Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações**

**Exposição**  
**"Tanto que aprendemos com os nossos avós"**

No âmbito desta comemoração e do projecto "Vidas e Memórias de uma Comunidade", a Biblioteca Municipal pretende organizar uma exposição, com a participação de crianças e jovens, que apresente ao público os muitos saberes que a geração dos seus avós adquiriu e utiliza no seu quotidiano.

As crianças e jovens podem participar com desenhos, fotografias, recolha de objectos e de saberes junto dos seus avós.

Participa! Entrega os teus trabalhos na Biblioteca Municipal até 7 de Março.

**Centro de Aprendizagem ao Longo da Vida**  
loga  
Informática

Telefone: 272 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

Horário:  
Segunda-feira 9h00 - 13h00  
14h00 - 18h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 18h00  
Sábado 9h00 - 13h00

**Agenda Cultural**

**Dia 19**  
**Feira do Domingo Gordo**  
**Com desfile Carnavalesco**

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

[www.cm-vvrodao.pt](http://www.cm-vvrodao.pt) | Fevereiro 2012

## Agenda Cultural de março de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**Projecto "Calhondra, olha o xisto!"**

Concepção do projecto: Elisa Aragão  
Produção: Biblioteca Municipal José Baptista Martins  
Estão abertas inscrições, na Biblioteca Municipal, para as actividades do mês de Março. Participa!

**Dia 2, sexta-feira**  
**15h00 - Um conto em xisto**  
A partir de várias imagens das gravuras rupestres e de contos populares da zona, as crianças criam a sua própria história, que é contada através de desenho, teatro ou rapado na pedra de xisto, tal como faziam os nossos antepassados pré-históricos.  
Público: Maiores de 6 anos

**Dia 3, sábado**  
**10h00 - Mantas, tapetes e croché**  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilham técnicas antigas de costura e croché com imagens, ainda mais antigas, criadas pelos nossos antepassados do Tejo.  
Público: Famílias, jovens e crianças

**Dia 16, sexta-feira**  
**Diários gráficos: a natureza e as gravuras rupestres**  
Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico.  
Público: Pré-escolares

**Dia 17, sábado**  
**10h00 Andakatu vai até à foz do Enxarrique**  
O que será que aconteceu aqui na pré-história? Vamos aprender e conhecer os truques dos nossos antepassados e a sua maneira de vida.  
Público: Todos

**Férias da Páscoa**

**Dias 28 e 29, quarta-feira e quinta-feira**  
**Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhasste isto?**  
Discussão sobre as razões da construção das imagens das gravuras rupestres e construção de um sistema de símbolos.  
Público: Maiores de 6 anos

**Dia 30, sexta-feira**  
**Andakatu ateliê**  
Ateliê prático onde as crianças aprendem, entre outras coisas, a fazer fechos.  
Público: 6-10 anos

**Dia 31, sábado**  
**Potes e jarros**  
10h00 Criação de peças de cerâmica, decoradas com motivos de arte pré-histórica.  
Público: Famílias

**Ao longo do mês**  
**Imagem história, história mito, mito memória**  
A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a sua história imaginária ou mesmo um mito!  
Público: Todas as idades

**Centro de Aprendizagem ao Longo da Vida**  
loga  
Informática

Telefone: 272 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

Horário:  
Segunda-feira 9h00 - 13h00  
14h00 - 18h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 18h00  
Sábado 9h00 - 13h00

**Agenda Cultural**

**8 de Março de 2012**  
**Almoço-convívio**  
**Dia da Mulher**

Local: Salão dos Bombeiros Voluntários

[www.cm-vvrodao.pt](http://www.cm-vvrodao.pt) | Março 2012

## Agenda Cultural de abril de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**Projecto "Calhondra, olha o xisto!"**

Concepção do projecto: Elisa Aragão  
Produção: Biblioteca Municipal José Baptista Martins  
Estão abertas inscrições, na Biblioteca Municipal, para as actividades do mês de Abril. Participa!

**Dia 13**  
**18h30 - Apresentação do livro "Crónicas da minha infância: os sentidos da memória", pela sua autora Ilda Ribeiro Pires.**  
Local: Fnac Chiado.

**Dia 19**  
**15h00 - Apresentação do livro "A chegada de Twain", pela sua autora Hélia Correia.**  
Estarão presentes ao público, até 12 de maio, as ilustrações criadas por Rachel Caetano para o livro.  
Local: Biblioteca Municipal

**Dia 20**  
**14h00 - Concurso Nacional de Leitura - Fase Distrital.**  
Com a presença da escritora Hélia Correia e do poeta António Salvado.  
Organização: Biblioteca Municipal

**Ao longo do mês | Um livro, uma flor**  
Como comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil e do Dia Mundial do Livro e dos Direitos do Autor, que se celebram, respetivamente, a 2 e 23 de Abril, a Biblioteca Municipal oferecerá uma flor a cada pessoa que registar um livro.

**Novidade na livraria municipal**  
Venda de postais produzidos à mão pelas artistas plásticas Elisa Aragão e Teodora Boneva (16/04/2012)

**12 de abril, quinta-feira**  
**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**  
Saída de campo onde se desenha e observa a fauna, flora e arte rupestre. Construção do seu diário gráfico.  
Público: Pré-escolar

**14 de abril, sábado**  
**Mantas, tapetes e croché**  
10h00 Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens, ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.  
Público: Todos

**26 de abril, quinta-feira**  
**Imagem história, história mito, mito memória**  
A partir de uma imagem das gravuras rupestres cria a sua história imaginária ou mito.  
Público: Escolar (7º ano)

**27 de abril, sexta-feira**  
**Pigmentos... ovo... e já está!**  
Encontra na terra as tuas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica.

**28 de abril, sábado**  
**Um conto em xisto**  
Mais velhos contam histórias antigas aos mais novos e juntos criam uma nova história no xisto!  
Público: Famílias

**Centro de Aprendizagem ao Longo da Vida**  
loga  
Informática

Telefone: 272 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

Horário:  
Segunda-feira 9h00 - 13h00  
14h00 - 18h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 18h00  
Sábado 9h00 - 13h00

**Agenda Cultural**

**Dia 25**  
**Comemorações do 25 de abril**

**Em Vila Velha de Ródão**  
08h30 - Caminhada da Liberdade - Passeio de BTT  
09h30 - Torneio de Malha  
10h00 - Ginásio de Biciستا p/ crianças  
12h30 - Encerramento das actividades  
14h00 - Torneio de Suca  
17h00 - Jogo de Inauguração - Futebol  
18h30 - Lanche-convívio  
Organização/inscrições: CCRC  
Apoio: Câmara Municipal de V.V.R. a Junta de Freguesia de V.V. Ródão

**Em Perais**  
Passeio Pedestre  
Organização: Junta de Freguesia de Perais  
Apoio: Câmara Municipal de V.V. Ródão

[www.cm-vvrodao.pt](http://www.cm-vvrodao.pt) | Abril 2012

## Agenda Cultural de maio de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**LER+** Na sequência do programa de animação literária e Plano Nacional da Leitura

**Dia 16**  
Comemoração do Dia Internacional das Histórias de Vida e da efeméride 2012 Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, no âmbito do projeto Vidas e Memórias de uma Comunidade.

**Programa**  
14h00 | Abertura da exposição "Tanto que aprendemos com os nossos avós: sete histórias de mãos dadas" com histórias, objetos e narrativas do quotidiano recolhidos por crianças e jovens, a partir das vivências que mantêm com os seus avós.  
15h00 | História-releitura de F. LUGO com a participação de Cristina Pereira, Vitor Pinheiro, Lúcia Freire e Lúcia Filipe, moderada por Lúcia Cardoso.  
16h00 | Apresentação de um documentário sobre envelhecimento ativo "Sete histórias de dar e receber", com a participação de idosos do concelho.  
16h30 | Lançamento dos livros da coleção Vidas e Memórias de uma Comunidade.  
17h30 | Lançamento de dois livros da coleção Vidas e Memórias de uma Comunidade.

**A assistência em Vila Velha de Ródão:**  
elementos para a sua história, de Lúcia Cardoso

**Fotografias que contam histórias:**  
com fotografias de Francisco de Paula, Manuel Maria da Rocha, José Rocha, António Rocha e José Ribeiro Marques

**As exposições Tanto que aprendemos com os nossos avós e Fotografias que contam histórias poderão ser visitadas, na Biblioteca Municipal, até 31 de Agosto.**

**Calhondra, Olha o Xisto!**

**Dia 18 (sexta)**  
Dia dos museus (especial)  
Calhondra, Olha o Xisto vai ao Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de VVR  
Actividades Continuas 10h-17h  
Público-alvo: Escolas e público em geral

**Diários gráficos: natureza e as gravuras rupestres**  
Desenhe e observe a paisagem de Vila Velha de Ródão e a arte rupestre: Construção do seu diário gráfico.  
Mantas, tapetes e croché  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Pigmentos... ovo... e já está!**  
Encontra na terra as suas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica

**Horário:**  
Segunda-feira 18h00 - 19h00 | 19h00 - 20h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 19h00  
Sábado 9h00 - 13h00  
Telefone: 271 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

**Dia 4 (sexta)**  
15h | Qual será a forma da Calhondra? Construções de animais que habitam nas margens do rio Tejo através de materiais reciclados  
Público-alvo: 6 aos 10 anos

**Dia 5 (sábado)**  
10h | Mantas, tapetes e croché  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.

**Dia 19 (sábado)**  
10h | Postalinho aqui vale tu  
Vamos celebrar o nosso património, aqui juntamos num postal as nossas gravuras esquecidas, a nossa casa e os nossos animais e criamos um belo postal para enviar a quem já não vemos há muito tempo!

**Horário:**  
Segunda-feira 18h00 - 19h00 | 19h00 - 20h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 19h00  
Sábado 9h00 - 13h00  
Telefone: 271 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

**Agenda Cultural**

**ARTE RUPESTRE VALE DO TEJO**  
www.tejo-rupestre.com

**www.cm-vvrodao.pt | Maio 2012**  
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

## Agenda Cultural de junho de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**LER+** Na sequência do programa de animação literária e Plano Nacional da Leitura

**Até 31 de agosto | Exposições**

**Tanto que aprendemos com os nossos avós**  
**Fotografias que contam histórias**  
**Trilogia de Mª do Céu Marques**

**Dia 14**  
14h00 | Workshop "Pensar a escrita, escrever o pensamento"  
Destinatários: Público escolar

**Dia 29**  
20h00 | Apresentação do livro "Quindos da vida rural no território de Ródão, no tempo da Implantação da República" de Maria José Martins  
Local: Pavilhão da Biblioteca Municipal na Feira da Gastronomia e Atividades Económicas

**Dia 30**  
21h00 | Apresentação do livro "Troika: três contos de Natal" de Carlos Marques  
Local: Pavilhão da Biblioteca Municipal na Feira da Gastronomia e Atividades Económicas

**Horário:**  
Segunda-feira 19h00 - 20h00 | 20h00 - 21h00  
Terça-feira a Sexta-feira 10h00 - 19h00  
Sábado 9h00 - 13h00  
Telefone: 271 540 308  
E-mail: biblioteca@cm-vvrodao.pt

**Calhondra, Olha o Xisto!**

**sexta-feira, 1 de junho**  
Comemorações do Dia Mundial da Criança  
13h30 - 15h00 / 15h00 - 17h00 | Pigmentos... ovo... e já está!  
Encontra na terra as suas próprias tintas para criar uma pintura pré-histórica  
Público: Escolar

**sábado, 2 de junho**  
10h00 | Mantas, tapetes e croché  
Encontro de avós e netos, pais e crianças onde se partilha técnicas antigas de costura e croché com imagens ainda mais antigas dos nossos antepassados do Tejo.  
Público: Todas as idades

**sexta-feira, 15 de junho**  
Mostra dos trabalhos elaborados dentro âmbito do projeto Calhondra, Olha o Xisto!  
Local: Estabelecimentos comerciais de Vila Velha de Ródão  
Data: 15 junho a 1 de julho (últimos 3 dias no pavilhão da Biblioteca Municipal na Feira da Gastronomia e Atividades Económicas)  
> 17h00 | Leitura de contos criados na atividade "Imagem história, história mito, mito memória"  
Público: Todos os idades

**sábado, 23 de junho**  
9h00 | Visita guiada às gravuras rupestres de Gardete  
Público alvo: Todas as idades

**Comissão do programa:** Tânia Aragão  
Produção: Biblioteca Municipal José Baptista Martins  
Edito direitos morais, na Biblioteca Municipal, para as atividades do mês de junho, Portugal

**Agenda Cultural**

**VILA VELHA DE RÓDÃO | 2012**  
29, 30 DE JUNHO E 1 DE JULHO  
FEIRA DA GASTRONOMIA E ATIVIDADES ECONÓMICAS

**29 DE JUNHO**  
TRIBUTA A BOB MARLEY  
DJ ZOUNDS

**30 DE JUNHO**  
THE GIFT  
DJ'S ANTENA 3

**GASTRONOMIA REGIONAL**  
PRODUTOS LOCAIS  
ANIMAÇÃO MUSICAL/INFANTIL  
ARTESANATO  
DISCOTECA AO AR LIVRE

**www.cm-vvrodao.pt | junho 2012**  
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

## Agenda Cultural de agosto de 2012

**Biblioteca Municipal José Baptista Martins**

**LER+** Na sequência do programa de animação literária e Plano Nacional da Leitura

**Novidades**

**Livros**

**O TEU POSTO SEJA O ÚLTIMO**  
**RAINHA DE MARIA II**  
**Quando Pereira**

**Audiovisuais**

**Até 31 de agosto | Exposições**

**Tanto que aprendemos com os nossos avós**  
**Fotografias que contam histórias**  
**Trilogia de Mª do Céu Marques**

**Até 30 de setembro**  
Tapeçaria criada ao longo de várias sessões do ateliê "Mantas, tapetes e croché", do projeto "Calhondra, Olha o Xisto". O trabalho foi inspirado na arte rupestre do Vale do Tejo e contou com a participação de pessoas dos 3 aos 93 anos.

**Agenda Cultural**

**Castelo de Ródão**  
em Vila Velha de Ródão

**Lugar de Vozes em Vila Velha de Ródão**

**Esperamos por si!**

**Exposições**  
Exposições de arte em Vila Velha de Ródão

**Prémios Municipais de Férias**  
Centro de Recuperação de Arte Rupestre em Vila Velha de Ródão

**www.cm-vvrodao.pt | agosto 2012**



## Anexo E – Notícias sobre a actividade da Calhondra, olha o xisto!

Jornal Povo da Beira – 14 de fevereiro 2012

• 10 • Regional

Povo da Beira • 14 de Fevereiro de 2012 • Edição 936

### Desfile carnavalesco e Feira do Domingo Gordo em Ródão

No próximo dia 19 de Fevereiro, a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão vai realizar, no campo de feiras, a Feira do Domingo Gordo.

Em parceria com o Agrupamento de Escolas e com as associações locais, a autarquia, à semelhança de anos anteriores, vai promover, às 14h, um desfile carnavalesco que terá início no Estádio Municipal.

A acompanhar o desfile vai estar presente um grupo de animação de rua. Os Veteranos de Fornos de Algodres, que irá animar todo o percurso do curso carnavalesco que terminará no campo de Feiras.

Este ano, a Câmara Municipal vai reservar, no

recinto de feiras, um espaço aberto à comercialização de produtos agrícolas e de artesanato para todos os que pretendam escoar os seus produtos de origem local.

Recorde-se que esta ação da autarquia vem no seguimento do que tem acontecido, no primeiro sábado de cada mês, no exterior do edifício da praça municipal, onde os produtores locais podem comercializar os produtos agrícolas excedentes. Neste âmbito, a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão pretende estimular a produção local através da comercialização dos produtos hortícolas e frutícolas frescos que vêm diretamente provenientes do produtor. ■

### "Construção e Desconstrução" em Vila Velha de Ródão



No passado dia 4 de Fevereiro, às 16h, na sala polivalente da Casa de Artes e Cultura do Tejo, teve lugar a abertura da exposição de pintura "Construção e Desconstrução", da artista rodanense Paula Pequeto.

No ato inaugural da exposição, que contou com a presença de Luis Miguel Pereira, vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, de António Carmona Mendes, presidente da Assembleia Municipal, do Vereador da Cultura, José Manuel Alves, entre outros convidados, Paula Pequeto apresentou, por breves palavras, a sua exposição, referindo que as 17 obras expostas refletem a forma como esta observa o meio exterior e o seu olhar atento para o processo de construção de um projeto, de uma obra ou até de um pensamento. Mencionou, ainda, a importância da desconstrução como uma coisa positiva para o entendimento do todo pelas suas partes.

A exposição "Construção e Desconstrução", de

Paula Pequeto, está patente ao público, na Casa de Artes e Cultura do Tejo, até ao próximo dia 25 de Fevereiro.

Paula Pequeto, natural e residente em Vila Velha de Ródão, iniciou o seu caminho na pintura (essencialmente em óleo sobre tela) em 1993, como autodidata e apoiada em biografia sobre o tema. Mais tarde aprofundou os seus conhecimentos em expressão plástica no ensino secundário, onde estudou Artes.

Até 1999 realizou várias exposições, individuais e coletivas, e trabalhou também em cenografia de teatro amador.

Em 2009, retomou o seu percurso artístico expondo na Casa de Artes e Cultura do Tejo, com a exposição "Metamorfose" apresentando as técnicas de aguarela e de acrílico e também em 2011 no Museu Tavares Proença e Júnior numa exposição Coletiva de Artes Plásticas do concelho de Vila Velha de Ródão. ■

### Covilhã recebe o primeiro Circuito de Snowboard a pontuar para os jogos olímpicos

A Covilhã recebe no próximo dia 25 de fevereiro, o Vodafone SNOWBOARD URBAN FESTIVAL, o primeiro Circuito de Snowboard da Federação Internacional de Esqui (FIS) a ter lugar em Portugal.

Esta competição possibilita aos atletas nacionais e internacionais da modalidade a oportunidade de pontuar para os Jogos Olímpicos de inverno, em 2014. A apresentação do projeto teve lugar na Câmara Municipal da Covilhã e contou com a presença de Pedro Farombá, Presidente da FDI-Portugal, Paulo Rosa, Vereador da Cultura e do Desporto da CM da Covilhã, Luís Barreiro, Vereador da CM da Covilhã, Francisco Antunes e Sérgio Figueiredo, ambos da Federação Desportos de Inverno de Portugal.

O Vodafone SNOWBOARD URBAN FESTIVAL invade o centro da cidade da Covilhã com um total de 150 toneladas de neve capazes de garantir um cenário idêntico ao das pistas de neve. A rampa de snowboard tem aproximadamente 100m de comprimento e a particularidade inédita em Portugal de

apenas uma parte desta estar implantada em estrutura metálica. A sua maioria será construída em cima do próprio solo, aproveitando o relevo e morfologia do mesmo.

Nos 9.500m<sup>2</sup> de recinto, amantes deste desporto e outros visitantes curiosos poderão assistir às competições de snowboard, dar um passeio pelo Snow Market ou divertir-se nos insuláveis da zona destinada aos mais novos. Tudo com entrada livre e durante todo o dia.

"É muito importante para Portugal cooperar entre Países e programas que se complementam no desenvolvimento de desportos de inverno no nosso País, ainda mais este ano em que a Federação completa 20 anos. O objetivo é que o Snowboard seja uma parte importante da Federação e com o SNOWBOARD URBAN FESTIVAL temos um evento urbano diferente e uma paisagem excecional, como a da Covilhã. No dia 25 de fevereiro, vamos ter um espetáculo de snowboard nesta cidade e vamos receber os melhores snowboarders da atualidade", refere Pedro Farombá, Presidente da FDI-Portugal.



#### Os melhores snowboarders nacionais e internacionais

Este campeonato reúne 80 atletas ao nível mundial, dos quais 20 portugueses, em duas provas, uma nacional e uma internacional. Os três melhores atletas portugueses, classificados na primeira prova, ganham entrada direta na prova do campeonato do mundo FIS competindo com os melhores snowboarders da atualidade, e terão, assim, a oportunidade de pontuar para os Jogos Olímpicos.

Esta será a primeira vez que uma competição da FIS tem lugar em Portugal, e

surge no âmbito do IBERIC SNOWBOARD TOUR, que reuniu em Andorra e agora na Covilhã os melhores snowboarders da atualidade.

O Vodafone SNOWBOARD URBAN FESTIVAL é uma prova na vertente Slopestyle, um salto e corrimões, em que a pontuação resulta do conjunto das duas manobras.

A competição será organizada com o apoio do Instituto do Desporto de Portugal, da Câmara Municipal da Covilhã, do Turismo da Covilhã, da FDI-Portugal (Federação de Desportos de Inverno de Portugal), da Iberic Pro-Am Snowboard Tour e da F.I.S. ■

### Em Vila Velha de Ródão Gravuras Rupestres do Vale do Tejo inspiram projeto artístico

A Biblioteca Municipal José Baptista Martins, em Vila Velha de Ródão, está a promover, no mês de Fevereiro e durante cinco meses, um projeto de educação artística, "CALHONDRA, OLHA O XISTO!", da autoria de Elisa Aragão, a partir das gravuras rupestres do Vale do Tejo. A autarquia de Vila Velha de Ródão com mais esta iniciativa, pretende envolver, tanto a comunidade educativa como a população em geral na preservação do património material e imaterial local.

O projeto teve início, no passado dia 3 de Fevereiro, com a ação "Caçadores ferozes" que contou com a participação da turma do segundo ano da Escola EBI de Vila de Ródão. No dia seguinte foi desenvolvido o atelié "Tape-



tes, mantas e croché" no qual participou a comunidade local.

Todos os meses haverá atividades novas dedicadas a diferentes públicos, cujo ponto de partida serão as gravuras rupestres do Tejo. Fazem parte do programa do

Biblioteca José Baptista Martins. Para mais informações, fotos e documentação completa sobre o projeto visite [www.melro.net/calhondra.zip](http://www.melro.net/calhondra.zip) ou a a página do facebook (<http://www.facebook.com/pages/Calhondra-olha-o-xisto/343629098981683>).

Elisa Aragão é atualmente mestrande na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em Educação Artística e escolheu a sua terra como palco para a conclusão do mestrado, criando o projecto Calhondra, olha o xisto! Assim, até Junho, a população vai poder participar, na Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, numa série de atividades transdisciplinares que abarcam diversas áreas de conhecimento, aproveitando os recursos endógenos da região. ■



28 REGIONAL

JORNAL DO FUNDÃO

23 DE FEVEREIRO DE 2012



Crianças pintam desenhos baseados nas gravuras



Ateliê de bordados com base nas gravuras rupestres

VILA VELHA DE RÓDÃO • PROJECTO

## “Calhondra, olha o xisto!”

■ A partir das gravuras rupestres do Vale do Tejo, Elisa Aragão desenvolve projecto

A BIBLIOTECA Municipal José Baptista Martins, em Vila Velha de Ródão, está a promover, no mês de Fevereiro e durante cinco meses, um projecto de educação artística, “Calhondra, olha o xisto!”, da autoria de Elisa Aragão, a partir das gravuras rupestres do Vale do Tejo.

A autarquia de Vila Velha de Ródão com mais esta iniciativa, pretende envolver, tanto a comunidade educativa como a população em geral na preservação do património material e imaterial local.

O projecto teve início, no passado dia três de Fevereiro, com a ação “Caçadores ferozes” que contou com a participação da turma do segundo ano da Escola EB1 de Vila Velha de Ródão. No dia seguinte foi desenvolvido o ateliê “Tapetes, mantas e croché” no qual participou a comunidade local.

Todos os meses haverá actividades novas, dedicadas a diferentes públicos, cujo ponto de partida serão as gravuras rupestres do Tejo.

Fazem parte do programa do

projecto actividades plásticas, saídas de campo, visitas às gravuras rupestres, oficinas de teatro, música e muitos jogos, onde toda a comunidade pode participar.

As inscrições podem ser feitas pelo e-mail (cultura@cm-vvrodao.pt) ou presencialmente na Biblioteca José Baptista Martins.

Para mais informações, fotos e documentação completa sobre o projeto visite o site na Internet [www.melro.net/calhondra.zip](http://www.melro.net/calhondra.zip) ou a página do facebook em [www.facebook.com/pages/Calhondra-olha-o-xisto/343629098981683](http://www.facebook.com/pages/Calhondra-olha-o-xisto/343629098981683).

Elisa Aragão é actualmente mestrande na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em Educação Artística e escolheu a sua terra como palco para a conclusão do mestrado, criando o projecto “Calhondra, olha o xisto!”.

Assim, até Junho, a população vai poder participar, na Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, numa série de actividades transdisciplinares que abarcam diversas áreas de conhecimento, aproveitando os recursos endógenos da região.

## “Sabores da Montanha”

Ementas inspiradas nos produtos endógenos das aldeias de montanha são a proposta do município de Seia para a semana do Carnaval, realizada em parceria com vinte e quatro restaurantes da região. Até 26 de Fevereiro, os restaurantes apresentam ementas de inspiração tradicional “Sugestão dos Sabores de Montanha”, confeccionadas com produtos regionais, como o Queijo Serra da Estrela, requeijão, enchidos, cabrito e borrego, entre outros.

## Escrita à solta em Oleiros

Está a decorrer até ao dia 21 de Março, na Casa da Cultura de Oleiros, a iniciativa “Escrita à Solta... era uma vez sem fim”. Para o efeito, cada município poderá ir à Casa da Cultura de Oleiros dar a sua contribuição para a elaboração de uma história... basta escrever uma pequena parte. Com esta actividade, pretende-se editar um conto escrito pela população Oleirense.



## Vila de Rei na Nauticampo

O concelho de Vila de Rei fez-se representar na Nauticampo que se realizou na Feira Internacional de Lisboa (FIL), entre os dias 8 e 12 de Fevereiro. Com o apoio da Câmara cinco entidades desportivas do concelho, relacionadas com o desporto e o turismo náutico, “A Velha Casa” – Vila de Rei, “Albergaria D. Dinis” – Vila de Rei, “Alia Aventura” – Peneda Furada e Femandaires, “Casa da Ribeira” – Água Formosa e “O Abrigo” – Trutais.

## Exposição no Sabugal

Vai estar patente ao público, na sala de exposições temporárias do Museu do Sabugal, de 16 a 22 de Março, a exposição pintura a óleo sobre tela, de José Santos Aguiar. A pintura de José Aguiar tem uma matriz geométrica e abstracta, não sendo decididamente um abstracionista geométrico e mostrando-se frequentemente insatisfeito com o puro abstracionismo.

IDANHA-A-NOVA • BIBLIOTECA

# Teresa Reis apresentou novo livro

■ A escritora natural da Covilhã realizou várias sessões para as escolas do concelho



Teresa Duarte Reis apresentou o seu mais recente livro

A ESCRITORA Teresa Duarte Reis esteve no início do mês na Biblioteca Municipal de Idanha-a-Nova onde apresentou o seu último livro infanto-juvenil “Janela”.

Realizam-se três sessões para as escolas do concelho de Idanha-a-Nova na sala polivalente da biblioteca.

Este novo livro de Teresa Duarte Reis reúne onze histórias, todas elas imaginadas a partir de uma janela. Aquela “Janela” propicia à narradora surpresas maravilhosas e também encontrar pequenos retalhos de culturas diversas. Faculta-lhe uma visão do mundo nas suas várias vertentes. Foi com to-

das estas histórias que a escritora encantou os presentes, oferecendo um livro autografado à Biblioteca Municipal.

No final de cada sessão as crianças puderam fazer perguntas à escritora, algumas bastante curiosas sobre o livro. As ilustrações da “Janela” homenageiam o pintor moçambicano Malangatana. Lembra a escritora “que um livro é uma janela aberta para o mundo e quanto mais lermos, mais ficamos a conhecer o mundo”.

Teresa Duarte Reis nasceu em Unhais da Serra, freguesia do concelho da Covilhã em 1947, foi professora do 1.º e 2.º ciclo e já escreveu e publicou vários livros.

VILA VELHA DE RÓDÃO

## Paula Pequito expõe na Casa da Cultura

NO passado dia 4 de Fevereiro foi inaugurada na sala polivalente da Casa de Artes e Cultura do Tejo a exposição de pintura “Construção e Desconstrução”, da artista rodanense Paula Pequito. No acto inaugural que contou com a presença de Luís Miguel Pereira, vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, de António Carmo Mendes, presidente da Assembleia Municipal, do vereador da Cultura, José Manuel Alves, entre outros convidados, Paula Pequito apresentou, em breves palavras, a

exposição, referindo que as 17 obras expostas reflectem a forma como esta observa o meio exterior e o seu olhar atento para o processo de construção de um projecto, de uma obra ou até de um pensamento. Mencionou, ainda, a importância da desconstrução como uma coisa positiva para o entendimento do todo pelas suas partes.

A exposição “Construção e Desconstrução”, de Paula Pequito, está patente ao público, na Casa de Artes e Cultura do Tejo, até ao próximo dia 25 de Fevereiro.

## Região

### Vila Velha de Ródão: Gravuras Rupestres do Vale do Tejo inspiram projeto artístico

Diário Digital Castelo Branco | 2012-02-07 13:15:00



A Biblioteca Municipal José Baptista Martins, em Vila Velha de Ródão, está a promover, no mês de Fevereiro e durante cinco meses, um projeto de educação artística, "CALHONDRA, OLHA O XISTO!", da autoria de Elisa Aragão, a partir das gravuras rupestres do Vale do Tejo. A autarquia de Vila Velha de Ródão com mais esta iniciativa, pretende envolver, tanto a comunidade educativa como a população em geral na preservação do património material e imaterial local.

O projeto teve início, no passado dia 3 de Fevereiro, com a ação "Caçadores ferozes" que contou com a participação da turma do segundo ano da Escola EB1 de Vila de Ródão. No dia seguinte foi desenvolvido o ateliê "Tapetes, mantas e croché" no qual participou a comunidade local.

Todos os meses haverá atividades novas dedicadas a diferentes públicos, cujo ponto de partida serão as gravuras rupestres do Tejo. Fazem parte do programa do projeto atividades plásticas, saídas de campo, visitas às gravuras rupestres, oficinas de teatro, música e muitos jogos, onde toda a comunidade pode participar. As inscrições podem ser feitas pelo email ([cultura@cm-wrodao.pt](mailto:cultura@cm-wrodao.pt)) ou presencialmente na Biblioteca José Baptista Martins.

Elisa Aragão é atualmente mestranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em Educação Artística e escolheu a sua terra como palco para a conclusão do mestrado, criando o projecto Calhondra, olha o xisto! Assim, até Junho, a população vai poder participar, na Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, numa série de atividades transdisciplinares que abarcam diversas áreas de conhecimento, aproveitando os recursos endógenos da região.



Atividades | Notícias

## Poluição

Constança Dias (Turma C - 3º Ano)

ou oceanos. Muitas das pessoas podiam andar de bicicleta para não haver tantos carros a libertar dióxido de carbono, o que também só lhes fazia bem à saúde. Os construtores, quando acabam as obras, podiam deitar o lixo nas lixeiras e não nas florestas.

**Conclusão:** todas as pessoas que poluem deviam ser castigadas e obrigadas a limpar o planeta!

## Entrou na vida dos Alunos da Educação Especial

Alunos da Educação Especial

nalmente à Biblioteca Municipal José Baptista Martins para participar na elaboração do jornal "É ABSOLUTAMENTE CERTO".

Com esta iniciativa, aprendemos a gostar de ler e fazer poesias, de fazer recortes e pinturas... mas, aquilo de que gostamos



## "Calhondra, olha o Xisto!"

Leonor Araújo (Turma C - 3º Ano)

No dia 2 de março, nós, os meninos do 3º ano, fomos à Biblioteca Municipal para desenvolvermos atividades de acordo com o tema: "Calhondra, olha o xisto".

Quando lá chegamos, estava lá a D. São, o senhor Inácio, a D. Elisa e a Drª Graça, que nos receberam com muita simpatia.

A D. Elisa era a senhora que nos ia explicar as coisas sobre pinturas rupestres. O que a D. Elisa nos explicou foi que as pinturas rupestres foram pintadas há milhões de anos atrás, pelo homem primitivo. Este pintava-as sobre xisto e os temas eram sobre as suas vivências.

Depois desta explicação e de vermos algumas imagens em enciclopédias, fomos fazer atividades sobre as pinturas rupestres. Mas, antes disso, tivemos de inventar uma história e depois sim, pudemos começar. É que só depois de a história estar escrita e dividida em partes é que a ilustrámos numas pedras de xisto, como o homem da pré-história fazia.

Quando acabámos, fomos brincar para a sala de roupas de teatro.

Fomos embora e assim foi a nossa tarde na Biblioteca Municipal, onde aprendemos um bocadinho mais sobre a vida do Homem.



EM COMBRA



## VILA VELHA DE RÓDÃO – Projeto “Calhondra, olha o xisto!” voltou à ação



04-Abr-2012



Durante a interrupção letiva de páscoa, 35 crianças e jovens participaram nas atividades propostas pelo projeto “Calhondra, olha o xisto!”, produzido pela Biblioteca Municipal, em parceria com Elisa Aragão, sua autora e dinamizadora.

Nos dias 28 e 29 de março, os participantes desenvolveram a sua criatividade e conheceram o património

histórico de Ródão através do ateliê “Recortes aos pulos: mas porque é que desenhaste isto?”. Aqui produziram três peças originais para teatro de sombras, em torno do complexo de arte rupestre do vale do Tejo e das vivências do Homem naquela época e atualmente. No dia seguinte aconteceu de novo um retorno à época da pré-história, através da dinamização de um ateliê pelo Andakatu, no qual se recriaram e utilizaram instrumentos de caça usados pelo homem primitivo.

No sábado, concluiu-se mais um ciclo de ateliês do projeto com a oficina “Potes e jarros”, onde miúdos e graúdos criaram artísticos objetos de barro, inspirados em técnicas artesanais que remontam à pré-história.

Durante o mês de abril decorrem mais ateliês gratuitos para todas as idades. As inscrições devem ser efetuadas na Biblioteca Municipal.

**[ VOLTAR ]**

## Região

### Vila Velha de Ródão: O projeto “Calhondra, olha o xisto!” voltou à ação

Diário Digital Castelo Branco | 2012-04-05 13:03:00



Nas férias da Páscoa, 35 crianças e jovens participaram nas atividades propostas pelo projeto “Calhondra, olha o xisto!”, produzido pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins de Vila Velha de Ródão, em parceria com Elisa Aragão, sua autora e dinamizadora.

Nos dias 28 e 29 de março, os participantes desenvolveram a sua criatividade e aprenderam a conhecer o património histórico de Ródão no ateliê “Recortes aos pulos: mas porque é que desenhaste isto?”, durante o qual produziram três peças originais para teatro de sombras, em torno do complexo de arte rupestre do vale do Tejo e das vivências do Homem naquela época e atualmente.

No dia seguinte aconteceu de novo um retorno à época da pré-história, através da dinamização de

um ateliê pelo Andakatu, no qual se recriaram e utilizaram instrumentos de caça usados pelo homem primitivo. No sábado, concluiu-se mais um ciclo de ateliês do projeto com a oficina “Potes e jarros”, onde miúdos e graúdos criaram artísticos objetos de barro, inspirados em técnicas artesanais que remontam à pré-história.

Durante o mês de Abril haverá mais ateliês gratuitos para todas as idades. Os interessados informar-se e inscrever-se na Biblioteca Municipal José Baptista Martins de Vila Velha de Ródão.

20 Gazeta do Interior  
16/maio de 2012

## Agrupamento de ESCOLAS DE VILA VELHA DE RÓDÃO

### Futsal Masculino



A equipa de futsal, no escalão de iniciados masculinos disputou, pelo 2º ano consecutivo, a final distrital do respetivo escalão. Esta realizou-se no passado dia 11 de abril, em Castelo Branco, tendo o Agrupamento de Escolas João Roiz sido o anfitrião.

Os atletas envolvidos, apesar de não terem conseguido alcançar a desejada vitória, apresentaram uma postura responsável e competitiva, tendo mostrado um caráter e fair play competitivos que merecem o devido registo, dignificando a escola que representam.

### Atletismo



A participação da escola nas competições de atletismo foi muito positiva, tendo os alunos revelado um grande empenho em cada uma das provas disputadas. Essa atitude competitiva proporcionou um conjunto de resultados de destaque, com muitos atletas a disputarem finais do seu escalão, alcançando vitórias e merecendo figurar entre os primeiros oito lugares a nível distrital. Há a salientar quatro primeiros lugares no torneio *Mega* e no campeonato distrital de pista, a par das classificações individuais, e a vitória coletiva no escalão de iniciados masculinos que proporcionou o apuramento da equipa para a final do campeonato regional, que se realizou em Pombal.

NA BIBLIOTECA MUNICIPAL J. M. BATISTA MARTINS

## Calhondra, olha o xisto!

No dia 2 de março, os alunos do 3º ano foram à Biblioteca Municipal para desenvolverem atividades de acordo com o tema: "Calhondra, olha o xisto!".

A responsável explicou aos alunos que as gravuras rupestres foram feitas há milhares de anos atrás, pelo homem primitivo. Este gravava-as sobre xisto e os temas eram referentes às suas vivências.

Após esta explicação, os meninos foram fazer algumas atividades relacionadas com o tema: inventaram uma história e depois ilustraram-na em pedras de xisto, como faziam os homens da pré-história.

Leonor Araújo 3º ano



Os alunos tiveram oportunidade de fazer gravações no xisto

### Livros e Escritores



Hélia Correia

Durante este ano letivo, os nossos alunos tiveram o prazer de conhecer e contactar com dois autores portugueses de diferentes gerações – David Machado e Hélia Correia.

No mês de dezembro, integrado na XXª Feira do Livro promovida pela Biblioteca Escolar, deslocou-se à nossa escola o autor David Machado que escreveu para os mais novos várias histórias com muito sucesso e premiadas, tais como *A noite dos animais inventados*, *Um homem verde num buraco muito fundo* ou *O tubarão na banheira*.

No mês de abril, a consagrada autora Hélia Correia, no âmbito do Concurso Nacional de Leitura, cuja fase distrital teve lugar na Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, veio lançar aqui a sua obra mais recente, *A chegada de Twainy*, que se destina igualmente aos mais jovens.

Foram dois encontros com escritores que, acreditamos, contribuíram para motivar ainda mais os nossos alunos para a leitura.



David Machado

CLUBES E PROJETOS DO AGRUPAMENTO

## Bosque da Achada: um Bosque perto de si

A Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica - Ciência Viva - criou o projeto "Um bosque perto de si" para envolver as escolas na construção de um mapa nacional dos ecossistemas florestais.

O projeto "Bosque da Achada: Um bosque perto de si" teve início em 2009, na nossa escola. No ano letivo 2009/2010, foi a concurso e destacou-se, ganhando o primeiro lugar. Os objetivos pretendidos são valorizar e estudar os bosques enquanto reservatórios de biodiversidade, fontes de recursos e abrigo para seres vivos, depuradores de poluentes e como fator de prevenção da erosão dos solos e também identificar fatores de desequilíbrio e propor medidas de preservação do bosque.

No "Cantinho do Bosque", os alunos do 8º ano fazem sensibilização ambiental, pois esta é muito importante para, principalmente os mais novos, crescerem com o dever cívico de proteger e preservar a natureza. Nesse espaço destinado a todos os alunos e



A curiosidade dos mais pequenos.

docentes, tratamos de biodiversidade, que designa a variedade de espécies e os ecossistemas em que ocorrem. Esta diversidade é um verdadeiro tesouro para o equilíbrio ecológico e para obtermos grande variedade de alimentos, remédios e muitas outras substâncias essenciais à sobrevivência da espécie humana. Na minha opinião, o projeto é muito interessante, porque

nos dá a possibilidade de conhecer os seres vivos da nossa região, já que esta é muito rica a nível ambiental e, ao mesmo tempo, ajuda-nos a melhorar o espírito de grupo e a aumentar o nosso sentido de responsabilidade. Estamos a aprender a proteger e a cuidar da natureza para que o futuro possa ser sustentável.

Ivo Patrício 8ºA

## Publicação da obra *Os três Príncipes*

O Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão e a Associação de Estudos do Alto Tejo editam, numa parceria que já vai na sexta edição, um livro destinado ao público infantil.

A obra *Os três príncipes* constitui o resultado da reescrita, por parte de um aluno da escola, de uma história tradicional que lhe era contada quando era mais pequeno. A obra fala de três príncipes aventureiros que se viram envolvidos nas artimanhas de uma bruxa, de cujos feitiços se livra-

ram devido à inteligência de um deles. A ilustração desta obra foi realizada, nas aulas de EVT, pelos alunos do 2º ciclo.

Este projeto resulta de um trabalho colaborativo entre duas instituições locais que se envolvem em iniciativas que estimulam a iniciativa e o talento dos jovens. A apresentação da publicação foi feita durante a *Semana da Leitura* tendo o livro sido oferecido às crianças do concelho e respetivos professores.

### OS TRÊS PRÍNCIPES







Reportagem:  
JAIME PIRES

13 de junho, Dia de Santo António

## O Santo que ganhou fama

É o mais famoso casamenteiro da história, advogado dos objetos perdidos, padroeiro da agricultura, dos animais domésticos, dos porcos e protetor das almas do purgatório. A lenda atribui-lhe namoricos e milagres e todos os anos, no dia 13 de junho, a fama do santo popular sai para a rua.

**R**eza a lenda que Fernando Martins, o futuro Santo António, aos 15 anos, a caminho da Sé de Lisboa, se cruzou com uma bela rapariga judia pela qual se apaixonou. Entra na Sé, sobe as escadas e implora ajuda divina traçando na parede o sinal da cruz, que ficou impressa para sempre. Todos os anos, no dia 13 de junho o povo sai para a rua e festeja de forma popular a vida do santo que ganhou fama. No imaginário popular conta a lenda que certo dia, quando Fernando passeava perto de casa, uma menina partiu a bilha que carregava. Viria a ser ele a concertar-la nascendo assim "o milagre da bilha".

O santo conhecido por casamenteiro é ainda hoje motivo de pedidos de proteção, vindo muitas noivas a casar nas Igrejas que têm Santo António como padroeiro. Em Castelo Branco, na zona antiga, a Igreja de Santo António perde a conta de quantos noivos fizeram juras de amor e fidelidade. Diz quem ali mora, a paredes meias com o Templo, que noutros tempos foram ali realizados inúmeros casamentos. Já antes da Era Cristã, junho era considerado o mês das ceifas. Nessa altura havia pão com fartura e era durante esse mês que os apaixonados e prometidos casavam. Começou-se a associar ao mês de junho o mês das fes-



tas e dos namoricos. Adóne, deus fenício, era festejado em junho, na foz dos rios. Cabia às mulheres a missão de fazer vasos de flores que iam em procissão até ao rio para serem lançadas.

Hoje compreende-se que as marchas populares e os manjericos sejam uma reprodução e adaptação da tradição antiga. junho era conhecido como o mês das festas, bebedeiras, bailaricos e namoros. O culto de Santo António vinha a encaixar-se primariamente na devoção a Santo Antão, um Santo do

deserto que remonta ao século II e que era venerado nas aldeias por ser o padroeiro da agricultura, dos animais domésticos e dos porcos.

Porque em junho havia fartura de pão e o povo podia celebrar os casamentos, vem justificar outra das tradições antigas, comprar o "pão de Santo António".

Em Castelo Branco também há quem nesta data, todos os anos compre um pão, dizendo que é para que nunca falte o pão durante o ano.

São tradições e devoções que o povo foi arranjando

para lembrar o Santo. Na vida real, Fernando Martins, o futuro Santo António viria a nascer no reinado de D. Sancho I, entre 1190 e 1195, dado que a biografia não é precisa quanto à data do seu nascimento. Nasceu em Lisboa, filho de Fernando Martinho de Bulhões, cavaleiro e de Teresa Taveira, ilustre senhora, numa casa junto às portas da antiga Lisboa. Foi no reinado de D. Manuel que ficou concluído um templo mandado edificar por D. João II, no local onde o Santo nasceu. Trata-se da Igreja de Santo António, bem perto da Sé de Lisboa.

### Igreja de Santo António

Castelo Branco tem a sua Igreja na zona medieval da urbe que todos os anos celebram com festividade o dia do Santo. Os mais antigos falam-nos dos milagres do Santo, desde curar doenças, devolver objetos perdidos, arranjar casamentos. Mesmo longe de Lisboa, houve quem nos contasse que sempre ouviu dizer que no dia 30 de maio 1232, dia em que foi canonizado em Itália, todos os sinos da cidade de Lisboa tocaram, milagrosamente, em simultâneo.

São histórias contadas por moradores na zona antiga de Castelo Branco devotas de Santo António.

Os populares recordam as festas às portas da Igreja, "eram festas muito bonitas

### Vida de Santo

A história diz-nos que Fernando Martins fez os primeiros estudos na Sé de Lisboa e que perto de 1210 ingressou no Mosteiro de São Vicente de Fora. Pouco tempo depois transitou para o Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, onde aprendeu Direito Canónico, Ciências, Filosofia e Teologia. Segundo a tradição, o jovem era dotado de uma excelente memória sabendo de cor as Escrituras Sagradas e a vida dos santos padres. Pouco tempo depois de ter sido ordenado padre abraçou a Ordem dos Franciscanos, tornando-se cremita nos Olivais onde envergou o burel de frade. Foi aí que mudou de nome e passou a ser apelidado, simplesmente de António. Seguiu para Marrocos e quando tentava regressar a Portugal uma

violenta tempestade no alto mar levou o barco até Itália. Viria a ser em Itália que frei António se revelou um grande pregador.

Viria a falecer no Oratório de Arcella, perto de Pádua, numa sexta-feira, 13 de junho de 1231.

Foi canonizado Santo pelo Papa Gregório IX e em 1946 o Papa Pio XII proclamou-o "Doutor da Igreja".



com o bailarico que durava pela madrugada dentro", e no dia seguinte, era realizado em Castelo Branco os casamentos de Santo António. Foram três os noivos que juraram fidelidade perante o altar da Igreja de Santo António. Foi apenas um ano que Castelo Branco celebrou os casamentos de

Santo António a que se juntaram algumas casas comerciais que ofereceram os fatos de noiva.

Passados mais de 30 anos, ficam as memórias do passado a recordar a tradição do dia em que o santo casamenteiro abençoou os três casamentos celebrados na Igreja com o seu nome. ■

### Vila Velha de Ródão

## Dia da Criança celebrado com muito engenho e arte

O Dia da Criança foi comemorado em Ródão com um conjunto de ateliês artísticos integrados no projeto "Calhondra, olha o xisto!", iniciativa que, desde fevereiro, tem vindo a ser produzida pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins (BMJBM) com a finalidade de estimular o conhecimento do passado de Vila Velha de Ródão e desenvolver a ex-

pressão artística infantil no concelho.

Assim, no dia 1 de junho, crianças da creche da Santa Casa da Misericórdia, do jardim-de-infância e da escola do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas deslocaram-se à Biblioteca Municipal onde, sob orientação do responsável pelo projeto, Elisa Aragão, criaram tintas e pincéis a partir de materiais



orgânicos, que utilizaram para elaborar um original tra-

balho artístico nos painéis da varanda da BMJBM, revela-

dor da forma como as crianças se apropriaram dos temas

e motivos da Arte Rupestre do Vale do Tejo.

A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco não quis deixar de se associar à comemoração e, valorizando o trabalho que o projeto "Calhondra, olha o xisto!" tem vindo a fazer pelas crianças do concelho, ofereceu a todos os participantes uma T-shirt alusiva ao projeto. ■

## Vila Velha de Ródão: Dia da Criança celebrado com muito engenho e arte

13/06/2012, 14:52

Partilhar:     PARTILHAR    ...



O Dia da Criança foi comemorado em Vila Velha de Ródão com um conjunto de ateliês artísticos integrados no projeto "Calhondra, olha o xisto!", iniciativa que, desde fevereiro, tem vindo a ser produzida pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins com a finalidade de estimular o conhecimento do passado do concelho e desenvolver a expressão artística infantil.

Assim, no dia 1 de junho, crianças da creche da Santa Casa da Misericórdia, do jardim-de-infância e da escola do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas deslocaram-se à Biblioteca Municipal onde, sob orientação da responsável pelo projeto - Elisa Aragão-, criaram tintas e pincéis a partir de materiais orgânicos, que utilizaram para elaborar um original trabalho artístico nos painéis da varanda da BMJBM, revelador da forma como as crianças se apropriaram dos temas e motivos da Arte Rupestre do Vale do Tejo. A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco não quis deixar de se associar à comemoração e, valorizando o trabalho que o projeto "Calhondra, olha o xisto!" tem vindo a fazer pelas crianças do concelho, ofereceu a todos os participantes uma T-shirt alusiva ao projeto.





## 18 cultura

### “Calhondra, olha o xisto!” ensina arte e património

A Biblioteca Municipal está a produzir, desde fevereiro, o projeto “Calhondra, olha o xisto!”, que foi criado e está a ser dinamizado por Elisa Aragão, no âmbito de um mestrado em artes plásticas. Desde o seu início foram já realizadas vinte sessões de doze atividades diferentes. Com este projeto um significativo número de pessoas, de todas as idades, tem vindo a beneficiar de formação artística e patrimonial, que constitui um importante contributo para o crescimento pessoal e a valorização do território.



### Concurso Nacional de Leitura | Leitores foram personagens principais

A Biblioteca Municipal José Baptista Martins foi a escolhida pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas para organizar a final distrital do Concurso Nacional de Leitura. Para a realização desta iniciativa, promovida pelo Plano Nacional de Leitura, a BMJBM contou com o apoio de muitas instituições e empresas nacionais e locais, entre as quais o Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão, a Celtejo e a Fundação EDP, e também de personalidades nacionais, como a escritora Hélia Correia, o apresentador José Nuno Martins e o diretor cultural da Fundação EDP, José Manuel dos Santos.

Após a realização de uma prova escrita pelos 110 alunos participantes, passaram à prova oral seis alunos do 3º ciclo e outros tantos do secundário. No final foram apurados, como representantes do distrito de Castelo Branco, José Alberto Ferreira e Camila Gonçalves, ambos alunos da Escola Secundária Nuno Álvares. A prova, que reuniu 150 alunos e professores de todo o distrito, foi alvo de uma reportagem da RTP, emitida no programa Portugal no Coração.







6.8.12

## VILA VELHA DE RÓDÃO: Exposição de tapeçaria



Exposição: Calhondra, Olha o Xisto !

Local: Biblioteca Municipal José Baptista Martins

Data: Até 3 de Setembro

Tapeçaria criada ao longo de várias sessões ateliê "Mantas, tapetes e croché" do projecto "Calhondra, Olha xisto!".

O trabalho foi inspirado na arte rupestre do Vale do Tejo e contou com a participação de pessoas dos 3 aos 90 anos.

## ADN PROMOVE FORMAÇÃO DE FORMADORES



## SALAVESSA: FESTAS POPULARES DE S. JACINTO



## SANTANA: FESTAS POPULARES 2012



Inscrição na Newsletter

Email...

Clique aqui caso pretenda desistir

### Exposição: Calhondra, Olha o Xisto !

#### Central de Reservas

Localidade:

Data de Chegada:

Data de Partida:

Fazer Reserva

**Anexo F – Vídeos da atividade *Recortes aos pulos: mas porque é que tu desenhaste isto?*: 28-29 de março, 2012**

*Espelho mágico*, vídeo mini dv 16:9, 2'21''

*Viagem ao passado*, vídeo 16:9, 2'05''

*Quatro amigos*, vídeo, 16:9, 2'10''